3 1761 07041775 3

MYSTERIOS DE LISBOA.

III

MYSTERIOS DE LISBOA

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE J. J. G. BASTO,
Largo do Corpo da Guarda n.° 106.

1854.

PQ
2261
C3M64
v.3

LIBRARY
DEC 23 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

MYSTERIOS DE LISBOA.

LIVRO TERCEIRO.

I.

Eugenia recebeu a chave do caixão de sua mãi, e partiu com seu marido para Lisboa.

Tinham decorrido dez horas, depois que Angela de Lima fechara os olhos na presença de padre Diniz. A filha de Antonia já não vinha em soccorro da sua amiga, que estava morta ; mas... quem seria com padre Diniz, no angustioso conflicto de possuir um cadaver em sua casa, o cadaver da mulher a quem fôra escripta uma tal carta, um adeus tão afflictivo !?

« Irei — dizia ella — consolar o protector de minha mãi ; obrigal-o-hei, com ternura e carinhos de filha, a ser da nossa familia, Alberto, a viver na

intimidade de nossos corações, a participar da felicidade, que restauraremos, quando a commoção desta desgraça estiver esquecida... Podemos fazer com que elle tenha alguma indemnisação, neste mundo, do muito que lhe deve a minha familia... não é assim, Alberto?

' Não acceitará, Eugenia. Aquelle homem sai fóra de todos os calculos humanos. Tem virtudes incomparaveis; mas o meio por que chega a possuil-as é sobrenatural, ou inconcebivel para o resto dos homens, se não é para elle tambem. Sabes como eu julgo aquelle homem, Eugenia? E' um instrumento de Deus; mas tem sempre, a seu lado, um demonio, que faz que as suas virtudes sejam doces para a humanidade, e amargas para elle. Isto parece um absurdo, filha; mas o maravilhoso, chamado ao tribunal da fraca razão humana, dá de si um encadeamento de absurdos. Nós não sabemos nada. Vivemos e morremos materialmente. E' necessario que appareçam estes meteoros de deslumbrante clarão para desviarmos os olhos das mesquinharias, que nos rodeam, e acreditarmos que ha grandes segredos, acima do entendimento do homem ordinario, como eu.

' Tu!... um homem ordinario... tu! que fizeste de mim o que sou... que me salvaste para a virtude pelo meio com que se abysmam na perdição muitas mulheres...

« E que nome darias tu ao homem, que me le-

vantasse do abysmo da perdição para fazer de mim o que sou?

' Um Deus.

« E se esse homem empregasse os meis da corrupção para me elevar á altura onde todas as virtudes são faceis?

' Não concebo a pergunta, Alberto...

« Se esse homem, lembrando-se que me deixava no mesmo abysmo em que me encontrou, apenas me dissesse: « Pega lá com que sejas honrado um anno » e eu comprasse com essa dadiva novas deshonras através das quaes cheguei a uma situação de ser virtuoso pela consciencia e pelo calculo? Que nome darias a esse homem?

' Um instrumento de Deus, chegando ao seu fim por veredas extraordinarias.

« E' o que póde dizer-se de padre Diniz...

' Mas não é esse o homem que tu disseste, por comparação, talvez, que te levantou do abysmo da perdição...

« E' elle...

Padre Diniz?

« Ou Sebastião de Mello, ou... não sei como se chama... Quem dirá o verdadeiro nome deste homem?

' Ha então um grande segredo na tua vida e na de padre Diniz?..

« Ha.

' Segredo, que morrerá comtigo?

« Sim, Eugenia.

« Nunca mais te fallarei de modo que me repitas que o teu mysterio é sagrado.

« Deixarias de ser um anjo, se transgredisses o teu juramento. . . . . .

. . . . . .

A carruagem parára defronte da casa de padre Diniz. A porta estava fechada. O criado da taboa bateu tres vezes, e não ouviu rumor de vida.

« Ahi não está ninguem nessa casa — disse um logista, que morava defronte.

« Pois não mora aqui um padre? — perguntou Alberto.

« Creio que morará; mas, ha cousa de dua horas, sahiu d'ahi n'uma sege um esquife com uma senhora que sahiu morta d'uma carruagem, que, se me não engano, era essa mesma. Atraz della sahiu o padre, e os dous criados que tinha, e não tornaram...

« Mas tornarão, talvez... — interrogou Eugenia.

« Parece-me que não... Eu sei a quem os criados disseram que seu amo os despedira, por que não voltaria a casa.

« Mas — disse Alberto — se fallarmos com o senhorio da casa, poderemos saber se padre Diniz lhe entregou as chaves.

« O senhorio era elle. Ha mais de quinze annos que elle comprou essa casa a um outro senhor que ahi viveu, e que, se bem me lembro, ouvi dizer que se chamava Sebastião de Mello.

« Que faremos? — perguntou Eugenia a seu marido.

« Que faremos?... Não sei, Eugenia!... Creio que tudo está consummado. A condessa, a estas horas, é um cadaver confundido entre centenares de cadaveres. Padre Diniz é impossivel encontral-o... Das duas, uma: ou está morto, ou sepultou-se vivo...

« Não será assim, Alberto... Faz o que eu te digo... Vamos ao cemiterio...

A carruagem parou no campo de Ourique. Alberto interrogava os boleeiros de seges de praça que encontrava. O ultimo disse ser o conductor de um esquife, que sahira de uma casa na travessa da Junqueira. Não soube informar ácerca de padre Diniz. O cura da parochia, e mais ninguem, tinha sido o prestito do cadaver. Disse que a defuncta ficava para ser enterrada na ultima valla do campo, á esquerda, para o lado de baixo.

A carruagem circumvalou aquella seara de mortos, sem numero, sem signal, accumulados aos tres e quatro da mesma familia, no mesmo fosso, e envoltos no mesmo lençol. (*)

(*) Não é exaggeração. Dos estragos da cholera-morbus em 1833, especialmente em Lisboa, não ha uma estatistica, por que os espiritos dessa época, preoccupados com a guerra ás portas da cidade, curavam mais de pençar os feridos em batalha, que computar os mortos da epydemia. Heide lembrar-me sem-

Além, no extremo do descampado, levantava-se uma como balisa, vigia de mortos, um vulto escuro, que Eugenia conheceu pelos olhos do coração.

‘ Queres vel-o?...

« Quem?

‘ Padre Diniz... Olha, ao lado daquelle grupo, que despeja padiolas n'um fosso, não vês, para a esquerda, um homem immovel?...

« Vejo... tens razão... é elle... ninguem estaria alli naquella postura... Depressa, Andre!...

A carruagem parou a pouca distancia da valla. Eugenia e Alberto apearam. Consultaram-se se deviam perturbar aquelle homem, de braços crusados, e olhos mergulhados no comoro de saibro, como se daquelle chão devesse levantar-se o ente que suas mãos ajudaram a reclinar no leito gelado.

Eugenia parou quasi ao lado do padre. Alberto, com o chapeu na mão, e os cabellos eriçados do enthusiasmo daquellas scenas, em que o pé do terror esmaga os espiritos intrepidos, não ousava approximar-se tanto.

---

pre do estupendo pavor que recebi, aos sete annos, quando, em uma segunda-feira, bati á porta do meu mestre de primeiras letras, e ninguem me respondeu. A razão do silencio era fortissima; não vivia ninguem naquella casa; e, comtudo, eu deixára alli, no sabbado, sete pessoas vivas. Até domingo ás tres horas da tarde morrera o mestre, tres irmãs, o pai e dous criados.

« Senhor !.. — murmurou a filha de Antonia.

Padre Diniz voltou serenamente a face, como se não fosse surprehendido.

' Eugenia !... tambem vieste visitar a ultima paragem da amiga de tua mãe !... Tambem aqui estás, Alberto?... Vinde para ao pé do nosso anjo, que nos deixou aqui o coração... Está aqui !... Olhai para este taboleiro de terra... é D. Angela de Lima que se reduziu a isto !... Aqui tendes a formosura, as esperanças, trinta e quatro annos de martyrio... um coração que recebeu todos os golpes, uns labios que abençoaram todas as dores, uns olhos que choraram todas as lagrimas, e se fecharam quando a dôr, que eu lhe causei, devia ser a ultima... Quereis que vos diga? E' uma victima que eu fiz !...

« Não diga tal, padre ! — atalhou Alberto.

' Pois que quereis, cegos? Não vêdes em mim uma aureola de fogo sinistro? Tudo, que se approxima de mim, cahe. Respiro a morte... Quem viver do ar, que me rodea, morrerá. Se não... vêde.. Eu preparava-me para abandonar Portugal, e tinha dito a Deus : « Não permittireis que aquella... era esta que aqui está... não permittireis que Angela morra diante dos meus olhos... Eu vou, senhor, trabalhar em vosso serviço... Na India ha martyrios para os que proclamam o vosso nome. Ainda bem ! irei dizer que vós sois um Deus de justiça, e testemunharei com os meus padecimen tos de longos annos a vossa vingança... Deixai-me sa-

fisfaze-la com o meu sangue, mas não violenteis o vosso servo a baixar os olhos sobre o cadaver da filha do seu coração... » A minha oração foi cortada pelo rodar d'uma carruagem, que parou á minha porta. Desci, e vi Angela fechando os olhos...

« Ainda o viu? — perguntou Eugenia, soluçando.

« Ainda me viu...

« Ella tinha dito que o coração lhe dizia que o viria encontrar.

« Encontrou-me, para me dizer na linguagem muda do ultimo suspiro... « Deus não te faz a vontade... Aqui estou morta debaixo dos teus olhos...» Ora, vêde que vida a minha, bons amigos!... Dizei-me se não ha aqui alguma cousa que excede as medidas do soffrimento humano! E, depois, olhai que é escusado chamar Angela. Está morta; não tem ouvidos, nem olhos, nem coração. Acabou-se tudo aqui...

« Mas o ceu... a eternidade... — disse Angela.

« Dizeis bem, minha filha... O ceu, a eternidade!... O vosso coração é puro, não é?

« Puro!... meu Deus!... quem podéra responder-vos sahindo do berço...

« Pois eu digo-vos que o vosso coração está cheio de sentimentos bons, de esperanças nobres, e de fé nos milagres, que Deus póde operar em galardão da virtude, que lh'os pede... Olhai, filha; pedi ao Senhor que vos deixe contemplar Angela de Lima...: podereis vêl-a n'um sonho, no ceu,

na elevação das vossas orações... Se a virdes, dizei-lhe que vistes padre Diniz, chorando sobre esta cova... Adeus, Eugenia!... Alberto... sê sempre bom para esta menina.

« Padre Diniz, não o deixaremos; Eugenia disse que seria da nossa familia...

' A minha familia são os tumulos... Acaba-se em mim esta raça de desgraçados... Ide-vos, em paz.

« Senhor, venha comnosco, pelas dores que tem soffrido com tanta resignação...

' Não queiraes augmental-as... Sêde generosos com o pobre velho. Ide-vos... obedecei-me.

« Eugenia beijou-lhe a mão, banhando-lh'a de lagrimas. Alberto abraçou-o, e encontrou entre os seus braços tremulos um corpo frio, tranquillo, resistindo ás commoções daquelle adeus.

A carruagem parou ao longe. Eugenia queria, pela derradeira vez, contemplar o homem superior, que tinha em si o segredo de seu marido, salvando um anjo do abysmo da perdição... Já o não viu.

II.

Cintra perdera os encantos para os felizes consortes. Ahi lhe amanheceram dias de perfeita ventura. Nunca o desprazer os escurecera, se não viessem duas mortalhas enturvar a luz do ceo propicio, que testemunhava os seus amores estremecidos.

Eugenia vivia triste. A solidão daquelles ermos,

que tão bons lhe tinham sido para pensar sósinha na sua felicidade, povoava-se-lhe agora de visões estranhas, pavorosas, e tristes de mais para a sua alma enferma de saudades.

As imagens da mãe, da condessa, de padre Diniz, e até, por attribulada coincidencia, do conde de Santa Barbora, atterravam-na, faziam-lhe girar o sangue alvoroçado, lançavam-na, como impellida por força estranha, dos braços de Alberto, para o mais escuro do seu quarto, onde chorava. O extremoso marido não comprehendia aquella inquietação, e não podia duvidar do amor de Eugenia. A' mistura com os carinhos vinham as lagrimas... que lagrimas, porem, eram aquellas? Saudade? peccava por excesso; não se explicava. Temor? de quem, ou porque? Indole? Não era a sua tão melancolica... Pelo contrario, Eugenia, se tinha horas de melancolia, desde certo tempo, em que se habituara a viver pelo pensamento em um mundo diverso do da sua infancia, eram muitas mais as horas d'uma vivacidade jubilosa, cheias de ditos galantes, de anedoctas graciosamente comicas, em que Alberto, por força, devia rir-se. Que lagrimas, pois, eram aquellas?

Voltando de Lisboa, onde fora, sem consultar sua mulher, pela primeira vez, Alberto encontrou-a triste; mas triste e mimosa d'uma resignação, que não ousava perguntar a seu marido a rasão d'aquella falta de estima. Conhecedor profundo de todas as almas, exceptuando a de padre Diniz, Alberto

recompensou-lhe a humildade dizendo-lhe que fôra preparar o seu palacio em Lisboa, para se retirarem de Cintra no dia seguinte. Eugenia lançou-se-lhe nos braços, exclamando :

‘ Bem hajas, meu querido!... eu desejava que sahissemos d'aqui, mas não ousava pedir-t'o.

« Porque?

‘ Não sei ; parecia-me que eras feliz aqui ; e eu não queria mostrar-te que o era menos...

« Mas choravas...

‘ Chorava... não podia reprimir as minhas lagrimas; quanto mais coragem pedia a Deus, mais mulher me sentia...

« Que sentias? medo?

‘ Não sei, Alberto... não posso dizer-te o que era... um peso de ferro sobre o coração... falta de ar, de luz, de vida... Tinha-te só a ti; mas não podia dizer-te as minhas visões...

« Visões? Julguei-te mais forte...

‘ Sou muito fraca. Os vivos não me atterram... Parece-me que, ao teu lado, sou superior a todos; mas os mortos... oh meu Deus!... que frio sinto correr-me o sangue... Alberto, pela ultima noute, que passaremos em Cintra, não me deixes um instante sosinha... Tenho hoje mais medo que nunca...

« Medo! Que viste, Eugenia? Pelo teu amor, como por tudo que ha nobre na tua alma, diz-me o que viste...

‘ P*elo meu amor*... dizes tu... O' Alberto, para que invocaste o meu amor? Não posso esconder-te

nada, se te serves desse testemunho... Eu digo tudo... Olha... lembras-te de me dizer padre Diniz que pedisse a Deus que me deixasse ver Angela?

« Sim.

' Pedi... pedi com muito fervor, quinze dias ..

« E depois?

' Vi-a...

Alberto sorriu-se.

« Não te rias, que me fazes mal... Então começo a tremer de te contar o que vi... é uma profanação o teu riso... Escuta-me com piedade, e religião, sim Alberto?

« Diz, filha... que viste?

' Vi Angela...

Eugenia estava livida. Os olhos espantados fixava-os nas sombras agitadas nos escuros da salpelos tremulos das luzes. Alberto, a seu pesar, principiava a sentir-se electrisado do pavor magnetico dos olhos della. Naquelle instante, passou-lhe fugitiva uma idea: « estaremos tocados do contagio sobre-natural d'aquelle homem? »

« Como viste Angela?

' Como a conheci... em companhia de seu marido... Martyrisada... amaldiçoando-me no silencio do seu quarto... Vês ?.. eu não queria dizer isto... Agora, soffre comigo, Alberto!..

A convulsa senhora correu aos braços do marido, como quem foge d'uma larva.

« Que tens, Eugenia? Que peso dás a essa apparição d'um espirito exaltado?!

' Um peso de me não deixar viver feliz... Tenho-a visto assim muitas vezes, sempre assim... Mas é impossivel que ella me não perdoasse!... Contei-lhe tudo... ouviu-me a chorar... e beijou-me no fim com tanto amor... Será uma superstição, Alberto?..

« E'... se o mundo tivesse pervertido a tua alma não terias semelhantes visões.

. . . . . .

Vinte e quatro horas depois estavam em Lisboa, recebendo a visita das notabilidades politicas, commerciaes, e litterarias, que se felicitavam por terem em seu seio o generoso propugnador das ideas liberaes, e ao mesmo tempo lastimavam a perda da mãe e sogra dos ditosos conjuges, senhora, cujas virtudes eram notorias — (supposto que nenhum dos circumstantes a conhecesse de vista nem de tradicção). Faziam-se, nesse tempo, os ensaios oraes do « artigo-necrologio » que depois se tornou um cargo especial dos talentos funebres da nossa terra, donde, a pesar das innovações no genero, não foi ainda possivel excluir o « a terra lhe seja leve » para todos; e o « era uma florinha no despontar da vida » para as donzellas « era o modelo dos pais, dos amigos, dos esposos, e dos cidadãos » para o velho que exerceu cargos municipaes » e o « era um caracter d'antes quebrar que torcer » para os fidalgos realistas do senhor D. Miguel. De resto, o necrologio, em Por-

tugal, vai individualisando a nossa indole litteraria, como a parabola no Oriente, e a methafisica na Alemanha. Ora, esta enfiada de palavras desatadas e sem proposito no romance, vieram para dizer que Alberto de Magalhães hospedava em sua casa a nata da gente nova, a alta sociedade que deslocara da sua peanha de sete seculos o idolo superstícioso da velha raça. Eugenia excitava o interesse dos illustrados admiradores do seu espirito, e fazia-se respeitar pelos mais audazes, que vinham do estrangeiro enfronhados em arrebiques da nova civilisação, e caracterisados á feição de certos homens, que viram em Pariz, denominados « leões. »

Nas salas, pois, de Alberto de Magalhães reuniam-se os primeiros leões, que tinham a generosidade de reputar « leôa » a galante dona da casa.

Alberto, o homem do mundo, que annos antes encontrara em França, estranhos á boa sociedade de Pariz, os que em sua casa ostentavam familiaridade com a melhor gente de *Saint-Germain*, ria-se em particular dos seus amigos, e convidava-os a contarem-lhe a vida de Pariz, como quem desejava um dia entrar n'aquella terra sem a *gaucherie des parvenus* (como dizia o recente barão de Sá que fallava pessimamente o portuguez e o francez).

« Em Pariz, (dizia o dito barão) Madama, a vida é bella de tudo o que a vida tem de bom e dá *le plaisir au cœur*. As mulheres... perdão, madama !.. Em Portugal não faz bom som na orelha a palavra « mulheres » Em França se diz *les femmes*, e eu não

sei o que ha de *gauche* nesta fraze posta em portuguez. *Les femmes ont cette coquetterie*... perdão; eu estou esquecido da minha lingua, e, *malgré moi*, fallo em francez quasi sempre por engano. As damas, dizia eu, tem este coquetismo... pode dizer-se *coquetismo*, Xavier?

' Pode... é genuino classico — respondeu o senhor Xavier, magistrado zombeteiro, que pizava a bota de verniz do seu visinho, desairando-lhe dolorosamente o prumo difficillimo dos calos, pouco parisienses.

« Tem este coquetismo — prosseguiu o barão, puchando á esquerda o fantastico frisado de *la chevellure á Saint-Simon*, como elle seriamente a definia. — Ellas tem este coquetismo que faz mal ao coração, e enthusiasma, *enivre*, embriaga a cabeça. Ellas sabem fazer o que as senhoras em Portugal não sabem, *c'est á dire*, ellas sabem *causer*...

' *Causer*?.. Não o comprehendi, senhor barão — disse Eugenia com infantil artificio.

« *Causer*... madama, não tem em nossa lingua uma palavra energica, significante, *tranchante*, que explique assaz o sentido. *Causer* é uma especie de *conversar*.

' Ah!.. ja entendi... queira prosegnir.

« Em Portugal, posso avançar que não sabemos o que é conversar *au coin du feu*. Falta-nos esta *verbe* que, abstracção feita de raras damas, captiva o ouvido com conversas sempre palpitantes de interesse. Portanto, a mulher franceza convers-

sempre em *négligé*. Ella nunca se impõe pretenciosamente por se fazer escutar banalidades. Ella tudo que diz é *petillant*, e por tudo dizer, não faz as grimaças de algumas *ridicules*, que não tiveram o seu Molliere. Oh! eu amo as damas francezas!

' Com esse enthusiasmo pelas felizes senhoras de Pariz deve ter sido muito venturoso nas suas empresas, senhor barão!.. — disse Eugenia recobrando toda a finura do seu caracter *railleur*, como diria o bom do barão, se fosse pateta uma polegada menos.

« Se vos apraz, madama, direi, sem vaidade, que surmontei entraves, que fariam recuar muitos outros. Quem não amaria em Pariz, a não ter o coração *blasé?*

' Não lhe foi por isso muito doloroso o exilio... — atalhou Eugenia.

« A posição do exilado é sempre penivel, minha senhora; mas o bom Deus, como dizem os francezes, indemnisou-me com mão larga...

' E eu cuidei que os portuguezes não eram bem recebidos pelas senhoras francezas...

« Enganou-se, madama, eu estou ao facto de exemplos que provam o contrario...

' Sim?

« Aqui o nosso amigo — disse o magistrado — é o almanach das aventuras dos proscriptos. Sabe uma copiosa chronica de escandalos, o pro-

mette, quando recuperar a perdida lingua patria, escrever « Os fastos do exilio. »

' Nesse caso — disse Alberto — esperaremos essa preciosidade litteraria, moral e fylosofica...

« Mas nem tudo sabes, meu barão — proseguiu um conselheiro, que se vira em tractos para disfarçar os frouxos de riso, que o accommetteram durante a algaravia do barão. — Não sabes tudo e eu vou contar, ou *causer* como tu dizes, ácerca d'um acontecimento que vai provar a v. exc.ª, senhora D. Eugenia, que os portuguezes são bem recebidos pelas senhoras francezas.

' Estimo-o muito como portugueza, vaidosa dos cavalheiros portuguezes... E' uma especie de nacionalidade, não é?

« De certo... Ahi vai a historia, barão. Faz as tuas notas. Em 1829 appareceu em Pariz um cavalheiro portuguez, que dava pelo nome de Leopoldo Sáavedra. Já sabem do que vou fallar?

' Isso é um bisarro successo — disse o barão — mas não sei bem como isso foi... ouvi fallar delle pela superficie.

« Leopoldo Sáavedra appresentou-se com recommendações do ministro francez no Brasil, e foi appresentado na primeira roda. Era rico, boa figura...

' Conheceste-o? — perguntou o magistrado.

« Não. Nesse tempo estava eu com o Palmella em Londres. Tractei muito de perto pessoas que o conheceram. Além de rico, e gentil, era eloquente,

fallava umas poucas de linguas, e conversava com os gregos na pura lingua de Homero. A melhor mulher de Pariz, a flor dos salões de Carlos X, era a duqueza de Cliton, viuva, com vinte e tantos de idade, e trinta mil libras de renda. Imagine, senhora D. Eugenia, uma dama tres polegadas mais alta que v. exc.ª, rosto comprido e magro, tez pallida, olhos grandes e negros, pestanas longas como franjas de setim, boca irreprehensivel em todas as linhas da formosura, um busso espesso, que se encaracolava voluptuosamente nos cantos dos lábios; pescoço de cisne, larga dos hombros, musculosa quanto o esculptor, inspirado pelo bello quiz que o fosse a Venus de Gnido, não quebrando pela flexivel cintura como milagrosamente, aprumando-se na linha recta em que uma rainha daria as suas ordens, olhando com intelligente soberania para a pequenez das cousas que a rodeavam, fallando com orgulho, saudando com soberba, deprimindo as invejosas, matando com hyronias as paixões faceis dos leões parisienses... tal era a amante de Leopoldo Sáavedra, nosso patricio...

'Mas quem é esse Leopoldo Sáavedra? — disse Eugenia — Não tenho ouvido pronunciar esse nome...

« Nem eu, minha senhora, fóra de Pariz. Suppomos que seja um rico brazileiro, que se deu esse nome, e que se retirou ao Brazil...

' Meu marido — tornou Eugenia — viveu al-

gum tempo na America, póde ser que o conhecesse.

« Ouvi fallar desse homem no Pará: mas não me interessei em saber quem era — respondeu Alberto, torcendo o longo bigode, cujas guias comprimia com os beiços.

« Seja quem fôr — proseguiu o narrador — devia ser um homem de pessimo caracter, ou então a sensibilidade, depravada pelas paixões, não podia eleval-o ao amor sublime da duqueza de Cliton.

' Era um *roué,* ao que parece! — disse com solemnidade o barão, congratulando-se do ensejo propicio de imbutir o *roué*, que, de ha muito, lhe estava nos labios escorvados para a primeira occasião.

« Seria. O caso é que Leopoldo Sáavedra, tido e havido como amante da duqueza, ostentava por ella, nos salões, a mais grosseira indifferença, chegando a vexal-a nestes sérios nadas que constituem o amor proprio de uma senhora de nascimento... A duqueza tinha um irmão, cioso da boa nomeada de sua irmã, e duelista acreditado na seita dos timbrosos, que se deixam matar por causa d'uma palavra aspera, ou d'uma pisadella sem proposito. Leopoldo disseram-me que o encontrava em casa da viuva, e affectava por elle o mais revoltante despreso. A alta nobresa aparentada com a herdeira dos Clitons, famosos desde Carlos Magno, e soberbos dos seus brasões recebidos nas cruzadas,

lembrou á duqueza a imprudencia de dar publicos signaes de affeição por um forasteiro, que se não fazia interessante se não pela sua opulencia. Pediram-lhe que esperasse da America informações mais precisas a respeito de Leopoldo Sáavedra, antes das quaes a sua dedicação poderia ser o precipicio da sua dignidade, e o dissabor da sua familia. A duqueza disse que era livre como o pensamento, e, desde esse dia, o cavalheiro incognito apeava, á porta do theatro, da carruagem da duqueza, conduzia-a ao camarote, tomava junto d'ella a posição d'uma escandalosa intimidade...

« Escandalosa! — disse sorrindo o magistrado — O conselheiro está procurando os adjectivos mais moralistas, que temos! Nunca o vimos tão indignado contra...

— Os *tête-á-tête*... — interrompeu o barão de Sá, que as circumstancias forçavam a engulir muitos *à propos*, que lhe vinham, a *palpitar de momento*, aos labios engatilhados.

« Eu revolto-me contra todos os escandalos — continuou o conselheiro — por que sou chefe de familia; e, quando o não fosse, a honestidade manda que o narrador de uma historia immoral, na presença de uma senhora virtuosa, não applauda cynicamente as immoralidades, que conta...

— *Á la bonheur!* — tornou o barão — vamos ao *mise en scene* das immoralidades.

« Leopoldo era mal quisto em Pariz. A inveja, o ciume, e a intriga minavam-lhe a reputação,

quando a duqueza o convidou a ser seu marido. Que suppõe, senhora D. Eugenia, que faria o supposto aventureiro, como os parisienses o intitulavam?

' Casou... se a estimava, se era effectivamente aventureiro...

« Muito longe disso; regeitou a offerta; disse que o seu amor era um capricho, e que a sua vaidade não descia.

' Não achas célebre, Alberto? — perguntou Eugenia.

— Célebre, não... Parece-me natural a resposta.

' Não a amava... — tornou Eugenia.

— E' o mais que póde deduzir-se.

« Mais alguma cousa ainda, senhor Magalhães... Não só a não amava, mas ludibriou-a, offereceu-a á irrisão publica, e o publico acceitou-a por que a escarneceu, levando o escarneo a ponto de lhe affixar pasquins na porta do camarote...

— Sabe o que os pasquins diziam, senhor conselheiro?

« Vi um: era um verso, que traduzi assim: « *A alma de Ninon transmigrou no flexivel corpo da gentil Cliton. Mancebos, esperai! o sol nasce para todos... A vossa vez virá tambem... O forasteiro portuguez dobrou o cabo das tormentas, como o seu patricio Gama, e preparou para vós as vantagens da descoberta.* A duqueza não mais foi vista no theatro, nem recebeu alguem, á

excepção de Leopoldo, cujas visitas acabaram pela da despedida. Sahiu de Pariz, a titulo de comprar na Toscana uma quinta onde a duqueza devia viver como sua simples. . sua simples...

' *Maîtresse... femme entretenue...* — acudiu o barão, contentissimo de ter salvado o conselheiro d'uma séria difficuldade.

« Justamente. Tinha passado a fronteira belga, quando o irmão da duqueza caminhava a par com elle. Desafiou-o. Leopoldo não acceitou o duelo. Tiveram um encontro sem testemunhas; não sei, por que ninguem sabe os meios por que o francez foi assassinado. O cadaver appareceu, é o grande caso, sem uma beliscadura, e ao pé do cadaver uma pistola disparada. Leopoldo ou morreu do tiro, ou soube evadir-se de modo que nem a duqueza, nem a policia diplomatica conseguiram encontral-o.

' E a duqueza vive? — perguntou Eugenia, visivelmente commovida do infortunio de tal mulher.

« Creio que sim, minha senhora. Em 1832 vivia, mas affastada da sociedade, triste... creio que viajava desde 1829.

' *Répliée sur elle-même...* — disse o barão, fazendo rir o magistrado.

« Ora ahi tens, barão, uma boa pagina para os teus « Fastos do exilio » — disse o conselheiro.

— Deixa-o restaurar primeiro a lingua de seus pais... — atalhou ironicamente o magistrado.

. . . . . .

Era meia noite. O salão estava deserto, e Alberto de Magalhães profundamente triste.

III.

A subita melancolia de Alberto resistiria ás caricias de Eugenia, que, no silencio de sua alma, perguntou a Deus se a sua felicidade de sinco mozes fora uma illusão, que morrera naquella noute. A pobre menina não tinha ainda visto os olhos cavos e sombrios de seu marido, accusando remorsos, ou fixando no futuro um inimigo, que vinha pagar-lhe um debito de soffrimentos. Por um receio, que immediatamente assalta o coração da mulher casada, no momento em que sente esfriarem-se os carinhos do esposo, Eugenia imaginou-se aborrecida, e importuna ao homem, que a fizera sua por um capricho, ou illusão, que devia despoetisar-se, sinco mezes depois.

Esta suspeita era angustiosa! Eugenia não podia supportal-a com tranquillidade, e na mudez de certa resignação, privilegiado dom das almas pequenas, ou das que tocam pela grandesa o sobrenatural.

Alberto, para maior tormento de sua mulher, entrára, á meia noute, no seu gabinete de leitura, e ás duas horas da manhã, era ainda esperado por Eugenia. Duas longas horas de attribulados raciocinios tinham sido aquellas para a filha do general

Gervasio; e para Alberto... Deos sabe o que ellas tinham sido...

A's tres horas, Eugenia bateu na porta do gabinete, e foi-lhe aberta. Aquelle quarto não tinha luz!

' A's escuras, Alberto?!.. isto que é, sancto Deus?

« Nada, Eugenia... E' um desmaio moral de algumas horas... passará, quando o tributo estiver pago...

' Que sentes, filho?.. este soffrimento é novo...

« Velho para mim...

' Parecias-me feliz, ha poucas horas...

« E sou...

' Es!.. triste felicidade!.. Por prazer, não se fecha a gente n'um quarto tres horas, a pensar, a impallidecer, e a martyrisar caprichosamente uma mulher, que te dá a vida para que não saibas o que são sinco minutos de dor...

« Vamos, Eugenia... Eu estou bom... não vês que o estou?.. Não ha tempestade moral, que resista à tua voz, minha filha... Porque não tinhas vindo ha mais tempo?..

' Cuidei que me aborrecias...

« Aborrecer-te!.. a ti!.. Que não possas ver a minha alma nestas tres horas, que passaram por ella!..

' E olha, Alberto... eu vinha dizer-te uma cousa...

« Que vinhas dizer-me?

Agora... não sei se t'o diga...

« Diz... basta que eu seja o mysterioso... O meu passado tem abismos, e não quero que tu la desças... o presente... tem segredos... são as feridas do passado que sangram... Tenho de ser misterioso, por piedade para comtigo, e para comigo... Mas tu, não. Sei todos os minutos da tua vida; não quero que me occultes um so pensamento... é impossivel que o tenhas de maneira que te seja vergonhoso denuncial-o... Que é o que vinhas dizer-me?

' Tens rasão, não devo fechar no coração o pensamento, que devia dar-te, e dará ainda alguma felicidade ... Ouve-me e perdoa-me Alberto... Eu sou uma mulher; basta isto para não satisfazer as necessidades do coração de qualquer homem mediocre em ambições... Sou uma mulher como todas as mulheres cummuns, não me prevaleço de merecimentos que não sejam triviaes, e tu es um homem que eu imagino ser unico. superior a todos, insaciavel na alma, e facil de esgotar em poucos dias todo o amor que eu posso dar-te em muitos annos. Devo ser-te enfadonha, ou já, ou passado algum tempo... Estudo o teu caracter, amoldo-o por certos typos que a leitura me tem dito que são os teus, advinho a tua alma, por muito que m'a escondas, talvez por commiseração... Pois bem; sejamos irmãos, quando não podermos ser amantes. Como tua irmã, faz-me o que padre Diniz fez á

minha pobre mãi. Da-me uma cella n'um convento ; um abrigo em que me considere tua, por que esse abrigo me foi dado por ti... Parece-me que receberia com lagrimas de gratidão uma esmola, que me viesse da tua mão... Quando isso acontecer, Alberto se a tua mão não pode fazer a felicidade d' outra mulher, o teu coração está livre... livre, meu Deus!... Alberto ... que te fiz eu ?.. Não posso consentir que o teu coração seja d'outra...

A tranzição da naturalidade, com que expunha o plano futuro d'um amigavel divorcio, para a vehemencia com que soltou a palavra « livre » parecera a passagem do intervalo lucido para o accesso febril da demencia. Impetuosamente lançada nos braços de Alberto, que a beijava, commovido, e maravilhado, Eugenia, figurada na imaginação dos que veem com os olhos da alma o sublime d'aquelle quadro, era como um protesto contra as injustiças, com que um scepticismo infame, galardoado pela moda, fulmina a mulher, depositaria do pouco, que a divindade deixou da sua essencia, entre os homens.

Quantos lances assim obscuros !

Quantos heroismos assim esquecidos, embarulhados nas torpezas communs, como a perola envolta no cisco, que a tempestade rola na praia !

Quantas mulheres fechadas n'um tumulo com o segredo da sua voluntaria abdicação d'uma coroa de rosas, para cingirem a de espinhos, que a mão

do homem lhe ageitou na fronte, á feição da sua perfidia!

Alberto viu-se pequeno na presença d'aquella mulher, e achou frivola a expressão humana para responder ás condições com que Eugenia lhe pintava a sua futura felicidade. As palavras d'ella tinham-lhe feito no coração uma cura milagrosa. Feridas rasgadas na cicatriz d'uma antiga paixão foram como fechadas, de improviso, pelo balsamo da paixão nova. Qualquer que fosse a sua superioridade, Alberto era um homem como todos os homens, susceptivel de cahir no mais escuro desamparo da esperança, e facil de abrir diante de seus olhos, enchutos por mão de mulher, um vasto horisonte de esperanças confortadoras.

A aurora viera encantadora da sua luz continuar a primavera dos felizes amantes, um momento attribulados. O dia seguinte, e seis mezes successivos não tiveram um minuto de sombras. A magnificencia, a consideração publica, a fama caprichosa, e o servilismo até, formavam o prestito da fortuna, que se disvellava em adevinhar os desejos dos venturosos consortes. Alberto de Magalhães era o modelo dos cavalheiros, Eugenia a inveja das espirituosas, e muitas vezes o osso em que mordiam as virtuosas equivocas. Em todo o caso, boas e más, amigas e inimigas, entravam nos seus sallões, cortejavam as primorosas rendas dos seus vestidos, calculavam a faustosa prodigalidade das peças de Sevres e Saxonia, modelavam as meniaturas da

sua ambição tacanha pelos magnificos moldes com que os salões de Magalhães deslumbravam os olhos cubiçosos dos nobres de improviso, já que na sua casaca nem um chrachá resplandecia.

A naturesa do homem teria soffrido uma grande revolução, se a riquesa de Alberto de Magalhães não fosse o estimulo de curiosidades maledicentes, e conjecturas mais ou menos irracionaes. O filho de D. João VI continuava a ser, para alguns, da regia estirpe, e para muitos de principios aventureiros. A's qualidades, que lhe eram attribuidas, nos salões da condessa de Alfarella, abandonados em 1833, e esquecidos em 1834, accrescentava a nova geração dos syndicos da vida alheia que os milhões de Alberto de Magalhães provinham de falsificação de moeda, derramada por toda a Europa, e quinhoada pelos primeiros homens de cada paiz. Verdade ou não, attendendo a que o dinheiro do uso ordinario de Alberto eram ligitimos guineos, e boas peças de D. Maria I., os seus numerosos amigos não se dedignavam de compartir no fausto grangeado com moeda falsa. Excellentes e tolerantes pessoas!

Commensaes effectivos do suspeito millionario eram o conselheiro chronista da duquesa de Cliton e Leopoldo Saavedra, o magistrado integerrimo que mordia a verbosidade barbara do seu companheiro de emigração, barão de Sá, que nunca perdeu as esperanças de largar um dia os tregeitos de desgracioso macaco, para sacudir a juba crespa de leão

parisiense na jaula em que D. Eugenia, involuntariamente, o tinha preso pela cadeia do ridiculo.

Infalliveis á mesa, tambem o eram no camarote, nos coxins da carruagem, no passeio a cavallo, em tudo finalmente, em que o estomago ou o espirito podesse funccionar de modo, que o ouro prodigo de Alberto lhes garantisse a irresponsabilidade das suas algibeiras, que principiavam a organisar-se em 1834, com os desperdicios dos sybaritas que estiveram sentados oito seculos em volta da primeira toalha, e principiaram, em 1833, uma penosa indigestão das iguarias temperadas com sangue... da qual indigestão alguns arrotos, hoje, são incomportaveis pela nausea...

Menos politica, e mais romance.

IV.

Escutemos este dealogo entre dous elegantes da platea do theatro de S. Carlos:

— Que te parece Lisboa?

' Civilisada. Vejo aqui mulheres que me parecem as mulheres de Pariz. Ha vida nesta geração nova, e um toque especial nestas fisionomias que olham para a gente sem sentirem o beliscão traiçoeiro do pai, ou da tia beata. Vejo que sabem pegar n'um oculo. Em 1828 as mães destas creaturas angelicas, se vinham a S. Carlos, punham o leque diante dos olhos, quando as dansarinas exhi-

biam a perna escandalosa. Graças á reforma, seis annos de civilisação fizeram que a perna fosse installada no cathalogo dos espectaculos honestos. Olha la... quem é aquella mulher do 13 da 2.ª ordem, que fixa o oculo n'um camarote fronteiro?

— É D. Eugenia de Magalhães...

' Casada?

— Sim, com o mysterioso Alberto de Magalhães.

' Ouvi já fallar nesse homem, e ainda hontem vim do Porto.

— E' um problema.

' Tem muito dinheiro?

— Muito. Ha quinze dias attribuiam-se-lhe doze milhões; hoje deve ter vinte e quatro. Morreu ha dias um tal Salema, proprietario de nove navios, e deixou-lhe tudo.

' Por que lhe chamam vocês problematico?

— Por que ninguem sabe quem este homem é. Filho de D. João VI, salteador, cavalheiro de industria, espião, corsario, falsificador de moeda...

' E' tudo isso?

— Cada opinião quer que elle seja uma das cousas.

' Se a industria produz vinte e quatro milhões, declaro-me seu cavalheiro... O que eu prescindo a beneficio de algum tolo é do nascimento por obra e graça de D. João VI. De resto, tanto se me dá que me chamem Conrad, como S. Francisco Xa-

vier... O caso é que a mulher é boa... Quem é ella?

— Filha bastarda do general Gervasio Faria...

' Fuzilado em 1817?

— Justamente. A mãi é, ou foi uma D. Antonia Mascarenhas, filha d'um parvo fidalgo, que era conego, arcediago, bispo, ou não sei que...

' Era um grande patusco, que quiz ser representado por aquella bonita rapariga. Quem é aquelle que entrou?

— E' o marido.

' Eu já vi aquelle homem.

— Onde?

' Penso que na Belgica... Foi justamente na Belgica. Tinha quatro orças inglezas, e um phaetonte com arabescos de prata; mas... não se chamava Alberto de Magalhães.

— Então?

' Disseram-me que era judeu, que vivia na Hollanda, e, se bem me recordo, chamava-se Tobias Navarro.

— Será o mesmo...

' E'... juro que é ... e poucos dias depois que o vi, desappareceu; e em logar d'elle admirei uma outra notabilidade... uma tal duqueza de Cliton, que se vestia d'homem, e procurava um homem, que se chamava Leopoldo Sáavedra, e que eu, na minha consciencia, entendi que era Tobias Navarro. Ha quantos annos está em Lisboa o tal problema?

— Ha tres.

' Ha cinco foi que eu o vi... Vais a casa d'elle?

— Vou.!

' Appresentas-me?

— Com muito gosto.

' Agora?

— Agora?!

' Que duvida. Parece que não estiveste em Pariz!...

— Então... vamos.

Sigamol-os.

D. Eugenia recebeu affavelmente o appresentado.

Alberto de Magalhães sahira do camarote, e passeava no salão mordendo o bigode, e passando a mão pelos cabellos, habito adquirido nos momentos de afflicção. Os cavalheiros, que visitaram o seu camarote, vieram encontral-o no salão. Alberto recebeu friamente o appresentante e o appresentado. Respondeu com enfadados monossilabos aos ditos rotineiros do acto, e recebeu com intima satisfação a despedida.

' E' elle... — disse o appresentado. — Noto que é grosseiro...

— Pelo contrario; nunca vi homem mais cortez. E' que estava abstracto! Tem grande cousa que o mortifica.

' Serão ciumes?

— Da mulher?

' Sim.

— Pelo amor de Deus! a mulher é um anjo.

' Não reparaste nos requebros em terceira mão, e nos galanteios requentados do barão de Sá?

— Isso é um tolo.

' Tanto melhor para elle... Os tolos são felizes; eu se fosse casado illiminava os tolos de minha casa. Cada cidadão, que me fosse apresentado, não poderia sêl-o, sem exibir o diploma de socio da academia real das sciencias. Olha, creança, decora estas duras verdades que o Balzac não menciona na *Fysiologia do Casamento*. Um erudito, ao pé de tua mulher, falla-lhe na civilisação grega, na decadencia do imperio romano, na civilisação da mulher pelo christianismo, em economia politica, em direito publico, e até em chimica applicada ao extracto do espirito de rosas. Confessa que tudo isto o maior mal que póde fazer a tua mulher é adormecel-a. O tolo não é assim. Como ignora e desdenha a sciencia, dispara á queima roupa na tua pobre mulher quantos galanteios importou de Pariz, que são originaes em Portugal, porque são ditos n'um idioma que não é francez nem portuguez. Tua mulher, se tem a infelicidade de não ter em ti um marido doce, e meigo, começa a comparar-te com o tolo, que a lisongeia, e acha que o tolo tem muito juiso. Concedido juiso ao tolo, concede-se-lhe razão; concedida a razão, concede-se-lhe tudo. Ora ahi tens por que eu antes queria ao pé de minha mulher o padre José Agos-

tinho de Macedo, em cuecas, do que o barão de Sá coberto com a capa daquelle grande piegas José do Egypto. Ris-te?... Se queres ser feliz abdica da intelligencia, convence-te, e convence os outros de que és um paria do senso-commum, entra nesses camarotes, e diz que a letra do Barbeiro de Sevilha é de Carlos Magno, e a composição do maestro Affonso de Albuquerque; vira-te para a victima predestinada, e diz-lhe que a musica é a voz mystica dos anjos confidentes das paixões delirantes, que dos olhos d'ella deviam partir as inspirações que arrebalaram Donizetti, que farás author da Norma. Se ouvires uma gargalhada insoffrida, deixa-os rir; continúa; faz-te victima interessante, acolhe-te á piedade da dama, e falla-me depois...

Correra o panno para o segundo acto da *Somnambula*.

Os dous dilettanti, entrando na platea, olharam para o 13 da 2.ª ordem, e viram Eugenia que se retirava. A curiosidade trouxe-os ao perystilo do theatro, e viram partir a carruagem de Alberto.

Entraram no camarote, e perguntaram ao barão de Sá a causa daquella retirada.

— *Ma foi! je ne sais* — respondeu elle, cravando o oculo n'um camarote fronteiro.

« Quem te prende assim a attenção esquiva, meu caro barão? — perguntou o apologista dos tolos.

« *Cette femme lá qui me frape au cœur.*

« Traduz.

' Aquella mulher que é frapante no coração.

« Que te disse eu? — murmurou ao ouvido do companheiro o sincero admirador dos parvos... Dás licença — continuou para o barão — que se veja a benemerita frapante do teu coração?

' *Volontiers.*

O cavalheiro do Porto, apenas fixou o óculo, murmurou :

« Célebre cousa !

' O que? — perguntou o seu amigo.

« Logo... Ó barão, conheces aquella mulher?

' Não, e tu?

« Conheço.

' Quem é?

« A rainha de Sabá.

' Onde fica Sabá?

« Na extrema occidental da Europa.

' Mas ella está sósinha.

« Viaja com o titulo de condessa de Minturnes.

' Pódes appresentar-me?

« Não; estou indisposto com ella...

' Por que?

« Por causa d'uma questão de voltarete, que jogamos em casa do representante de Marrocos em Londres. Adeus, barão

Vês as vantagens de ser tolo? — dizia o zombeteiro portuense ao seu amigo de Lisboa. — Esta noite sonha com a rainha de Sabá, e ámanhã vai contar a Eugenia que foi appresentado á condessa

de Minturnes, de quem recebeu um lisongeiro acolhimento... Agora sério... viste aquella mulher?

‘ Vi.

« Queres saber quem é? A duqueza de Cliton.

‘ A que procurava na Belgica o Tobias Navarro?

« Em corpo e alma. Cá para mim está explicada a abstracção de Alberto, e a sahida rápida do camarote.

E tinha razão aquelle homem, que conhecia toda a gente. Fôra assim: Alberto, apenas entrára no camarote, deu de frente com uma mulher, que lhe fixava um oculo immovel, suspenso n'um bello braço, guarnecido de rendas e perolas. Aquelle oculo, pelo seu tamanho, escondia meio rosto. Alberto não foi o primeiro a corresponder àquella estranha attenção. Eugenia, meio curiosa, meio ciumosa, olhou de relance para o camarote fronteiro, e disse para o marido:

‘ Não a conheço... Se não é tola, quer fingir que o é.

Alberto olhou, por sua vez, mas não olhou dous segundos; o braço estremeceu debaixo do oculo, as faces impallideceram, as perguntas vacillaram-lhe, e o coração impellia-lhe á cabeça impetos de sangue, que parecia romper-lhe as veias da fronte.

« Alberto... tu que tens? — perguntou Eugenia, assustada.

‘ Um segredo, filha.

E, pouco depois, sahiu, para o salão, onde o vimos.

A duqueza de Cliton, se devemos acreditar o elegante que da platea lhe não perde um movimento, raros instantes affastou o oculo de sobre Eugenia, que não podia supportar a curiosidade daquella mulher. A quantos entraram, perguntou quem era ella; apenas o magistrado lhe soube dizer que aquella mulher não era portugueza. O conselheiro, narrador da historia de Leopoldo Sáavedra, se estivesse presente, poderia precisar as suas explicações mais satisfactoriamente.

Do theatro a casa, Alberto de Magalhães não pronunciou uma palavra. Eugenia, trémula e acanhada pelo respeito que a situação de seu marido lhe infundia, apenas quebrava o silencio com mal reprimidos suspiros.

Chegados a casa, Eugenia, que profundara o caracter de seu marido no que elle era sondavel, deixou-o entrar sósinho no gabinete de leitura.

'Vem cá, Eugenia... — disse elle. — Senta-te ao meu lado... conversemos... Um bom marido deve explicações a uma boa esposa, quando o oculo d'uma mulher o faz fugir d'um theatro. Aquella mulher é a duqueza de Cliton, e eu... sou... ou fui Leopoldo Sáavedra...

« Oh meu Deus!... — exclamou Eugenia, levando as mãos á face.

' Que é, filha?

« Oh meu querido Alberto, aquella mulher vem trazer-nos a desgraça.

' Acho singeiesa no teu terror... Escuta, Eugenia... quero-te mais varonil. Ouviste a historia do conselheiro?... foi justamente, ha seis mezes, naquella noite das tres horas de trevas neste gabinete. Soffri muito então...

« Saudades? remorsos?

' Nem uma cousa, nem a outra... Soffri os effeitos da calumnia. Collocado eu n'uma outra posição social, sem ti, o homem, que contou uma infamante fabula, teria saltado da janella. Aquella mulher é uma duqueza, que se me vendeu por oitenta mil francos. Foi um contracto. Eu tinha lido os manuscriptos de Richelieu em que as primeiras mulheres tinham á margem do seu nome a cifra por que se vendiam, e concebi o plano de avaliar o quilate da duqueza de Cliton. Achei-lhe o preço; não faltei ás condições estipuladas no contracto, e quiz retirar-me com honra, como o locatario, que pagou a renda do predio, e retirou deixando a propriedade no estado em que a encontrou. Aquella mulher perseguiu-me. Lembrei-lhe que fui pontualissimo na exactidão dos meus compromissos: offereci-lhe uma quantia supplementar para rescindir alguma questão de dólo, e ella não a acceitou. Disse que queria a minha alma, por que eu era um homem que não podia fazer escravas e desamparal-as. Sorri á lisonja banal, exprimi o legitimo despreso em que a tinha, e vi a meus

pés uma carteira em que deviam estar as cedulas de oitenta mil francos.

' Esta mulher pareceu-me nobre, e desgraçada. Imaginei uma loucura. Perguntei ao futuro se a convivencia com ella faria que ella fosse interessante á minha alma. O futuro não me respondia. Sacrifiquei-me, e disse-lhe :

' Junta a esta quantia sessenta mil libras. Compra uma quinta em Italia, viverei comtigo, e o tempo decidirá a posição que devo ter a teu lado.

' Regeitou. Perguntei-lhe o que queria de mim? « Quero ser tua mulher » — me respondeu ella com certo entono, que me fez saltar dos labios uma exclamação, e um sorriso de escarneo.

, Deixei ficar no chão a carteira, e retirei-me. No dia immediato parti para a Belgica. Dous mezes depois de mim, chegava o irmão da duquesa, temido em Pariz, e conhecido nas fronteiras pelas repetidos triumfos, que alcançara em duellos.

' Desafiou-me: regeitei, por que regeito sempre o duello. Encontrou-me ; disparou-me uma pistola que me feriu mortalmente ; apertei-lhe a garganta com as mãos, e larguei-o morto. Cheguei moribundo a Luxembourg. Ao cabo de oito mezes de padecimentos infernaes, ergui-me salvo.

' Aqui tens o meu segredo, Eugenia...

« Mas tu não podeste supportar os olhares de aquella duquesa... Sentes amor, ou receio... Se te é indifferente...

' Indifferente... não. Conheço-lhe o caracter...

Sabes o que é, Eugénia? E' o amor que eu tenho a esta vida tranquilla que vivemos, depois de longos trabalhos, de sobresaltos criminosos, de esquecidas vergonhas, e tumultuosos abalos de consciencia. Descoro, enfraqueço, e sou pequeno aos meus proprios olhos, quando um leve sopro ameaça tempestade no remanso desta nossa vida...

« Mas que receias, Alberto?..

' Por mim, nada; eu nada temo debaixo do ceu; mas por ti, tudo... tudo que possa inquietar-te, minha filha, e desvendar a candura da tua alma, e o estremecimento com que respondes aos meus temores...

« Pois bem... hasde fazer o que eu te pedir...

' Tudo.

« Abandonemos Portugal...

' Sim, e muito breve... não importa saber para onde vamos... Sou outra vez feliz, Eugenia!.. Ha em ti uma mulher para o coração, e um anjo para a alma... Aponta-me sempre o meu destino... A'manhã darei todos os passos para a minha sahida.

. . . . . .

V.

O barão de Sá, todo elle oculo constantemente assestado na heroica rainha de Sabá, realisava em toda a sua plenitude as theorias do portuense, á-

cêrca dos tolos. A duquesa de Cliton respondia prompta ás demonstrações inequivocas do barão.

Finda a opera, o ditoso parvo esperava na descida, com o coração em corvocos, a gentil condessa de Minturnes. Ao vel-a, sentiu-se tranzido de um gelido turpor, que o bestialisava. Na effervescencia da sua asneira, o leão sobre-posse não sabia combinar e elegancia da perna direita com a da esquerda. O amor enthusiasta espiritualizara-lhe as carnosas massas das pernas em arames tremulos. Os braços, por não encontrarem um apoio em que se dessem uma aria distincta, passaram para as costas, formando, em sentido opposto, a bealifica attitude de S. Francisco das Chagas.

A duquesa, ao perpass[illegible]ar, sorriu-se. O barão duvidou; mas a d[illegible]ida era gloriosa. Reanimou-se. Foi co[illegible]locar-se ao pe da carruagem. A rainha de Sabá, com um pe no estribo, voltou-se para elle, e disse affectuosamente, em francez, na lingua apaixonada do barão:

' Boa noute, cavalheiro. Desejo as vossas relações.

Perdido, allucinado, deslumbrado, febril, tolo, emfim, o barão seguiu a carruagem da duqueza, e viu-a parar no Izidro.

Irresoluto, entre recolher-se a scismar no estranho caso, ou approximar-se, quanto possivel, do ar, que a prodigiosa rainha disfarçada respirava... subiu. Entrou n'uma salla e viu uma mesa rèdeada de gastronomos provincianos, que comiam de

« E' o que te digo... Conta-me cá: a que horas se levanta ella?

' De madrugada.

« E que faz?

' Sai, e torna às nove; almoça, e fecha-se no quarto até ao meio-dia; depois vem o consul, que sahe á uma hora; depois..

« E não é visitada por mais ninguem?

' Apparece ahi um encapotado que não deixa vêr a cara...

« Essa é boa!... E não sabes onde ella vai de manhã?

' A fallar-lhe a verdade, disseram-me ahi uma cousa, que eu não acredito...

« Que foi?

' Que ella vai para o campo, e que se põe a atirar tiros de pistola a um alvo.

« Ora essa!...

' Assim me disse o bolieiro da sege, que a leva todas as manhãs, mas pediu-me muito segredo; mas eu ao senhor digo-lhe isto, em paga de me dizer muitas cousas que eu não sabia.

« Pois então, calla-te; não digas a ninguem o que eu te disse...

' Nem ao proprio padre eterno.

« Eu ámanhã ao meio-dia heide vir aqui visital-a... Adeus.

O barão retirava-se, quando outro criado lhe sahiu ao encontro, dizendo-lhe que uma senhora,

hospedada naquelle hotel, lhe pedia o favor de entrar, na sala proxima, que pretendia fallar lhe.

Não se explica a stupefacção do titular! Naquelle momento João Fernandes fez mais do que faria Cezar! O portuense tinha razão. O parvo colhia louros sobre louros. Um homem de mediocre intelligencia, experimentado em triumphos, não attingiria, em mezes de aturada paciencia, a altura que o tolo, em poucas horas, attingiu! Convencido de que um destino superior o impellia, o barão entrou na sala.

A duqueza de Cliton, despindo os accessorios do luxo, vestira os da estudada elegancia. Sentada na ottomana, recostada negligentemente, bamboava com o pé as franjas d'uma manta escoceza, que não tinha o egoismo de esconder os hombros largos, torneados, e alabastrinos de sua dona. Era, com effeito, a mulher pintada pelo conselheiro; mas, o retrato, ao pé do original, era uma sombra pallida, um daguerreotypo desvanecido pela imperfeição da maquina.

A apparição do ditoso aventureiro não compoz ligeiramente a negligencia da dama. O barão gaguejava, corcovando-se, um frivolo cumprimento, a que a duqueza respondeu, indicando-lhe uma cadeira estofada, em que (tão perto estava) descahia, como por descuido, a fimbria da sua manta de xadrez.

« Fallais o francez? — perguntou ella.

' Alguma cousa, madama, para portuguezes;

mas na vossa presença ser-me-hia necessario conhecer as subtilesas da lingua.

« Vejo que vos fazeis comprehender, senhor; é quanto ambiciono. Conheceis-me?

' Conheço, madama... Tenho essa honra...

« Quem vol-o disse?

' O coração annunciou-me que vós ereis uma grande personagem; e alguem confirmou as suspeitas do coração.

« Quem?

' Um cavalheiro que viajou...

« Naturalmente aquelle cavalheiro pallido, d'olhos negros, e bigode á Solimão...

' Perdão, madama, não era esse. O cavalheiro a que alludis é Alberto de Magalhães, o outro...

« Alberto de Magalhães!...

' Sim...

« Casado com aquella gentil dama do occulo branco?

' Justamente.

« Casado ha muito?

' Ha um anno.

« Por paixão?

' Creio que sim.

« Quem vos disse o meu nome?... não foi elle?

' Já tive a honra de dizer a vossa magestade que não.

« Vossa magestade!... Olhai que a minha coroa é simplesmente ducal.

' Já disse que vos conhecia...

« Sou ?

' Rainha de Sabá.

« Por Deus ! Zombavam da vossa boa fé, ou escarneciam de mim !

' Perdão, senhora condessa de Minturnes.

« Condessa de ?

' Minturnes ; é o vosso disfarce.

« Crêde que estaes enganado, cavalheiro. Os titulos que me deram são uma caricatura. Sabá não tem rainha ; e Minturnes é uma lagôa... Se vos apraz, dizei ao vosso informador que lhe desejo uma longa vida no meu condado...

A duqueza ria-se, e o barão encarava-a com ar de estupida incertesa.

« Parece que duvidaes, cavalheiro? Heide punir-vos pela falta de fé... Não vos direi quem sou...

' Assim o quer a minha desgraça... Se me dizeis que não sois a pessoa que eu suppunha, creio que sois rainha...

« Já vos disse que não sou...

' Sois rainha dos corações... o vosso imperio não tem limites ; de pólo á pólo fareis vassallos.

« Agradecida pela lisongeira consideração que me dais... Permitti que eu vos dirija algumas perguntas, por que me pareceis um perfeito homem do mundo, um consummado parisiense...

' Vivi lá dous annos...

« Bem o denunciaes pela correcção da lingua que fallaes... e pelas maneiras distinctas com que

acolheis a extravagante forasteira, que se vos apresenta sem mais titulos á vossa attenção que os que lhe são devidos pelo facto de ser mulher...

' Accrescentai... como poucas, como nenhuma, cheia de encantos, fascinadora, e deslumbrante.

« Não vos illudaes, senhor... Creio que me fallaes muito a sangue frio para que deva acreditar-vos...

' A sangue frio!... Concebeis por ventura os effeitos d'um vosso olhar, que vai direito aos mais intimos segredos da alma?...

« Quereis convencer-me de que vos mereci uma attenção fóra do commum? Isso seria da minha parte uma renuncia do juiso, e da vossa uma chimera momentanea, um engano de optica moral. Deixai os vossos fantasmas, e vinde ao mundo real... Sois amigo do senhor Alberto de... de...

' De Magalhães? Conheço-o perfeitamente... A vossa pergunta, madama, denuncia...

« Interesse por elle?

' Certamente... um interesse extraordinario...

« Espero não vos fazer ciumes do amor que lhe consagro...

' Sinto-os já, madama... Elle conhece-vos?

« Creio que sim...

' Novos motivos para que eu deva acreditar...

« Que o amo? Isso é uma leviandade!...

' Perdão!... O amor é injusto...

« Ouvi-vos dizer que Alberto de Magalhães era affeiçoado a sua mulher...

' Muito.

« E correspondido?

' Muito... sei-o por experiencia... é uma fortaleza invencivel aquella mulher.

« Resistiu-vos?

' Até hoje... No futuro...

« Esperais?... é justo. Nesse caso, essa mulher... adora-o?

' Loucamente.

« Fazeis-me um serviço?

' Mandai, madama.

« Dizei ao vosso amigo, que uma estrangeira deseja conhecel-o... Dizei-lhe que sou a mesma em quem elle fez a graça de fixar o seu occulo, hoje.

' Não vos mereço outro conceito?

« Todo... e sinto dizer-vos que a vossa hesitação revela pouco habito do *grande mundo*...

' O coração hesita, porque vos não pode ceder aos merecimentos d'outros homens...

« Tranquillisai-vos... Não tereis causa de arrependimento...

' Deverei apresental-o eu?

« Não: quero recebel-o só: assim fostes recebido, cavalheiro... Da nossa intervista resultou alguma affronta para meu marido, se eu fosse casada?

' Não; mas com elle...

« Serão iguaes os inconvenientes... Eu tenho estas facilidades, sem consequencias... Posso respirar todos os halitos sem contaminar o pulmão... Os venenos da sociedade não me corrompem... Adprendi com Lucusta a alcançar a invulnerabilidade de Mithridates

O barão não a entendeu. Cuidou que Mithridates era uma mulher celebre, que não se facilitava nos primeiros encontros. Não aventurou perguntas, porque o passado importava-lhe pouco.

« Cumprireis, cavalheiro?

' A'manhã sereis visitada pelo meu amigo.

« Tenho a honra de saudarvos e agradecervos. E' uma hora da noite... Não me opponho ao vosso repouso.

O barão, desapontado pela transição repentina, rosnava alguns disparates sobre a despedida, quando a duqueza, feita a ultima mesura de cabeça, no limiar da porta, entrou no seu quarto.

O leão, em ferias, sahiu, trombudo cordeiro; e pela primeira vez na sua vida, ouviu a voz da consciencia que lhe chamava « tolo! »

Assim masmo, o barão de Sá respondeu á consciencia: « veremos. »

VI.

Alberto de Magalhães, na manhã do dia immediato, entrando na carruagem, recebeu uma carta do barão de Sá, datada ás duas horas da noite.

Não ia pessoalmente — dizia o barão em francez — *por evitar embaraços de D. Eugenia, visto que a intrevista era melindrosa, e precisava ser tractada muito a occultas com o marido de uma senhora zelosa.*

A carta contava apenas o que tocava directamente com Alberto. O estylo encobria uma certa reserva. Ou o barão fora afinado pelo ciume, ou não era tão profundamente nescio como o suppunham, e havia sobejos motivos para o suppor.

Magalhães não pensou muito tempo no que devia fazer. Entrou no banco, fez escala por algumas casas commerciaes, entrou na do seu companheiro do mar, o millionario Lima, que contava o preço porque acabava de comprar o melhor edificio monastico de Lisboa, e parou á porta do Izidro, mandando entregar um bilhete á senhora duqueza de Cliton.

Os creados, primeiro, responderam que não morava alli tal senhora, e um delles, apesar do comprometimento em que ficara de não revellar ao proprio Padre Eterno os segredos do barão, perguntou se s. exc.ª procuraria talvez a rainha de Sabá, que viajava disfarçada em condessa de Malturnias.

Um ligeiro sorriso desenrugou a face de Alberto. Conhecedor do caracter extravagante da duqueza, julgou possivel a barbara nomenclatura porque era conhecida no hotel, titulos que por honra da França se não achariam no seu passaporte.

Estas duvidas desvaneceu-as a criada particular da duqueza, que no topo da escada, dizia que o cavalheiro podia subir, que a senhora o estava esperando.

Alberto entrou na sala, em que era esperado pela duqueza, que palitava os dentes, com estudada indifferença, ou com a mais tranquilla familiaridade.

« Senhora duqueza... — disse Alberto, elegantemente cerimonioso...

' E' esse o meu titulo; outro tanto não posso eu fazer... Qual é o nome que tendes hoje, meu senhor ?

« Não tenho nome permanente; sou geralmente conhecido como despresador de argucias parvas e ironias de melo-drama. Com este nome, tenho viajado por entre todas as sociedades; prefiro o meu incognito ao da rainha de Sabá, e da condessa de Minturnes.

« Não vos entendo, cavalheiro... O epygramma é de máu gosto... Não tenho culpa em que os vossos amigos sejam tolos. Eu, quando me disfarço, desço da minha condição, não me levanto, por que não preciso. Nasci com um nome grande, e não preciso do ouro astucioso, ou d'um titulo comico para avultar aos olhos de Portugal. Creio que nesta terra o maior sois vós; e eu preciso descer para nivellar-me comvosco, e com os vossos

patricios. Neste hotel sou conhecida como a viuva d'um capitão, que morreu nas trincheiras...

Prescindo do seu romance, senhora duquesa. Precisa de mim no seu serviço?

' Não, senhor. Mas preciso contar-vos o meu romance, e vós não sereis tão incivil que volteis as costas a uma senhora dos salões de Carlos X, que vem de proposito visitar-vos a Lisboa. Tende a condescendencia de acceitar esta cadeira que vos offerece a duquesa de Cliton.

Alberto sentou-se. O coração aconselhava-lhe uma grosseria; mas a cabeça, sempre fria, mandava-o ser cavalheiro na presença d'uma mulher arrogante, bella, e radiosa d'uma colera que lhe incendiava tragicamente os olhos.

« Conheci-vos em Pariz — continuou a duquesa modulando, pelo som de uma conversa familiar, a sua voz — quando a vossa presença excitava a curiosidade das mulheres, que vão atraz do mysterioso, escondido nas riquezas d'um homem de talento, que surge de improviso sem ninguem saber d'onde veio. Fizestes-me a honra de procurar o meu conhecimento; recebi-vos em minha casa, fallei de vós com enthusiasmo ás minhas amigas, e aconselhei a muitas que vos captivassem por que vós creis um perfeito cavalheiro. As minhas amigas requestaram-vos, e foram despresadas. A preferida era eu, que, desde certo tempo— recordai-vos — evitei as occasiões de vos dar um desengano, ou um triumpho. Recebi uma carta vossa em que me offere-

ceis oitenta mil francos : essa carta chegou á minha mão duas horas depois, que eu perdera trinta mil no jogo. Acceitei a proposta, e recebi-vos às duas horas da noute na minha camara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tenções. Como mulher honrada não devia faltar ás condições do contracto ; seria vossa por oitenta mil francos; mas dous segundos depois deveria com a ponta d'um punhal esconder em vosso coração, o segredo da minha infamia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecamara de um tumulo. Entrastes com não sei que pesar escripto na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadesa, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizieis no fundo da alma : « esta mulher era digna de melhor sorte ! Devia ser soberanna e virtuosa como o mundo a respeita ! . . Custa me a tratal-a como uma bella machina que se alluga por oitenta mil francos ! » Fallai-me sinceramente... não sentieis isto ?

« Sentia.

' E , por tanto, nesse momento , alcançastes em minha alma um triumpho, que vos devia dar mais gloria que o outro ! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção ! Perguntei-vos se o mundo veria aquelle quadro por debaixo da cortina que vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçarieis a deshonra como profissão. A's

cinco horas da manhã sahieis da minha casa, e olhaveis espantado para mim quando vos disse: « Deste quarto sahiu ha tres annos um esquife com um cadaver; era o do meu marido. Desde esse dia o primeiro homem, que entrou aqui, fostes vós » Respondestes-me com um sorriso sarcastico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem ... amava-vos! Momentos depois, o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso concorrente ao meu coração, era embolçado de trinta mil francos; e, no dia seguinte, antecipei um contracto dos meus rendimentos, e fui, pessoalmente, levar-vos oitenta mil francos. A machina estava resgatada, e apparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade, fraca em suas lagrimas de deshonra nunca choradas, pedindo-vos um sentimento do coração em paga do sacrificio comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo, e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultasseis os precedentes da minha vida, que pedisseis o testemunho das minhas infamias aos mais depravados infamadores de Pariz, respondestes-me que os meus procedentes eram nobres, mas que a transacção, feita comvosco, não era legitimamente honesta para lisongear o amor proprio d'um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade desta resposta em minha casa, onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltara a vossos pes, miseravel escrava. Atiraste-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. E' uma restituição, que

ceis oitenta mil francos : essa carta chegou á minha mão duas horas depois, que eu perdera trinta mil no jogo. Acceitei a proposta, e recebi-vos às duas horas da noute na minha camara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tenções. Como mulher honrada não devia faltar ás condições do contracto ; seria vossa por oitenta mil francos; mas dous segundos depois deveria com a ponta d'um punhal esconder em vosso coração, o segredo da minha infamia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecamara de um tumulo. Entrastes com não sei que pesar escripto na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadesa, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizieis no fundo da alma : « esta mulher era digna de melhor sorte ! Devia ser soberanna e virtuosa como o mundo a respeita ! . . Custa me a tratal-a como uma bella machina que se alluga por oitenta mil francos ! » Fallai-me sinceramente... não sentieis isto ?

« Sentia.

' E , por tanto, nesse momento , alcançastes em minha alma um triumpho, que vos devia dar mais gloria que o outro ! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção ! Perguntei-vos se o mundo veria aquelle quadro por debaixo da cortina que vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçarieis a deshónra como profissão. A's

cinco horas da manhã sahieis da minha casa, e olhaveis espantado para mim quando vos disse: « Deste quarto sahiu ha tres annos um esquife com um cadaver ; era o do meu marido. Desde esse dia o primeiro homem , que entrou aqui , fostes vós » Respondestes-me com um sorriso sarcastico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem ... amava-vos ! Momentos depois , o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso concorrente ao meu coração, era embolçado de trinta mil francos; e, no dia seguinte , antecipei um contracto dos meus rendimentos , e fui, pessoalmente , levar-vos oitenta mil francos. A machina estava resgatada, e apparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade , fraca em suas lagrimas de deshonra nunca choradas, pedindo-vos um sentimento do coração em paga do sacrificio comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo , e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultasseis os precedentes da minha vida , que pedisseis o testemunho das minhas infamias aos mais depravados infamadores de Pariz, respondestes-me que os meus procedentes eram nobres, mas que a transacção, feita comvosco , não era legitimamente honesta para lisongear o amor proprio d'um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade desta resposta em minha casa , onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltara a vossos pes , miseravel escrava. Atiraste-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. E' uma restituição , que

venho fazer-vos; mas.. consentireis que vôl-a condusa a casa, porque um credor honrado não procede d'outra maneira. A carteira é um epysodio. Deixai proseguir o meu romance, como tivestes a benevolencia de intitular a minha deshonrosa peregrinação de cinco annos. Eu tinha um irmão, que se innobrecia com o meu orgulho, e saudava todos os dias os triumphos que a minha honra grangeava no seio da immoralidade parisiense. Este homem, informado da vossa fuga miseravel, pequena, e deixai-me dizer, nauseenta, de Pariz, assistiu como amigo ás minhas luctas de saudade, e de remorso. Pronunciei em delirio o vosso nome, senhor Leopoldo Saávedra, e meu irmão, valendo-se desta involuntaria revellação, profundou o segredo da minha deshonra, e encontrou-o, senão humilhante como elle era, ao menos consequencia funesta d'uma paixão invensivel. Perdoou-me; mas não quiz perdoar-vos. Disse que a duquesa de Citon podia ser fraca, como a ultima das mulheres, mas não podia ser ludibriada pelo primeiro dos homens. Meu honrado irmão enganara-se comvosco... Procurou-vos na Belgica, onde se fallava de um ricojudeu, chamado Tobias Navarro. Pediram-se á Belgica os trassos principaes deste cavalheiro: eram os vossos. Fostes desafiado; regeitastes a arma da honra; fostes ferido, e empregastes em vosso desforço a arma do carrasco... Meu irmão foi estrangulado! A força era o vosso predominio. Com a força bruta do dinheiro, deshonraveis uma mulher; com a força muscular do

braço enganaveis o irmão dessa mulher... Força moral, vigor de coração, não devieis ter nenhum cavalheiro... Mas eu é que tinha duas dividas a saldar comvosco: a do dinheiro, e a da força. A da deshonra, e a da vida... Vejo-vos sorrir!... Ainda bem que a vossa alma envilecida não póde elevar-se ao remorso, que commove a piedade no coração d'uma inimiga!... Ride, nobre senhor! No alto mar, o corsario sanguinolento apprende a rir das lagrimas... Que é?... impallideceis! Coragem, valente *Barba-Roixa!* Affrontai com bravura esta onda de cólera, e de vingança! Diante d'uma mulher não ha cobardes, quando a força moral não gela os alentos do homem! Força moral, já vos disse que não tendes nenhuma!... Agora sabei, senhor, que vos persigo ha quatro annos! Se não encontrasse, ha seis mezes, em L'Hassa, um missionario portuguez, que embarcava para o Japão, e que me disse existir em Portugal um homem com os signaes de Leopoldo Sáavedra... nunca vos encontraria. Suspeitei ainda mais a vossa existencia aqui, por que esse padre me animou a procurar-vos, quando eu lhe disse que tinha duas dividas de honra a pagar-vos. O missionario não se enganou... O Leopoldo Sáavedra de Pariz, o Tobias Navarro da Belgica, o Barba-Roixa do Mediterraneo, era o Alberto de Magalhães de Portugal... Tenho abusado da vossa paciencia, senhor! Levantai-vos e sahi desta casa!

A duqueza erguida, e tremula, sem erguer os

olhos do chão apontava a sahida da sala a Alberto, esmagado no seu orgulho, entorpecido em todas as faculdades moraes que reagem até á morte do bric, ébrio, se assim póde chamar-se-lhe, do rancor suffocado que, reprimido em excesso, produziu a paralisia do corpo e da alma, retirou-se como um somnambulo! Como explicaes tanta altivez, tamanha soberania recalcada? O facto aconteceu. Estes insondaveis mysterios repetem-se! Não duvideis da sua verdade, almas que atravessais uma longa existencia sem um abalo, sem um lance, que vos obrigue a pensar no que é o coração do homem!

VII.

Luva a estalar na mão rebelde ás costuras de seda preta; frisado á fantasia, byroniano, ondeante, em arrepios, que querem dizer *talento;* bigode com anneis simetricamente hirtos, em prumo, por milagroso cabelleireiro; colete de setim alvissimo, apenas assortoado na cintura, para que o peito de engomados arabescos, e scintillantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmoreo d'um queixo decorado de lourejante pera; casaca de tufos nas hombreiras, e lapelas de setim; calça preta, cosida á perna musculosa, impando no joelho, e terminando em botões de madre-perola, que se destacam do escuro cordevão do sapato; e mais que tudo isto uma cara festival, um olho de

fáuno, outro de carneiro moribundo ; bochecha rubida, e ventas amplas d'um nariz triangular, sem cavalete, que rompe os tecidos globosos da testa estreita : isto tudo e o mais que se não diz por não valer especial menção, quer dizer que a dita pessoa não pode ser se não o barão de Sá.

S. exc.ª acaba de apear d'um tylburi á porta do Izidro. O jockei da almofada subiu a annunciar o barão de Sá, a quem?... isso não sabiam elles dizel-o... a uma senhora estrangeira hospedada naquelle hotel. Entretanto, o admirador da rainha de Sabá sacudia das botas o imaginario pó, retesava os colleirinhos que emigravam no cilindro da gravata, levantava os hombros para chamar a casaca ás rigorosas linhas dos chumaços, e recolhia apressadamente um molho de cabellos d'um caracol que se desfizera na região occipital.

Voltou o jockei, annunciando que a senhora recebia com muito prazer a visita do cavalheiro.

O barão subia, tossindo, sem vontade, uma tosse especial que accommette os tolos na presença de certas mulheres, que teem a desventura de relacionar-se com elles.

A duqueza mediu desde o frisado até á ponta do verniz do sapato oppressivo o cavalheiro, commissario do seu recado a Alberto de Magalhães. Recebeu-o com ar de sobranceria. Tinha nos labios um sorriso de formal etiqueta para os cumrimentos anilados do odorifero barão. Levou al-

gumas vezes o lenço aos labios, e através da cerradura de rendas poderia o irrisorio leão divisar um sorriso desdenhoso, e, mais ainda, de cerimonioso escarneo.

Findo o tiroteio das frivolidades, a duqueza de Cliton agradeceu ao barão a prompta execução que generosamente dera ás rogativas de uma estrangeira, que se retirava de Portugal profundamente reconhecida a um dos primeiros, e mais obsequiosos cavalheiros desta terra.

' Retiraes de Portugal?

« Brevemente, creio eu.

' Tenho comprehend ido... — disse o enfiado barão.

« O que, senhor?

' A vossa vinda a Portugal tinha um fim...

« Certamente... Portugal não é terra, que se visite, por simples prazer, sem um fim.

' O vosso fim era prender o coração de Alberto...

« Nesse caso, lamentai-me por que me retiro, e o coração de Alberto fica solto...

' Se me tivesseis consultado, dir-vos-hia que tal homem não se apaixona, é de bronze ; o coração que tem, se o tem, é de sua mulher.

« Ditosa mulher!... pode cantar como a trigueirinha do cantico dos canticos...

' Tende a bondade de repetir?

« Tive a honra de vos dizer que a mulher de

Alberto é bem feliz; não é?

' Conta com a lealdade de seu marido... e não pode recear que as estrangeiras infelizes lhe questionem a posse...

A duqueza mordeu o beiço, e murmurou « miseravel! » Depois, com a mais admiravel naturalidade:

« Confessai que sou uma desgraçada tola, em me apaixonar por tal homem!...

O barão não tinha critica absolutamente alguma. O sorriso da desconhecida parecia-lhe natural. De maus figados, e crassa ignorancia, o titular concebeu desforrar-se apurando com ironias, da sua estôfa, o supposto despeito da condessa de Minturnes, rainha de Sabá, viuva d'um capitão, ou industrioso demonio que viera perturbar-lhe a pacifica bestialidade.

' A vossa vaidade, madama, deve ter soffrido muito...

« Muito...

' Quando se é gentil, ardente...

« Vive-se no fogo como a salamandra... é uma calamidade!

' E uma affronta... Eu sinto muito ter sido o commissario da vossa recommendação para um homem, que vos voltou as costas cruelmente...

« Agradecida... Tendes tido similhantes infortunios?

' Não, madama. Eu tenho sido absolutamente

ditoso com as mulheres...

« Fazem-vos justiça, senhor!... Sois casado?

' Detesto o casamento... Sou inaccessivel.

« Inaccessivel! Quem diria?! Tanto fogo nos olhos, tanto ardor na frase... é impossivel! Ou vós sois um cadaver galvanisado, ou as mulheres que se rossam por vós são de marmore. O fogo communica-se; os poros do sentimento nunca se fecham; o coração, na vossa idade, e com o vosso temperamento, deve estar sempre constipado.

' Constipado!...

« Apaixonado... fallei figuradamente... Estive, ha annos na Azia, e apprendi muitas methaforas.

' Methaforas!... Fallai com seriedade...

« Por Deus!... achais que zombo?! O coração não vos diz que sois superior? Sel-o-heis na crueldade? Penso que sim. Tendes-me pulverisado com os vossos sarcarmos. Sois um Jupiter de ironias fulminantes! Por que vos não conheci eu n'uma idade em que podesse tentar a conquista da vossa alma inaccessivel!? Aos trinta e cinco annos, uma mulher não serve se não de facil triumpho a conquistadores da vossa intrepidez, aos Alexandres Magnos do mundo das paixões!... Se quizesseis ser Cezar, eu não se me dava de morrer por vós, despresada Cleopatra...

' Não vos entendo, senhora; fallai mais de vagar... Não sei, como já vos disse, as frases menos usadas em francez...

« Fallar-lhe-hei em portuguez, cavalheiro.

O barão, quando ouviu a correcta pronuncia portugueza das ultimas palavras da extravagante mulher, imaginou-a cousa muito superior aos calculos da humanidade.

' Falla portuguez?

« Gostei do idioma ; como sabia soffrivelmente o hespanhol foi-me facil e agradavel o conhecimento d'uma lingua, que eu imaginei teria de fallar um dia...

' Com Alberto de Magalhães... — interrompeu o ciumoso amante, rindo em ar de mófa intelligente, mas denunciando a crassa toleima dos seus chascos inopportunos. A duqueza riu-se delle. Quem os não conhecesse pelos precedentes pensaria que eram ambos tolos.

« Está prodigiosamente comico, senhor barão de Sá. Agora sim, dou eu testemunho de que v. exc.ª é inaccessivel... Veja que fraca mulher!... Concebi o plano extravagante de o captivar... Pobre Dido que desembarquei nas praias occidentaes procurando um Eneas de sapato de verniz, e gravata de cambraieta!...

E continuava a rir-se d'um modo que sopitou o jovial barão em tragica seriedade.

« Não me responde... não me anima, cavalheiro? Illuda-me, se mais não pode... inscreva-me no cathalogo das suas perseguidoras, mas dê-me uma delicada esperança de lhe tirar com os

meus suspiros, uma faula das cinzas do coração dessa dessolada Carthago sobre que eu venho chorar, como Pompeu.

'V. exc.ª zomba de mim?

« Por todos os sanctos e sanctas da corte celestial, presentes e futuros, como dizem os hespanhoes, juro que não acho em v. exc.ª uma pessoa de quem se zombe. Fallo-lhe uma linguagem figurada... já lhe disse por que... vivi no Oriente, sentei-me na base das piramides ouvindo os contos arabes; pernoitei na cabana dos indios, ouvindo o *Ramayan* e o *Maha-Barat*; sentei-me nas areias do deserto, como Agar, perguntando ás caravanas a significação daquelle hymno do sirôco, palavra eterna de maldição que rebôa nas plagas infinitas do sólo amaldiçoado... A minha vingança rugia aqui dentro como a onda abrasada do simoun... A victima buscava o algoz entre as féras da Libia...

O barão, que, pouco antes, não entendera as subtilesas da lingua franceza, confessava ingenuamente que não entendia melhor as da sua patria se quizesse ser franco. Esquecida da pessoa com quem fallava, pessoa cujo quilate intellectual, em poucos minutos, avaliára, a duqueza ia cedendo á expansão, imperiosa necessidade do talento, ao desafogo d'uma dôr, que pode esconderse com artificios de amargas ironias; que pode aturdir se na embriaguez d'um affectado cynismo; mas que tantas vezes desmente a arte, exhalando-se em trans-

portes de eloquente amargura!...

Elevara-se, e quando reparou na fysionomia boçal do barão, que por ventura exprimia assim a sua admiração por tudo que lhe era imperceptivel, a duqueza arrefeceu, desceu da tragedia para a farça, e afivellou a mascara que por pouco lhe cahia, na presença d'um espectador ignobil para compenetrar-se do sentimento d'uma grande dôr.

« Acha-me bem fastidiosa com as minhas *reveries*, senhor barão, não é verdade?... E' necessaria muita paciencia para aturar uma mulher meio homem, meio litterata... Somos ridiculas aos olhos dos entes positivos, despoetisados, e incombustiveis, como o amyantho, por mais que os toquem as faiscas do coração de mulher, como eu tenho a desventura de ser... Gosta de mim, senhor barão?

Esta pergunta de improviso, especie de disparate com que a duqueza fechou o periodo, atarantou o fidalgo, a ponto de lhe roubar provisoriamente, a correcção da frase portugueza, e mais ainda o dom de articular as poucas palavras com que se recolhera da emigração, que lhe esterilisava os conhecimentos exportados da patria; e, sobre todas as perdas, o espoliára lastimavelmente do senso commum. José Maria de Sá, um dos primeiros barões do seu apellido, foi a preexistencia profetica de todos os outros.

« Não me responde?! — tornou ella, decifrando as revoluções que se alternavam na fysionomia

grutesca do barão. — O seu silencio, cavalheiro, não é delicado. Franquesa: gosta de mim?

' Se gosto de v. exc.ª!... Devora-me o ciume, como não hade ser palpitante o meu amor

« Não me capacito... Desconfio sempre das paixões que fazem estylo. Acho que a pequenez do amor está na rasão inversa da grandesa das palavras. Simplifique as suas respostas, snr. barão. Gosta de mim?

' Immensamente.

« Ahi está uma palavra muito grande!.. Assim, não quero. Tenho scisma com os adverbios... Não fuja do verbo da pergunta. Terceira vez: gosta de mim?

Como quer que lhe responda?.. Não ha linguagem humana que responda convenientemente a tal pergunta.

« Pois não ha? Ora, barão, pergunte-me se gosto de v. exc.ª

' Gosta de mim?

« Gosto. Aqui tem!.. Ha lá nada mais natural? Ja sabe como eu quero o estylo em materias d'amor. Outra pergunta: que quer de mim?

' Adoral-a, amal-a eternamente; beijar humildemente os seus vestigios, dar a ultima gota do sangue pelos seus suspiros, contemplal-a extaticamente...

« Tres adverbios que sommão deseseis sillabas! Não ame assim, snr. barão. Não vê que tudo ca-

minha para o espiritualismo ? Subtilise as suas frases, espiritualise-as, basta de materia o indispensavel... Que quer de mim ?! Não responde !.. Não me quer nada !.. Ora vejam que amor tão frio !.. Nem tanto espiritualismo, cavalheiro... Pecca pelo extremo !.. Se me dissesse francamente que me queria fazer sentir o ardor do seu sangue, as palpitações das suas arterias, o aroma dos seus suspiros, as lucidas cambiantes dos seus bellos olhos... eu diria que o estylo é uma bonita maneira de encobrir certos pensamentos que não tem estylo nenhum pelo menos authorisado nos bons classicos francezes e portuguezes. Ora agora... amar-me *eternamente*, beijar os meus vestigios *humildemente*, contemplar-me *extaticamente*, tudo isso, alem de ser impossivel no estado actual do coração humano, é uma promessa assustadora, e um futuro insupportavel que me annuncia. *Amar eternamente* !.. Deus nos livre disso, não ha amor que resista a vinte e quatro horas de fylosofia ! Eu de mim não acceito o programma; se promette amar-me tres dias...

' E' impossivel !.. Abandone-me ; mas eu hei de amal-a em quanto sentir no coração uma gota de sangue !

« E' sanguinario, barão ! Ja me fallou em sangue duas vezes !.. Adopte uma linguagem mais pacifica. Não gosto de Catões no amor. O sangue será muito proveitoso nas funcções da vida animal ; mas no nosso caso, dispensa-se. Acho-o até prosaico...

O barão abria a bocca, e franzia a testa. O que elle exprimia com semelhante careta, não saberemos nós dizel-o, nem a duqueza o saberia. Escarnecido, rediculisado, victima sem consciencia d'uma vingança que a ultrajada amante de Alberto de Magalhães estava exercendo, o barão decerto não ouvira o rancoroso epytheto de « miseravel » que a duqueza rosnara, quando elle lhe disse que Eugenia contava com a lealdade de seu marido, e não receava que as estrangeiras infelizes lhe questionassem a posse.

Por fazer justiça á duqueza de Cliton, não duvidamos affirmar que o miseravel barão não seria de certo um holocausto digno da sua vingança, se ella tivesse que fazer. Devemos aceitar-lha como divertimento, ou capricho, a zombaria que pesava sobre o fidalgo, zombaria cruel que devia rematar por uma orginalidade, que ainda não vimos contada em algum romance, e cuja publicidade estava reservada para nos.

« Deveras prosaico — prosseguiu ella, dando-se uns ares de nauzea, que afundavam ainda mais as rugas da testa do leão, mudado em bode expiatorio — Senhor barão! ahi vai um rasgo de caracter, que faz honra ao meu sexo, e á minha patria. Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos, como disse um meu patricio.

' Eu não sou assim , madama.

« Sois !.. devieis, a estas horas, ter impedido a minha franquesa, que, pelo descostume, sempre fere, mais ou menos , o pudor d'uma mulher, ainda que ella seja franceza, e tenha uma cadeira das que ficaram nos salões da filha do Regente, e sympatise cordteuəmɹəecom as *cartas* theoricas de Ninon de Lenclos, e com a pratica , um pouco mais eloquente , de Marion de Lorme.

O barão, diga-se a verdade, não a entendia, e fazemos votos, por que, neste momento, a capacidade intellectual das leitoras não seja mais ampla que a do barão.

Entretanto, a duqueza, que sabia mais que todos nos, continuou :

« Franquesa, meu querido senhor barão. Amo-vos !

' Que dizeis, mulher divina ? ! — exclamou o fidalgo subitamente erguido, levando as mãos á altura comica d'um pai que vai abraçar uma filha , que julgava perdida.

« Já vo'-l'o disse... Amo-vos... Quisera ser rainha de Sabá, para vos fazer rei de Sabá, e conde de Minturnes !

' Senhora permitti que, de joelhos , vos beje a mão !

O barão de Sá , quando pedia a drammatica permissão, estava de joelhos, e esperava que a mão da divindade lhe viesse ao encontro dos abrasados

beiços, que, neste homem, não eram verdadeiramente labios. Com grande pasmo seu, a mão não vinha, nem a duquesa o mandava erguer-se.

« Deixai-me sentir o nobre orgulho — disia ella meigamente soberanna — de ver a meus pes o primeiro leão portuguez, supponho eu que o sois, nobre fidalgo da Hespanha. Não vos mando levantar, como é estylo nas tragedias de *Corneille*, por que o meu coração é soberbo, e só se rende á humildade. Gloriai-vos de ter conquistado o coração de uma mulher; que só tem a mancha de ter sido despresado pelo vosso amigo Alberto de Magalhães. E' vosso, por que elle o não quiz; mas será vosso como não pode ser de mais alguem...

Ouviram-se passos no corredor. O barão queria erguer-se da postura incommodativa, e burlesca; mas a duquesa, retendo-o, suavemente, proseguiu:

« Dou graças aos deuses tutelares por me terem encaminhado aos braços d'um cavalheiro, que...

Abriu-se a porta, e entrou o consul francez, que, ferido pelo espectaculo estranho, recuava, enfiado. O barão erguia-se vexado, quando a duquesa, soltando uma gargalhada sem nome, d'um genero novo de desconhecida zombaria, disse ao consul:

« Viestes a tempo, senhor consul, para disfructar o final do ultimo acto d'um *Vaudeville*, que este senhor representou comigo. Acabava de beijar-me a

mão, intitulando-me rainha de Sabá !...

O barão estava verde ! A transpiração momentanea ensopou lhe a gomma dos colleirinhos. No rapido esforço, que fez ao levantar-se dos pés da duquesa, rompeu a calça no joelho direito, e estalou dous botões da polaina retezada na posição, que o alfaiate não previra.

O consul fitava-o com despreso primeiro, e, com compaixão, depois que a duquesa de Cliton lhe disse :

« Senhor consul, se tendes alguma influencia nos agentes da policia de Lisboa fazei que este senhor, que me parece uma pobre pessoa, seja recolhido a um hospital de doudos !.. Forte desgraça !.. Quem vem a Portugal depara encontros extraordinarios !.. Byron appareceu-lhe um malvado que o espancou ; a mim appareceu-me um doudo...

« Tenha a bondade de retirar-se, senhor ! Disse o consul com severidade ameaçadora.

« Esta mulher é uma infame, uma prostituta, uma devassa ! — bradou o barão, fazendo ouvir um ranger de dentes, que fasia lembrar as trevas inferiores de que falla o Evangelho.

« Vedes, senhor consul ? — Dizia a duquesa — De mais a mais é furioso !.. Vou fazer entrar os meus criados...

« Retire-se, senhor... quando não vai ser obrigado a pontapés... — disse o consul, tomando o barão, violentamente, por um braço, até ao cima

da escada. Neste momento a duquesa olhava para a porta, e viu recuar o consul, tangido por um prodigioso murro que o estendeu no meio da salla. O desarvorado dyplomata apalpava cuidadosamente o naris fracturado, quando o tylburi do barão de Sá entrava na rua de S. Paulo, mui de vagar.

Fiquem sabendo que o tolo, na opinião publica, sabia dar, a proposito, murros sublimes, verdadeiramente portuguezes. Honra lhe seja feita!

VIII.

Alberto de Magalhães, que affrontara imperterrito as borrascas da variada existencia, sentira-se pequeno, vil, esmagado pelo abalo que lhe fizera na consciencia uma mulher, que reputara despresivel como vingadora da sua deshonra; mas respeitavel como insidiosa intrigante.

Ha homens desamparados, sem um amigo, sem um recurso, impellidos de infortunio contra infortunio, despresados pelos olhares da sociedade, mordidos pela propria consciencia, finalmente, sós com a sua vergonha e o seu remorso. Estes, expulsos de todos os braços, segredados da convivencia dos grandes e dos pequenos, nutrindo-se do seu proprio fel, experimentando em cada novo dia uma affronta nova, não podem considerar-se inteiramen-

te abandonados, se entre mil mulheres que os despresam ha uma só que os acolha com a familiaridade do amor, com a confiança da estima, acolhimento inefavel á semelhança do ceu no remate de tormentosas penas. Ha destes homens, e Alberto de Magalhães, quando desceu as escadas da duqueza de Cliton era um homem assim.

Fulminado, com um volcão na cabeça, com todas as paixões acumuladas, sem respirar nenhuma, o pensamento unico, a unica elevação pura de sua alma, o nome e a imagem que lhe vieram á superficie das fezes amargas, que lhe não cabiam no peito, foi Eugenia. Diante de seus olhos estava o vulto repulsivo da duqueza, vomitando imprecações, cuspindo-lh'as na cara como frechas de lume, accusando-o de crimes appensos á sua vida de corsario, assoberbando-se do segredo com que parecia ameaçar-lhe a reputação em Lisboa, onde tanta gente anciava descortinar o segredo da fortuna delle.

Apar do demonio, afigurava-lhe a imaginação atormentada a imagem do anjo. Eugenia era a unica pessoa, que vivia da sua vida. Só ella o absolveria dos criminosos conflictos que ennegreciam a historia da sua inexgotavel riquesa. Uma só pessoa do mundo, Eugenia, cahiria com elle ao abysmo da deshonra. Com o peito pequeno para os saltos do coração, o terror na face, e a cabeça esteril de recursos, Alberto de Magalhães desafogava nos braços de Eugenia, como creança ressentida, a mais

varonil, a mais dilacerante das torturas humanas. A mulher, perante quem o corsario quizera ser um rei, saberia brevemente que seu marido fôra um ladrão, no mar, e adquirira á custa de ouro os arminhos d'uma impostura, infame mascara que lhe afivelara nas faces a ella, para, que ao mesmo tempo, a saliva da deshonra cuspisse em duas caras descobertas.

Eugenia, aterrada do silencio com que Alberto a tomára nos braços, sentindo-lhe as precipitadas pulsações do coração, vendo-lhe lagrimas impossiveis nos olhos de tal homem, prssentiu uma grande desventura, e não ousou interrgal-a.

« Alberto... nada te pergunto... — lhe disse ella, sorrindo e chorando — Sei que somos muito infelizes. Assim devia ser. Era impossivel que isto durasse muito. No mundo não ha felicidade. Paciencia, filho; recebamos os golpes da Providencia, com resignação, mas abraçados, sejam elles quaes forem. Colhemos as flores... colhamos agora os espinhos... Bem sei... Aquella mulher atormenta-te... sei tudo...

' Sabes tudo?!

« Adivinho tudo... O amor faz a gente profeta... Ha uma ligação de vida e de morte entre ti e aquella mulher...

« Não é assim, Eugenia... Eu já te disse... esta mulher, o mais que pode é quebrar a quietação deste goso que principiou, ha tão pouco tempo, na minha trabalhosa vida... Veio a Por-

tugal depois de me seguir o rasto, quatro annos. Encontrou um padre, que lhe deu signaes certos da minha existencia. Este padre, Eugenia, suspeitas quem seja este padre?...

'Padre Diniz?!

« Não pode ser outro. Um padre portuguez que encontrou em L'Hasse, passando para as missões, não pode ser outro. Vês o contacto daquelle homem o que é? Tudo que rossa por elle, cai em terra. Foi elle que o disse... Traz comsigo o contagio da morte; esta mulher impelliu-a elle para aqui...

'Ó Alberto!... crês que o padre fosse nosso inimigo?!

« Não. Era amigo do conde de Sancta Barbora, de D. Pedro da Silva, de D. Angela de Lima, de D. Anacleta, de tua mãi, de D. Francisca Valladares, devia sel-o de seu pai... e onde estão os amigos de Sebastião de Mello? São seis mortalhas... E' nosso amigo, eu sei que o é; mas padre Diniz é o instrumento cego de Deus; dá um osculo de amor, e traz o veneno da morte nos labios; prepara para os seus amigos um leito de flores, e a sepultura está por baixo d'ellas. Foi elle, Eugenia, é impossivel que não fosse... Não deixei vestigios meus em parte alguma do mundo. Ninguem soube a minha nação, porque eu fallava todas as linguas, ninguem descobriu no mar a esteira dos meus navios, por que... ninguem ousou perguntar quem ia dentro delles... Só um homem, superior, tocado por Deus ou por Satanaz, poderia

apontar-me, e dizer: « o homem, que procuras, está em Portugal, e chama-se Alberto de Magalhães. »

« Seria elle, meu filho, mas evitemos a desgraça, se é possivel... Que receias?

' Já te disse que tudo por ti...

« Pois seja por mim... Poupa-me, Alberto; por que, se me matam...

' Se te matam?!...

« Sim... perdes uma verdadeira amiga... Todo o teu ouro não te dará um coração similhante ao meu...

' Matarem-te, Eugenia!... Quem?!... Que Deus ou que demonio pode tanto! Onde está o poder do ouro e do punhal que consinta inimigos em redor de ti!... Insulto a Providencia covarde, e todas as legiões de demonios!

Eugenia, se tivesse conhecido *Come-facas*, ou *Barba-Loira*, ou *Tobias Navarro*, no momento em que estrangulava o anão da duqueza, ou Alberto de Magalhães arremessando ao Tejo D. Martinho de Almeida, não recuaria, como aterrada da ferocidade que brilhava nos olhos de seu marido. A allucinação fizera-o levar a mão ao lado esquerdo, e comprimir o punho d'um ferro, no momento em que pronunciou a palavra *punhal*. Eugenia vira-o sempre alegre ou melancolico, mas em ambas as paixões dominava a suavidade das indoles boas. Aquelle aspecto era-lhe novo. Pareceu-lhe como transfigurado pela cólera n'um desses capri-

chosos tyrannos, que a pintura da idade média idealisou pelos trassos moraes de Nero, ou Caracalla. Organisação fina, e de mais a mais espiritualisada pelo amor, e minorisa pelo habito de ouvir suspiros, e não rugidos, Eugenia soffreu um receio, que lhe coagulou o sangue... A tremer, encarava-o indecisa, e no passo da surpresa não ousava tocar-lhe, por que tinha ouvido dizer a seu marido que tivera horas, nesse tempo, de appetecer uma embriaguez de sangue do genero humano. Se, em alguma dessas revelações, lhe perguntara a que attribuia elle esses accessos, Alberto respondera-lhe: «a um defeito de organisação adulterada pela sociedade, que fazia os infames, e mandava-os subir ao cadafalso.» Estas respostas eram precedidas de tristeza, e seguidas d'um beijo que parecia a ultima respiração d'um ar envenenado que lhe dilacerava os pulmões. Este lance, porém, era muito diverso dos outros.

Fatigado das contracções nervosas, que vieram depois da apostrofe enfurecida, Alberto cahiu extenuado sobre uma cadeira, e anciava como se viesse de luctar braço a braço com um gigante.

Eugenia approximou-se, silenciosa, e affastou-lhe os cabellos da testa. A mão ficou-lhe humida de suor frio.

'Vai passando, Eugenia... — disse Alberto, tomando-lhe a mão, que levou aos labios — Abençoada sejas, minha filha, que reprehendeste a colera vertiginosa do homem sanguinario, com o teu silencio.

Nunca mais me digas que te matam; porque em mim ha o homem que obedece ás fatalidades, e o tigre que salta por cima dos vermes, que o rodeam. Eugenia! vai entrando no abismo do meu caracter. Se tenho alguma qualidade boa, dêvo-t'a. Se me vejo sem ti, com força no braço, e a ferocidade no coração, morrerei afogado em sangue... Alterram-te as minhas palavras... Bem o vejo... D'aqui a minutos, seremos felizes...

« Deus o permitta, Alberto...

' *Deus*!.. Pois sim... seja Deus que o permitta...

« Quando retiramos de Portugal?

' Brevemente... não sei em que dia: mas não é possivel ser ja...

« Se o fosse... ainda que custasse todo o ouro, que nos rodea, e que é de mais na nossa felecidade...

' De mais, filha... sim... *de mais*... disseste uma verdade, cuja extenção nem tu conheces... E' justamente este ouro, que me tem aqui preso uma hora... e quantas serão ellas!.. São cadeados de ouro, que me amarram a um poste de ignominia...

« Que dizes, Alberto?..

' Nada... um desvario da minha cabeça perdida...

Não era um desvario. O pensamento de Alberto, occulto a sua mulher, era muito discreto. Lembrava-se de que a duqueza de Cliton, se elle se reti-

rasse repentinamente de Portugal, propalaria, quaesquer que fossem os documentos com que podesse justifical-o, o boate dos infames precedentes de *Barba-Roixa*, conhecidos d'aquella mulher. E' o que devia demoral-o em Lisboa; do contrario, os cabedaes immensos de Alberto, quasi todos no banco de Inglaterra, não precisavam de espaço para a sua liquidação.

Reanimado por qualquer idea salvadora, Magalhães sahiu, a pretexto de appressar a sua retirada.

A sua carruagem parou á porta do Izidro. Apeando, Alberto reparou n'um homem, que vinha descendo, quando elle subia as escadas da duqueza. Este homem occultara o rosto, e, protegido pela tibia claridade do crepusculo, passou por Alberto, como quem receia ser conhecido.

' A senhora duqueza? — perguntou a um creado.

« A senhora que v. exc.ª hoje de manhã procurou?

' Sim.

« Sahiu.

' Quando?

« Não ha dez minutos.

' Naturalmente era um vulto, que me pareceu um homem, que encontrei, quando subia.

« Não, senhor. Esse vulto era um homem que jantou hoje com a senhora... duqueza... eu não sei se é duqueza... seja la quem for...

‘ Seria o barão de Sá ?

« E' pessoa que não conheço...

‘ Um homem da minha idade, louro do cabello, com...

« Nada, na la ; eu mal o vi ; mas o homem pareceu-me velho...

‘ A que horas costuma recolher a duqueza ?

« Não sei, senhor. Ella nunca sahiu a estas horas. Hoje vai ao theatro, e não tardará para se vestir, que lhe leva boa hora e meia, segundo dizem os creados.

‘ Foi de sege ?

« Sim, senhor.

‘ Das me ahi um quarto onde espere por ella ?

« Pois não ... queira entrar nesta salla...

Deixemo-l'o esperar, scismando no vulto da escada, e no plano, que delineou.

Sigamos a duqueza de Cliton. A sege parou á porta de Alberto de Magalhães. A duqueza mandou-se annunciar, como uma estrangeira que desejava allar a s. exc.ª Respon leram-lhe que o senhor não estava em casa; mas que a senhora mandava subir a pessoa, que procurava seu marido.

Admiremos o caracter de Eugenia.

Quando se lhe annunciou uma estrangeira, a esposa de Alberto não hesitou um momento em crêr que a duqueza de Cliton procurava seu marido, com sinistra intenção. E não lhe viram um ligeiro signal de perturbação. Quem visse seu pai, dezoito

annos antes, dar a voz de fogo ás espingardas que deviam vomitar-lhe as ballas no peito, juraria que Eugenia era filha do bravo general.

A duquesa estava irresoluta se devia approveitar o offerecimento. Uma idéa subita fêl-a saltar garbosamente da sege.

Atravessou tres vastas sallas, e encontrou uma mulher que a impressionou, a seu pesar, extraordinariamente.

Eugenia, com a ponta dos dedos da mão direita assentes na borda do marmore de uma jardineira, e a direita, na attitude orgulhosa da estatua de Minerva indicava-lhe com soberania o sophá, em que a duqueza, cortejando-a ligeiramente em bom portuguez, se sentou

Eugenia, sem o menor tremulo na voz, abriu assim o dialogo:

Diriam a v. exc.ª que meu marido não estava em casa? Pareceu-me que uma senhora da sua qualidade não teria relações com meu marido, sem podêl-as ter comigo.

« Não acertou, minha senhora. Contrahi com o marido de v. exc.ª uma divida, antes que o matrimonio os unisse de modo que as dividas contrahidas com o esposo se considerem dividas da esposa.

« Comprehendo-a, senhora.

« Felizmente. Não terei de fatigar-me em explicações. V. exc.ª terá a summa delicadesa de entregar ao senhor Alberto de Magalhães cento e oiten-

ta mil francos, contidos nesta carteira; e visto que, se considera socia no commercio de finanças com seu marido, queira passar-me um recibo.

« Não recebo a carteira...

« E, por consequencia, não passa o recibo... E' o mesmo, minha cara senhora. Confio na pontualidade da entrega, e pesso-lhe as suas ordens.

« Queira v. exc. levar a carteira.

« Não me forçará a isso... Supponho-a delicada bastante, minha senhora, para m'a não mandar prender ao pescoço. Ora, como importa saber, quem deixa este dinheiro, eu vou deixar aqui o meu nome...

« E' occioso, senhora duqueza de Clifton.

« Ah! conhece-me... E' muita honra, senhora D. Eugenia. Em todo o caso, deixarei um bilhete de visita... Que pena! Não trago nenhum no meu dispensavel!... Não importa... ha um meio em recurso extremo.

A duqueza tirou um lapis, chegou em passo de rainha de tragedia á parede, e escreveu:

MA'NEL, THA'CES, FHA'RES.

D. Eugenia reparou, e riu-se.

« Achou galantaria nos meus apellidos? — perguntou a duquesa, persuadida do riso ignorante de Eugenia.

« Galantaria, não; parece-me ridicula a sua mão, querendo arremedar a mão de Deus no festim do rei de Babilonia!

E continuou a rir-se com a mais pungente zombaria. A duqueza enfiou.

' Ria, senhora ; mas imagine aquellas lettras escriptas com sangue, e não com fogo...

« Isso é muito bonito em romances , senhora duquesa ; mas aqui... repare... uma pouca de saliva e uma luva faz desapparecer a sua legenda.

Eugenia cuspiu no letreiro, e com uma luva deixou apenas uns laivos escuros.

' Acho-a sublime , senhora ! Vejo que é a legitima metade d'um Corsario ! Já dansou sobre as vagas do mar ? Já assaltou, de punhal na mão, a amurada d'algum navio mercantil ?

Eugenia não comprehendeu a pergunta da rival; mas empallideceu.

' E' pena que nascesse em tão pequena terra! — continuou a duqueza, contando com o triumpho, que lhe fugia. — Mulheres assim, corajosas e desenvoltas, devem respirar por mais largo. No mar são infinitos os horisontes, e as emoções estrepitosas. Nobre dama, a quantas abordagens felizes acompanhou o intrepido Barba-Roixa ?

« Não a comprehendo , senhora ! Poupe-me o desgosto de a mandar sahir...

' Pois sim... sahirei, primeiro, delicada senhora !... V. exc.ª sahirá depois com os olhos fixos naquelles trassos negros... E' preciso que a mulher de Balthasar abandone ás chammas os seus reaes aposentos.

A duqueza sahiu. Eugenia entrou rapida no seu quarto, e cahiu de joelhos, a chorar, diante da imagem de uma *Nossa Senhora*, que sua mãi lha

dera, e recommendára como protectora nas suas maiores afflicções.

IX.

Alberto, alguns minutos depois que entrára na sala do Izidro, esperando a duqueza, recebeu da mão d'um seu criado da carruagem uma carta.

' Quem te entregou isto?

« Não conheci, senhor; era um homem que não deixava vêr um bocado de cara; parece-me que era o mesmo que descia as escadas quando v. exc.ª subia.

' Elle espera resposta?

« Não, meu senhor: retirou-se logo.

A carta continha o seguinte:

Alberto de Magalhães retire-se desta casa. Evite encontrar-se com a duqueza de Clifon. Não pense dous minutos, depois que receber esta intimação. Vá hoje infallivelmente ao theatro.

A letra era-lhe desconhecida; embora: ninguem, que não fosse uma personagem muito interessante no drama, que ia correndo, escreveria semelhante carta. Força sobrenatural obrigava-o a respeitar a intimativa de tal ordem. O temor de pequenas cousas faz as grandes superstições. Alberto retirou-se. Entrando na carruagem sentiu o rodar d'uma sege. Palpitou-lhe o coração que a duqueza vinha alli; mas o preceito anonimo mandava-o evital-a. Seguiu a rua opposta, e entrou

em sua casa, menos exaltado que de manhã, mas muito mais maravilhado da figura mysteriosa que apparecia annexa ao plano anniquilador da sua felicidade.

Eugenia, contra o seu costume, não veio encontral-o com o beijo carinhoso da saudade.

' A senhora? — perguntou elle.

« Está no seu quarto. Deu ordem que a não chamasse, se entrassem visitas.

' Deu-se algum acontecimento em quanto estive fóra?

« Veio aqui uma senhora estrangeira. Demorou-se poucos minutos; e logo que ella sahiu a senhora D. Angela entrou no quarto, e levava os olhos rasos de lagrimas...

' Vá dizer lhe que preciso fallar-lhe; se me dá licença que entre no seu quarto.

Eugenia, por ventura absorta nos pensamentos que a faziam chorar, não ouvira a carruagem. Quando a criada lhe deu o recado de seu marido, que não esperava tão cedo, correu a abraçal-o, exclamando:

' Tu aqui!.. Estava pedindo á mãi de Deus que te acompanhasse...

Entraram no quarto. O leitor suppõe as revelações que Eugenia vai fazer a seu marido. Deixemos Alberto nessa dolorosa provação da sua coragem moral; nesse martyrio, sem nome, que a palavra *Corsario*, pronunciada por sua innocente mulher, lhe fará soffrer.

Vamos á residencia da duqueza de Cliton, que, ha momentos, se recolheu.

Quando a criada vinha ajudal-a a despir os enfeites incommodativos, foi repellida.

' Deixa-me!... — bradou ella, atirando-se ao canapé, e arrancando a pedaços as luvas, que não sahiam promptamente das mãos. Tregeitava com os olhos, com os labios, com os braços, e com as pernas. Parecia assallada por uma legião de insectos, que a mordiam em todas as fibras. Possessa de rancor impotente, crusando a sala a passos largos, parando um momento para redobrar os impetos, fazendo estalar os nós dos dedos, e fremir os suspiros que lhe não cabiam no peito archejante, a vaidosa duqueza accusava a sua propria cobardia, por ter deixado incolume a mulher de Alberto de Magalhães. Indecisa se devia tentar outra vez a entrada em casa della, resolvera-se pela ida, escondera duas pistolas na algibeira interior d'uma murça de pel de tigre, e levantava o fecho da porta, quando a porta se abriu por mão exterior. A duqueza recuou primeiro, depois, reconhecendo a pessoa que lhe impedia a sahida, offereceu-lhe a mão:

' Não vos esperava agora... — disse ella, sentando-se. — A vossa vinda é uma providencia, ou uma desgraça...

« Vejamos qual das duas missões devo acceitar... — disse o vulto desconhecido de Alberto de

Magalhães, deixando cahir a capa dos hombros, e recostando o cotovello á cadeira da duqueza.

‘ Quero uma vingança!...

« Já sei que é esse o vosso pensamento, senhora duqueza.

‘ Mas quero-a prompta, hoje, e já.

« Augmentaram os estimulos desse odio implacavel?

‘ Exasperaram-m'os!... A mulher de Alberto insultou-me com sarcasmos... Quiz beber um golo do fel, que o infame me verteu no coração... ha-de bebel-o...

« De que modo, senhora duqueza?

‘ De que modo? Não sei... o odio me aconselhará...

« Não tencionaes disparar uma pistola no peito do marido?

‘ Sim.

« Que mais quereis? Se privasseis da vida a viuva, em vez de vos vingardes, far-lhe-hieis uma esmola, por que Eugenia ama esse homem com delirio.

‘ Tendes razão, senhor!... Não tocarei nessa mulher... mas a minha vingança quero-a hoje. Sabeis a historia dos meus padecimentos... é preciso que eu tenha uma hora de felicidade... estou suffocada: sinto aqui na garganta uma corda, ha cinco annos... quero respirar...

« Respirai. O perdão das injurias é uma respiração; mas essa não vos aconselho eu. A Pro-

videncia de Deus tem seus tribunaes na terra. Vós sois o algoz que recebeis o cutello da mão providencial.

' Eu não cumpro designios da Providencia... Vingo a morte de meu irmão, que foi morto quando salvava a minha honra.

« E, comtudo, o sangue de vosso irmão não lavou as nodoas do vosso caracter...

' Não: e que importa isso? Que me importa a face que tenho voltada para o mundo? Despreso com todo o asco a opinião publica. A minha consciencia é que me dá preceitos, as nodoas que tenho, e que me vêdes, não as póde lavar o sangue de meu irmão; mas veremos se tranquilliso a consciencia com o sangue do assassino covarde...

' Alberto de Magalhães?

« Sim!... e quero que seja hoje...

' Seja hoje.

« Aconselhai-me, já que viestes seguindo os meus passos para dirigir as minhas tenções.

' Não me dissestes, duqueza, que o vosso odio vos aconselharia?

« Pois então de que me servis?

' Acompanhar-vos-hei.... e quando o vosso braço fraquear...

« Conto com o vosso? Não precisarei. As minhas pistolas são boas, e a pontaria é infallivel.

' Quereis um conselho?

« Direi... senhor... ia-me enganando... nem a sós comvosco, devo chamar-vos pelo vosso nome?

' Não?

« E o caso é que vos obedeço prodigiosamente.

' Naturalmente aos cabellos brancos.

« Não sei... Vos tendes na fysionomia um sello sobre-humano. Conheço-vos, viavos ha seis mezes; conheço-vos ha tres dias, e penso que estou debaixo d'uma influencia magnetica ha muitos annos...

' No vosso caracter, duqueza, é uma maravilha, que me faz honra... Reparai bem que sou um homem, pouco mais ou menos, organisado como o barão de Sá... O que tenho mais que elle... são os annos, o sangue arrefecido, a cabeça quasi como o coração...

« Mas... eu não comprehendo isto!..

' O que, duqneza?

« O interesse, que tomais na minha vingança...

' Não tomo nenhum.

« Nenhum? Cada vez sois mais problematies!...

' Aconselho-vos, e mais nada. Nem ao menos tenho o interesse do advogado que aconselha o seu cilente...

« Mas, em tal caso, deverieis aconselhar-me para o bem...

' Que chamaes vós *o bem*?

« O perdão das injurias.

' Escarnecerieis-me, e os vossos creados não me deixariam entrar na vossa casa, segunda vez.

« O que devo então pensar? Que quereis a minha gratidão d'uma maneira ou da outra?

' De nenhuma.

« Por Deus! isto parece-me um trocadilho de frases... Que misterioso homem sois! Dizei-me, por quanto ha: devo julgar-vos a pessoa que encontrei, ha seis mezes?..

' A mesma pessoa.

« Com outras ideas?

' Com as mesmas ideas, e seis mezes de mais. Resumi as vossas perguntas, que se faz tarde.

« Tarde!.. para que?

' Vesti-vos.

« Que me vista!.. onde vou?

' Ao theatro.

« Com que fim?

' Vereis Alberto de Magalhãas.

« Sim?

' Sim, duqueza.

« Duvido...

' Não duvideis.

« E sua mulher... irá?

' Não sei.

« E depois?

' Entrarei comvosco na carruagem, antes que a d'Alberto tenha partido. Pararemos na rua próxima da de Alberto, e apearemos.

« Depois?

' A' meia noute é cerrada a escuridão. Ninguem nos verá escondidos na esquina do palacio. Quando Alberto apear...

« Que farei?

« O que o odio, vosso leal conselheiro, vos disser.

« Agora comprehendi-vos, senhor!

« De que maneira?

« Tendes odio a Alberto de Magalhães...

« E não tenho coragem para uma vingança directa, é o que quereis dizer?

« Não digo tanto...

« Pensai o que quizerdes, duqueza.

« Seja o que for... a vingança é minha! Se quizesse recuar, não poderia, depois que vos ouvi... Sois imperioso... esperai que eu me vista. . . . .

A duqueza sahiu, e deixou a murça com as pistolas sobre a jardineira. O confidente do assassinio, viu as pistolas uma a uma, vollou as costas para a porta donde podia ser observado, e esteve assim alguns minutos.

Nessa noute, as aias não tiveram senão que admirar a rapidez do toucador da duqueza de Clinton. Voltando, encontrou o seu hospede sentado, profundamente destrahido comsigo, se o julgar-mos pela immobilidade em que a cabeça, entre as mãos, se conservou.

« Prompta! — disse ella, e foi tirar as pistolas da murça. Ergueu os perros varonilmente, e trocou por outros os fulminantes.

« Sois prevenida, senhora duqueza...

« Achaes?

« Não vos falta o menor ademan d'um jogador de armas.. Sois a Judith dos tempos modernos...! A

França dá todos os seculos uma Joanna d'Arc...

« Acceito a comparação... Vamos?

« Ide. Eu vou a pé. Não entro no theatro. A' sahida encontrar-me-heis á portinhola da carruagem.

« Ai que loucura! — exclamou a duqueza — eu não mandei tomar bilhete de camarote!..

« Esqueceu-me darvo'l-o, senhora. Está aqui numero 10 da 2.ª ordem.

A duqueza acceitou, maravilhada. Desceram ambos, e separaram-se no pateo do hotel. . . . .

. . . . . .

X.

Quasi simultaneamente chegavam duas carruagens, e abriam-se dous camarotes, em S. Carlos. N'um entrava a duqueza de Cliton. No outro Alberto de Magalhães, e sua mulher. Os oculos encontravam-se ao mesmo tempo; depois, desceram da posição observadora, para nunca mais se encontrarem.

Eugenia recebia, como sempre, affavel e desvellada as visitas successivas. Cortejava com o seu sorriso de encantadora sympathia os cavalheiros da platea, que porfiavam em merecer-lhe uma dessas frivolas attenções, mais para reparo dos seus visinhos, que para gosto seu. As damas dos camarotes acenavam-lhe com os leques, e por acenos lisongeavam-lhe o gosto do seu penteado de canutilho de trancinhas

enfloreadas, que era o supremo luxo das damas de 1836.

A leitora não admira tanto o gosto do penteado, como a paciencia de Eugenia em alindar-se caprichosamente, na mesma noute d'um profundo abalo à sua tranquilidade, e d'uma formal ameaça á vida de seu marido. Duas palavras d'um bilhete anonimo explicam tudo. Como viram, Alberto entrou no quarto de Eugenia. Ouvira, em poucas expressões arrancadas como gemidos, a apostrofe sanguinaria da duqueza. Cahira, a seu pesar, n'um profundo abatimento de que sua mulher tentava salval-a. Era esta a dolorosa situação de ambos, quando um creado, fora do quarto, pedia que lhe recebessem uma carta que devia ser immediatamente entregue.

Eugenia tremeu de encontrar n'aquella carta a revellação d'um novo infortunio, se podia havel-o; mas recebeu-a com anciedade, e entregou-a a Alberto.

Continha isto: *Filha de Antonia Mascarenhas, não tremas pela vida de teu esposo. Vai passando a nuvem. Sorri a novos dias de felicidade.*

A letra desta carta era semelhante á que Alberto recebera no hotel. Como a voz d'um anjo invisivel, que falla em nome de Deus, aquellas palavras levaram a convicção ao espirito de ambos. Um nome passou de relance pelo coração de ambos; mas não ousaram proferil-o. Era impossivel!..

Padre Diniz áquella hora devia estar no Japão... Era, talvez, um milagre!... Um enviado da mãe de Eugenia!... Esta piedosa idea tocou a supersticiosa intelligencia da esposa de Alberto; mas, tão extraordinaria lhe parecera, que não ousou communical-a a seu marido, quasi sempre armado d'um sorriso de incredulidade para as chimeras espirituaes da visionaria de Cintra.

Alberto devia ir ao theatro: o preceito, depois que viu a segunda carta, parecia-lhe inviolavel. Eugenia queria acompanhal-o, sentia um dobrado prazer de encontrar-se face a face com a furiosa rival; precisava de ferir-lhe o amor proprio, juntando á liberalidade da natureza quantas a arte podia inventar-lhe. Foi, e nem um signal de soffrimento, nem um instante de melancholia lhe notaram. Era tudo, naquella fysionomia, irradiação de jubilo, e, naquelle corpo de fada, resplendor de rendas, de ouro, e de brilhantes.

Não assim a duqueza de Cliton. Os seus bellos lhos mergulhavam n'um abismo cavado pela imaginação procellosa sobre a turva dos frivolos, que, naquelle instante, contemplavam uma linda mulher, que, mal diriam, meditava um assassinio, realisado poucas horas depois. Pallida, mas por isso mais á feição romanesca dos espectadores, a duqueza nunca dera tanto nos olhos, nem incitara tanto o appetite de ser conhecida.

O barão de Sá, que fôra victima, mas victima que déra um gentil sôco nas ventas audaciosas do

consul de Luiz Philippe, estava contente na platea, cercado de bons esturdios, contando a seu modo a aventura extranha, dominando a gargalhada ruidosa que perturbava o espectaculo, e recrudescendo a sua vingança a ponto de capitanear uma bateria de binoculos assestados na livida duqueza.

O cavalheiro do Porto, que mettera em semelhantes entalas o barão, era o mais estridolo nas risadas, applaudindo-se da sua obra, e compromettendo-se a provar ao barão que a estrangeira da aventura continuava a ser rainha de Sabá e condessa de Minturnes. Novas gargalhadas, novas observações, chasco d'aqui, agudeza de acolá, attenção de todos, e sobretudo o indispensavel *sio* dos pacificos burguezes, que tinham em resposta um « fóra, parvos! » ou outra equivalente amabilidade.

Alberto de Magalhães observava do seu camarote as affrontas directas á duqueza. Eugenia acompanhava-o nesta analyse, e murmurou ao ouvido de seu marido:

' E' com ella?

« E'.

' Por que?

« Não sei... Vejo que o motor principal é o barão de Sá.

' Acho aquillo infame.

« Decerto.

Esta ultima palavra foi dita já fóra do camarote. Alberto entrou na platea: o oculo da du-

queza acompanhou-o até ao grupo dos que a insultavam, e a tinham obrigado a esconder o rosto com o leque, e ao vêr que elle se associava aos outros, temeu verdadeiramente, e retirou-se para o fundo do camarote, soltando uma risada nervosa, um como rugido de hyena, quando chega a hora de sevar-se.

Entretanto, Alberto parou defronte da duzia de cavalheiros, que lhe prestaram attenção, e se gloriariam de merecer-lhe um sorriso, se elle o tivesse para a sua galhofa.

« Sois uns miseraveis covardes, senhores! Insultaes uma dama, que não tem um homem no seu camarote. Olhem que deshonram suas irmãs, abrindo o exemplo!

Se levantasse um pouco mais a voz, poderia ser ouvido no camarote da duqueza. Resposta, nem um monossilabo! Realmente os folgados mancebos não eram tão valentes como espirituosos. O proprio barão de Sá, que fôra feliz na ultima refrega, não tinha confiança em si, nem esperava dar mais, na sua vida, um segundo sôco do calibre do primeiro.

Alberto retirou-se placidamente, sem lembrar-se de que o somno do dia seguinte poderia ser-lhe perturbado por algum cartel.

Nunca mais viera á frente do camarote a duqueza. A indignação contra o barão de Sá, e seus sequases era geral. A authoridade, se não receasse algum bofetão, decerto interviria no escandalo; mas,

na turba, avultava o commandante d'um corpo, e a espada naquelles dias cheirava ainda a sangue, perfume que revolta o olfato das autoridades civis.

O resultado foi encruecerem-se os olhos da duqueza. No seu apaixonado raciocinio, aquella gilhofa de barbaros fôra promovida por Eugenia e Alberto. Faltava-lhe, para completa evidencia, vêl-o a elle na roda dos miseraveis aduladores do ouro do corsario. Logo que o viu, os seus olhos não podiam vêr mais, precisavam retrahir-se á uma scena infame. Foi quando ella soltou a gargalhada, ouvida nos camarotes proximos, que liveram a leviandade de a reputarem meretriz; mas nem assim applaudiam o desfaçado insulto á desgraça. Depois da gargalhada, vieram as lagrimas, excitadas por um mixto de raiva, de orgulho, de dignidade, e até de compaixão de si mesma. Por que não se retirava do camarote aos primeiros insultos? Por que não podia quebrar uma alliança feita com o seu officioso conselheiro, interprete fiel do immenso odio que lhe fazia de cada minuto, que decorria, um seculo sem vingança. No meio do quarto acto, os da platéa inferior repararam na sahida de um homem de cabellos brancos, oculos azues, e longas barbas.

Findou a opera. A duqueza de Cliton quando sahia do seu camarote viu um homem embuçado, hombro á hombro com ella.

« Vinde a meu lado.

Era-lhe conhecida esta voz. Quando descia, a

turba dos insolentes fazia roda no peristilo do theatro, por onde ella devia passar. O encapotado, figura célebre e anachronica depois de Veneza, e dos dramas arripiados, parou com todo o sinistro da arte defronte do grupo. Não fallou; mas a roda abriu duas alas, e a duqueza não ouviu um remoque. Poucos passos distante desta scena, estava Alberto. Quaes as suas intenções eram poderia adivinhar-lh'as quem soubesse o que, nos olhos d'elle, queriam dizer os raios de sangue. Eugenia esperava Alberto, tremula, encostada ao braço do conselheiro, que tinha dito com grande surpresa: « Oh !... esta mulher... é a duqueza de Cliton ! » e maior foi o seu espanto quando Eugenia lhe respondeu: « E'. »

A duqueza, e o encapotado entraram na carruagem.

« Vou cheia de fel, senhor !

« Sei-o.

« Presenciastes ?!

« Presenciei.

« Não me dissestes que não vinheis ao theatro?

« Vim... Segue-se que vos enganei, duqueza.

« Que é isto? — disse a duqueza vendo o seu confidente despegar umas longas barbas, e levantar das orelhas umas cangalhas.

« E' o homem com todas as suas variantes.

« Cada vez mais inintelligivel...

« Sou um geroglifico humano, senhora duqueza?

Este nó gordio hade partil-o o tumulo... — Disse elle sorrindo, amargamente.

« Então vistes o infame Alberto na roda dos que me insultavam ?

' Não vi.

« Desmentis-me, ou não reparastes ?

' Desminto-vos.

« Senhor ! — exclamou a duqueza, saltando sobre o coxim.

' Alberto fez callar os insolentes.

« Mentis !

' Mercê, senhora duqueza !.. Se me dizeis, com consciencia, que menti... confesso que não reparei.

« Dizei antes assim... e perdoai a minha exaltação...

' Affronta por affronta... não tenho que perdoar-vos.

« A minha vingança é cada vez mais legitima.

' Deixai a Deus esse juiso.

« Não me falleis em Deus !.. Eu não creio em Deus.

' Haveis de crer.

« Quem me forçará ?

' A desgraça.

« Maior desgraça do que esta ?! Qual ?

' A de vossa mãi...

« Minha mãe !.. conheceste-a ?..

' Sim.., duqueza de Cliton. . . . . .

. . . . . .

A carruagem parara na rua indicada pelo homem das barbas postiças ao boleeiro.

' Cobri-vos com esta capa, e com este chapeu, senhora duqueza.

« E vós?!

' Tenho outro chapeu, e outra capa... Apeai-vos. A carruagem de Alberto vem atraz de nós.

Apearam.

' Olhai lá... O homem, que ides assassinar, está ao pé de nós. Dentro de tres minutos deve ser um cadaver. Tendes coragem?

« Tenho!.. — respondeu ella com impetuosa energia

' Não vos treme a mão na cronha da pistola?

« Não.

' Vinde... encostai-vos a essa porta. Quando elle saltar da carruagem... desfechai.

« Para onde ides? — perguntou ella a tremer.

' Estou perto de vós.

A carruagem parou. Alberto saltara, e ao voltar-se para dar a mão a Eugenia, ouviu o estalo d'um fulminante. Quasi ao pé de si estava o vulto, que lhe batera uma pistola. Eugenia cahia desmaiada para o interior da sege, quando Alberto corria sobre o supposto assassino com um punhal. O punhal descia sobre um vulto, quando outro sustéve o braço de Alberto, ao mesmo tempo que a duqueza desfechava a segunda pistola, com o mesmo resultado. Alberto arrancava o braço da mão

que lh'o suspendera, quando ouviu estas palavras:

' Alberto de Magalhães, é uma cobardia assassinares uma mulher!

Palavras, que o fulminaram! O punhal cahiu-lhe das mãos. A convulsão do rancor converteu-se na sinistra immobilidade do cataleptico. Os joelhos dobravam-se-lhe, sem que a alma os mandasse... Arrancando a voz á suffocação da surpreza, exclamou:

' Oh padre Diniz!.. dizei-me que sois um Deus, por que é precizo adorar-vos.

E ajoelhava.

' Erguei-vos, senhor! Não pronuncieis esse nome... Alguem houve chamado assim... quem quer que foi... morreu!.. Duqueza de Cliton, se este homem devesse ser morto por vós, Deus não permittiria que eu vos encontrasse... Segui-me!.. Alberto, dizei á Eugenia que sua avó era martyr, e sua mãe uma sancta... e que os soffrimentos do mundo lhe são indemnisados em beneficio d'ella.. Adeus.

Padre Diniz guiava pelo braço um authomato, sem vontade e sem acção; era a atrophia moral, a surpresa que retrahe a sensibilidade n'um spasmo estupido.

XI.

A duqueza de Cliton, apenas apeou na hospedaria, pediu licença ao seu conductor para retirar-

se ao seu quarto, por que sentia necessidade de deitar-se.

« Sim — respondeu padre Diniz — mas sentai-vos alguns momentos neste canapé. Eu tenho necessidade de fallar-vos, e vós de me ouvir. O vosso incommodo é todo espiritual, e a cama e a solidão são o peor dos refugios para quem soffre da alma. Sentai-vos, duqueza... conversemos. Olhai para mim, que sinto uma augustia sobre natural, quando vos vejo os olhos... e eu gosto das angustias ... são o meu alimento, e recaio n'um torpor tedioso quando me faltam emoções que me lacerem a vida pedaço a pedaço. Olhai para mim, filha de Blanche de Montfort!

A duqueza estremeceu, e encarou involuntariamente a face rugosa do padre.

« Que vos pareço? que juizo fazeis deste homem que aqui está?

' Nenhum... não sei o que sois... tremo até de o saber...

« Odeaes-me?

' Porque?.. Acho que devo ser-vos agradecida porque me não deixastes morrer ás mãos daquelle homem.

« Tendes para comigo uma obrigação mais solemne. .

' Qual?

« Não consenti que o matasseis...

' Isso não o devo a vós, se é motivo de gratidão... Devo-o ás minhas pistolas que me atraiçoaram.

« As vossas pistolas foram fieis : fizeram o que podiam fazer... não estavam carregadas.

' Isso é falso... carregueias eu.

« Não é falso, duqueza, as pistolas...

' Que é dellas ?

« Estão aqui descarregadas...

' Nesse caso atraiçoaram-me... Deu-se uma infamia, que eu ignoro... Fui atrozmente enganada por alguem...

« Por mim...

' Por vós ?.. Descarregastes as minhas pistolas ?..

« Vêde, senhora, tenho aqui nesta algibeira a polvora e as ballas.

' Mas isso, senhor, é uma infamia, uma traição, uma ignominia que não tem nome !... Quem vos deu o direito de entrar na confidencia dos meus segredos para me atirar ao ridiculo ?

Padre Diniz, sorrindo, e humedecendo os labios que pareciam de repente calcinados, abriu uma carteira de marroquim vermelho, tirou uma carta, já cortada nas dobras, como escripta ha muitos annos, e offereceu-a à duqueza :

« Conheceis esta letra ?

' Creio que sim !... Esta letra... deixai-me reparar... esta letra é de...

« Fallai baixo, senhora... é justamente de quem suppondes... A assignatura desengana-vos... olhai... *Blanche de Montfort*...

' Minha mãi !

« Sim... vossa mãi... Lêde estas quatro linhas...

' Não posso !... Estou perdida da cabeça... Minha mãi morreu ha vinte e sete annos... Com que direito possuis esta carta ? Que ligações vos prendem a minha desgraçada mãi ?... Respondei, senhor. Se me dizeis que ha Deus, que ha commiseração, que ha virtudes praticadas por amor de Deus, tende para comigo a virtude de me dizer quem sois !

« Quem sou ! .. Duqueza, essa pergunta é-me feita ha mais de cincoenta annos, tenho-me consultado para responder a ella, e nunca respondi ao meu proprio desejo de saber quem sou...

' Isso é dramatico, é mysterioso, deve lisongear bastante o vosso caracter sobrenatural ; mas, na situação desgraçada em que me vejo, não acho prazer em apreciar a vossa missão extraordinaria, não quero saber por que força occulta Alberto de Magalhães vos ajoelhou. O que preciso, o que não dispenso saber é o dominio que quereis exercer sobre mim, a virtude que vos manda acompanhar cavilosamente os meus passos, e atraiçoar os meus planos.

« Ouvide as quatro linhas, senhora duqueza : *Se uma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixeis abismar-se. A infeliz é a vergontea d'um tronco corroido de vermes : serão amaldiçoados os seus fructos.*

' A profecia não se realisou ! — disse a du-

queza, recuperando toda a energia varonil do seu caracter.

« Bendito seja Deus, se a profecia se não realisou!... E eu cuidava que sim...

« Não! repito-vos que não! Resvallei n'um abysmo, mas ergui-me! Não estou desbonrada!

« Silencio, senhora!

A duqueza viu repentinamente impallidecer o padre. Aquellas duas palavras assustaram-na, como um echo dos tumulos. O velho cerrava o punho esquerdo, ao qual encostara a cabeça; mas o braço tremia, e a convulsão fazia ranger a cadeira, a que elle se encostava.

Passaram-se minutos. A situação de ambos é uma agonia superior á concepção de quem procura n'um romance avaliar o exterior dos soffrimentos sem uma sicatriz no coração.

Este conflicto é interrompido por uma criada que annuncia um cavalheiro, que precisa absolutamente fallar com a duqueza de Clifon.

A duqueza recusa-se; mas as instancias redobram. Padre Diniz, que ouvira silencioso as respostas d'ella, ergue-se n'um impeto, e abre a porta da sala. Alguem, sem outro convite, entrou atropelladamente... E' Alberto de Magalhães.

Padre Diniz recua, e deixa cahir os braços quando o cavalheiro faz menção de abraçal-o. A duqueza, perplexa e livida, presencea immovel o lance inexplicavel.

« Que quereis, senhor Alberto de Magalhães?

— perguntou o padre n'um tom severamente rancoroso.

‘ Estranho-o, padre Diniz !...

« Abreviai a vossa resposta : a quem procurais?

‘ A senhora duqueza de Cliton.

A duqueza, restaurada do primeiro turpor, evadira-se da sala. Padre Diniz disse em alta voz :

« Senhora duqueza !...

Uma criada veio dizer que a senhora não podia vir á sala.

« Bem vêdes que é inutil esperal-a, senhor Alberto. Quereis alguma cousa de mim ?

‘ Dizer-lhe, ao menos, que não mereço a aspereza com que me recebe... Que mal lhe fiz, senhor ?

« A mim... nenhum...

‘ Então... o seu procedimento é inqualificavel.

« Estes cabellos brancos não admittem uma reprehensão. A velhice, curtida de dores, tem orgulhos, senhor Alberto. Sahi da minha presença !... Espero que me não estrangulareis pelo meu *inqualificavel procedimento*...

‘ Oh senhor !... veja que me cospe o maior dos insultos!... Repare que tenho a affronta no coração e a vergonha no rosto!... Esqueça-se de que falla ao homem, que encontrou ha dezoito annos !.. Se admitte que a regeneração da virtude seja possivel... se me concede estimulos de homem, seja generoso... seja para comigo um pouco da divindade que tem sido para todo o mundo ! Accuse-

me!... diga o mal que lhe fiz!... Deus é testemunha da minha innocencia!

« Senhor Alberto... mereço-vos alguma estima?

' Estima, e respeito, senhor!...

« Não procureis mais esta mulher. Não me procureis a mim. Não balbucieis os nossos nomes. Sahi desta casa.

Alberto retirava-se, pela segunda vez, estupidamente somnambulo daquella sala. Qualquer conjectura que possamos attribuir ao que elle sentira, será sempre um esforço de analise impotente. Quando o coração é aturdido por um tumulto de oppostas ideas, o caracter exterior fecha-se, escurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiencia das dores que o homem esconde com egoismo á fria curiosidade dos estranhos. Quem poderá conceber, em lance tal, o tropel de angustias que embruteciam Alberto de Magalhães? . . . . . .

. . . . . .

Depois que Alberto sahira, a duqueza entrou na sala, e não viu padre Diniz. E' que tambem sahira para entrar em uma ordinaria *casa de pasto com dormida*, na rua de S. Paulo.

Ahi, ás tres horas da manhã, sentado a uma pobre banca, alumiado por uma véla quasi extincta, tiritando de frio, aquecendo as mãos na chamma da véla, o confidente da duqueza de Cliton acabava de escrever, no *Livro negro*, algumas paginas, de que copiamos as ultimas linhas, e não as copiamos todas porque o *Livro negro* de padre Di-

niz é um volume, que se destaca do contexto dos MYSTERIOS DE LISBOA, e será, por isso, em seguida, e separadamente publicado.

Este homem, lembre-se o leitor que o encontramos no declinar da vida, aos quarenta annos de idade, respirando no tumulo de Francisca Valladares, a freira de Sancta Apolonia, os derradeiros alentos das paixões mundanas, que deviam ter sido tempestuosas até áquella idade. Os vinculos, que o prendem á duqueza de Cliton, se não forem significados nas linhas, que vão ler-se, a biografia do homem prodigioso virá depois alumiar as obscuridades, em que se esconde um grande crime a que o levita attribue a longa expiação de profundos dissabores dos ultimos vinte annos.

A pagina, fielmente copiada, dizia isto:

. . . . . .

« Era esta a paragem que me faltava. A ultima estancia do perigrino, que se avisinhou do tumulo, é a vergonha, o ultraje devorado surdamente, a ultima palavra da condemnação proferida pelos labios dessa infeliz...

« Era forçoso que eu encontrasse esta mulher, meu Deus!

« Era forçoso que, antes de consummir o resto de vigor em serviço da humanidade, apregoando o vosso nome a barbaros, o martyrio da alma, a trituração das fibras espedaçadas, precedesse o martyrio do corpo.

« Tenho visto, Senhor! Não quereis que o meu soffrimento seja commum! Quem no futuro contar aos homens a existencia do vosso servo, terá inven-

tado uma fabula, um mytho, que apenas moverà a dôr da imaginação, e a piedade dos credulos.

« Que obscuros martyrios em velhice tão infeliz, em punição tão longa!.. E não me queixo, Senhor! Mas consenti que a victima gema, ja que lhe seccastes a fonte das lagrimas!

« Prevendo todos os flagellos, não tinha imaginado este, meu Deus! Não pensei que devia seguir os passos desta mulher deshonrada, que se vendera para remir os seus creditos em refens, hypotecando a honra por oitenta mil francos!

« Era muito!.. era nova esta augustia entre milhares de angustias que rodeam o crime, eternamente expiado!

« Perdoai-me, senhor; mas eu quiz avaliar friamente a natureza da vossa vingança! Eu vira que o meu contacto era como a mordedura do escorpião. Uma sentença de morte fora escripta no ceo para bons e maos, que sentissem no rosto o meu halito, embora os salvasse da indegencia ou do crime. Julguei que Alberto devia morrer assassinado por essa infeliz mulher; ou deveria ser o assassino da pobre, que a voz d'um tumulo, fechado, ha vinte e sete annos, me mandava salvar. Seria um decreto sobrenatural espedaçarem-se esses dous entes? Faltavam dous cadaveres para o meu cortejo de larvas?

« E resisti á providencia ou á fatalidade! Roubei a bala que devia matar o homem, que recebera Eugenia dos braços de Antonia moribunda. Suspendi o punhal que descia com a morte ao coração da... filha de Branca de Montfort!..

« Eu venci, Senhor! Elles vivem! Mas se

esta resistencia aos vossos decretos deve ser punida, que novo castigo pode inventar um Deus misericordioso! ? . . . . . .

. . . . . .

XII.

Á hora, em que estas linhas eram escriptas, a duqueza de Cliton não invocava, por que o não conhecia, o Deus das tribulações. Sosinha com a sua desesperação, enfurecia-se nas trévas mysteriosas, que adjudicavam a sua vontade a um desconhecido, que lhe impunha o preceito da obediencia, em nome de sua mãe.

Incredula, mas supersticiosa até ao absurdo, qualidade repugnante, mas inherente aos incredulos sem a segurança que dá a muitos o estudo da corruptora fylosofia dos atheus, a duqueza de Cliton, abrasada na imaginação, e talvez febril, julgou que via o espirito da sua mãe; mandando-a cegamente obedecer ao homem enigmatico, que lhe falseara a sanguinaria vingança. Excitada pela apparição imaginaria, abriu um bahu, tirou o retrato de sua mãe no tamanho natural até á cintura, collocou-o, na mesa do quarto, defronte de si, e sentou-se, fixando-o com assombro, e estremecendo a cada fremito que o seu proprio vestido fazia ouvir nas mais silenciosas horas da noute.

O retrato era um prodigio de arte. O vulto saltava da tella. Aquelles bellos olhos seguiam os menores movimentos da duqueza. As rugas d'aquella testa espaçosa pareciam contrahir-se. Os labios,

tristemente cerradas, pintavam-se-lhe tremulos na imaginação espavorida. A visionaria, muitas vezes, quiz affastar dos olhos o painel; mas, ao lançar-lhe as mãos, recuava estremecendo; e se tentava fugir para as trevas da sala já não era o retrato que a aterrava, mas sim o vulto de sua mãe, suspenso na escuridão, arrastando a longa cauda de uma mortalha branca. Era a febre; porque o sangue queimava-lhe a cabeça, e o coração batia convulso contra os espartilhos que a suffocavam.

A duqueza chamou as creadas, quiz muitas luzes, mandou-as esperar na sala proxima, e esteve, até ser dia, defronte do retrato, sem derramar uma lagrima, nem articular uma supplica. O terror supersticioso não lhe ensinava o desafogo da dor, a eloquencia de uma filha atormentada, que pede á memoria de sua mãe uma inspiração salvadora.

O creado do hotel que abriu a porta da rua, pouco depois de amanhecer, espantou-se vendo um homem embuçado, justamente o que vinha algumas vezes procurar a rainha de Sabá. Seja dito de passagem que este tolo, fiel á sympathia e identidade de indole que o prendia a outro tolo, jurou sempre nas palavras do barão de Sá, e por, conseguinte, a duqueza de Cliton, na sua opinião, continuava a ser a representante da antiga hospeda de Salomão.

Franqueada a porta, padre Diniz subiu, sem interrogar o criado, que não ousava embaraçar uma resolução assim definitiva! O mais que fez, e ninguem deve levar-lh'o a mal, foi commentar o caso de modo que a cousa mais equivoca que naquelle dia lhe amanhecera ficava sendo de certo a honra d

rai nha de Sabá. Um tal homem e a taes horas, decerto , no intender do circumspecto interlocutor do barão, não era o primeiro ministro da rainha. Para amante achava-o jarreta ; mas quem sabe se debaixo da velha capa estaria disfarçado um rei de Babionia, ou do Egypto, nações conhecidas do moço, que, ao mesmo tempo, filosofava deste modo, e engraxava as botas dos hospedes?!

A porta em que bateu padre Diniz communicava para a sala em que estavam duas criadas da duqueza, cabeceando com somno, depois que se farar am de annotar as excentricidades de sua ama, que, a acredital-as, ha cinco annos que cumpria fado, especie de Loba-mulher, ou Lubis-homem femea, se os ha, como nós sinceramente acreditamos.

A porta foi immediatamente aberta. O padre que , sem o pensar, incutia terror prestigioso nas criadas , perguntou pela ama. Disseram-lhe que passara o resto da noite a pé, e que a ouviam passear no quarto.

Davam-se estas explicações, quando a duqueza appareceu á porta do quarto, acenando ao hospede que entrasse.

Desta vez , as criadas não duvidariam cantar um terceto acompanhado de rebeca, com o moço da hospedaria...

Padre Diniz déra um passo dentro do quarto, e recuou de modo que teria cahido se o não ampara o alisar da meia-porta fechada. A duqueza comprehendeu depressa a causa do successo; mas esta comprehensão, por assim dizer, perturbava-lhe ain-

da mais as mil conjecturas em que trazia perturbado o espirito, ácerca daquelle homem.

Foi o retrato que produziu a scena inexplicavel. O padre não soltara uma exclamação, nem fizera um só dos muitos esgares que andam appensos a todas as surpresas, e que fazem as delicias dos pintores e dos actores de tragedias pavorosas. Pallido, sim, por que a pallidez era a sua côr natural; mas, além de pallido, o que poderia ver-se-lhe de mais era o brilho extraordinario dos olhos que se encravavam, pasmados e immoveis, nos olhos, não menos vivos, do retrato. Esta situação durou cinco minutos. E' de crer que, prolongada outros cinco, nem o coração nem a intelligencia podessem supportal-a; por quanto, padre Diniz, ao cabo daquelle espaço de silencioso dealogo, se o era, com a sombra de Branca de Montfort, tinha á flor dos labios um sorriso que a duqueza não podia encarar, por que tinha medo d'uma demencia, ou talvez receio d'alguma estranha visão que a sua febre lhe afigurava.

A transição, porém, é maravilhosa.

Padre Diniz lança um profundo olhar á duqueza. Estende-lhe a mão com affectuosa meiguice. Condu'l-a ao pé do retrato de sua mãi, e diz:

'Sim, Branca; tua filha será uma virtuosa mulher!

A duqueza tiritava de susto, e esforçava-se por soltar a sua mão da mão de padre Diniz.

'Quer fugir-me, duqueza? E' medo? De que, senhora?! Não foi este retrato a sua companhia até agora?

« Foi... e mais ainda que o retrato... Eu vi minha mãi... d'outra forma...

' Não diga isso, duqueza... O seu espirito é varonil de mais para essas fraquezas infantis... Sua mãi esta aqui... é justamente esta mulher... O que aqui lhe falta é um sopro de Deus que lhe dê uma alma. Essa não será restituida á humanidade que lh'a não comprehendeu, que lh'a cercou de trevas e desalentos, que lh'a despegou do envolucro da carne cortando-lhe fio a fio as ligações que a prendiam... O que pode ver-se, nesta vida, de sua mãe... é isto, duqueza. O mais... é uma loucura das imaginações abrasadas, ou a estupidez dos espiritos rasteiros... Tire d'alli aquelle retrato, e venha para esta sala.

A duqueza obedeceu machinalmente. Voltando á sala, encontrou o criado da hospedaria, recebendo as seguintes ordens de padre Diniz:

' Chame gallegos que conduzam a bordo d'um navio os bahus desta senhora.

O criado retirou, e o padre proseguiu, sem ser interrompido:

' Comprehendeis, senhora duqueza, que sahis de Portugal...

« Já?!

' Sim... ás 8 horas sahe a escuna franceza *Sacre-cœur*...

« Ficaes em Portugal?

' Não: acompanho-vos até Pariz.

« E depois? Abandonais-me?

' Se vos abandono!? Não! Sigo o meu destino.

« Qual?

« Aquelle que me embaraçaste...

« Não será assim... Eu, a minha vida... precisa de vós...

« D'aqui em diante... não. Entrego-vos a Deus. Supposto que o não acrediteis, será o que tem sido para comvosco. Se blasfemastes... a Providencia não se doe das blasfemias do reptil. Ha desgraças, que absolvem as injurias da creatura contra o Creador. Deus vos dará dias de paz e de amor, duqueza. . . . . .

. . . . . .

A escuna levantou ferro. A' prôa viram um homem de cabellos brancos, e os olhos rasos de lagrimas, olhando para terra com aquelle olhar derradeiro d'um proscripto para o horisonte onde lhe fica uma desamparada mãi, ou uma filha desvalida.

Quem ficava ahi, em Portugal, que merecesse uma lagrima de padre Diniz?

Uns poucos de tumulos. . . . . .

. . . . . .

Ao anoitecer desse dia, na alta sociedade de Lisboa, corriam diversas versões sobre a estrangeira, apupada em S. Carlos. Dizia-se que Alberto de Magalhães, amante dessa mulher, que tinha o parvo despejo de intitular-se rainha de Sabá, e condessa de Almarnes, fora desafiado até ao meio dia por seis cavalheiros, insultados na platea. Era esta a versão mais authentica, e, ao menos, na segunda parte, verdadeira.

O primeiro cartel era assignado pelo coronel de cavallaria Jorge Pimentel, o segundo pelo barão

de Sá, e os outros, até seis, por firmas notaveis na burguezia nobilitada de fresco.

Alberto serviu-se da frase, com que respondeu ao primeiro, para todos os outros: *Não se batia.*

O coronel, que não era homem de contemporisações, nesse dia e no seguinte conservou a espada, virgem na opinião dos seus camaradas, no inseparavel telim. Ao terceiro, como não encontrasse Alberto, nas visinhanças do quartel, d'onde se não alongou muito, arrumou a espada para melhor occasião.

O barão de Sá, posto que professor no pugilato (*vidè* o nariz do consul), ha quem diga que não sahiu de casa tres dias.

Os de mais cavalheiros, aliás timbrosos, a pedido de suas familias, tambem ficaram em casa, jogando o voltarete pacificamente. Prudentes pessoas!

De maneira que, Alberto, convidado a jantar, nessa tarde, com o seu velho amigo e devedor insoluvel, marquez de Cesimbra, atravessara os logares mais frequentados de Lisboa, a pé, e não teve o dissabor de aquietar os cavalheiros arrufos dos feros espadachins.

Eugenia, que não podéra resistir ao abalo da vespera, não sahira do leito nesse dia; nem, por isso, déra a seu marido signal de que o desejava a seu lado. Alberto de Magalhães era homem segredo para todo o mundo, mas já o não era para Eugenia. Outra mulher, dadas semelhantes circumsancias, veria na sahida de seu marido, depois da scena que a fizera desmaiar na carruagem, um

horrivel mysterio: ella não; recebeu-o carinhosamente na volta, e, nem sequer, por indirectas palavras, tentou o vão do insondavel coração de tal homem. Isto mesmo era conhecel-o; por que não é, interrogando-os, que se conhecem os problemas de certos espiritos, que se nos escondem.

Por agentes mysteriosos, Alberto soube que a duqueza de Cliton tinha partido, e que na repartição competente fora tirado passaporte por padre Diniz Ramalho e Sousa. As suas investigações chegaram a Pariz, donde lhe disseram que a duqueza estava na sua quinta de Cliton, e que certo padre hespanhol, especie de capellão, que a acompanhara na sua viagem por Italia e Portugal, tinha embarcardo em Marselha, para as missões do Japão, com os missionarios francezes da propagação da fé. Accrescentavam os esclarecimentos que a duqueza vivia muito retirada, com pouco fausto, e que, por delação d'uma creada, fora possivel saber-se que a pobre senhora estava maniaca, e tinha dias de beaterio. Ultimamente, remataram as informações dizendo que os rendimentos da duqueza eram escassos, por isso que o melhor das suas propriedades fôra hypothecado a uzurarios, que lhe forneceram avultadas sommas, dissipadas por ella na sua extravagante viagem de quatro annos e tantos mezes.

Dias depois que estas informações chegaram, sahia de Lisboa um commissario de Alberto de Magalhães, que devia entrar em Pariz com um nome supposto, fallando inglez. Este homem era o portador de letras saccadas em Inglaterra sobre commerciantes de Pariz. Deveria informar-se com letr-

minada pessoa ácêrca dos credores da duqueza de Cliton, dos quaes cobraria recibos, na qualidade de procurador da duqueza ausente.

E, consumadas as prescripções, a duqueza recebia na sua quinta de Cliton, da mão de um inglez, um masso de recibos, que acabava de cobrar por ordem de um padre portuguez, seu constituinte, que embarcara para o Japão. A duqueza viu-os com sobresallo, e achou solvido um credito de duzentas mil libras. Na atonia moral em que a deixara surpresa, não pode logo interrogar o supposto procurador do padre, e quando, capaz de reunir as ideas amotinadas, ia interrogal-o, o inglez sem ella dar por isso, tinha sahido, meio maravilhado da grosseria, ou aristocratica insolencia com que fora recebido.

Sabedor do bom andamento do seu negocio, Alberto de Magalhães sentiu-se superior a si mesmo. Na commoção da sua expansiva alegria, revellou a sua mulher o segredo que lhe escondera, sem receio de desaprovação, mas receoso de vel-o mallogrado, por qualquer coincidencia desastrosa. Eugenia abraçando-o com fervente enthusiasmo, exclamou:

« Oh! como é bom ter um marido assim!... Alberto, cada vez me vejo mais pequena ao pé de ti!.. Quantas vezes eu terei sido obstaculo para esses heroismos, que me fazem orgulhosa de ser tua a ponto de recear que Deus me castigue!

E' por isso que Alberto de Magalhães se reputava feliz, e tremia de sonhar com um abalo á felicidade domestica, que, annos antes, lhe parecera uma uto-

pia de almas pequenas, e faceis de contentar-se com pequenissimos prazeres.

O arroio limpido da sua ventura entrara outra vez no leito, donde sahira agitado pela tempestade de alguns dias. O ceu, o sol, o ar, o theatro, a opulencia, o amor, a esperança, a ternura, o piano de Eugenia, o cortejo dos parasitas, a amisade sincera d'algum raro hospede, tudo, outra vez, lhe sorria como dias antes, e lhe embalsamava a existencia dupla de suaves perfumes.

Se a presença do barão de Sá fosse necessaria para encher um vacuo nas passadas regalias de Alberto, nem esse ornamento das suas salas lhe faltou. Boa pessoa, o barão de Sá, que não era valente, fóra do sôcco d'improviso, nem odiento, passados cinco minutos depois que o apoquentavam, viera pessoalmente dar explicações a Alberto, que o recebeu perfeitamente na sala do jantar, e o serviu de sôpa, a que o barão chamava *potage*, e de uma perna de perú, iguaria que, como quasi *toutes les sauces* (disse elle) lhe captivava a sympathia, a julgar pelo ruido que fazia na sôffrega mastigação, á semelhança dos companheiros de Ulisses.

O barão de Sá tinha sufficiente crytica para não rossar de leve o nome da duqueza de Cliton. Queria dar explicações do seu indiscreto desafio; mas Alberto não lhe deixava brecha. Por fim, reanimado por dous calices de Champagne, reanimação que muitas vezes pedia emprestada á liberrina garrafa, o barão principiou, meio-franceza, e meio-lingua nenhuma, a discripção do famoso sôcco, que

fez rir muito Alberto, e que obrigou a retirar Eugenia da mesa com as mãos nas ilhargas. O barão reputava-se venturoso por ter arrancado estas sinceras gargalhadas, justo galardão do seu triumpho sobre as Galias, que acabava de commentar um pouco mais chistosamente que Cezar.

Se fosse homem de reservas, o barão não perdoaria nunca ao estardio do Porto, que lhe metteu na cabeça os titulos irrisorios da duqueza. Esse, sim: ia lhe feriu um pouco a sua susceptibilidade leonina, e por pouco, no salão do theatro, não viu sobranceira a segunda edição do murro, que fez morder o po ao bravo representante *des Tuilleries*, como lhe chamou no relatorio homerico, pro nunciado em presença de Alberto de Magalhães. Por fim, o coração entrou-lhe nos ordinarios diq ues, e o cavalheiro do Porto podia, sem receio, dizer ao barão que a rainha de Sabá o nomeara mini stro da fazenda.

Ha mais alguma cousa que a benevolencia manda dizer a respeito deste fidalgo. Não é absolutamente liquido se as attenções para com Eugenia eram puras. Os maliciosos quizeram ver na familiaridade do barão um ressaibo adulterino, que o cavalheiro do Porto, ardente Plutarco dos tolos illustres, julgava não só possivel, mas até facto consummado. Neste melindroso ponto, a calumn ia não passava do murmurar impotente de meia du zia de detractores de profissão, e outras tantas senhoras infames que o acaso deslocara do alcouce e viera sentar nas cadeiras estofadas de Alberto de Magalhães. De sculpai, leitoras susceptiveis, se a frase da legitima indigna-

ção nos ressalta dos bicos da pena. Se tivesseis conhecido Eugenia, se soubesseis quantos anjos de virtude, como Eugenia, ahi são mordidos pela vibora sevada nas almas torpes de demonios, infamadores de profissão!. . . . . .

. . . . . .

É possivel que o barão de Sá, mais por estupidez que por maldade, aninhasse, nas entranhas lobregas do coração de lama, um pensamento impuro, talvez excitado pela natural affabilidade da neta de D. Theotonio de Mascarenhas. E' muito possivel, porque o fidalgo sahira de Portugal em 1828 com uma aduella de menos, e perdera outra em Pariz. Sem embargo, porem, dessa consideravel perda, o improvisado amante da duqueza de Cliton respeitava Eugenia, e confessava-se conscienciosamente miseravel, quando o salteavam os fogachos de pretendente infeliz. Eis-aqui uma virtude que eleva o caracter do barão de Sá duas polegadas acima do ordinario. Conhece nos raros patetas com a intuição clara de que o mundo assim os acclama, porque realmente a caprichosa natureza assim os fez. A esta boa qualidade deve o nosso excellente barão o muito que nos temos occupado da sua pessoa, que, se nos ler, como é natural, suppomol-o ingenuo bastante para se não julgar desconsiderado, nem desfavorecido no retrato, que remettemos á posteridade.

XIII.

E' tempo de procurar-mos novas do filho da condessa de Sancta Barbora, D. Pedro da Silva, que,

anno e meio antes, partira para Londres, e entrara no collegio de Mr. Hunt, *suspension Bridge, Hammersimith*, que, por esse tempo, gosava grandes creditos.

As saudades da patria esvaeceram-se mais depressa, do que deveria suppor-se das lagrimas e tristezas d'aquelle adeus a padre Diniz. Absolvamo-lo desta leviandade, se o foi, por que não temos direito a inculpar certas organisações. Exaltações febris tão facilmente se abrasam como arrefecem, em espiritos, ordinariamente infelizes, por que a inconstancia é a suprema das infermidades humanas.

Quem leu o diario das sensações de Pedro da Silva, no primeiro volume desta verdadeira historia, tinha sobeja rasão para crer que tanta sensibilidade daria com a pobre creança n'uma ptysica pulmonar. Nós mesmo, despeitado observador das paixões incendiarias, quando liamos aquellas lagrimosas estrophes da elegia filial, esperavamos, nos subsequentes apontamentos, um desenlace funebre, um contagio do spleen inglez, que precipitasse o sensivel collegial nas ondas do Tamisa.

Felizmente, a organisação do joven era outra, ou a providencia lh'a modificou.

Pedro da Silva, nos primeiros mezes, escrevia a padre Diniz, queixando-se da austeridade de mr. Hunt, director do collegio. Não era o peso da sciencia que o mortificava, nem mesmo as tarefas litterarias, britannicamente indigestas, lhe causavam o mao humor de suas cartas. O que elle não podia soffrer era o *improper* inglez, as minucias rabugentas dos mestres de gravata branca, cazaca ponto-aguda,

e calça a meia-canella. Obrigavam-no a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a provida naturesa planisara quando deu ás vertebras cervicaes o movimento. Mandavam-no comer, direito e retezado, um palmo afastado da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz cahisse sobre os dous joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz do çapateiro, que não póde com o rebollo. Mandavam-no, finalmente, fallar pouco, e esse pouco obrigavam-no a fallar com a garganta, penoso arbitrio que D. Pedro da Silva cumpriria facilmente se mettesse na goella uma espinha de peixe, condição necessaria para fallar o inglez sem auxilio de mestre.

Estas e muitas outras rasões allegava o collegial nas suas cartas a padre Diniz. As escriptas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Sancta Barbora nas cartas a seu filho, em estylo ascetico, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, tambem desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos por seu filho. Metade da sua alma tinham-lh'a fanatisado: a outra metade, voltada para o mundo, era de padre Diniz.

Pedro da Silva, porem, não comprehendia semelhantes distincções. Retirando de Portugal, o ressentimento ia com elle. Sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viuva do conde de Sancta Barbora, não a julgou elle obrigada ao sacrificio dos deveres contrahidos com seu pai antes de ser esposa do algoz, que só á beira do tumulo, fóra honrado.

Se o mancebo tinha rasão não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas como devia de ser aquelle austero capucho de cuja instrucção duvidava padre Diniz.

Do que fica dito, não se dedusa que Pedro da Silva era uma alma banal, futil, e nesciamente folgazan. Do contrario queixavam-se os mestres e os condiscipulos. Aós deseseis annos, os proprios inglezes, que parece monopolisarem o enojo melancolico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudesa do tracto, e o fastio com que olhava os divertimentos dos collegas.

A' hora da aula, procuravam-o no quarto, para o reprehenderem, e encontravam-no absorvido em meditações improprias da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar á patria, respondia que não: se queria sahir do collegio, que não: se lhe desagradava a sciencia, que não: se tinha alguma cousa a pedir, *que o deixassem*.

Note-se, todavia, que a sciencia não podia ser-lhe dissaborosa por que em boa verdade era manjar que elle não tinha provado em Inglaterra.

De livros inglezes devorara todas as novellas de Anna Radcliffe, e traduzira os *Mysterios de Udolpho* que lhe merecera, entre todas, uma predileta preferencia.

De resto, não lia nada util, nem abria as paginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporaneas melancolias, que o indispunham contra a sociedade frivola, que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros annos, eram a incubação do estro, o doloroso parto do primeira

poesia, que nasceu balbuciante ao pé d'uma flor. Avarento dos seus primeiros sonhos metrificados, ninguem lh'os conheceu, ninguem lh'os intenderia, por que, tres annos depois, o proprio poeta não pôde conceber o estado de sua alma quando os escrevera. Era o amor? a saudade? a esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do moço aos deseseis annos, e exprimido pela palavra nubelosa, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada n'um sonho venturoso.

Não idealisemos muito, que o tempo não va para isso. Materialmente, não ha nada inexplicavel: todos entendem. Subtilesas de espirito, deixemo'l-as a cargo de cada um, que sentir em si o ether expansivo dos arrobamentos.

A ultima carta que recebera de padre Diniz annunciava-lhe a morte de sua mãi, occultos quasi todos os promenores do ultimo quadro dessa tragedia.

O filho da condessa de Sancta Barbora reconcentrou-se, chorou raras lagrimas, pensou longos dias e noites interminaveis; pediu, allegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de collegial, e inspirou receios aos mestres.

O director, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu alumno, doia-lhe na honrada consciencia a despesa infructuosa do collegial, e dirigiu-se á pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via d'uma outra, continuava a receber reiteradas recommendações para que Pe-

dro da Silva não sentisse a mais ligeira falta, nem as contrariedades que era costume oppor aos moços, educados em Inglaterra Estas recommendações vinham da casa Salema & companhia, até certo tempo; depois, fallecido Salema, e extincta a sua casa commercial, as ordens vinham d'um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o patrimonio do filho da condessa, quarenta contos de réis, que o padre recebera da mão daquelle que, quinze annos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquez de Montezellos, da mão do padre, na quinta das Alcáçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Diniz Ramalho, encarregara o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Angela de Lima. Salema, porém, morrera, passados mezes; e os encargos ácerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome supposto, visto que Alberto, de modo nenhum, queria figurar neste negocio, qualquer que fosse a sua maneira de vêr as cousas.

Mr. Hunt, honrado director do collegio, dous annos depois que recebera o alumno, e tão pouco approveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que, além de despesas inuteis, a saude do discipulo era cada vez mais debil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente portuguez mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Pariz, se o quizesse. Decerto, queria Recebeu a boa nova com sobresalto, e instalou-se

em Pariz, não em collegio, mas entregue aos cuidados d'uma familia que vendia muito caros os seus cuidados, mas em fim cuidava de inventar carinhos novos para ajuntar á mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia, em Pariz, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de bellas letras. Mudara de palladar intellectual. Detestava Radcliffe, sua litteratura favorita de dous annos antes; enthusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancolico azul do poeta das *Meditações*. O lyrismo trazia-o por aerias regiões. A anciedade precoce d'um amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endeixas da época disputavam ao materialismo da eschola que expirou, quando as estrofes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetisaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso mancebo estava francez, em toda a extensão da palavra. Em redor, tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encobertos thesouros, que lhe excitavam o coração mais apaixonado que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas illusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gauthier publicava as *Obras humoristicas*, e não esteve longe de ser desafiado pelo candido collegial de Londres. O que elle queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predilecta. Queria, em fim, vasar-se nos grandes moldes, que fantasiara na imaginação escandecida.

Aos dezenove annos era-lhe insuportavel a obscuridade. As portas do *grande mundo* estavam-lhe

fechadas. No tumultuar dos saloens do bairro *Saint-Germain* não ciciavam os murmurios apaixonados da sua alma atormentada pela sede daquelles gosos.

Estes desejos manifestou-os á familia com quem vivia, e poucos dias depois sahiam de Lisboa cartas, que serviriam de appresentação de Pedro da Silva ás notabilidades da aristocracia de sangue, e de dinheiro. Não era só isso. O joven, perplexo da felicidade que não ousara prever tão cedo realisada, era possuidor d'um carro, dous cavallos, dous lacaios, e o luxo correspondente.

A' sua entrada no ambicionado eden não encontrou o anjo do gladio ardente a estorvar-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os mancebos, mais velhos poucos annos, diziam-lhe que era necessario desembaraçar-se. As damas davam-lhe camelias e jasmins para assumpto de ligeiras poesias, que o acanhado moço não lia, mas entregava com a mão tremula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeavam-n'o, mas quasi nunca o encontravam só para o iniciarem liberalmente nos mysterios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o goso do que era legitimo goso, e media-lhe a polegadas o profundo abysmo que o ameaçava por debaixo d'um alcatifado de flores.

O mancebo foi docil, em quanto a obediencia não era sacrificio. O que devia decidil-o não eram os conselhos paternaes do velho ministro de Luiz

XVIII; mas o coração, motor dispotico de toda as molas da machina humana; esse, sim.

Na primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos suburbios de Angoulême, onde o visconde de Armagnac costumava passar o estio, em uma quinta. O mancebo, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a limpha cristalina dos regatos, a borboleta namorada do botão esquivo do lyrio, e os horisontes, e o ceu, e as brizas eternamente azues de Lamartine.

Não foi, por tanto, forçado para a provincia. O idilio, com o seu cortejo de faunos e dryades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmarinho e madre-silva. Não se riam, leitores, da languidez do estylo: na mocidade sente-se isto; e se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhe veem de lá, podem ser excellentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o paladar dos gosos da intelligencia. Isto é por fallar, melindroso leitores. Eu creio piamente que todos sois, alem de boas pessoas, maís ou menos poetas. Se me enganos, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Angela de Lima nada perdeu tambem sahindo de Pariz.

A sociedade, vista de perto, parecera-lhe cousa muito differente do que os romances lhe pintaram. Não vira heroinas nem heroes. Em toda a parte se comia, conversava, passeava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possivel. Os epysodios estrondosos, poetisados por paixões devastadoras,

não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frivolas fallavam de vestidos, as preciosas questionavam o merito litterario das *Meditações* e das *Orientaes*, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices ditas com muito espirito, que é o que as francezas tem de mais sobre todas as hemarphroditas do mundo moral. As velhas faziam tregeitos enjoados a cada movimento estudado das novas. Os homens fallavam em fundos, em Luiz Filippe, em Henrique V, em Argel, e em outras muitas cousas que reduzem o poeta á condição d'um ente nullo nos graves negocios da vida.

E por isso Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Pariz, e da sua decantada sociedade, quando sahiu para Angoulême. Verdade é que lhe não era indifferente a certeza da absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos circumvisinhos tomavam o cha do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até ás dez horas, em que era um escandalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificava por alguns mezes, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Pariz, saudava a solidão, e esperava cantar todas as arvores da encosta, todas as luas cheias, todas as fontinhas suburbanas, e até se promettia procurar em alguma parte as brizas azues de Lamartine, brizas decerto exoticas em Pariz, onde as não vira, com grande magua sua.

Installado nos quasi pardieiros feudaes do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão

suavissima como todas as melancolias que vem da natureza ao coração, e não vem do pezar do coração a vestir de lucto a natureza que nos rodea.

Ao romper d'alva, no primeiro dia de residencia na pictoresca aldeia, uma legua distante de Angoulême, o bardo ergueu-se, soffrego de inspirações matutinas, abriu a sua janella que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares, bebeu o ar puro daquelle ceu d'azul, como todos os ceus de Lamartine, acreditou nas brisas da mesma cor, e escreveu as primeiras linhas d'uma ode, que devia servir de prefacio ás suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto d'uma collina, a um quarto de legua, viu Pedro da Silva um magnifico palacio, menos romantico que o castello esboroado, que parecia ter sido a primitiva habitação do senhor feudal das immensas varseas, que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. Quem viverá alli? — perguntava-se o anhelante sonhador de romances, povoando o castello de damas esquivas, rodeando a barbacan de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixara sahir o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebreus, açodada ao som da trompa indispensavel.

Nestes extasis, que são a vida dos dezenove annos, veio encontral-o o hospede.

« Que vos parece este panorama, Pedro?

' Encantador!

« Sentis a sacra flamma, *mens divinior?* poetisaes? Tendes o *os magna sonatorum* do velho Horacio?

' Não se pode descrever este quadro; mas reconheço que se pode ser poeta com este ceu, com este silencio, com tudo isto que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquelle palacio?

« Aquelle palacio é de madama Elisa de Montfort, duqueza de Cliton.

' Ouvi fallar dessa senhora em Pariz. Ella vive alli?

« Ha anno e meio, que d'alli não sahiu.

' Pelo que vejo é romantica...

« Parece-me que é mais desgraçada que romantica...

' Desgraçada!... por que?

« Segredos, que quasi sempre morrem no coração das mulheres orgulhosas como ella tem sido.

' Alguma grande paixão...

« Parece que sim. São cousas que a vossa idade dispensa saber. A verdade é que a duqueza de Cliton foi o ornamento dos salões de Carlos X, solteira, casada, e viuva. Depois chegou-lhe a hora aziaga de pagar o tributo de lagrimas á sua fraquesa, perdeu o irmão n'um duello, viajou perto de cinco annos, e recolheu-se áquella casa, que detestava antes dos seus infortunios.

' Que detestava!... pois não tinha razão! A casa é lindissima!...

« Por fóra...

' Está arruinada por dentro?

« Não é isso . . Alli ha mysterios horriveis entre aquellas paredes. Se perguntardes ao povo dessas aldeias o que lá se passa, ouvireis dizer que os mortos dão alli os seus bailes, e que saltam por esses prados, com as suas mortalhas, como ursos brancos. Dá-vos o riso? É o que vos digo. A vossa predilecta Radcliffe, se conhecesse aquelle castello, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil fantasmas da sua lavra, como Magdalena Scudery.

' Não zombeis da minha pobre ingleza, que me encheu a cabeça de bellas illusões, ha tres annos... Dizei-me o que ha de positivo naquella casa, que valha a pena de chamar-se mysterioso...

« Isso é que eu não sei, meu amigo. O que posso dizer-vos é que a mãi desta senhora, chamada Branca de Montfort, suicidou-se alli, hade haver vinte e tantos annos, perto de trinta...

' Por que?

« Sois impertinente, meu menino! Os vossos dezenove annos são curiosos de mais!...Quereis uma cousa? Imaginai um romance, uma tragedia, uma ballada como as da vossa peninsula. Tendes o esqueleto, vesti-o de carnes Ahi é que está o milagre da imaginação. Tende, porém, cuidado em me não fazer figurar na vossa lenda, por que eu temo estes litteratos modernos que põem sempre a responsabilidade das suas fantasias sobre os hombros d'algum velho, que lhe conta as extravagancias...

' Estai certo, meu querido amigo, que não fa-

rei ballada nenhuma; antes queria conhecer a duqueza mysteriosa...

« Isso é difficil. No anno passado, nem se dignou mandar saber como eu cheguei. Este anno, provavelmente, acontece o mesmo.

' Ella vive só?

« Com as criadas, e os criados, e um mordomo, e um capellão.

' É rica, não é?

« Por que o perguntaes? Vêdes um casamento em perspectiva?

' Deus me livre!... Perguntava se era rica por que apprendi em Pariz a fazer esta pergunta, ácerca de cada pessoa que nos cumprimenta, ou de quem ouvimos fallar.

« O que se segue é que tendes doze costellas em verso, e doze em prosa. Tendes já o vosso bocado de materia... Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: é espirituosa? tem aspirações? idealisa a existencia? Vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo? ouve em cada fremito da folhagem um suspiro d'amor? contempla melancolica em cada gota de orvalho, que aljôfra a flor, uma lagrima de saudade? E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa-poesia, é um insulto feito ao vosso Lamartine, que nunca hade chegar de gatinhas onde voou o meu querido Luiz Racine, que almoçava familiarmente com Apollo... A proposito, vamos almoçar. Sejamos francos: isto é bello... deslumbra

os olhos, mas o estomago é alguma cousa superior ás brisas azues do gentil-homem.

' Deixai o gentil-homem, senhor visconde. Lamartine é o primeiro poeta do mundo.

« Estudai, meu menino, que sanistes hontem do collegio...

' Não preciso estudar. O coração nasceu comigo tal qual o sinto e sentirei até que elle não pulse...

« Isso é bonito... Quereis dizer que...

' Lamartine é o rei da harmonia.

« Então recitai-me com harmonia este verso do vosso idolo:

C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même s'adore.

« E este:

Il produit l'infini chaque fois qu'il respire..

« Confessai que é extravagancia suppor que Deus respira o infinito !

' E' uma sublime extravagancia ! Eu noto que ha cousas escriptas para uma geração nova...

« Obrigado ! passais-me diploma de invalido !... Não sei entender o vosso poeta !...

' Não digo tanto a vosso respeito, senhor visconde ; mas decerto me não dareis versos do vosso Racine que valham tanto...

« Porque não ? Quereis ver o rei da harmonia copiando do meu valido poeta ? ouvide : Racine disse :

O' cieux ! que de grandeur, et quelle majesté!
J'y reconnais un maître à qui rien n'a coûté,

Et qui, dans vos déserts, a semé la lumière,
Ainsi que dans nos champs il seme la poussière.

« Ouvide agora Lamartine:

Dieu....
De ses puissantes mains a laissé tomber le monde
Comme il a dans les champs repandu la poussiere
Et semé dans les airs la nuit et lumiere.

« Confessai que é flagrante o plagiato!... Quereis mais? Penso que é na *Meditação X* que vem este hemisticho:

.... *Le flot fut attentif.*

« Ora *Quinault* disse:

Le flot fut attentif.

« A copia é fiel... tem o merito da lealdade!.. E este: *O temps, suspends ton vol!* é a copia littoral de *Thomas*... Ainda mais... a IV *Meditação*...

— Está o almoço na mesa — interrompeu o criado.

O creado salvou-vos da importuna erudição do detractor de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos em jejum!

XIV.

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, annunciaram ao ardente sectario de Racine o padre capellão da duquesa de Cliton.

« Fazei-o entrar na sala dos retratos...

E' admiravel! — reflectiu o visconde — No anno passado não mereci á senhora duqueza esta civilidade. Tive a delicadesa de ir saber pessoalmente della, e nem se dignou mandar-me entrar!.. Em fim, celebridades da senhora duqueza... Vamos lá. Entretanto mandai preparar os cavallos, que vou mostrar-vos Angoulême.

O capellão vinha, da parte da duqueza, cumprimentar o visconde, e rogar-lhe a especial graça de entrar em sua casa, se eventualmente passeasse por aquelles sitios. O cortesão retribuiu affavelmente os cumprimentos, e fez saber á senhora duqueza que, duas horas depois, iria receber as suas ordens, como o ultimo dos seus servos, e o primeiro dos velhos amigos de sua casa. Era o antigo estilo.

Transtornara-se, por tanto, o plano do passeio á capital da provincia a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado de bulicio estava elle. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela fantasia, que tão fecunda lhe poetisava os silencios moradores seculares daquelle castello.

Deixal-o, pois, immovel no terrasso, amurado de ameias e seteiras, pelas quaes a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas que escreveram com sangue a historia de Frédegonda, que o visconde affirmou ter estanceado alli, quando perseguia o rei de Austrasia no seculo setimo!

O visconde, representante por isso de uma familia de doze seculos para cima, sahiu para Clitou. Entrou na grande sala, e esperou a duqueza alguns minutos. Esperava encontral-a velha, doente, extenuada, e até enfadonha; e viu-a ainda bella, pal-

lida, mas não daquelle desgracioso colorido d'um convalescente ; alquebrada sim , mas docemente , graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luctо, rigoroso não, porque o preto era do melhor selim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares

' Senhor visconde , a vossa promptidão é um castigo bem merecido que inflingis á minha desattenção do anno passado...

« Oh !.. senhora duqueza... não podereis nunca ser desatenciosa...

' Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscencias do bom tom, e... deixai-me dizer assim , brutifica-se a consciencia do dever. Quando me fizestes a honra de procurar-me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida... O *mundo* ignorava os surdos martyrios com que de la vim flagellar-me nesta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sosinha, e parece que edificada aqui de proposito para se penitenciarem as victimas de uma pessima organisação... Adiante, snr. visconde... Desculpai a confiança com que vos fallo ; mas eu sei que sois meu amigo , que o foste de meu pai...

« Que vos tive nestes braços , criancinha de tres annos...

' Que me vistes crescer , brilhar , e emmurchecer como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

« Senhora duqueza !.. chorai , se as lagrimas vos são um desafogo... não vos envergonheis... guar-

dai para vós a causa dellas ; mas deixai-as correr livremente...

« Agradecida , senhor visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

« E sois , duqueza ! A verdadeira coragem é esta vida que viveis...

« Coragem !.. não, não é ! Coragem é affrontar a opinião publica : avalial-a no seu justo preço ; atirar-lhe á cara com os escandalos e com o ouro ; passar com a cabeça alta por diante dos *tartufos*.. matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos , mas so isso !..

« Essa é a coragem do cynismo, e a duqueza de Cliton tem sentimentos elevados, e sabe que neste momento é ouvida (*apontando para as paredes*) pelos retratos das gerações de doze seculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos *Mont-forts* , é soffrer surdamente, curvar a cabeça na solidão , mas levantal-a soberba na presença da sociedade.

« Da sociedade !.. e que sociedade, senhor visconde !..

« Não vos fallo da sociedade do Pariz de hoje : isso é um mixto de elementos repugnantes, de ouro e de fezes... é uma canalha , perdoai-me a expressão. A sociedade é outra cousa : é aquella sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luiz XVIII, e que dominaste nos de Carlos X, e em que brilhareis ainda nos de Henrique V...

« O que , senhor ?... Em que eu brilharei ?... Ah !.. não vedes o meu coração... O mundo esque-

ceu-me, e eu esqueci-o. Saldamos as nossas contas... vou pagando um eterno debito de lagrimas..»

« Mas o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos, e lhe arrepelava a cabeleira, fassa tal... Hade tornar a Pariz...

» Isso nunca, senhor.

« Sois terminante, senhora duqueza!.. Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente mas vossas acções... Que julgaes vós que é Pariz em 1837? Pensais que existe alli um codigo de moral que julgue o vosso passado, qualquer que elle tenha sido? Olhai que não. Esse tempo era aquelle em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciencia não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juizes, que castigavam com um justo despreso...

» Perdoai, senhor visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apainado dos crimes e das virtudes da sociedade emoé que sois um ornamento pela nobreza do sangue é das acções. Eu penso que a immoralidade de 1737 e a immoralidade de 1837, e de todos os tempos e de todas as sociedades...

« Isso é uma heresia, senhora duquesa!..

» Pois então... lamentai-me, por que morrere hereje...

« Ha uma differença espantosa...

» Differença... tambem eu digo que a ha... e a meu ver é esta: d'antes a immoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho

que o vicio franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lanheza dos vicios á luz da civilisação, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os recursos da hypocrisia para se illudir a si proprio, mentindo a Deus que juravam em vão, e mentindo ás classes inferiores, ás quaes se impunham como exemplo.

' E' maravilhosa a vossa linguagem!..

« Excedi-me, não é assim? Pois desculpai-me, senhor visconde... Não é espirito de contradicção. E' esta franqueza, talvez impolitica, que se adquire nos longos monologos d'uma mulher solitaria, que lê constantemente o livro da consciencia, e estuda sem cessar os quadros do mundo, que abandonou, sempre vivos na memoria... Mudemos o assumpto... Tencionaes permanecer muito tempo no vosso castello?

' O tempo do costume, senhora duqueza; sinco mezes...

« Habituado á sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos d'aqui decerto vos não alimentam o espirito...

' Desta vez, terei companhia.

« Vosso genro e filha naturalmente...

' Não, duqueza: é um joven que me foi recommendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neophito do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quiz deixar em Pariz, abandonado ás suas visões romanescas...

« E' inglez?

' Não, minha senhora... é portuguez.

« Portuguez? são tão raros...

' Os elegantes portuguezes?

A duqueza córou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcastica, parecia-o.

« De mais a mais, o meu Telemaco gosta immenso destes sitios. Encontrei-o hoje de manhã poetisando as florestas que rodeam o vosso palacio, e mal elle sabia que bella castellan podia realisar todas as suas fantasias de provençal !..

'E' uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias, senhor visconde! Se vos apraz, imaginai-me a suspirosa beldade d'algum trovador de mandolins, que se fina de saudades a gemer trovas na margem cristalina do regato...

« Com vosco, senhora duqueza, só pode dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas bellesas, é...

' Isso é excellente... Ahi está o que a sociedade nova não tem... O privilegio da galanteria acabará com vosco... O vosso hospede é da vossa eschola?

« O meu hospede... ainda não tem nenhuma. E' um joven de desenove annos, amando flores e brizas azues, apaixonado por Lamartine, perguntando ás fontinhas a causa de seus murmurios, e á rola as penas do seu canto gemebundo. E' um silpho humano, que vive da viração da tarde, e da lua, que pratea os mares, e do hymno da fylomela,

que agradeçe ao Senhor as fragrancias matutinas, Ora aqui tendes o meu hospede... é uma creança...

‘ Bem feliz !.. O peor é que perto vem o sopro, que lhe desfolhe as bonitas illusões...

« Não hade ser aqui neste eden, em que por força, se é poeta, em que eu o fui nos meus bons tempos, e onde, ainda hoje, me parece que vejo os Zefiros e as Graças que doudejavam em redor da minha lyra...

‘ Olhai que fizestes uma bonita estrophe em prosa, senhor visconde d'Armagnac!

« Fiz, duqueza? Ainda bem que vos fasso sorrir com as minhas prosas !.. Dais-me licença de vos appresentar o meu hospede?

‘ Sim, com toda a vontade... elle chama-se?

« Dom Pedro da Silva.

‘ Pelo dom...

« Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse hespanhol poderia ser qualquer belfurinheiro, ou mercador de lans.

‘ Conheci algumas familias portuguezas da principal nobresa, nas minhas viagens. De quem é filho?

« Da defunta condessa de Sancta Barbora. Mas espero merecer-vos a graça de não lhe fallardes em sua mãe, porque ha motivos para que elle queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes fallar desta condessa, duqueza?

‘ Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em...

A duqueza calou a ultima palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, por que limpava a luneta embaciada.

« Sim... eu creio que morreu ha quatro annos, pouco mais ou menos... Ordenais-me alguma cousa, senhora condessa?

« Peço-vos que me deis, quando vos não fôr penosa, a honra da vossa convivencia.

« Se vos não é importuna a minha visita ámanhã, ao fim da tarde, com o meu hospede...

« Sempre, que vos approuver. . . . . .

. . . . . .

O visconde encontrou D. Pedro, a meio caminho, montado em um fogoso cavallo, que parecia reprovar com bravos corcovos o mau piso dos beccos e encrusilhadas.

« Ólá! — disse o visconde — temos rapasiada? Quereis morrer prosaicamente arrebentado debaixo do vosso andaluz?

« Está folgado! Cuida que brinca nos *boulevards*... Deixal-o saltar. E' um generoso animal que fareja as ossadas dos seus antepassados, que aqui cahiram na rectaguarda da vossa hospeda Frédegonda...

« Perguntai-lhe se respira as brisas azues do vosso poeta...

O visconde pagava ironia com ironia.

« O meu cavallo é classico, meu caro visconde... Pertence á eschola dos fautores de Apollo...

« Será o Pégaso? Então vai enganado com o cavalleiro... que lhe não dá muita honra...

Neste trocadilho de picadellas, sem intenção offensiva, approximaram-se como dous condiscipulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luiz Racine, era ser tratado por *tu* pelos rapazes.

« Então... queres saber? — disse o visconde.

« Da saude da senhora duqueza? Estimo que seja excellente.

« Adivinha lá o que se passou!...

« Faço idea... passou-se muito bem... O senhor visconde sabe tirar proveito, como ninguem, dos lindos nadas. Inda vos não perguntei a idade da duqueza, minha senhora, como se diz nos castellos, penso eu...

« Trinta e tantos annos, com toda a bellesa dos dezoito.

« Sim? abençoados, por tanto, são os soffrimentos d'uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bella como aos dezoito!...

« Os vossos romances inglezes não fallaram destas mulheres? Pois ha disso muito em França, onde o espirito, por isso que é mais sublime que a materia, soffre, sem tocar nas bellesas do corpo.

« Não entendo bem a vossa fysiologia, senhor visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um anno. Conheci minha mãi, com trinta annos de idade. Disseram-me que fôra linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e enve-

lhecida fibra a fibra. E' verdade que minha mãi não era franceza; mas permitti-me que eu duvide da distincção que fazeis entre as dores de cada paiz.

« São excepções, meu caro Pedro. Vossa mãi poderia ter enfermidades organicas...

' E a duqueza não tem nenhumas... Tanto melhor para ella... Temos naturalmente o meu visconde apaixonado!...

« Sois creança!... Eu é que receio muito por vós...

' Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquesas do proximo!... Em Pariz apontaveis-me um abysmo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavalheiro de industria em cada rapaz que me apertava a mão Tendes sido o meu anjo custodio... E aqui?... tambem ha abysmos, e crocodilos?

« Não, e eu vos digo por que... Olhai que vou fallar-vos sério... Até aqui fallou o amigo; agora falla-vos o pai. A duqueza de Cliton é uma mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duelos por causa della...

' Espero que me não baterei, meu caro visconde...

« Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não batereis, por que essa duqueza de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. Nesse tempo a duqueza namorava para esmagar o amor proprio de alguns homens e de

algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre tragico; mas escandaloso nunca. Ninguem ousava dizer «a duqueza é amante deste, ou daquelle.» O que se seguiu d'ahi foi odearem-na, e applaudirem o primeiro infortunio que a fez cahir da altura do seu orgulho...

'Pois, por fim, cahiu?!

« Desgraçadamente... e nessa queda arrastou a vida de seu irmão, que era um bravo moço, brioso como seus avós, e chorado pela velha fidalguia...

'Foi morto em algum duello?

« Sim; mas em duello infame...

'Por quem?

« Por um vosso patricio, dizem uns; por um demonio incomprehensivel, sem nação, sem nome, sem familia, dizem outros...

'Um meu patricio!... como se chamava?

« Em Pariz era Leopoldo Sáavedra; na Belgica, Tobias Navarro, em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizem que a duqueza o perseguira quatro annos, sem encontral-o. Eu soube pelo consulado que ella esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existencia do impudente cavalheiro alli; mas enganou-se, e parou finalmente em Cliton, cansada d'uma perigrinação pouco honesta. Já vêdes que uma tal mulher não é mulher que se ame, por que, se aquelle coração tem amor, não ha verdade sobre a terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, mancebo,

Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de proposito. Sois como a flor temporan que o sopro d'Abril desfolhou. Vêde que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um desses abalos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade nesta mulher! Prudencia, pois. Encarai-a com mais filosofia que sensibilidade. Se a virdes sorrir, reparai bem que esse sorriso é um expediente astucioso com que se escondem as lagrimas. Se lhe ouvirdes facecias, passadas de fina ironia, recebei-as como um escarneo sempre ou ás vossas illusões, ou á sua propria amargura... Não tenho mais a dizer-vos. Recebei isto como receberieis um conselho desse padre que vellou a vossa educação até aos quinze annos, e cujo nome não pronunciaes sem profundo respeito O que elle vos disse, quando se despediu de vós, é uma eterna verdade: « A primeira mulher que se ama decide de toda a vida do coração de um homem. » Agora, mudemos de caracter: a conversação é pouco bucolica; acho-a mais propria para os salões de Pariz, onde é necessario entrar com Balzac debaixo do braço esquerdo, e o direito prompto para fazer uma cruz ao demonio... Cuidado com o cavallo... se ides nesses galões, deixai-me passar duas milhas para diante.. Tendes-me enchido de lama com as vossas proêsas equestres... Quereis forçosamente que eu seja o Sancho-Pansa desta aventura!... não vêdes como vai quieto o meu inglez!... Dir-se-hia que tem o *spleen* dos seus compatriotas!... Vai trau-

teando o *Good save the king*. . . . . .

. . . . . .

Durante o jantar, questionaram em cousas de litteratura, e o visconde fallou enthusiasticamente da grande confiança que merecera a Tallgirand, a mr. Villele, e a Carlos X, e chorou quando, em estylo de sybilla, prognosticou o ingresso de Henrique V ao throno de S. Luiz.

Passando á sala d'armas, saudaram com enthusiasmo religioso as armaduras dos avoengos ascendentes, entre as quaes o visconde mostrava o arnez e a lança de Bernardo VII, senhor de Armagnac, guerreiro do seculo XIV, e um capacete, e umas grebas, que elle dizia pertencerem (posto que o não jurasse) a Raimundo de Poitiers, principe de Antiochia, tio da rainha de França, Leonor, valente entre os mais valentes da segunda cruzada. Mais que tudo isto, a preciosissima raridade que o velho gentil homem apontava, sem lhe tocar, era uma cabeça troncada de uma estatua, grosseiramente cinzelada. Pelos modos, aquella cabeça era o idolo de Irminsul, a imagem de Arminius, que Carlos Magno derrubara no seu templo, quando o grande rei vingava os padres francos dos ultrajes recebidos na Germania. Historiada a galeria das frias laminas de ferro, onde pulsaram os corações de tantos heroes, o visconde recahiu na sociedade actual com todo o peso da sua cólera, e fulminou-a. Depois tomou tranquillamente café, e bebeu dous calices de genebra.

D. Pedro da Silva crêra infantilmente em tudo aquillo, e achara prosaico e burguez o cafe, depois de espiritualisar-se nas venerandas reliquias, sobre as quaes tinham passado nove seculos.

Todos os homens, assim, são bons, são credulos, vivem muito á superficie da vida universal, e são infelizes, quando a sociedade os chama á barra da utilidade publica, e lhes pergunta a que vieram.

XV.

E' annunciada a visita dos dous cavalheiros á duqueza de Cliton. O seu primeiro gesto é de infado: parece que se arrepende de ter quebrado o silencio doloroso, sim, mas tranquillo de quasi dous annos. As conveniencias, porem, mandam-na mascarar-se com o sorriso da polidez, com as maneiras herdadas da sua natural gentileza, e entra no salão, em que é esperada com indifferença pelo visconde, e com indecifravel sobresalto por D. Pedro da Silva.

A duqueza responde aos cumprimentos acanhados do nosso poeta com certo desleixo e reservada frieza, que faz muitas vezes aborrecida uma mulher, que se julga por isso mais austera com os seus deveres de senhora da alta sociedade. Depois volta-se para o visconde, e repete os logares communs, que são o martyrio da sociedade mais culta, e da menos culta. Ainda se não inventaram ideias novas que melhorem a falsa posição d'um hospede que se senta symetricamente em uma cadeira,

e não tem a familiaridade precisa para se deitar n'uma othomana, pedindo fôgo para accender um charuto.

« Parece-me que teremos uma linda primavera, senhor visconde.

' Decerto, minha senhora...

« Tem muitas flores no seu jardim?

' Não, senhora duqueza. Desde que minha filha casou, as flores murcharam como ella. Eu não pude substituil-a, por que as minhas tinham murchado muito antes...

« Sempre fallando em estylo figurado...

' E' a sorte dos velhos... Quando lhe falta a naturalidade graciosa da frase, não ha remedio senão fazer estylo...

« Oriental?.. E' um bonito estylo... Eu penso que as almas da Azia são muito diversas das almas do occidente. Isto aqui é tudo tão claro, tão correcto, tão grammatical que chega a aborrecer... Creio que esta maldita visinhança da fria Allemanha e da formalisada Inglaterra fizeram da França uma terra de austeros pensadores, e de fylosofos materiaes, que não são capazes de conceberem outro mundo mais transparente que o globo em que vivemos comendo, e bebendo, e commerciando. Devia ser diliciosa uma republica de poetas...

' Em que o presidente fosse Lamartine...

« Justamente...

' E a duqueza de Cliton a oitava musa...

« Ai!.. Deus me livre de tal... Só se me

denominassem a *zanga*, que eu ja vi invocado n'um poema patricio deste cavalheiro, que, se bem me recordo, o senhor visconde me disse que era portuguez.

— Sim, senhora duqueza, sou portuguez — disse D. Pedro da Silva, que se estava julgando de mais n'aquelle dialogo.

« Ha muito que deixou Portugal?

« Ha quatro annos.

« Sem saudades?

« Tive muitas, minha senhora.. Depois habituei-me a novas relações...

« E esqueceu as da sua patria... que naturalmente eram relações de familia, que são as que mais facilmente se trocam por outras. Gosta de França?

« Não tenho ainda tempo de conhecer a França, senhora duqueza.

« Por qual das faces? A França artistica é o gigante no berço, que annuncia uma corpolenta robustez; a França politica é um chaos de nuvens, que annuncia umas poucas de trócoadas de sangue; a França intellectual é a primeira nação do mundo; que lhe resta conhecer?.. a França moral? isso é uma mulher nervosa com uma vontade em cada minuto, com uma virtude abraçada a cada torpesa, hoje pallida de cansasso, ámanhã córada pelo auxilio do carmim; hoje apostolisando o Evangelho de Christo, ámanhã proclamando Robspierre o summo pontifice da Razão.. A França é tudo isto, senhor D. Pedro, e, se me accredita, não esqueça

este esboço confusamente poetico, por que hade encontral-o verdadeiro; e, se não, o senhor visconde que o diga.

« Eu não poderia pintal-a com tanta graça; mas tenho querido mostrar a França ao meu joven amigo pelo prisma da senhora duqueza. Elle, porem, diz que o talento tem o privilegio de colher em todas as plantas agras o mel da intelligencia, como as abelhas...

« Ai! engana-se... — atalhou a duqueza. — O genio é uma mortificação. Não sei que francez disse que o talento era uma longa paciencia. Soffrem muito os que não olham para tudo isto com o riso nos labios, e a pitada nos dedos. Não vê, senhor D. Pedro, que os poetas choram constantemente? São os Achabs e os Jeremias das modernas Jerusalens... Não vê como chora Lamartine?

Mas Voltaire cantava... — atalhou o joven.

« Ah! sim... é por que Voltaire era um illustre truão. A sua missão era aquella. O ridiculo precizava ser morto pelo ridiculo, como disse Lafontaine, e Voltaire morreu no dia em que a sociedade velha, recheada de supresticiosas pieguices, morria injuriada pela hilaridade dos seus inimigos... Eu peço que me disculpem o entono com que estabeleço axiomas... E' um defeito das francezas; é mais uma sincera feição que eu sensivelmente ajunto ao quadro que vos pintei, ha pouco, senhor D. Pedro...

— Essa feição é muito lisongeira para a Fran-

ça, senhora duqueza; — replicou o mancebo — mas supponho que será a menos vulgar das feições nas damas francezas

' E' engano. Aqui, quasi todas as mulheres de salão fallam assim. Somos as netas d'aquellas que mereceram a Moliere uma chronica muito conhecida... Senhor visconde, se vos apraz iremos mostrar o meu jardim ao vosso hospede...

' Oh! sim, senhora duqueza, o meu hospede acha em cada flor uma ode, e em cada murmurio da folhagem uma harpa eolia...

« Sim?

— O senhor visconde é-me devedor dos seus ditos mais finos... — atalhou D. Pedro. — Tem muito lindas zombarias comigo, e eu sou feliz por ser o motivo d'ellas, se forem agradaveis á senhora duqueza de Cliton.

O visconde soltou uma gargalhada inoffensiva, expressão eloquente da sua alegria, e até da sua bondade. A' duqueza, porém, a resposta do portuguez pareceu-lhe uma delicada ironia. A formosa castellan galardoara-lh'a com um sorriso, que faria endoudecer todos os imaginarios trovadores das balladas de D. Pedro.

Deixal-os vêr as flores, e vejamos nós o que nem a duqueza, nem o visconde poderiam devassar no coração do discipulo de padre Diniz.

A primeira impressão, que recebera da gentil duqueza, foi a confusão, o embaraço, o natural enleio dos dezenove annos. Ouvindo a fallar, como que

esquecida da pessoa que acabava de ser-lhe apresentada, sentiu-se molestado no seu amor proprio, e desejou terminada a primeira para ser a ultima visita. Obrigado a responder á primeira pergunta, que lhe era feita por duas palavras e um sorriso mais doce que ellas, o portuguez respondeu, corando, e corou, não de pejo, que seria demasiado pejo, mas de surpresa, por que alguma cousa vira, nova e surprehendente, na fysionomia distincta da zombateira Desdemona daquelle barão de Sá, vergonha eterna dos Othellos de contrabando.

No correr do dealogo, D. Pedro da Silva não se maravilhara tanto da eloquencia, que se julgasse uma pedra arrastada pela lyra de Orfeu. Preso aos olhos, e aos labios, e ás vertiginosas evoluções da fysionomia d'ella, fitava-a com ternura, com pasmo, com idolatria, e o que menos via nos seus extasis era o que os olhos costumam vêr. Naquella idade, juramos que o coração via tudo. Com mais seis annos, jurariamos que o coração era o orgão mais cego, e concederiamos uma vista dupla a certa alma que Platão denominou concupiscente, e que Theophilo Gautier, amigo intimo de D. Pedro da Silva, asseverou que tinha visto: (do que sinceramente duvidamos).

Querem, por tanto, saber se era amor o que sentia o pupilo de Alberto de Magalhães? E' muito attendivel a exigencia, e todo o homem que faz romances está, *ipso facto*, constituido na obrigação de devassar a vida do seu semelhante, quando elle

proprio a não diz. Desta vez, porém, será o proprio que nos salve de um vicio de mulher de soalheiro, hermaphroditismo moral de que me vejo inculpado por força de circumstancias.

« Passeavamos no jardim (dizem os apontamentos que copio), e a duqueza colheu uma rosa desbotada, quasi murcha, que me offereceu. Acceitei-a sem comprehender logo a significação. Mais adiante, cortou uma França de myrtho, que offereceu ao visconde. O velho cortezão retribuiu com uma saudade, e a duqueza retorquiu com um martyrio. Em tudo isto, andava eu candidamente imbecil. A linguagem das flores, feita para creanças, parecera-me um estudo ridiculo. Concebi o enredo daquelles symbolos, quiz fazer-me interessante na comedia muda que se representava, colhi um suspiro, que não ousei offerecer, supposto pedisse licença para o cortar.

« Temos poesia a um suspiro? — perguntou-me o visconde.

' Ha poesia n'um suspiro? — disse a duqueza.

« Muita... imagino eu... — respondi com ingenuidade.

' Eu acho mais nas lagrimas — replicou ella melancolicamente.

. . . . . .

« Anoitecera. O visconde esperava nessa noite alguns hospedes de Angoulême. Era necessario partir, e eu achei cruel esta separação tão cedo. Pareceu-me que a duqueza se sentiu da nossa partida,

por que ficou triste quando o visconde deu o signal da partida, erguendo-se, com um sorriso e uma banalidade por despedida. Eu, por mim, se a franqueza é uma virtude, neste momento detestei o meu amigo Theophilo Gautier, que me dissera dias antes que não ha nada mais ridiculo que o olhar serafico d'um aprendiz d'amor, que pela primeira vez se aparta d'uma mulher com os olhos rasos de lagrimas. Eu lagrimas não tinha; mas o effeito da impressão, a violencia irresistivel da sympathia, o desejo de alli ficar, a saudade daquella voz, daquelles olhos, daquella melancolia, sem arte, nem intenção, ai! essa senti-a com toda a minha alma, com todo o fervor da minha candura, assaltada de improviso por um affecto que devia purificar-se n'uma paixão »

. . . . . .

E' elle que o diz. D. Pedro da Silva amava a duqueza de Cliton. Realisaram-se as prophecias do visconde aquella mulher era perigosa; e aquelle joven não tinha ainda encontrado o primeiro tomo de tal obra, que o livrasse das seducções imprevistas do segundo. Não por que as mulheres sejam volumes em 4.° ou em 8.°; mas ha volumes que se parecem com as mulheres. Quem lê o primeiro de certas obras privilegiadas não admira as maravilhas do estylo e o segundo, nem se deixa embair das falsas consequencias de principios falsos; mas quem vai lêr no segundo as consequencias deduzidas dos falsos principios do primeiro volume, perde-se como

um alumno de seminario, que sahiu ha quinze dias de ouvir a theologia do ex-frade, e vem ao *Marrare* ou ao *Suisso* escutar as prelecções dos litteratos, que atiram á religião com Strauss, e Victor Cousin, e ficam contentissimos de si, não tendo dito nada seu.

Alinhavada esta nesga de erudição, continuemos a historia.

D. Pedro da Silva, que achava superlativamente fastidiosos os hospedes do visconde, fechou-se no seu quarto, imaginando quantas hypotheses inventa o coração d'um moço propenso para o maravilhoso, e electrisado pelo amor. Pegou da penna, cuidando que abria no papel uma fonte caudal de versos apaixonados, e, com grande pasmo seu, sentiu-se esteril, e prosaico como a dissertação sobre finanças, que acabava de ouvir a um dos hospedes do visconde, antigo *maire* em Angoulême.

Teimando com a musa, por não ter cousa melhor em que occupar-se, tomou como assumpto o suspiro, que colhera, e dissertou em vinte quadras o melhor que podia dizer-se da dita flor.

A' meia noute, o visconde procurou-o no seu quarto, e encontrou-o mergulhado na sua obra. Pediu-lhe que a lêsse, e fez lhe o favor de dizer-lhe que era bonita. Com mais quatro zefiros, alguns faunos, as tres graças, e a deusa Thetis, a poesia de D. Pedro da Silva teria arrancado ao idolatra de Luiz Racine um sincero applauso.

No dia seguinte, deviam partir para Angoulê-

me, e partiram. O filho da condessa de Sancta Barbora ia triste, taciturno, e tetrico, se o querem assim. Angoulême, com a sua magestosa cathedral; com o seu velho castello em cujos ali cerces estava a pedra tocada pelo primeiro conde do Perigord, Vulgrime 1.°, que vivera no seculo 9.° com as suas muralhas que soaram sangue em 1351, assaltadas por Carlos o-Máo, de horrivel memoria; finalmente com as suas glorias de ter sido o berço illustre de San' Gelais, (santo pouco conhecido) de Balzac, da rainha Margarida de Valois, e de Ravaillac (que seria a esta hora o segundo sancto da terra, se andasse mais recatado e prudente, quando cravou o punhal fanatisado em Henrique IV); finalmente todos esses interessantes attributos de Angouleme enfastiaram D. Pedro da Silva, assim como me enfastiam a mim, e aos leitares tambem. O que elle queria era voltar á quinta de modo que se não fechasse o dia, sem, ao menos, saudar com os olhos, leaes interpretes do coração, os ultimos raios do sol, que purpureavam as vidraças da duqueza de Cliton.

E o visconde de Armagnac começava a suspeitar isso mesmo, quando lhe disse, com intenção de fazer-se passar aos olhos do seu joven amigo por homem prespicaz:

'Que vos parece a duqueza?

«Achei-a bella, e triste.

'*Poetica*, sylfidica, radiosa, scintillante, fatal, archanjo, sybilla, fada... e que mais?

« Eu cuidei que a pergunta fôra feita seriamente, meu caro senhor visconde...

' E foi: o mais que fiz foi accrescentar os adjectivos que forçosamente se dão *rendez-vous* com o substantivo *mulher*. E' a linguagem hybrida e coruscante do vosso amigo Theophilo Gautier, que é a alma vil de Voltaire no seculo XIX... E, então, achaes... (fallemos serios) achaes que a duqueza de Clifton vale bem a pena de quatro lamentaçees lamartinianas? Fallai franco!

« Acho que valle. Quem fôra poeta! quem dera ter uma forte cabeça para exprimir a sensibilidade d'um forte coração!..

' Ah!.. sim?.. Por consequencia, estaes apaixonado...

« Não digo tanto; mas sinto alguma cousa nova... Se entendeis que é perigoso amal-a, fazei-me sahir ja destes sitios...

' Fallais serio?

« Fallo-vos, senhor visconde, como fallaria a meu pai. Amal-a apaixonadamente... isso não; mas podel-a amar... era preciso não a ter visto para dizer que não...

' Eu previra isto mesmo!.. Sou um profeta na minha terra! Quereis, por tanto, deixar a minha casa?

« Já vos disse... Se me haveis de impedir ámanhã amal-a, fazei-o hoje...

' E se ella vos não amasse?..

« Se me não amasse...

‘ Sim... esta pergunta é muito natural... Da vossa parte, vejo que ha as melhores disposições; mas não basta isso... falta metade. Se ella vos repellir?...

« Se me repellir... desprezo-a!..

‘ Sem soffrer?

« Sim: o meu amor proprio reagiria contra a fraqueza do coração.

‘ Nesse caso, entendo que não ha perigo nenhum.

« Quereis dizer com isso que não serei amado pela duqueza de Cliton?..

‘ Penso que não, e já vos disse porque. Aquella mulher é o symulacro da antiga duqueza de Cliton. Foi um metheoro: queimou-se no excesso de luz. Pois não concebeis o que é uma mulher sceptica?.. Estaes muito attrasado na moderna fysiologia do coração homano...

« Sceptica!.. por que?

‘ Por que amou delirantemente, vulcanicamente, como Helena, como Cleopatra, como Virginia, e foi desprezada como Dido, pelo perjuro Eneas, vosso patricio. Comprehendeis a cousa?

« E por isso, não pode amar, não pode sentir...

‘ Não. A materia bruta gasta-se: e o coração é como a materia bruta. Harvei provou que o coração era o orgão principal do systema sanguineo, e mais nada...

« Estaes eruditamente chistoso, senhor visconde... Se eu podesse desmentir-vos...

« Dava-vos a minha quinta, e a edicção illustrada dos meus dous Racines, pai e filho... Quereis apostar? O vosso cavalo deabolico, que me tem enchido as calças de lama ... quereis?

« O meu cavallo está ás vossas ordens. Acho, porem, ultrajante a aposta d'um cavallo quando se trata d'uma mulher como a duqueza.

' Bravo! estaes quinta essencia de macassar, etherio, espirito puro de Kant, atomo de Descartes, aroma de flor, sôpro, brisa... valha-te Deus, creança; tu sabes tanto de mulheres como de equitação... Desviai para la esse hypogripho, que dilata as ventas como um hyppopotamo, capaz de me cravar as patas nos hypocondrios!

« Pareceis-me um grego... do baixo-imperio com os vossos *hypos!*.. Ora, dizei-me meu caro amigo, vamos hoje á duqueza?

' Vamos... quereis recitar a vossa poesia almiscarada, anilada, e azul?

« Deus me livre!

' Deus vos livre! De mais a mais, sois envergonhado como um collegial de Inglaterra, que foi passar as ferias com tres *Miss* hirtas e direitas como as sentinellas de Black-Friars. Se fazeis de donzella timida, de *puer Ascanius*, desmentis a ousadia peninsular da vossa raça fenicia, cartagineza, sueva e arabe. Nada de pieguices, que são a missanga com que se adorna o amor das creanças. A du-

queza não vos quererá assim melhor do que d'outro modo. Não vos aconselho que sejaes audacioso como manda o satanico author da *Lagrima do diabo*; mas quero que sejaes homem. Recitai a vossa poesia, sêde o Lamartine destas aldeias, e cantai todas as flores da minha terra, que eu vos prometto uma medalha honorifica da sociedade botanica de Pariz.

O visconde de Armagnac, sempre epygrammatico e fecundo em ironias salgadas ao sabor voltaireano (que elle christanmente detestava) era, no fundo, uma excellente pessoa, e um raro amigo.

Prevendo uma fatalidade, no caso possivel de se abrazarem os elementos da paixão innocente do seu joven amigo, ensaiava-se nas armas do ridiculo para, mais tarde, matar essa paixão, como se matam em França todas as cousas sérias.

Vejamos como as armas se lhe quebram nas mãos.

XVI.

Recolhidos a casa, mudavam de fato para visitarem a duqueza, quando o mordomo de Cliton chegava com um convite para um jantar no dia immediato. D. Pedro quiz vêr mysterio neste convite. Parecia-lhe extraordinaria esta interrupção na vida solitaria da duqueza. Queria que alguma razão, mais imperiosa que a polidez, aconselhasse semelhante jantar. Teve até a innocente vaidade de se imaginar a causa proxima daquelle convite. A can-

dura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, ás vezes, teem canduras irrisorias. São os extremos, que se tocam.

O jantar no dia immediato não dispensava a visita projectada naquelle dia. Foram, e desta vez a affabilidade da duqueza, recebendo-os, era mais franca, mais jubilosa, e menos aristocratica nas frases da tarifa, e nas empavonadas gesticulações de cabeça.

Pedro da Silva é que não perdera nada da sua timidez do dia anterior, mas tambem não perdia o mais ligeiro acionado, o mais indifferente gesto dos olhos de Elisa de Montfort. A's perguntas respondia concisamente; aos gracejos do visconde respondia córando, e muitas vezes mordeu nos labios a resposta, que poderia ser um desagradavel sarcasmo.

Quando o visconde lhe pediu que recitasse o seu *suspiro*, escripto na vespera, e digno de quinhoar na gloria da poesia moderna, o poeta esquivou-se, dizendo que não tinha de memoria a poesia que escrevera. O visconde, porém, tirou do bolso o fatal papel, que passou ás mãos da duqueza com permissão do author. A duqueza, sem instar com D. Pedro na leitura, leu-a mentalmente, e elogiou-a muito, supposto que, de proposito ou eventualmente, lançasse sobre o poeta, cujo coração tremia, um olhar mysterioso, uma especie de silenciosa interrogação. Aquella poesia fallava d'um suspiro d'amor, e aquelle amor nascera onde o sus-

piro fôra colhido. As bellesas vaporosas do pequeno poema não as comprehendera o visconde; mas a duqueza, que sabia, pelo menos, o indice de todos os capitulos escriptos no coração humano, entendeu, sem orgulho, que D. Pedro da Silva era uma creança com a susceptibilidade de apaixonar-se infantilmente.

Esta crise passou; mas outra mais penosa para o pupilo de Alberto de Magalhães succedeu aquella.

O visconde era procurado por uma alta personagem, que, não o encontrando em sua casa, vinha alli cumprir certa mensagem politica. Retirou daquella sala para outra, e D. Pedro ficou face a face da duqueza. Esta calamidade é a maior de todas que a Providencia póde mandar a um amante de vinte e quatro horas, com dezenove annos de idade! Não a previra o pobre rapaz; e a propria duqueza, que lhe adivinhara o coração, sentiu, por elle, semelhante incidente. Era necessario evitar áquella creança uma tortura. A duqueza convidou-o a entrar na sala proxima, onde estavam os retratos, os paineis preciosos, as paisagens dos melhores authores, que poderiam servir-me aqui de immensa gloria, se eu tivesse a paciencia de copiar uma duzia de nomes; e a crueldade de apurar a dos meus leitores como tem sido apurada a minha por fazedores de romances, que são capazes de vos dizer a côr dos tapetes d'uma sala, a madeira dos moveis, as flores das jarras, o fabricante do piano e o numero das oitavas, e finalmente, os authores

dos quadros que serão necessariamente Rafeel d'Urbino, Ticiano, Miguel Angelo, Spanholeto, Gerardo Dow, Claudio Loreno, Murillo, Corregio, Julio Romano, Rembrand, Velazques... Em fim, cada qual escolha d'ahi, á sua vontade, e imagine que os paineis da galeria da duqueza de Cliton eram preciosidades gloriosas d'alguns, ou de todos esses nomes.

E' no que se intretiveram a duqueza e o seu hospede, ao que devera apparentemente julgar-se. Mas D. Pedro ouvia o som das palavras della, e pouco se enthusiasmava na admiração da arte.

' Parece que não sois poeta!... — disse ella, sorrindo com a meiguice que não tinha a virgem de Foligno, a mais graciosa cabeça d'uma fantastica Fornarina.

« Não vos pareço poeta? Se eu realmente o não sou, nem vo'l-o disse que o era!...

' Sois; mas aqui, defronte da poesia que manou em ondas do pincel, pareceis-me frio!...

« Não posso mentir-vos... Não sinto os enthusiasmos que desejara sentir para ser um verdadeiro poeta...

' Não amaes a pintura?

« Amal-a-hia, muito, penso eu, se estas madonas representassem a existencia d'uma raça de lindas mulheres extinctas; mas se os originaes existem ainda...

' Não vos extasiam as cópias... Tendes razão; mas não tendes *poesia*, que é uma cousa muito di-

versa da razão... As cópias são bellas para se amarem. Os originaes deixam sempre maguas, como as sentiu o grande poeta que nos deixou tantas cópias da formosa mulher que lhe queimou a imaginação até aos trinta e sete annos...

« Foi infeliz, por que viveu de mais...

' De mais? isso é uma excentricidade!

« De mais, senhora duqueza... Eu penso que...

D. Pedro reteve-se, como quem procura a frase propria, ou suspende a impropria.

' Dizei... — instou a duqueza, esperando com interesse.

« Eu penso que se tem vivido de mais, quando... em vinte e quatro horas...

' Dizei...

« Se sente o mais que póde sentir-se.

O mancebo córou, como uma donzella, ao terminar a resposta, que lhe sahiu interrompida palavra por palavra.

A duqueza não se sorriu, como a leitora imaginou. Desviando os olhos para o quadro, onde D. Pedro fixara machinalmente os seus, quando respondia, disse alguma cousa sem reflexão a respeito de certa paisagem.

Neste conflicto, entrava o visconde, pedindo desculpa da sua demora, e dissertando largamente sobre os heroicos ascendentes da duqueza, cujos retratos occupavam a maior extensão das quatro paredes, alóra um que vimos no Izidro em Lisboa, e que fizera recuar e transpirar um suor frio a

padre Diniz. O visconde notou a falta; mas, por delicadeza, não a fez sentir.

A fragrancia do jardim convidara-os a passear. O visconde observou que a duqueza não fallava desafogadamente com o seu hospede. Achou alli uma reserva, que poderia dizer-se o despeito d'uma namorada, ou o desdem d'uma astuciosa. Ambas as conjecturas eram inverosimeis. « Quem sabe [dizia elle comsigo] se esta creança cahiu na imprudencia de fazer-lhe uma declaração, que ella recebeu como affronta á sua dignidade? »

O sangue frio dos velhos julga sempre assim. Por mais experimentados, o coração, já descórado das reminiscencias de bons tempos, falsifica sempre os seus juizos.

A duqueza, realmente, parecia melancólica, ou abstracta. As flores já lhe não eram incentivo para as puerilidades d'um dealogo mudo com o refinado cortesão de Versailles. Colheu uma lagrima, e teve-a entre os labios, até que insensivelmente cahiu, cortada pelo pé. D. Pedro parecia refugiar-se, em cada gruta de myrtho e lilazes, aos olhos da duqueza. Atormentava-o a duvida: não podia decifrar o silencio da duqueza: recordava-se de tudo que o visconde dissera quando lhe profetisava os perigos da fascinação por tal mulher. Cada vez mais receoso, e convencido da loucura que praticara, arrependera-se de ter deixado ao coração a liberdade de fallar, e promettia á sua consciencia de nun-

ca mas soltar um monossylabo, que denunciasse a sua alma. Era a promessa do poeta Ovidio.

O visconde interrogara, pela quarta vez, a melancolia da duqueza, e recebera sempre em resposta um sorriso e um gesto negativo. Depois, com ar sombrio e a testa enrugada, o honrado velho encarava D. Pedro, e, por um outro gesto, e um olho meio fechado, significava-lhe as suas suspeitas, a que o moço respondia com olhar pasmado, que, traduzido litteralmente, queria dizer: *Tens razão..*

Era noite. Os hospedes retiravam-se. A duqueza, com soberana desplicencia, chamou D. Pedro, já quando o visconde estava no vestibulo do palacio experimentando as cilhas do cavallo.

O tremulo mancebo invocou toda a sua coragem para entrar sem desaire na sala. A duqueza veio-lhe ao encontro com um papel na mão:

' Quiz entregar-lhe os seus versos, que ficavam aqui por esquecimento. Agouro-lhe um glorioso futuro na historia litteraria de Portugal. Continúe a cultivar a poesia, que é uma bella prenda, e uma pedra de grande brilho para deslumbrar os olhos das mulheres. Mas consagre os seus *suspiros* ás da sua idade, por que as outras raro terão a alma bastante pura para comprehender-lh'os... Boas noites.

D. Pedro ficou, como devem imaginal-o, fulminado. Sahiu da sala, quando se viu sósinho. Desceu as escadas, como cego, e, por nos servirmos da sua propria idea, o rubor da cara ou lhe

injectara sangue nos olhos, ou lhe pintava de escarlate todos os objectos.

Montou a cavallo, sem responder a uma pergunta muito natural, que o visconde lhe dirigira. Esta pergunta foi repetida:

‘ Que tivestes com a duqueza, Pedro

« Poupai-me o desgosto de responder-vos.

‘ Mas eu tenho direito de interrogar-vos.

« Não vos responderei, senhor visconde.

‘ Deixastes de ser meu amigo?

« Sou vosso amigo, hoje, mais do que nunca.

‘ Fui profeta?

« Fostes.

‘ Foi, por tanto, uma desgraça a vossa vinda para aqui...

« Foi. Esta desgraça tinha sido prevenida por outro homem antes de vós...

‘ Antes de mim?!... por quem?

« Por padre Diniz... Foi elle que me disse: « A primeira mulher, que se ama, decide de toda a existencia do coração de um homem... » é uma verdade fatal! Eu já vol'o disse...

‘ Pois devo acreditar que amais assim uma mulher que vistes ha quarenta e oito horas?

« Amei... agora já não: detesto-a; mas a minha alma ficou ferida para sempre. Se fosse um homem, que me ultrajasse assim, cravava-lhe os dentes no coração.

‘ E' incrivel! Que vos fez ella para tanto?!

« Respeitai a minha vergonha!... Como não

quero balsamo para a ferida; deixai vêr se o esquecimento a cura... A vossa amisade é impotente.

O visconde suspendeu o seu inconveniente interrogatorio.

Aquella noite foi uma noite infinita para D. Pedro da Silva. Fechado no seu quarto, verteu as primeiras lagrimas por uma causa nova. Nem elle sabia definir-se. Alternativamente odiava a duqueza, e sentia necessidade de cahir de joelhos aos pés da imagem della, que se lhe não affastava um instante da imaginação. Queria cerrar os olhos, violentando o somno, ou carregando a fantasia de sombras, que lhe escurecessem o quadro da sua recente desgraça... era impossivel! Invocou o espirito de sua mãi, que lhe tinha dito que a invocasse nas suas tribulações; chamou em seu soccorro todas as palavras de padre Diniz... e o espirito de sua mãi era mudo, e as palavras do sacerdote não lhe desciam da memoria ao coração. Abriu a janella para refrigerar a cabeça afogueada, e não pôde retirar os olhos do vulto escuro do castello de Cliton, onde, naquelle instante, a imaginação lhe desceu o crepe, que Emilia vira no castello de Udolpho. A manhã estava fria; o leste gelava-lhe o rosto; mas as frontes latejavam-lhe como calcinadas interiormente. Purpureavam-se os horisontes; o sol ia nascer; os operarios entravam na quinta, quando o infeliz, que vaticinava longos infortunios, fechou a anella para continuar as trevas da noite. Organisação debil, sentiu esvahimentos de cabeça; en-

costou-se ao travesseiro, pedindo a Deus uma hora de repouso; pareceu-lhe que fora ouvido, por que principiava a esquecer-se da vida atormentada daquella noite. Não era somno: era a prostração da febre; as forças da alma extenuada que passavam para o giro impetuoso do sangue.

A's oito horas o visconde, receoso, abriu a porta do quarto, e encontrou o seu hospede com as faces escarlates, as palpebras amortecidas e azuladas, as mãos ardentes, o sangue em tropel batendo contra as veias tumidas dos pulsos, e os labios roixos como se fossem cauterisados.

Assustou-se.

As primeiras palavras disse-as Pedro da Silva:

' Mandai preparar os meus cavallos, que quero partir já.

« Para onde?

' Pariz.

« Não podeis... Vós estaes muito doente.

' Não estou. E' uma ponta de febre, que o ar puro me curará.

D. Pedro ergueu-se, e não se sustem de pé. Cahiu n'uma cadeira, e forcejou por tornar a erguer-se. Conseguiu dar alguns passos. Sahiu do quarto, passeou na sala proxima; mas, minutos depois, sentou-se, murmurando surdamente:

« Não posso!

' Eu não vos disse que não podieis? — disse o velho, tomando-lhe o braço — Vinde deitar-vos.

O filho de D. Pedro da Silva, que morrera

tysico, e de D. Angela de Lima, que morreria tysica se a colera-morbus a não fulminasse, entrou no quarto, e lançou-se sobre a cama.

O visconde fizera correr o seu melhor cavallo, para que o medico viesse, uma hora depois. O doutor, menos charlatão, ou menos erudito que o de Santarem, indagou os precedentes daquelle accesso, e concebeu o que podia conceber da molestia, e nada lhe receitou. Não obstante, prohibiu a sahida, e applicou-lhe distracções, se o effeito daquelle tipho moral não fosse debellado pela mulher, que era de todas a melhor triaga para tal veneno.

Nesse dia era o jantar da duqueza, para o qual estava convidado o medico, que foi o portador das desculpas do visconde. Elisa de Montfort affastou-se da sala em que recebera alguns convidados de Angoulême para interrogar particularmente o medico:

'Que é o que tem o hospede do visconde?

« Tem a peor de todas as molestias, por que não ha medicina para ellas.

'Tysico?

« Lá irá ter... mas por em quanto, senhora duqueza, o mal do pobre moço é uma paixão por não sei que Beatriz, que o faz arder em febre.

'Devéras?!

« Positivamente, senhora duqueza... Nada lhe receitei, por que não tenho que lhe fazer. Se eu podesse transformar-me em bonita creatura do sexo amavel, queria passar pelo desgosto de não poder

usar da medicina, para ter a gloria de salvar aquelle bonito rapaz, que falla deliciosamente um francez misturado de inglez e hespanhol. . . .

. . . . . .

A duqueza, durante o jantar, esteve sombriamente triste. Os convivas entenderam que era um serviço á dona da casa o distrahil-a com a conversação interessante. Para elles, depois de anno e meio, era maravilhoso verem-se alli reunidos naquella casa, fechada longo tempo ás antigas relações e parentes dos Montmorfls.

Mr. de Colomb, e mr. de Poltrot, e o deão da cathedral de Angoulême eram, entre os fidalgos analphabetos do banquete, os mais distinctos por letras, por espirito, e por virtudes. Mr. de Colomb fallava nas suas recentes viagens na Europa; mr. de Poltrot lastimava a decadencia da litteratura franceza, e mordia os romances de Gautier, de Dumas, e de Paulo Feval. O deão queria que o ouvissem sériamente sobre os felizes resultados da associação propagadora da fé na America e no Japão, o que, em verdade, era difficil, não obstante estar rodeado de catholicos-apostolicos-romanos.

'Que vos pareceu Lisboa? — perguntou a duqueza a mr. Colomb.

« Lisboa é um *desapontamento*, senhora duqueza. O Tejo é como o veu de lindos matizes, que esconde o rosto d'uma feia mulher. A capital da Lusitania, que dizem os portuguezes ser fundada por Tubal, neto de Noé...

' Isso é falso!... — atalhou o deão — Tubal nunca foi ao occidente... A Byblia não diz tal embuste.

« Eu tambem creio que não... Como vinha dizendo, Lisboa não tem monumentos, nem magnificencia, nem civilisação, nem sociedade. Conserva-se como a deixou Byron. E' uma terra de barbaros de casaca e chapeu de castor.

' Pois não frequentastes a sociedade de Lisboa? — tornou a duqueza.

« Estive em alguns salões... dous ou tres que representam a aristocracia monetaria, por que a outra cahiu com a mudança da politica. Eu levei de Londres cartas para um tal Alberto de Magalhães que é o unico homem de bom tom, que encontrei em Lisboa Deu-me um baile, em que vi duzentas mulheres pouco mais ou menos, e, entre tantas, só a dona da casa fallava correntemente o francez comigo, e o inglez com o embaixador. E' uma perfeita dama, tanto mais admiravel quanto, segundo ella me disse, deve a sua educação ao marido. Se a ouvisseis fallar em litteratura, mr. de Poltrot, havieis de desejar que tal mulher não tivesse nascido entre hottentotes...

Ninguem reparava na pallidez da duqueza de Cliton. Mr. de Colomb continuou :

« Fui testemunha d'um escandalo que me fez rir muito...

' Passado n'essa casa? — atalhou a duqueza.

« Sim senhora duqueza. Eu vou contar ... Um

dos concorrentes era um tal barão de Sá, ridiculo petit-metre, com pretenções a leão, vesuvio de tolices, um fatuo, finalmente, que deveria ser uma preciosidade incalculavel, se nascesse em terra onde os seus patricios soubessem disfrutal-o. Representa quarenta e tantos annos. Uza bigode á Solimão II, gravata branca a toda a hora, e é um martyr da religião do verniz, por que comprime os callos n'um sapato que o traz sempre em pulinhos, como se a tarantula o mordesse nos calcanhares. Desculpai as minuciosidades, senhora duqueza, porque era preciso dar uma cabal informação ao auditorio que parece prestar uma benevola attenção ao meu querido amigo o senhor barão de Sá. Eu creio que já disse que a sua mania era o galanteio ás mulheres, ás quaes fallava na civilisação americana, onde nunca fôra, e nos salões de Pariz, onde nunca entrara. Alem disto, dansava, e dansava sempre, todas as quadrilhas, todas as walsas, e sentia profundamente que tivesse passado de moda o solo inglez. Ainda mais, fazia *calembours*, e forjava epygrammas para os seus amigos. Está definido summariamente o barão de Sá, se não vale a pena dizer que elle trazia sempre o cabello anediado como a cabeça d'uma criada de servir aos domingos. Estavamos, pois, em casa de Alberto de Magalhães, e eu gosava o dilicioso fidalgo com todo o enojo da minha indignação, quando entrou um outro cavalheiro a quem chamavam *barão dos Reis*. O nosso amigo soltou uma estridorosa gargalhada, quando o seu

collega entrou, com uma velha pelo braço que diziam ser sua mulher. O barão dos Reis tinha uma presença regular. Era homem de cincoenta e tantos annos; vistia como os outros, andava e fallava como todo o mundo de Portugal, e eu não vi rasão para a gargalhada do meu cicerone, nem para os sorrisos de outros elegantes que vieram fazer côro com o barão de Sá.

' Não sabeis por que a gente se ri? — perguntou-me elle. « Não, não sei. » ' Eu vos digo — tornou elle — Aquelle homem foi feito barão, há dias. Chamava-se Joaquim dos Reis; foi meu mestre de piano; mas um pessimo mestre, que nunca foi capaz de me fazer tocar o arpejo da *Joven Lilia abandonada*. Era um sordido, que me sujava as teclas do piano: e, quando viu que não levava a vida, executando musica, deu-se ao officio de copista de solfa de egreja. Haverá quatro annos que um tal judeu, vindo não sei de donde, lhe restituiu um dinheiro, roubado não sei se á mulher, que é aquella velha, e o caso é que o senhor Joaquim dos Reis entra em jogo de fundos, compra com papeis do governo um convento em Santarem, empresta ao ministerio uma bagatella e appareceu-nos barão ha dias, de mais a mais com a insolencia de apresentar-se aqui na grande roda! » O meu imbecil amigo terminou a biografia do mestre de piano com outra gargalhada, e foi, direito a elle, perguntar-lhe se estaria já habilitado para lhe ensinar o arpejo da *Joven Lilia abandonada*. Esta pergunta

excitou a hilaridade em alguns rapazes, que o seguiram, e o pobre barão fylarmonico retirou-se immediatamente do salão, com a pallida mulher. Minutos depois, o creado do cavalheiro Magalhães entrou na roda de elegantes, onde estava o barão, e disse em alta voz: O senhor Alberto de Magalhães manda-me conduzir immediatamente o senhor barão de Sá para fora das suas salas!

'E' original o acontecimento! — interrompeu a duqueza.

« Muito original! O barão de Sá retirou tão corrido como o barão dos Reis; e os seus amigos, que se tinham rido do sarcasmo a seu ver muito espirituoso, ficaram louvando o procedimento do dono da casa, e cortando cruelmente a reputação do expulso com ignominia.

' E depois?.. — interrompeu um sobrinho do deão, que tinha a honra na ponta do nariz — O vosso bizarro amigo, que nos fizestes a honra de appresentar, não desafiou Alberto?

« Essa pergunta é de selvagem! — retorquiu o deão — Quem falla aqui de desafios? Estamos em terra de cafres, ou somos do paiz mais civilisado do mundo?

' Meu querido tio, o duello é a civilisação — retorquiu o espadachim empinando um copo de Bordeux, em que era mais perito que nos duellos, graças ao exemplo de seu thio, perfeito conego, que passara uma regalada vida, comendo, bebendo, a-

postolisando a propagação da fé, lamentando a decadencia do christianismo, e dormindo.

Não fallemos em cousas desagradaveis — disse o capellão da duqueza, por não trazer á memoria de sua ama e senhora os funestos resultados do duello de seu irmão — Como vão os trabalhos da propagação da fé, senhor deão?

« Bemdito seja Deus, os effeitos são divinos, porque a causa é a causa do Senhor. Mr. Petit, o anjo do Evangelho, escreve de Chichipe-Outipe, e diz que vive entre os Potowatonuas, que conservam ainda a tradição dos jesuitas, os quaes denominavam os *homens negros*. Já sobem a mil e duzentos os christãos. Um padre portuguez, varão apostolico, homem predestinado, foi-lhe mandado como auxilio do ceu pela Providencia Divina. Mr. Petit diz que, sem o soccorro deste enviado do ceo, não teria colhido tantos fructos da semente lançada entre os espinhos do paganismo. Accrescenta que a sua figura faz lembrar os apostolos da primitiva egreja, e que a sua palavra, sempre cortada de gemidos, faz chorar o auditorio, e leva ao espirito a unção d um S. Paulo, e do antigo patriarcha das Indias. O seu nome é padre Diniz Ramalho...

' Padre Diniz Ramalho!.. — exclamou a duqueza.

« Sim, senhora duqueza. Embarcou em Marselha, haverá dous annos, com os padres francezes. Elle e o padre Petit são os unicos, que sobreviveram aos trabalhos, ás sêdes, e ao martyrio... Vejo-

a enthusiasmada com o triumpho dos meus dous queridos missionarios, senhora duqueza ! Dou graças a Deus, por lhe ter causado essa boa emoção !.. Mas não quero que chore !.. isso é de mais...

' Não são amargas estas lagrimas, senhor deão ... — disse a duqueza que não podera disfarçar a commoção.

« Ora, meu thio — atalhou o sobrinho do relator dos triumphos apostolicos — reserve esses beatificos quadros para contar a minha mãe, que acaba sempre por dar quatro centos francos mais para a obra da propagação da fé.

' E's um imbecil, meu talentoso sobrinho — gaguejou o deão engolindo um damasco de calda, que teve de fazer recuar nos limites da garganta com um copo de champagne.

Findo o jantar, que fôra para a duqueza uma prolongada lucta de crueis recordações, de vergonhas intimas, de remorsos suffocados, os importunos convivas esperavam a illustre hospeda na sala onde o chylo se purificaria em espirituosa conversação, se lhes não fosse annunciado que a senhora duqueza, por incommodada, se recolhera á sua camera, e pedia desculpa aos seus amigos.

Retiraram-se com hypocrita pesar, excepto o medico, a quem era obrigatoria a visita ao quarto da sua nervosa doente, que elle curava sempre com quatro anedoctas de Pariz, contadas com linguagem decente.

Desta vez, porem, a panacea não approveitou.

Não quizera saber de anedoctas a duqueza. Estava mais que nervosa. Era alguma cousa parecida com o frenezi o que ella tinha. Inquieta, enraivecida, abrasada, franzindo a testa com tregeitos de aborrecida, a rival infeliz de Eugenia recebera o doutor com estranho mao modo, e por pouco lhe não disse desattenciosamente que a deixasse só.

O medico, da sua parte, não era paciente bastante para aturar caprichos de mulheres, visto que curava os da sua com dieta de palavras.

Pegara, por tanto, no chapeu e na bengala; quando a duqueza, que, até alli, parecera indifferente aos frios lenitivos do perplexo doutor, o chamou com a costumada suavidade da sua voz e das suas maneiras:

‘ Vai zangado, doutor?

« Não, minha senhora... zangado não; mas... quem não sabe decifrar charadas é um dromedario se é teimoso...

‘ Tendes razão... Eu tenho sido uma charada, e a vossa sciencia é outra...

« Mas a minha charada tem um conceito...

‘ Decerto... são os epytafios... e bonitos conceitos que elles são, até mesmo por que ha *conceitos* bons que é necessario serem escriptos sobre a sepultura para se estabelecerem...

« Bonito *calembour*, senhora duqueza! O que vejo é que passou a tempestade... estimo muito... Vamos a vêr este pulso... Noventa pulsações por minuto... E' a digestão que se faz irregularmente...

isto não é nada... Nunca vos vi semelhante ataque... fizestes-me lembrar vossa mãi, senhora duqueza. Tinha dias insuportaveis!... Então, era eu rapaz pouco experiente da organisação problematica das senhoras, e tinha medo de vossa mãi. Depois, casei, e quiz Deus que minha mulher tivesse uma organisação com todos os segredos. Tem sido uma anatomia, que me não fica barata, mas tenho aprendido muito nella. Receio que me succeda como a Bichat, que foi victima das suas observações no cadaver, e uma autopsia, em mulher viva, é cousa um pouco mais séria e perigosa... A senhora duqueza ri-se? Pois olhe que eu tenho chorado muitas vezes, por que não pude ainda descobrir a pharmacopea com que se curam as mulheres dos medicos. Cuidei que curava a minha com um decocto de papoulas...

« Pois déstes papoulas a vossa mulher?!

« Nada... tomei-as eu, por que, se é verdade o Evangelho, a minha mulher é a carne da minha carne, o osso do meu osso, e os remedios que eu tomar devem influir nella como em mim. E' o que eu pensava, como bom logico que sou, quando tomei as papoulas. Imaginei que, dormindo eu, dormia ella, e dormindo ella, estavamos ambos calados. Enganei-me, como um charlatão, como um Paracelso de ridicula memoria. Minha mulher fallava tanto, que me accordava! Accreditai, senhora duqueza, que a medicina está muito attrasada, em quanto virdes que os medicos não vivem bem com as suas mulheres... O mais

tudo se cura; não ha molestia acabada em *yte* que não tenha uma abundante farmacia. As proprias paixões se curam, com um pouco de extracto de *Moliere*. Agora tenho eu um doente, que espero curar com duas risadas applicadas a tempo... Ja sabeis quem é o meu doente?

' Não.

« O hospede do visconde de Armagnac...

' Pois elle está apaixonado?

« Como um Sardanapalo em meniatura!

' Como o soubestes?

« Disse-m'o o visconde.

' De que maneira?

« Muito simples. Uma declaração despresada...

' Onde?

« Não fui tão longe nas minhas indagações. O que me disseram foi so isto. Perguntei desde que tempo duravam aquelles soffrimentos, respondeu o visconde que não havia muito.

' Será romanticismo de creança...

« Ah! a senhora duqueza... acha... que será... romanticismo?..

' Fazeis-me essa pergunta com um tom...

« Sem intenção... e, se a tivesse, não ha aqui pensamento máo... Bem podia ser...

' O que?

« Uma creança audaciosa...

' Por Deus!... achaes que eu tenho attractivos de apaixonarem um homem em quarenta e oito horas?

« Heide ler os meus authores a esse respeito...

' Não encommodeis os vossos authores por semelhante motivo. Eu não me interesso nesse estudo... Ides ver o vosso doente?

« Tenciono la passar a noite, se não disposerdes o contrario, senhora duqueza.

' Tentaes, por tanto, cural-o...

« Não, minha senhora.. tento...

' Fallai serio como um medico...

« Fallo serio, como sempre, em serios negocios. O menino apaixonado quer sahir, e o visconde não o deixa sahir sem que eu l e garanta o nenhum perigo da sahida.

' Que perigo ?

« O perigo d uma congestão cerebral, ou cousa que o pareça... Os symptomas, que hoje lhe vi, eram assustadores. E' o amor mais febril que tenho encontrado nos casos variadissimos desta epydemia...

' Então, não vos quero demorar. Ide e fazeime o favor de testemunhar o meu desgosto pela falta do visconde e do seu hospede, muito especialmente por causa do imprevisto incommodo . . . . .

. . . . . .

XVII.

O coração da mulher é um abysmo. Este axioma é já tão velho, que não é habilidade nenhuma repetil-o. Habilidade é sondar o dito abysmo e adivinhar a mulher. Muitos o tentam, e poucos con-

veguem vir a lume com a pedra fylosofal. E' uma exploração perigosa como a dos exploradores. E' como as viagens do polo em cujos gelos ficam sepultados os nautas atrevidos. E, se não fosse assim difficil a conquista, a mulher não valia nada. O que a faz preciosa é o segredo.

A duqueza de Cliton, angelicas leitoras, era uma mulher superior á analise do medico penetrante e do experimentado visconde. Vereis que o auctor é muito mais esperto elle só que os dois cavalheiros juntos, porque, descozendo as pregas d'aquelle coração com a thesoura da maledicencia, indispensavel neste nosso trabalho de fysiologia, vai mostrar-vos a mercancia de Alberto de Magalhães.

A duqueza ia nós sabemos que se retirara a Cliton, onde vivia sosinha. Esta violencia, imposta á sua indole, durara anno e meio. As creadas reputavam-na maniaca, e muitas fugiram atemorisadas suspeitando alguma furiosa demencia em sua ama. Os dias de profunda melancolia, seguidos aos accessos de frenesi, reputavam-nos beaterio: e não os reputavam mal, por que a duqueza, nesses dias, resava com fervor, chorava como Magdalena, e tinha outras muitas virtudes de muitas outras sanctas, que nos não lembram agora. Nesta alternativa de sancta e de frenetica, passaram-se dezoito mezes, até que, uma bella manhã, a duqueza de Cliton, melhor avisada, entendeu que não nascera para tal vida, nem tinha motivos rasoaveis para viver assim. Esta judiciosa deliberação coincidiu com a chegada

do visconde de Armagnac á sua quinta. Resolvida a conviver, cumprindo os deveres de senhora do tom, mandou comprimentar o velho amigo de sua casa, raciocinando desta maneira : « o visconde hade querer reconciliar-me com o mundo ; primeiro, resistirei; depois, por muito rogada, consentirei que venham a minha casa as antigas relações de Angoulême; e, mais tarde, irei a Pariz onde está a minha sociedade, onde se respira o ar da vida que eu preciso respirar. A minha reclusão de anno e meio deve ter movido o interesse e a sympathia das turbas a favor das minhas desgraças. A maledicencia não exige virtudes para se callar ; e eu espero que a maledicencia me considere uma mulher superior, e me veja atravez d'um prisma de superstição, que eu saberei sustentar com a minha riquesa, e com o calculo, filho da experiencia.

A duqueza planisara assim ; mas a reacção era tão impetuosa que lhe não deixou seguir com vagar o fio dos acontecimentos O convite para o jantar foi uma precipitação, que maravilhou o deão, e os outros convivas, menos o viajante, e o litterato, que absolviam todos os caprichos e celebridades d'uma mulher, franceza de mais a mais. Para estes, o isolamento da duqueza era uma fase tão natural como a convivencia. Se a vissem irman da caridade, hoje, e ámanhã elanguescida n'um sopha, archejando cansada d'uma walsa vertiginosa, julgariam ambos os factos como necessidades da organisação. E, nisto, não nos levam vantagem mr.

de Colomb, e o seu amigo ; por que sabemos que ha organisações assim.

D. Pedro da Silva era uma individualidade inesperada na sua nova época. Amestrada em todos os relances de olhos, e em todos os silencios significativos , a duqueza adivinhou depressa a temperatura do coração do seu appresentado. Não se julgo radicalmente amada ; mas viu as lavaredas do volcão repentino, embora superficial , que queimava por dentro o mancebo. Bem sabia ella que não era este o primeiro triumpho seu ! Tinha visto assim abrazarem-se muitos vesuvios em redor do gelo da sua alma, que só Leopoldo Sáavedra soubera derreter não diremos se com o fogo das suas palavras, se com o metal candente de oitenta mil francos. Fosse o que fosse. Por esses tempos, Teophilo Gautier escrevia o seguinte : « A mulher que resiste a cem mil francos, cederá a duzentos mil... Todas são corruptiveis... a cifra é que varia... » Mas a a nossa questão não é esta.

A duqueza de Cliton para saber que era amada não precisava de lêr o *suspiro* do portuguez em versos francezes. Convinha-lhe, porém , acceitar o cortejo de D. Pedro da Silva ?

Este grave quesito inquietou-lhe o somno da noite, que precedeu o dia do jantar. A essas horas o atormentado mancebo refrigerava ao ar da noite a cabeça escaldada. A duqueza não suppunha tanto ; mas, combinando umas cousas com as outras, esperava alguma cousa , e reprehendia-se da de-

masiada severidade das expressões com que lhe entregara desdenhosamente a poesia.

O resultado excedeu a espectativa. Não queria tanto; mas sentiu-se orgulhosa de alguma cousa. As mulheres de tempo a tempo, quando principiam a duvidar da sua formosura, gostam de colher bons resultados das taes experiencias. Se ha alguma, superior a estes louvaveis caprichos, não a conhecemos. As mais veneraveis matronas, as Octavias que levam a mão ao nariz quando as incommodam os perfumes das Lesbias e das Marcias, essas mesmas, que seguem á letra as imposições do sacramento que as fez boas esposas e boas mãis, não se mortificam demasiadamente se o binoculo impertinente d'algum importuno as persegue, inclusivamente, na 3ª ordem.

A duqueza era como todas as outras, e tinha alguma cousa mais, que muitas outras não tem: era muito linda, muito espirituosa, muito rica, e muito vaidosa com sobeja razão para sêl-o.

O peor foi a conversação do jantar. Os elogios de mr. Colomb a Eugenia de Magalhães deixaram-na atrozmente ressentida. O lume do rancor não se apagara nas cinzas d'um apparente esquecimento. A vingança, baldada por um homem superior que o destino lhe deparara, só poderia desvanecer-se por influencia religiosa que a duqueza não estava disposta a receber. Perdoara por impotencia: este sacrificio não tinha merito nenhum. Parecia-lhe impossivel perdoar, depois de consummir quatro an-

nos e meio atraz dos vestigios da sua victima predestinada. Recebera da America uma carta de padre Diniz; mas essa carta não lhe fallava em Alberto de Magalhães, nem lhe impunha o perdão do ultrage. Não prescindira da sua vingança!... Mas o que tem uma cousa com a outra? Tem muito. Encadeia-se infernalmente o odio entranhado da duqueza com o amor regeitado de D. Pedro da Silva. Jogava uma paixão vertiginosa entre a creança que nascera, dezenove annos antes, na quinta das Alcáçovas, e o sicario do marquez de Montezellos, que a vendera por quarenta peças, para, quinze annos depois, a dotar com quarenta contos.

Podiamos aqui já levantar o segundo veo da tragedia occulta no coração da duqueza; mas antes queremos que os leitores sintam a innocente vaidade de levantal-o.

D. Pedro da Silva estava mais tranquillo quando chegou o medico, portador dos cumprimentos da duqueza, que repetiu na presença do doente. Já prevenido por suspeitas, o doutor reparou que o mancebo ouvira em sobresalto os termos banaes da etiqueta, convenceu-se da *causa morbûs*, e achou que tinha dado um grande passo na sciencia, mas para a cura decerto não dêra nenhum.

Interrogado pelo visconde se, no dia seguinte, poderiam partir, o medico respondeu que sim, se a distracção era o fim da sahida.

Na manhã do seguinte dia, o medico, antes de recolher-se a Angoulême, visitou a duqueza, que

o esperava anciosamente, e deu parte das melhoras do portuguez, que se retirava para Pariz. A duqueza sentiu uma mordedura de vibora no coração. Este desenlace era o menos ajustado possivel com os seus calculos.

' Já partiu? — perguntou ella, não sabendo esconder a commoção.

« Ainda não... Partirá de tarde. O visconde tem negocios, que o não deixam sahir de manhã, e disse-me que viria despedir-se da senhora duqueza.

' Sim?

« Sim, minha senhora...

' E...

« Bem sei o que quer perguntar-me... Creio que tambem virá...

'] Sabe que vem?

« Ouvi dizer que sim.

' A quem?

« A elle... A senhora duqueza não acredita que o medico é duas vezes confessor... e duas vezes adivinho... que sabe o que se passa na alma, e o que se passa no corpo...

' Quereis dizer...

« Que o meu doente tem razão para adoecer... Os ares aqui são sadios, o ceu é bom, as aguas são puras, mas os olhos teem a cholera-asiatica...

' Gracejaes, doutor?

« Com a senhora duqueza de Cliton não se graceja. O caso podia ser mais sério... Quem vence os

corações sem entrar em batalha, mesmo por caridade com o proximo, não deve apparecer nunca... E não me detesteis por estas franquezas de velho...

O doutor foi interrompido pela noticia da chegada do visconde de Armagnac e D. Pedro da Silva.

« Vê? — continuou o penetrante adivinho do corpo e da alma, como elle modestamente se reputava. — Elle ahi está... Era preciso que fosse muito pouco orgulhoso para não vir... Ouço dizer que estes homens da Hespanha são netos dos arabes . . .

. . . . . .

O doutor sahia, quando entravam os cavalheiros. A duqueza apertou a mão a D. Pedro da Silva, encarando-o com certo ar de dignidade que lhe não ia mal.

« Tive um verdadeiro pezar — disse ella — com o vosso incommodo, senhor D. Pedro. Fosse qual fosse o motivo por que não acceitastes o meu convite, quizera que não fosse uma doença de algumas horas...

' Uma passageira doença...— disse D. Pedro.

« Saudades de Pariz?

' Justamente.

« Depressa se desenvolveram tão dolorosamente...

' Cuidei que seria superior, mas enganei-me...

« Superior... a quem?

' A' saudade, senhora duqueza.

« A solidão não é linitivo para quem foge ás multidões de Pariz, com saudades de Pariz...

' É assim, senhora duqueza.

« Creança... creança... — atalhou o visconde, que adivinhara as intenções orgulhosas do seu amigo.

' Não pensam assim as creanças... — retorquiu a duqueza, sorrindo sem vontade — Já não ha creanças.., Que annos tem, senhor D. Pedro ?

« Dezenove.

' Aos dezenove annos é-se homem pelo coração... ama-se tudo, e, em primeiro logar, a mulher não é assim ?

« De certo, senhora duqueza; em primeiro logar, a mulher digna de todo este amor...

' E ha alguma digna de tanto amor ?

« Ha, minha senhora... Se conhecesse is a que eu amo...

' Deve ser um ente perfeito, uma mu lher invejavel... é de Pariz ?

« De Pariz.

' Da vossa idade ?

« Justamente da minha idade. E' daquellas *que comprehendem os meus versos*, e me repelliria como indigno della, se soubesse que eu tinha consagrado versos a quem m'os não entendesse.

A duqueza mordeu o labio inferior, e continuou :

' E foi por causa della que eu tive o desgosto de vos não ter hontem no meu jantar ?

‘ *Desgosto*, não, senhora duqueza. Ella decerto não tem a pedir-vos desculpa d'um desgosto... e eu tambemnão, porque ha fraquezas que devem tolerar-se a um rapaz de dezenove annos... Minha senhora, eu tenho roubado a palavra ao meu amigo visconde, que parece querer dizer-vos que tem necessidade de retirar-se a tractar de negocios, porque tem a bondade de acompanhar-me a Pariz...

« Pois partem hoje?

‘ Hoje ás cinco horas — respondeu o visconde — Vamos passar a noite a Angouleme.

« Se partem ás sinco horas... são ainda trez...

D. Pedro da Silva ja tinha o chapeu na mão, e meia curvatura em ar de despedida. O visconde seguira o exemplo do seu heroico amigo, cuja coragem lhe estava dando em que pensar, e maravilhar-se.

A duqueza, apertando a mão ao portuguez, disse com duçura:

« Senhor D. Pedro da Silva, serei indiscreta se vos pedir uma copia da vossa poesia a um suspiro?

O mancebo estremeceu a esta pergunta, antes de responder, titubeando:

‘ Indiscreta, não, minha senhora!

Bem pode ser que o seja, porque ouso pedir-vos a copia d'uma candida inspiração, tão lisongeira para a pessoa que vos faz poeta de tão sentidas poesias... Este desejo... é mais orgulho de sexo... que outra cousa. E‘ delicioso pertencer,

supposto que no ultimo grau da escala do ente que vos apaixonou assim... Dais-me a copia da vossa poesia?

' Enviarvol'a-hei, senhora duqueza.

« Não a receberei... Peço-vos que sejaes o portador... Ha outro motivo de menos consideração para ousar pedir-vos tanto. Queria fazer-vos uma recommendação de viva voz para uma minha amiga de Pariz, a duqueza de Choiseul. Conto com a vossa urbanidade?

' Sim, senhora duqueza... E' uma honrosa commissão, que me dais, qualquer serviço de que me julgueis digno.

« E portanto, não partiremos hoje... — atalhou o visconde.

· O peor é se eu sou o desarranjo dos vossos planos, snr. visconde... — disse a duqueza com ar infantil.

« Não temos planos, senhora duqueza. Vós sois a que traçais o destino aos vossos servos... Pena é que não hajam grandes transtornos com o adiamento da nossa sahida para fazer-mos juz á vossa gratidão...

Sahiram.

D. Pedro da Silva estava sem saber definir a sua situação.

O visconde beliscou-o, quando montaram a cavallo, e disse, piscando um olho:

' Ah maganão!...

XVIII.

Formosa de todo o viço possivel aos trinta e sete annos, airosamente sentada sobre um galhardo murzello, que relinchava orgulhoso de sua dona, acompanhada de dous creados em rica libré, respondendo com um sorriso protector aos aldeãos circumvisinhos, que corriam da lavoura á beira da estrada para a cortejarem com alaridos, a duqueza de Cliton ao fim da tarde, passeava no caminho, onde devia passar D. Pedro da Silva.

Já perto dos muros do visconde, encontrou o moço, que, por pouco, não solta uma exclamação de surpresa quando a viu tão bella, tão risonha, tão radiosa, e tão de tudo quanto podiam encontrar os olhos ambiciosos d'um poeta, e os vossos, tambem, leitor sensato!

O cavallo de D. Pedro, pezadello fatal do visconde de Armagnac, levantou as patas dianteiras para afagar grosseiramente o cavallo da duqueza. Este, que não era impassivel ás lisonjas do seu collega, ergueu-se tambem, guinchou, soprou duas columnas de fumo pelas ventas tremulas, e mostrou exuberantemente que tinha algumas lições de pugilato. Pedro da Silva receava a queda da duqueza; a duqueza, porem, sorria do perigo, e afagava com a elegante mão as crinas eriçadas do seu cavallo.

Restabelecida a harmonia entre os dous generosos adversarios, entraram a par na estrada, corcovando-se, encaracolando-se, nitrindo nos freios, es-

carvando garbosamente, em fim, dando-se certa importancia que fazia valer os cavalleiros mais cento por cento. Isto, que parece futil e pequeno, mal imagina o leitor o valor que tem em identicas circumstancias. E' impossivel dizerem-se cousas grandes e tocantes duas pessoas, que se amam, se cahirem na imprudencia de montarem dous jumentos. Experimentem, e verão.

Posto isto, não queremos attribuir á equitação somente o seguinte dealogo:

' Quereis deixar a minha aldeia, senhor D. Pedro? Tendes rasão... isto aqui é muito triste...

« Para mim de certo...

' E para todos... Para vós é que eu, antes de hontem, o não suppunha... Parecieis-me tão feliz... dizieis da minha terra cousas tão lindas... promettieis poetisar tanto estes ermos, que não tiveram nunca o seu cantor!.. Decerto, vos enganaveis!.. Eu bem sabia que vos devieis aborrecer depressa... O vosso coração não estava aqui, pois não?

« Estava... senhora duqueza.

' Adormecido, não é verdade?

« Adormecido... foi uma desgraça accordarem-m'o.

' Com uma carta lacrimosa de Pariz?.. Não me respondeis?..

« Que devo eu responder-vos, senhora!..

' Não me quereis para vossa confidente... e eu quero sêl-o... Já vos pedi a poesia ... que é de ella?

« Aqui está, senhora duqueza...

‘ Dar-m'a-heis em minha casa; mas, se me dais uma poesia que não é minha, alguma confiança vos mereço... Dizei-me tudo, ou resumi tudo que tendes a dizer em uma palavra... Amais?

« Amo.

‘ Comprehendem-vos?... Não admireis esta pergunta. Agora são moda o homem e a mulher *não-comprehendidos*. Sereis um desses... Comprehende-vos a mulher que amaes assim?

« Deve comprehender-me, que eu não conheço nenhuma mais intelligente...

‘ Que mais desejaes?!

« O que desejo?.. Não desejo nada... Queria esquecêl-a, porque era mais feliz se a não conhecesse...

‘ Mas ides procural-a a Pariz!.. Não é bom systema de esquecer mulheres..,

« Chama-me a fatalidade... Heide esquecel-a em Pariz...

‘ Ides sacrifical-a a outras?

« Não a sacrificarei... Ella é inteiramente insensivel... Não se magoará com a preferencia...

‘ Então é indigna de vós...

« Não é: eu é que fui um temerario em levantar os olhos para ella...

‘ Quereis vós uma cousa? Não vades...

« Que não vá?!..

‘ Sim... eu prometto todos os meus esforços em dar-vos um linitivo aqui... Posso pouco; mas

posso contar-vos como é que as illusões expiram na vossa idade... E' um serviço que me agradecereis, passados annos; chegareis a ser um homem do grande mundo, sem lá ter ido pagar o tributo das bellas affeições, que vos impellem o coração a trasbordar de sympatia por uma flor. Quereis?

« Morrer no coração... suicidar-me... não, senhora duqueza, não quero. A vossa generosidade não me deleita, nem me allivia. O que eu quero é o amor, é a vida...

' E receaes que eu vos dê a morte?

« Receio...

' E' que eu sou tambem uma das mulheres não comprehendidas ... Gostaes deste sitio? Olhai o sol!.. parece a cabeça abrasada d'um gigante que sai de traz das montanhas para se rir da nossa pequenez .... Este silencio é tão suave para o coração... Paremos!... Como deve ser bello este mundo para quem fôr feliz!.. São tão poucos os dias que aqui se vivem!.. Se não fosse a desgraça, com que saudade o moribundo se lembraria do ceo, das flores, das estrelas, e do amor!...

« Sim, sim, do amor... mas o amor é a desgraça, não é, senhora duqueza?

' E'... accreditai-me que o é, meu amigo... Desgraçado aquelle que encerra as suas ambições n'uma paixão unica! Eu invejo a felicidade d'aquella pobre mulher que canta álem. Para aquella o seu mundo está resumido alli, no trabalho, nas esperanças pequenas, que nunca lhe mentem, nas am-

bições mesquinhas que ninguem lhe estorva... O tumulto, as tempestades, as afflicções são para nos, almas soberbas, avarentas de gosos impossiveis, sempre com os labios na fonte e a sêde a queimar-nos as entranhas.., Não é assim, com esta linguagem, que eu devo mitigar-vos as saudades, D. Pedro da Silva; mas estudai em mim o soffrimento, e vereis que o vosso é pequeno. Tende piedade de mim, e sentireis menos as vossas dores...

Estavam diante do portão de Cliton. D. Pedro conduziu a duqueza pelo braço, deixou-a na sala de visitas, e passou á galeria em quanto ella mudava de trajes.

Os quadros importavam-lhe pouco. Este ultimo dealogo, que não fez impressão nenhuma no leitor, avivára mais o lume, que a duqueza, ardilosamente ignorante, promettia abrandar. Se a verdade deve ser nua nos romances, como cá fora na vida pratica, diremos que o filho de Angela de Lima não se lembrava já de Pariz, e, se tivesse por quem, mandaria dizer ao visconde que desfizesse as malas.

A duqueza mandou chamar o poeta para o seu *boudoir*. O *boudoir* da duqueza, ou ante-camara, que é mais portuguez, era um capricho de opulencias orientaes ao paladar de França. Os perfumes da Asia impregnavam os átomos, escandeciam a cabeça, e embriagavam froixamente o coração. Os estofos elasticos, submissos ás posturas voluptuosas do corpo, parece que tinham sido construidos ao sa-

bor das voluptuosidades do espirito. O resplendor dos cristaes, a opala, o charão de mil visagens grutescas, o marmore negro em que tremia o reflexo das luzes, as moles esteiras que pareciam calar os eccos dos passos, como um segredo de sua dona, que devia ser uma fada... e muitas outras cousas, que deleitavam Pedro da Silva, o que decerto não servirão de deleite ao leitor, tornavam incantadamente fantastica a existencia do nosso patricio naquelle viveiro de delicias.

Era ahi que a princeza d'um conto arabe esperava o poeta de suspiros e jasmins.

« Não repareis no desalinho de tudo isto... Vai em cinco annos que mandei recolher de Pariz estas insignificancias ao meu solar. Em quanto viagei, tudo isto esteve para ahi amontoado. Quando volvi á casa, onde nasci, pouco ou nada se me dava desta ostentação esteril, que não melhora a condição de pessoas infelizes como eu tenho sido...

' Sois infeliz, senhora duqueza ?

« Muito... Não fallemos em desgraças... Seria da minha parte uma rude franqueza chamar-vos a minha casa para vos contar infortunios de mulher, que não passam de tormentosas insignificancias do coração... Dai-me a vossa poesia...

' A *minha* poesia ?

« Sim...

' Não queria eu que ella fosse *minha*...

« Pois então não seja *vossa*... Quereis que vos diga a poesia da vossa querida Beatriz, meu caro Dan-

te? Pois sim... Lêde-a vós... Deve ser mais bella... As palavras devem sahir com a fragrancia do coração...

' Vós já a lestes...

« Que importa? Eu tenho lido os sonetos de Petrarcha; mas imagino que os comprehenderia melhor se o author viesse lêr-mos... não se me dava de o receber aqui, envolto na sua mortalha, com tanto que me viesse fallar da sua Laura...

' Mas eu não posso fallar-vos da minha...

« Não? Sois mais mysterioso que um poeta da vossa terra, a quem mataram os amores da filha de um rei...

' Admiro-vos, senhora duqueza! Conheceis a minha terra, e os poetas da minha terra como se lá tivesseis vivido!...

« Não vos admireis... Minha mãi era uma senhora muito illustrada, conhecia a lingua portugueza como a franceza, e lia os melhores livros de Portugal. Se visitardes o seu quarto, encontrareis muitos livros na vossa lingua... E, não sei por que capricho, me fez aprender o portuguez, que ainda hoje fallo, com pequenas difficuldades... Ides lêr a vossa poesia, não ides?

D. Pedro da Silva, com a voz tremula, respirando a custo, e o coração convulso, leu a poesia, que a duqueza ouviu, sorrindo, e encontrando com meigo olhar os olhos do poeta que procuravam, no fim da leitura, adivinhar-lhe o sorriso indefinivel. D. Pedro esperava uma palavra de elogio, isso só,

por que seria loucura esperar outra cousa. E o silencio continuava, e o sorriso não se desvaneciâ nos labios que pareciam reprimir a gargalhada, que fulminara, uma noite, a cabeça impermiavel do barão de Sá.

A duqueza recebeu graciosamente a poesia, sem descer os olhos da face rosada do mancebo. Depois, dobrou-a vagarosamente. Abriu a sua carteira de madrè-perola, despejou aos pés de D. Pedro os papeis assetinados e flores murchas que ella continha, e introduziu a poesia, inclinando languidamente a cabeça, e abrindo um pouco mais, o seu sorriso.

« Eu quero que ella esteja sósinha... A minha carteira é a imagem do meu coração...

D. Pedro fez o que nós fariamos. Não respondeu ao galanteio com um monossylabo, e elle proprio não sabe dizer se o comprehendeu no mesmo instante. O que elle confessa é que sentiu frios e calores, quando a duqueza, pegando-lhe da mão, lhe perguntou:

' Tendes alguma offensa de que me accuseis? Sahi dessa estado de perplexidade... Vêde que vos fallo com toda esta familiaridade... Respondei-me.. Eu offendi-vos?

« Não me podieis offender... Magoastes-me, senhora duqueza.

' Perdoais-me?

« Oh senhora!... por que me pedis perdão?

' Esta poesia era minha... completamente minha... e eu repelli-a... perdoais-me?

« Quem vos disse que eu soffri tanto por causa dessa repulsa? — disse D Pedro, com a voz commovida e os olhos inundados de lagrimas...

' O meu pesar... o meu coração, que tem o remorso que lhe lembra as suas injustiças... Sabeis qual tem sido a minha vida, D. Pedro da Silva?

« Tendes soffrido, não preciso saber mais nada...

' Precisaes... Sabeis que eu não posso amar-vos?

« Não sei; mas devo acredital-o, por que me é dito por vós... Não me surprehendestes, que eu já sabia que era forçoso este soffrimento... Mas fizestes mal em me chamar a vossa casa para um desengano assim...

' Era necessario que viesseis, e vireis todos os dias...Preciso ver-vos... quero a vossa amisade, e não ouso aspirar a uma paixão, que não posso corresponder-vos, por que sou indigna de vós.

« Indigna de mim?

' Sim, indigna! E' necessario muita coragem, ou nenhum amor proprio para semelhante confissão... Embora!... quero expiar o que vos fiz soffrer rasgando da face um véo, que vos deixe vêr as sombras da escuridade em que tenho esta pobre alma... Eu seria uma infame mulher se vos captasse com meiguices calculadas, uma á uma, para, ao cabo de quinze dias, vos dar este desen-

gano. Se me dais um sentimento bom da vossa alma infantil, deixai-me colher essa flor sem espinhos; mas não quero toucar-me com ella, por que a minha cabeça tem fogo do inferno, e a flor murcharia logo! D. Pedro, não me julgueis douda.... Eu reconheço infelizmente que tenho todas as faculdades na melhor disposição para serem a minha tortura... Preciso d'um amigo, com o coração puro, com a candura na innocencia das palavras. Quero adoral-o, quero queimar-lhe o incenso que tenho salvado das tempestades do mundo; mas não quero dar-lhe o que sou por que não sou nada... sou um corpo, um falso triumpho, que não póde fazer a vaidade de ninguem... Reparai que não estou boa... Está chegando a minha terrivel hora de reconcentração. Concedei-me a liberdade de vos despedir... Vinde amanhã jantar comigo, e fazei que venha o visconde.

D. Pedro da Silva sentiu que a mão da duqueza apertava a sua com estremecimento. Quiz despedir-se com algumas palavras euphonicas; mas o coração naquella idade não tem á sua disposição um diccionario de synonimos, ou a reminiscencia salvadora d'um romance.

Duas noites antes, retirara atordoado da repulsa. Por causa opposta, D. Pedro da Silva não ia agora menos confuso. Entrando, porém, em colloquio tranquillo com a sua consciencia, entendeu que era o homem mais feliz do globo. Entendeu mal. O homem mais feliz do globo é o idiota.

XIX.

Seria curioso o diario successivo dos dealogos da duqueza de Cliton e D. Pedro da Silva, no decurso de tres deliciosos mezes. Os manuscriptos, que nos enviaram, não nos authorisam a inventar cousas que se não disséram. Attendendo, porém, á esperteza inequivoca dos leitores, e tambem á minha, poderemos calcular pouco mais ou menos que, em noventa intervistas, a uma por dia, não podiam dizer cousa que não tenhamos dito muitas vezes nós.

Para muita gente dá que entender o como é que se entretem o fogo sagrado entre um amante, honesto como Florian, e a respectiva amada, que se venera como uma Vestal. Acham pequeno o vocabulario da lingua humana para em cada novo dia dizer uma cousa nova. Chegam os taes a persuadir-se até que o aborrecimento hade vir por força enjoar dous amantes que procuram descobrir o moto continuo do palavriado. Enganam-se.

O visconde de Armagnac, que, nesta especie, fazia coro com os sobreditos, perguntava ao cabo de dous mezes de visitas successivas, em que é que intertinham o tempo.

« Eu vos digo — respondeu D. Pedro com toda a candura e verdade do seu coração — A duqueza de Cliton tem sempre uma cousa nova a contar-me das suas viagens. Apaixonadissima pelo Oriente, falla da Grecia com mais enthusiasmo que

o Byron, e do deserto com mais poesia que o meu proprio Lamartine. A's vezes exprime-se n'um estylo de inspirada, e da exaltação da febre do talento recahe n'uma especie de somnambulismo, que me faz lembrar aquella grega que profetisava a queda do paganismo.

' Com effeito... — atalhou, sorrindo, o visconde. — Eu não sabia que a duqueza de Cliton tinha talento com febre, e era somnambula!.. Quando a conheci em Pariz estava sempre accordada como uma raposa, e tinha os olhos vivos e buliçosos como a propria antipola de que falla Buffon.

« Não zombeis, visconde.

' Por Deus, que não zombo, meu caro Pedro... E quando não está somnambula, nem tem febre no talento, que fazeis?

« Ha sempre boas inspirações, assumptos do coração, que nos fazem parecer curto o tempo.

' Pelo que vejo, defendeis theses sobre o amor. Isso deve ser dilicioso. E quando as theses são descutidas, lavraes a acta, academicamente fallando, da secção?..

« Não vos entendo, visconde...

' Que candura! Hoje que tencionam fazer?

« Leremos as « Noutes de Joung »

' E ámanhã?

« O « Paraizo perdido » de Mylton,

' E depois?

« Depois... é domingo?

' É... que ledes no domingo?

« As vossas « Memorias sobre o ministerio de Talleirand »

' Então quereis dormir como o creador ao se-imo dia... Angelicas creaturas !.. Ora olhai para tmim... Tendes fallado seriamente?

« Como sempre vos fallo, senhor visconde.

' Só trataes de somnambulismo, e de febre no talento? Só adormeceis com as minhas « Memorias sobre o ministerio de Talleirand » ?

' Na vossa pergunta ha uma intenção deshonesta, mpropria...

' Estylo inglez... *improper*... É pena que não uzeis capa...

« Capa ?!.. que quereis dizer ?

' Queria ver se virieis um dia sem ella... Conheceis a historia de Joseph do Egypto ?

« Conheço perfeitamente... e vós conheceis a a historia de Suzana no banho ?

' Perfeitissimamente... Os velhos eram lascivos por isso que não acreditavam na febre do talento...

. . . . . .

A pratica tornou-se pouco edificante. Basta o que fica escripto para avaliar-mos a cordealidade de Pedro da Silva, cuja moral, formada em Inglaterra, estava sendo, inoffensivamente, chasqueada pelo velho, que votava pela restauração dos costumes da Regencia, salvas as apparencias. A corrupção não era cousa que se applaudisse, mas o visconde não duvidava recebêl-a como facto consummado. Não arruinar a casa nem a saude, era

este o ponto onde convergiam as sollicitudes do velho a favor do seu joven amigo.

O certo é que os amores do pupilo de padre Diniz não podiam ser mais honestos. O coração interessava-se nas viagens da duqueza; o espirito alimentava-se do pabulo do espiri o, e a materia não exigia nada. No seu platonismo sincero, o legitimo poeta, como todos deviam ser para accumularem ao mesmo tempo as funcções de contraltos na capella Sixtina, ou a guarda das portas inviolaveis do harem-visto que a poesia não basta para viver — o ligitimo poeta, dizia-mos nós, coraria, se a duqueza lhe dissesse que a eschola dos espiritualistas não grangeava martyres no *boudoir* d'uma mulher de trinta e sete annos, sem deveres a cumprir com seu marido...

Diga-se a verdade: a duqueza não era capaz de metter em taes embaraços o seu extremoso amigo. No coração desta mulher estavam tres corações, pelo menos. O de que ella se servira, para nutrir as ideaes ambições de D. Pedro da Silva, era um coração ideal, como o da amavel leitora, que nos faz a honra de nos ler, e acreditar o mais que vai dizer-se a respeito do caracter inconsistente da confidente de padre Diniz.

A duqueza calculara, amando o portuguez, ou fingindo amal-o, crear um inimigo contra Alberto de Magalhães. O mancebo apaixonado, propenso ao romanesco, saudoso dos antigos brios da cavallaria errante, seria um instrumento cego nas habeis mãos

da mallograda condessa de Minturnes do barão de Sá. Amor não lh'o daria ella sem condições; era o amor que se dá com condições, como quem lavra uma escriptura de doação de bens com o onus de certas tenças, um tal amor..... imaginemos que amor poderia ser!... Uma segunda scena, supposto que mais tragica, da comedia representada com o ridiculo barão, que andava por Lisboa vasando a bilis nas nedeas bochechas do pobre Joaquim dos Reis.

O calculo era aquelle; mas o coração da duqueza, isto é, o coração numero tres desmanchava os calculos do numero um.

O primeiro mez de namoro, como se diz nos cafés, e cremos que nos salões tambem, transtornou os planos da duqueza. O habito de tratar com um joven ingenuo, apaixonado, nunca surprehendido n'uma mentira dessas que as mulheres toleram pagando-se com usura, a familiaridade, e depois as boas maneiras, a gentil presença, e a poesia sempre ardente de D. Pedro da Silva, por ventura tudo isto, e muitas cousas mais, fizeram palpitar-lhe o coração, inactivo desde muito, ó coração das idealidades, das esperanças, das affeições generosas, e da intima estima, que é o mais caro sentimento que devemos ás mulheres, que foram anjos antes de serem o que são.

D. Pedro, sem comprehender a metamorphose, estranhou a intimidade carinhosa com que era recebido. E' que até então, esgotados os enthusias-

mos da cabeça, a friesa do coração gelava o rosto da duqueza, que, nem artificiosamente, já sabia manusear os ardis calculados para a sua vingança.

Era, por tanto, amado D. Pedro da Silva, e amado como devia sel-o por tal mulher, que, desde viuva, apenas sentira odios, e caprichos. O delirio por Leopoldo Sáavedra fôra uma lava de orgulho que respirara inflamada pela faisca da vergonha de si propria. Se lhe chamassemos amor a esse ciume rancoroso, degradariamos muito aquella virtude.

A mulher, porém, que fingira um sentimento nobre por D. Pedro da Silva, com a perversa doblez de o atirar com um punhal ao coração de Alberto de Magalhães, seria susceptivel d'uma affeição sublime, chegaria a envergonhar-se da ultrajante idéa em que quizera fazer cumplice um nobre mancebo que cheio de fé, se lhe dava com toda a innocencia dos dezenove annos?

E' o problema que vai resolver-se.

Eram, pois, passados tres mezes, depois que a duqueza adoptara como seu o *suspiro* do nosso poeta.

Em tarde calmosa de Julho, debaixo do transparente ceu, que parecia sorrir ao seu retrato reflectido no lago, cantavam os passarinhos, murmuravam as fontes, ciciavam em redor do myrtho as borboletas, rescendiam as flores, zumbiam os insectos, e murmuravam languidos colloquios a du-

queza de Clifton encostada ao hombro do seu ditoso poeta.

Embriagado pelo nectar da suprema felicidade, o alquebrado amante não sabia dizer o que tinha de celeste no coração, e imaginava que o horisonte da sua alma abrangia a realisação de tudo que sonha o talento, o mais a que podem ir as aspirações ambiciosas do homem.

Da apologia bucolica do panorama, que os rodeava, vieram á silenciosa concentração, mudez das almas privilegiadas, na extrema alegria, ou na dor profunda. Foi a duqueza que quebrou o silencio com a sua voz maviosa, unico som que faltava para o hymno do crepusculo:

'Pedro, ouviste o que eu te disse?'

«Não!... tu fallaste agora?

'O meu coração fallou tanto!... cuidei que me ouviras!... Será necessaria a palavra, quando o fio electrico se interpõe na linguagem muda de duas almas? Não é, não... Olha... eu ouvite...

«Sim? Devias ouvir bellas cousas... repete-m'as, Elisa...

'Queres? Scismavas no futuro, e perguntavas ao tempo, á fatal sybilla que escarnece os calculos humanos... perguntavas-lhe se a nossa felicidade de hoje seria exterminada um dia... Era isto?

«Elisa!... tu es um anjo!...

'Por que?

«Vieste ao fundo do meu coração, e viste o invisivel para todo o mundo! Como póde isto ser?

Aventuraste-te a adivinhar, ou a minha alma é tão clara para ti como tem sido verdadeiras as minhas palavras?

‘ O anjo és tu, Pedro da Silva... O anjo és tu, que não viste a traição que te preparava cavilosamente uma mulher da infame sociedade deste mundo...

« Uma traição!...

‘ Sim... mas não me peças a significação desta palavra... Hoje, filho, adoro-te com toda a uncção d'um espirito juvenil! Hoje pede-me sacrificios, que eu dou-te a vida... Diz-me que queres uma expiação do crime, que me faz chorar estas lagrimas, e eu provarei todas as amarguras, tomarei de tuas mãos todos os sacrificios...

« Não falles assim, Elisa!... Antes quero verte soberana. O teu orgulho tem suavidades para mim... Quero-te orgulhosa; não te culpo por vaidades legitimas... Eras vaidosa por que devias sel-o. As humilhações, se me forçasses a ellas, eram proprias de mim, que me sinto insignificante quando ouso chamar-te *minha*...

‘ *Tua!*... — atalhou ella com tristesa — e serei eu tua!...

« Se o serás, Elisa?!

‘ Sim... sabes que sacrificios eu te custaria?

« Não...

‘ Não? Pouco valho então para ti, Pedro!...

« Elisa... eu não comprehendi a tua pergunta... Que me disseste?

‘ Na minha posição, sabes com que condições uma mulher se renuncia inteiramente a um homem?

« Sei... e recebo-as todas...

‘ Eu não t’as offereço... não pode realisar-se a tua generosidade... Não podes ser meu marido...

« Bem o sabia...

‘ Sabial-o?

« Sim... tu és a duqueza de Cliton... Eu sou um forasteiro, que não posso, sequer, pronunciar os nomes de meus pais... Sou rico; mas não sei donde vem esta riquesa. O filho bastardo não tem a quem peça uma genealogia que possa emparelhar com a tua...

‘ Calla-te... Tu não levantas o teu espirito á altura do meu. Sou muito pequena a teus olhos... e tens razão... por que realmente... sou pequenissima... Não posso ser tua mulher!... vê tu que pequena eu sou!...

« Por que, Elisa?... quem te domina?

‘ A consciencia que tem um escrupulo, e o coração que tem uma nodoa...

« Amaste um homem...

‘ Não o amei... é uma infamia sem nome!... Esse demonio deixou-me um punhal de fogo enterrado no coração... para toda a vida... Este lume queimaria a existencia daquelle que tentasse identificar-se com o meu espirito... Mas não me abborreças, por isso, meu caro amigo. Sê meu irmão,

já que esse malvado me matou o unico irmão que eu tinha...

« E foi elle?

' Pois não sabes a minha historia! ?.. E' uma maravilha que t'a não tenham contado... Vejo que devo uma grande fineza ao visconde de Armagnac... Silencio, pois... Eu não quero captivar-te com lagrimas de falsa contricção. A mulher, que correu cinco annos atraz da vingança, não está contricta... Pedro da Silva... não temos nós sido felizes, ha tres mezes?

« Sim... feliz... mas tu não és feliz...

' Não... não sou. Sustento esta mascara... tenho um dominio de ferro sobre as minhas lagrimas, quando quero; fallo como as mulheres felizes por que obedeço ás remeniscencias dos meus bons tempos, tão depressa corridos na tragedia da minha vida...

« Elisa... tu choras? !

' Vamos d'aqui... Ja não acho bellesas n'isto... Vejo tudo coberto de lucto... Olha, Pedro da Silva, fizeram-me desgraçada, e má... Eu era boa e feliz...

Sahiram do jardim e entraram silenciosos na sala. Esta situação durou longo tempo. Pedro da Silva meditava uma pergunta arrojada. Luctou com mil receios oppostos Revestiu-se d'uma audacia de homem, farto do mundo, ou sequioso de grandes emoções, tomou a mão da duqueza com estranha intrepidez, e disse-lhe n'um tom pouco natural na sua idade:

« Elisa... responde-me... esse homem ainda vive?

' Vive.

« Onde?

' Em Lisboa.

« Como se chama?

' Que te importa o seu nome?

« Cuidei que esta pergunta merecia a confidencia d'esse nome.

' Com que intenção m'a fizeste?

« Com a intenção de vingar a mulher que me chamou « irmão »...

' Agradeço-te o cavalheirismo; mas não acceito a generosidade... Não tinhas outra intenção?

« Tenho... Vingar o irmão da duqueza de Cliton.

' Acceito, em nome de meu irmão... Esse homem chama-se, em Lisboa, Alberto de Magalhãos.

A duqueza ergueu-se convulsivamente, e apertou com jubilo satanico a mão de D. Pedro, que procurava recordar-se do homem, cujo nome lhe não era inteiramente desconhecido.

' Conheces este homem?

« Não conheci... Eu quando sahi de Portugal só conhecia um padre que me educou, a irmã desse padre, e minha mãi, que já não vive...

' E's um perfeito homem, Pedro da Silva. Agora, sim, avaliei a tua alma!.. Ouve-me... Quero a tua vida: não consentirei que tenhas a menor intelligencia com o assassino de meu irmão. Prometes-me?

« O que, Elisa?

' Absoluto despreso para tal homem.

« Não prometto... juro, pela memoria de minha mãe, que vingarei teu irmão.

' Pedro da Silva!..

A duqueza estava abraçada ao pescoço de D. Pedro, quando sentiu passos, e suspendeu a replica ao juramento do mancebo. Era o visconde de Armagnac que vinha do passeio e fazia escalla pelos paços encantados da rainha das fadas como elle costumava; nos subscriptos perfumados dos seus bilhetes, indicar a residencia da duqueza.

A conversação, quasi toda a cargo do visconde, tornou-se profusamente banal como as suas « Memorias sobre o ministerio Talleirand. »

. . . . . .

A duqueza, no seguinte dia, entrava no seu toucador, e viu sobre uma salva de prata uma carta, que abriu soffregamente. Era este o seu contheudo:

« É necssario ser digno de ti, como amigo da « memoria de teu irmão. Estas amizades, contrahi- « das com um morto, são imperecedouras. Quero « um dia poder ajoelhar comtigo sobre o tumulo « do teu amigo, e dizer: « nosso irmão! fôste vin- « gado! »

« *Pedro da Silva.* »

Elisa, hallucinada, escreveu duas palavras; mandou-as ao seu destino; esperou anciosa a resposta... Devolveram-lhe a mesma carta fechada...

Pedro da Silva, á meia noite, sahira para Pariz.

O visconde de Armagnac, espantado de semelhante repente, que não pôde suster, deu razão ao diabo por não querer nada com rapazes.

XX.

Treze dias depois, Alberto de Magalhães recebia do seu correspondente em Pariz, uma carta, que fallava de passagem em Pedro da Silva, nas seguintes linhas:

« Disse-vos, ha tempos, que D. Pedro da Silva sahira para Angoulême a passar a estação na quinta do seu amigo visconde de Armagnac. O honrado velho interessa-se extraordinariamente pelo rapaz. Hoje mesmo, porém, chegou elle aqui, e sacou quinze mil francos. Disse-me que sahia de França por alguns mezes, sem me dizer que paiz viajava. Em cumprimento das vossas ordens, não duvidei entregar-lhe a quantia pedida . . . . . .»

Alberto, lida a carta, disse á Eugenia:

' O filho da condessa sahiu de França.

« Para onde?

' Não sei. Não poderá ir longe com o dinheiro que sacou...

« Aquelle rapaz, com tanta liberdade, pode perder-se... Por que o não sujeitas á influencia d'alguem?

' De quem? Não quero que elle tenha uma

privação... Deixal-o ser rapaz; tempo virá em que seja homem com as decepções de todos os homens. É preciso que nos habituemos a consideral-o pessoa da nossa familia.

« Por isso mesmo, Alberto, é que eu me interesso no seu futuro. Tu podes fazel-o rico; mas feliz de certo não, por que elle é filho d'uma desgraçada mãi, e d'um pai, que morreu despedaçado d'angustias...

' Eugenia!...

« Ah! sim... não fallemos nesse homem... Impallideces sempre que te fallo n'elle... E' tão mysterioso o teu passado, meu querido amigo!... Tomára eu que um dia te levantasses sem memoria... queria que te recordasses sómente destes ultimos quatro annos em que devemos tanto á Providencia...

' Se a Providencia te ouvisse... Sim, Eugenia... eu queria esquecer-me... Só assim poderia reputar-me o mais feliz dos homens... E não seria orgulhoso... Tudo o que temos seria um meio de consolar infelizes...

« Se realisasses o teu pensamento de sahir de Portugal...

' E' o meu querido pensamento... Sahiremos, Eugenia; mas eu preciso deixar cahir a mascara diante do filho de Angela de Lima. E' preciso que elle venha a Lisboa, que me conheça, que nos ame, e que nos siga. Uma terceira pessoa na nossa familia é uma necessidade para o coração... Eu con-

sideral-o-hei meu filho, e tu sentirás por elle a ternura de irman. Logo que elle torne a França farei que venha a Portugal... Hade vir... parece-me que receberei uma bella emoção quando vir o mancebo, que tive, nestas mãos, creancinha com meia hora de existencia...

« Tu !... não me tinhas dito isso...

' Decerto, não... e basta que saibas isto, Eugenia...

« Cuidei que só o virás, ha cinco annos, em casa de padre Diniz... E elle conhece-te ?

' Pelo nome, decerto não. Diante delle foram poucas as minhas palavras... ou creio que nenhumas. Estou que me não conhecerá, se me vir.

« Dizes-me uma cousa, meu querido Alberto?

' Qual é ?

« Este menino é teu... digo ?... é teu filho ?

' Não... não tem comigo parentesco nenhum. Não te disse tantas vezes que era filho de Angela de Lima, e de D. Pedro da Silva, da casa de Alvações ?

« Disseste... mas... perdoa-me... esta curiosidade, que é toda do coração... Não te perguntarei mais nada...

. . . . . .

No pateo de Alberto de Magalhães parou uma sege de praça, e o sujeito que apeou, annunciou-se com um bilhete, em que vinha escripto a lapis o seguinte :

Um emissario de mr. Arthur de Montfort.

Alberto ficou estupefacto com semelhante extravagancia, e escondeu de Eugenia o bilhete, pedindo-lhe que se retirasse.

‘Oh filho!... até o nome das tuas visitas é um segredo para tua mulher!... — murmurou ella retirando-se mais despeitada do que deve entender-se das suas palavras.

A pessoa annunciada entrou n'uma sala de espera; esperou alguns segundos, e foi conduzida a outra, onde encontrou Alberto de Magalhães. Este, ao vel-o, sentiu uma commoção, que o emissario de mr. Arthur de Montfort não concebeu. D. Pedro da Silva, que o leitor adivinhou sem que lh'o dissessem, foi immediatamente conhecido por Alberto de Magalhães. O discipulo de padre Diniz, quando encarou o assassino do seu constituinte, suspeitou que era elle o homem, que vira uma vez em casa do padre, nas vesperas da sua partida para Londres... Esta suspeita embaraçou-o a ponto de perder de memoria as primeiras palavras do seu tremendo mandato.

« Posso saber — perguntou Alberto, contrariando a perplexidade — quem é o cavalheiro que me procura?

Esta pergunta desvaneceu a suspeita de D. Pedro, que recobrou a energia perdida, respondendo em claro portuguez:

‘ O meu bilhete dá uma perfeita idea de quem eu sou.

« E' effectivamente o emissario de Arthur de

Montfort? Arthur de Montfort morreu ha perto de nove annos. Vem por consequencia do outro mundo... Como se vive por lá?

Este sarcasmo desarmou momentaneamente o pobre moço, que se suppunha funccionando em pleno mundo de Anna Radcliffe. Subira-lhe a côr ao rosto; devemos, porém, crer que nesse rubor havia mais cólera que vergonha, pela resposta que deu:

«-Por lá... vive-se mais tranquillo que por cá. Lá, os assassinados repousam. Aqui, os assassinos esperam a sua hora.

« Pela declamação, vejo que o senhor é admirador da eschola dramatica de Victor Hugo... Antes de fallar-mos do outro mundo, que deve ser uma interessante palestra, fallemos um pouco deste val de lagrimas, em que tenho a honra de encontral-o. O cavalheiro é portuguez?

«Sou portuguez; mas não venho disposto a fazer a minha biographia.

«Tem rasão. Quem vem da região dos espiritos não deve gastar tempo com as materialidades cá debaixo. Queira dizer a sua embaixada, que eu todo sou attenção.

«Arthur de Montfort foi assassinado ha nove annos.

«E' o mesmo que eu ja lhe tinha dito.

«Pesso-lhe a delicadesa de me não interromper, quando não esqueço-me de que estou em casa d'um cavalheiro, e offereço-lhe ja uma pistola.

« Agradeço a offerta... — respondeu Alberto com uma ligeira continencia, e um sorriso o mais fulminante que póde imaginar-se. — Queira fallar, na certeza de não ser interrompido.

' Tenho pouco a dizer-lhe. Depois de nove annos, não se considera prescripta a vingança de Arthur de Monfort. Exijo que o assassino deste cavalheiro me responda no campo da honra, com as armas na mão.

« E' um duello que vem propor-me. Deixe-me meditar alguns minutos... Fuma, senhor... não sei o seu nome... mas dispensemos esta formalidade de baptismo... se quer bons *havanos*...

' Não fumo.

« Mas o fumo não o incommoda?

' Não, senhor... Digne-se responder-me com brevidade.

« Um pouco mais... um minuto no seu relogio... pontualidade ingleza! Sabe perfeitamente o que é pontualidade ingleza... Vejo-lhe apparencias de quem tem visto muito mundo, e tem representado em lances rasgados, como este que vem propor-me!.. Sou o primeiro a maravilhar-me da grandesa d'alma com que vem de alem dos tumulos pedir saldo de contas ao assassino do seu amigo. Castor e Pollux existiram uma vez, e agora é a segunda. E' admiravel, porem, que na sua idade se fortaleçam os vinculos de amisade, que o prendem, com tanta honra, ao tumulo do seu amigo! Quando esse cavalheiro morreu, que idade poderia ter o meu digno

adversario? Dez annos. Decerto nunca o viu... Ha porem, uma pessoa que dá muitos ares de Arthur de Monfort. E' a duqueza de Cliton, que mora nos suburbios de Angoulême... Quem sympathisar com as feições da gentil duqueza pode, se for romantico, sympathisar com a sombra mortuaria do irmão... Passou o minuto, cavalheiro... Agora respondo: acceito o seu duello; mas tenho a fazer-lhe uma pequena reflexão, que espero não desattenda. Um duello não se propõe assim. A praxe não prescinde de testemunhas...

' Não conheço ninguem em Portugal.

« Não? Nesse caso, eu vou relacional-o com dous cavalheiros, que receberão a honra de serem seus padrinhos. Onde se hospedou?

' No Izidro.

« No Izidro? Naturalmente está no quarto n.° 7...

' Sim... justamente... n.° 7.

« Deve ter encontrado lá o aroma das perfumarias da duqueza de Cliton...

' Não comprehendo o motejo, snr. Alberto de Magalhães.

« Na sua idade, ignoram-se muitas cousas, senhor D. Pedro da Silva.

' Como lhe é conhecido o meu nome? — disse o mancebo fixando o fleumatico zombeteiro com a immobilidade do pasmo.

« O seu nome é como a luz que não deve esconder-se debaixo do meio-alqueire... Meu querido

senhor, se não tem a mandar-me no seu serviço, queira recolher-se ao seu hotel, e dentro d'uma hora será visitado por dous amigos meus, aos quaes occultará o seu nome, se assim lhe convier. Sou mesmo de opinião que occulte o seu nome. . . . . .

D. Pedro, retirando-se, não podemos dizer que pensava isto ou aquillo, por que não pensava em nada. Lances taes são a atrophia da rasão, embaralham todos os juisos posisveis, e escurecem todas as luzes que invocamos para encontrar o fio do labyrintho.

O certo é que, uma hora depois, o enleio do nosso sympatico amigo augmentou a ponto de o enbrutecer miseravelmente. Esperava no seu quarto as promettidas visitas, quando lhe annunciaram o conde de Alvações, que era irmão de seu pai, e o marquez de Montezellos, irmão de sua mãe! Semelhante coincidencia era impossivel vir do accaso! A debil cabeça do amante da duqueza tinha lume! Um fatal mysterio desorganisava todos os seus planos, e ameaçava algum transtorno na sua rasão!

Os dous titulares tinham perguntado pelo cavalheiro Alfred d'Elbéne, no quarto n.° 7. Novo embaraço!

Entraram: eram homens de quarenta annos.

D. Pedro da Silva foi saudado por elles como mr. Alfred d'Elbéne. Fallaram-lhe em mau francez, e elle respondeu correctamente na lingua em que lhe allavam.

« Mr. d'Elbéne — disse o marquez de Montezellos — venho, com o meu amigo, cumprimentar-vos, e desde já offerecer-vos o nosso auxilio n'uma pendencia de honra, que tendes com o senhor Alberto de Magalhães.

' E' caso novo — accrescentou o conde de Alvações — ser-mos enviados pelo vosso adversario, para nos collocar-mos da vossa parte. Todavia, esperemos accrediteis que somos dous cavalheiros, incapazes de falsear a nossa honrosa missão de padrinhos...

« Assim o creio... — balbuciou D. Pedro.

' A vossa proposta qual é ?

« Um duello com qualquer arma da escolha do desafiado.

' Alberto da-vos a escolha da arma.

« Não acceito a generosidade.

' Isso é orgulho descomedido... Acceitai.

« Qual arma joga melhor Alberto de Magalhães?

' Não sabemos... Alberto de Magalhães nunca se bateu. Essa honra estava reservada para vós. Que arma quereis?

« O florete, se Alberto conhece esta arma; no caso negativo, a pistola.

' Em tal caso irão ambas as armas.

— E' o mais previdente... — accrescentou o marquez de Montezellos.

« Acceito... — disse D. Pedro.

' A que horas?

« Quando quizerdes.

' A's sinco da tarde. Não tendes predilecção por algum logar ?

« Qualquer logar é bom.

' A's cinco horas entrareis comnosco na carruagem

« Pareceis-me um corajoso mancebo mr. d'Elbéne ! — disse o conde de Alvações , apertando-lhe a mão na despedida.

' Desejamos o vosso triumpho , cavalheiro. — accrescentou o marquez de Montezellos, que, fóra da porta, dizia ao ouvido do seu antigo inimigo, em portuguez chão: *pobre rapaz... em que te meteste* ,

XXI.

A' hora dada , a carruagem do marquez de Montezellos recebeu D. Pedro de Silva , e a do conde de Alvações tomara a dianteira para parar no logar aprasado. Passaram em Campolide, e o filho de Angela de Lima, quando avistou um palacete , não pôde reprimir duas lagrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram desapercebidas para o companheiro.

' Que tendes, mr. de Elbéne ?

« Nada , senhor conde... Uma saudade...

' De namorado ?..

« De filho...

' Ah !.. tendes mãe ?

« Já não tenho...

' Lembraram-vos os seus carinhos?.. Tendes rasão sobeja para chorar... Eu tambem chorei muito a minha...

« E, com effeito, vejo que choraes...

' Agora é outra a causa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...

« Vossa irman ?

' Devia sel-o... foi a mulher por quem morreu um irmão que me apparece, ha dezenove annos, em todos os instantes da minha vida... Vai ahi adiante de nós o irmão dessa pobre victima de um tyranno, que se dizia seu pai... Eu dou a minha vida se elle se lembrou de sua irman...

« Parece que devieis ser inimigos...

' Como sabeis que deviamos ser inimigos?! — interpellou o conde, surprehendido da extraordinaria penetração do supposto francez.

D. Pedro que viera logo na inconveniencia de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquez de Montezellos parára a um tiro de bala distante do palacete da defuncta condessa de Sancta Barbora. Ha ahi uma esplanada inculta, coberta de rosmarinho, rodeada de charnecas. Apearam.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de Pedro da Silva, que apresentaram mr. Alfred d'Elbéne aos padrinhos do seu adversario.

O filho de Angela de Lima não denunciava o menor symptoma de pusillanimidade.

Alberto, mais pallido que elle, mediu-o com

um destes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquez de Montezellos:

'Pergunte ao seu afilhado que arma quer.

« Seja qual fôr — respondeu, obviando á pergunta de inutil formalidade, D. Pedro da Silva.

' Os francezes tem a primazia do florete entre todas as nações. Senhor marquez, queira dar um florete a mr. d'Elbéne.

D. Pedro, com admiravel impassibilidade, despiu o frac, o colete, as luvas, recebeu o florete, e collocou-se em frente de Alberto, que se despia vagarosamente como quem receia uma constipação.

' Parece que Alberto tem medo!... — segredou o conde ao ouvido do marquez.

« Tambem me parece!... devia ser bonito, se o petit-metre vinha a Portugal dar uma escovadella no *chevalier sens peur* que atirou com D. Martinho de Almeida ao Tejo...

' Quando defendia vossa irman d'uma calumnia ultrajante á sua honra, senhor marquez!...

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquellas palavras eram um buido sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este dealogo mudo foi distrahido pelo combate que principiava. D. Pedro atirava ao seu adversario alguns golpes mortaes, que revellavam mais odio que sciencia na arma. Alberto desviou-lh'os, recuando, e o mancebo hallucinado, contando com

o seu triumpho, avançava quanto o contendor recuava.

Proximo a um comoro, que formava uma especie de devêsa no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este tempo, os padrinhos, de parte a parte, julgavam-no em grande desvantagem e perigo eminente.

' Agora recuareis vós, meu caro senhor, que eu não posso recuar mais — disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fôra aggressor, sem talvez se lembrar, no enthusiasmo da lucta, que teria de ser aggredido, foi forçado a recuar. Não obstante a promptidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortaes que, apparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversario rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que suppozeram ferido o moço, correram a suspender o combate.

« Não está ferido — disse Alberto.

' Decerto, não estou ferido — confirmou D. Pedro.

E continuaram o duello. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emmissario de Arthur de Montfort. Desta vez, era o lado direito da gravata que soffreu o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os cavalheiros confirmaram os antigos creditos d'Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciencia que mr. Alfred d'El-

bène podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defesa, que tão necessaria lhe era, tornou-se em desatinada aggressão. O seu florete convertera-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados pela fria intrepidez do adversario; fitara-lhe o coração como alvo a que visavam as ultimas pontarias do ferro, sempre repellido. Era o odio, a vergonha, ou a desesperação delirante accommettendo com impetos inuteis uma estatua de bronze. Alberto de Magalhães receando um acaso que o fizesse ferir o filho d Angela de Lima, fez-lhe saltar o florete fóra das mãos, e collocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram declarando impraticavel a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte delle, declarou que mr. Alfred d'Elbéne não soubera affastar vinte golpes mortaes, que o cavalheiro adversario generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem á pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquelle homem: a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular, nos duellos, pela qual muitas miserias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os arminhos d'uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do moço sentiu-se ultrajada, como annos antes, quando o seu companheiro soffreu o bejo nada macio d'um catto.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista d'alguns minutos com mr. Alfred d'Elbéne.

O supposto francez, sem consultar os arbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação, desviou-se com Alberto de Magalhães.

'Como nos vamos bater — disse Alberto — com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta d'um florete, é muito possivel que um de nós cáia morto. Entre nós, porém, ha certos negocios, que nos privam de morrer como dous irracionaes...

« Certos negocios! — atalhou D. Pedro.

'E negocios que precisam de certas disposições testamentarias...

« Não o entendo, senhor Magalhães.

' Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositario de cem mil cruzados, que são o patrimonio de D. Pedro da Silva, filho d'outro D. Pedro da Silva, e de D. Angela de Lima. Padre Diniz Ramalho e Sousa encarregou-me da administração deste dinheiro.

« Ao senhor!... — exclamou D. Pedro.

'A mim. Um incidente, qualquer que elle seja, collocou-nos na precisão de nos matar-nos... Se

eu morro, é necessario que v. exc.ª saiba onde pára o seu patrimonio, por que ninguem lhe saberia depois dizer quem era o seu tutor. Se v. exc.ª morre é necessario que me diga a applicação que heide dar a tal dinheiro.

« Senhor Alberto... O que me diz é uma cousa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que fallemos mais largamente...

« Convenho... Em tal caso adiemos o duello, não é assim?

« Se me não é deshonroso...

« De modo nenhum.

Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das estemunhas:

« Meus amigos, mr. d'Elbéne acaba de acceitar-me algumas explicações, que desagravam, por alguns dias, os seus brios offendidos. Ha outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respectivas posições. Sereis avisados do resultado qualquer que elle seja Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. Mr. Alfred d'Elbéne, dai-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositai em mim, e na vossa coragem, uma confiança illimitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram.

Já na carruagem, disse Alberto:

' Quer entrar em minha casa, ou no seu hotel?

« E'-me indifferente. O que eu necessito, e já, é que me explique, senhor Magalhães, a importancia que me vejo obrigado a confessar que v. exc.ª tem na minha vida.

' E' isso justamente que eu lhe não explico, senhor D. Pedro.

« Por que? Devo accreditar a necessidade desse mysterio?

' Deve, se não accreditar a necessidade, ao menos resignar-se a ignoral-o...

« V. exc.ª tem sido o administrador do meu patrimonio?

' Já lhe disse que sim.

« O correspondente que me faz dar em Pariz as minhas mesadas?

' E' a obrigação que me foi imposta por padre Diniz.

« Onde está padre Diniz?

' Nas missões.

« V. exc.ª conheceu minha mãi?

' Perfeitamente.

« E a mim?

' Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscencias da primeira pessoa, que viu neste mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.

« Que confusão! E quem era o senhor?

' Este homem que hoje vê, com vinte annos de menos.

« Isso não é resposta... Quem era v. ex.ª que estava assim tão perto de minha mãi, quando eu nasci?

' Não respondo á sua pergunta.

« Conheceu meu pai?

' Muito bem... — respondeu, com menos frieza, Alberto.

« Morreu, não é verdade?

' Ha dezenove annos.

« Eu já o vi, alguma vez, não é assim?

' A mim? viu, ha cinco annos...

« Em casa de padre Diniz, nas vesperas da minha partida para Inglaterra...

' Não se esqueceu... cuidei o contrario...

« Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossivel a coincidencia... Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deva perguntar-lhe...

' Organise melhor as suas ideas, que temos muito tempo...

« Eu é que não posso espaçar esta situação penosa... Queira dizer-me... v. exc.ª matou em duello mr. Arthur de Montfort?

' Não, senhor.

« Como não?!

' Eu nunca tive duellos. Mr. Arthur de Montfort disparou-me uma pistola á-queima-roupa, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei-lhe o desgosto de o não deixar respirar.

« Matou-o, por consequencia...

' Por consequencia da falta de respiração. Depois desse facto é que o senhor D. Pedro da Silva se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?

« Eu não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.

' Quer que fallemos com seriedade?

« De certo...

' Pois, sim; fallemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal successo?

« Ninguem... Vim espontaneamente.

' Accredito-o, senhor D. Pedro da Silva; mas colloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer ressuscitar a cavallaria andante. Acho extravagante a sua commissão. Que vinculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, senhor D. Pedro da Silva!

« Ha cousas de muito melindre...

' Franqueza... V. exc.ª é o amante da duqueza de Cliton... Temos dito tudo...

« Sou amigo da duqueza de Cliton, não me envergonho de o confessar.

' Nem vergonha nem gloria. A duqueza de Cliton, é como outras muitas melheres: não accredita nem desaccredita.

« Depois que v exc.ª a desaccreditou?

' Ja antes...

« Isso é falso... A duqueza de Cliton foi esposa e viuva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra...

' Tire todo o partido dos seus dezenove annos, senhor D. Pedro... Bem vê que sou tolerantissimo ... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duqueza de Cliton, se v. exc. quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encontrou Leopoldo Saavedra ; mas Leopoldo Saavedra não tem gloria nenhuma de ter vencido as virtuosas resistencias dessa esposa e viuva exemplar. Se ha alguma cousa a que deva attribuir-se esse triumpho é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...

« Que diz, senhor!

' Não me comprehendeu?

« Penso que ouvi dizer que a duqueza se vendera por oitenta mil francos...

« Justamente.

' Explique-se , senhor Alberto de Magalhães! mas, pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultrage.

« Que me explique ?! Pois fui obscuro?

' Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.

« Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta, offerecendo-lh'o , e ella respondeu-me com outra , acceitando-m'o.

‘ Com a condição...

« Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.

‘ Quero uma prova, senhor Alberto!

« Só posso dar lhe meia prova, a outra metade que lh'a dê ella. A minha está aqui.

Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sôffregamente. Era a resposta que annuia á proposta de Leopoldo Saavedra, em quatro palavras: *Sim. Hoje ás duas horas da noite.*

‘ Isto não prova a infamia — disse D. Pedro. Não se falla aqui em dinheiro.

« Ah! não? Então será nesta...

Era uma longa carta em que a duqueza de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituira vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciencia de mulher a nodoa aviltante de semelhante contracto

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração d'um demente, tremiam-lhe os labios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo os calafrios do terror, e o coração confrangido batia-lhe no peito em impetos, que o pobre moço acreditou que deviam fulminal-o alli.

Alberto de Magalhães condoeu-se desta situação, e reprehendeu-se de exacerbal-a tanto.

‘ Senhor D. Pedro — disse elle — a sociedade tem muitas pustulas assim. E' a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não succumba... E' pena que seja este o primeiro desmentido á sua in-

nocencia, por que é forte de mais para um coração moço... Estas torpezas é melhor lêl-as nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimental-as sem as ter imaginado. Eu sabia que v. exc.ª devia succumbir... sabia-o, por que eu mesmo, homem do mundo, que lera e experimentara todas as ignominias, pasmei da corrupção da mulher, que me ouviu com fastio nas salas, que me despresou a facil offerta do coração, e acceitou a mais facil ainda do dinheiro...

« Senhor Alberto... por piedade, peço silencio... Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso sahir... não estou bem aqui...

' A carruagem vai por instantes parar á minha porta. V. exc.ª hade acceitar a minha casa... é a do unico amigo que tem no mundo... Vai conhecer uma mulher que foi intima amiga de sua mãi... Fallaremos muito de sua mãi, de D. Antonia, e de padre Diniz... Vai ouvir a historia da estranha missão que esta gente veio cumprir sobre a terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, por que não ha ainda vinte e quatro horas que eu dizia á minha mulher que v. exc.ª era uma pessoa de minha familia. E minha mulher era profeta, quando me disse que o filho da condessa de Sancta Barbora tinha muita liberdade e poucos annos... Não se enganou... Arrependo-me de lhe ter feito a vontade, senhor D. Pedro...

« De me ter feito a vontade?

' Sim... Eu não devia conceder-lhe a sua vinda

de Londres para Pariz... A moderna Babylonia devia perdel-o...

« Pois é v. exc.ª quem me governa?...

' Indirectamente... Os seus passos tem sido sancionados por mim... Eu sabia que v. exc.ª sahira de Pariz; mas o dinheiro que sacara, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma cousa extraordinaria, não é assim?

« Um sonho... atroz!...

' Heide melhorar-lhe a sua situação, D. Pedro... Confie em mim, que tenho um grande poder na sociedade, por que a sociedade é bastante vil para me reputar um grande homem... Sou rico, D. Pedro... Heide dar-lhe conselhos e ouro... Não lhe prometto dar-lhe boas illusões para a alma; mas heide ensinal-o a comprar os mais caros gosos da materia... Queira apear... A minha casa é aqui.

D. Pedro recebeu o braço de Alberto, e foi, inerte de espirito, machinalmente, subindo as escadas. Entrou n'uma sala, em que Alberto lhe disse:

« Eu volto já... e, para não estar só, converse com sua mãi, que está alli.

D. Pedro estremeceu, quando viu o retrato de sua mãi na direcção do dedo de Alberto.

Sósinho, approximou-se. Mancebo, com todo o fervor das paixões nobres, chorou. Intelligente,

com a nobre superstição do talento, sentiu necessidade de balbuciar: *minha mãi!*

Naquelle momento, uma voz intima, melodiosa como um cantico dos anjos, repetia as ultimas palavras de Angela a seu filho, escriptas para Londres, quinze dias antes da morte d'ella.

Eram estas:

Viva ou morta, meu querido filho, chama-me, pronuncia o meu nome, pinta-me na tua fantasia. Ouve-me, e sentirás que te fallo; olha-me, e verás que te velo. Pede-me a prophecia do teu destino, e ouvirás que te digo «tens de ser muito desgraçado, por que és meu filho!». . . . .

. . . . . .

'V. exc.ª tem a bondade de seguir-me?

D. Pedro seguiu o escudeiro, e, á entrada de uma pequena sala, ricamente trastejada, encontrou Alberto, que lhe disse:

«Toda esta casa deve consideral-a sua residencia, senhor D. Pedro; mas com especialidade esta sala, e aquellas alcovas. Se resolve demorar-se em Lisboa, lembro-lhe que a casa, onde existem os espolios mais gratos de uma mãi para seu filho, deve ser a preferida pelo filho de D. Angela de Lima.

'Muito agradecido, senhor Alberto de Magalhães; mas eu não me demoro em Lisboa. Preciso ir immediatamente a França; creio que sahirei depressa d'alli, e depois seguirei o destino, que me approuver.

« O que lhe approuver, não; por que v. ex.ª não é absolutamente livre nas suas acções.

' Não sou...? queira explicar-se.

« Sim, senhor, já que me força. No momento em que eu fizer suspender os recursos que, até hoje, estiveram ás suas ordens, v. exc.ª é um ente desamparado

' Por consequencia, eu tenho vivido até hoje das suas esmolas?...

Alberto, embaraçado na réplica, para que não estava preparado, respondeu com menos promptidão:

« Não, senhor. Não tem vivido das minhas esmolas; mas vive debaixo da minha tutella, eu sou o administrador da sua fortuna, e v. exc.ª apenas tem vinte annos... não é senhor absoluto do seu patrimonio.

' Quem me legou esse patrimonio?

« Não sei.

' Não foi minha mãi, nem meu pai, nem padre Diniz?... Emprazo o seu cavalheirismo para que me responda.

« Não, senhor.

' Por tanto, renuncio a essa esmola de mão occulta, com tanto que me deixem a minha liberdade.

« Ninguem tem a liberdade de fazer-se desgraçado, quando um amigo lhe diz « não serás desgraçado! » V. exc.ª ha de ser docil ao representante de padre Diniz, ao testamenteiro de sua mãe,

a um dos dous, que enchugaram as derradeiras lagrimas dessa nobre senhora. Entre na consciencia dos seus deveres. Encare-me como um homem, que deve respeitar. A ridicula importancia de rivaes, que exercemos ha poucos minutos, deve desapparecer da sua imaginação. Ahi está uma creança que daqui a um anno ha de rir-se da situação de hoje. Aqui está um homem de quarenta e quatro annos, que sente a ancia de comprimil-o ao coração como quem abraça um filho. Se me não estima, possua-se de algum respeito ao meu caracter. Se me não quer para amigo, ha de soffrer-me como preceptor. Quando padre Diniz vier a esta terra, renuncio o dominio que me foi delegado na sua educação. V. exc.ª será livre. Receberá das mãos desse sancto, ou desse demonio a sua herança, e sepulte-a nas ondas, se assim o quizer então. Por em quanto não. Não pode renunciar a minha influencia, porque ninguem tem direito a renunciar a honra impunemente... Senhor D. Pedro da Silva, minha mulher vem comprimental-o...

D. Eugenia agitada pela surpresa de tal apparição, mas alegremente agitada, entrava na sala. D. Pedro ainda com o chapeu na mão, em postura de quem vai despedir-se, recebeu-a, com ares de distrahido, friamente. Eugenia esperava outra recepção, ou queria encontrar no filho de Angela de Lima a effusão carinhosa de sua mãe.

D. Pedro, tranzido da sua angustia, recorreria ás frivolidades do cumprimento, se a sua dor fosse

pequena, ou se o habito de soffrer o tivesse industriado no doloroso artificio de sorrir nos labios, e chorar no coração.

« Snr. D. Pedro da Silva — disse Alberto, conduzindo-lhe Eugenia pela mão — minha mulher é filha da sua amiga D. Antonia...

' D. Antonia !.. é impossivel ! D. Antonia era irman de padre Diniz, e v. exc.ª é, por tanto, sobrinha de padre Diniz?..

« Não sou...

' Não é — respondeu Alberto, apressando-se a evitar a confusão de Eugenia. — D. Antonia não era irmã de padre Diniz... Foi um problema para todos, menos para esse homem que tinha o segredo de resolver todos os problemas do infortunio... E' uma longa historia que v. exc.ª ouvirá, quando quizer estudar estas existencias, que o rodeam, e que vão desapparecendo todos os dias... Demais a mais, apresento-lhe Eugenia como a confidente de D. Angela de Lima, e sua amiga unica, desde que D. Antonia cahiu dos braços della, porque devia morrer no momento em que a felicidade principiava para ambas...

' Que cousas tão confusas ! — murmurou D. Pedro, apoiando a cabeça na mão ! — E' incrivel que a minha cabeça possa com tanto !.. Tanto mysterio !.. Não é possivel, em duas palavras, senhor Alberto, saber o que sou, quem é v. exc.ª, quem é padre Diniz, que interesse ha em me involverem desde criança n'um labirynto de incertezas !?

« Quem v. exc.ª é? Sabe-o de mais, creio eu. Quem eu sou? Pergunte-o á sociedade, e adopte a explicação que mais lhe convenha. Se me obriga a responder, por mim, digo-lhe que sou um mixto de virtudes e de crimes. Quem é padre Diniz? não sei, e daria milhões a quem m'o dissesse. O que posso affiançar-lhe é que v. exc.ª, sem padre Diniz, seria, a estas horas, um punhado de cinza. Perguntou o interesse que havia em rodeal-o de mysterios. A resposta é complicada Sua mãe nasceu no fastigio da sociedade. La de cima vem a terra as reputações com grande estrondo. O seu nascimento senhor, foi uma ignominia, e tamanha que seu avô, para manter a puresa de linhagem, deliberou a sua morte, em sacrificio á honra de sua casa. As ordens do fidalgo foram illudidas; v. exc.ª viveu; mas essa vida não podia manifestar-se á luz do dia, porque era uma vida, salvada a furto: era um quadro deshonroso que se escondia aos olhos da sociedade; era uma accusação velipendiosa á honra de D. Angela de Lima. Acha infame esta moral? Tambem eu; mas curve a cabeça, que eu tambem a curvo. A humanidade é isto. Quem não quizer transigir com ella, suicide-se; mas o melhor é transigir, por que a mysantropia não tem indemnisação nenhuma, e a reclusão dos conventos cahiu em ridiculo subterfugio das almas pequenas. Amargam-lhe estas lições, meu joven amigo? Cumpro uma promessa... Disse-lhe, ha pouco, que não promettia dar-lhe bellas illusões para a alma, mas ensinalo-hia a

comprar os mais caros gosos da materia... Que mais quer de mim? Consolações frivolas ao seu soffrimento de hoje? Sejamos maiores que a sua dor, que não merece, realmente, a applicação do nosso talento medico em cural-a...

D. Pedro fez um polido gesto de pedir silencio, cuja significação Eugenia não entendeu. Um creado chamou para o jantar. D. Pedro supplicou tres vezes a mercê de o deixarem n'aquella sala por alguns instantes. Eugenia, com irresistivel affabilidade, estendeu-lhe a mão, convidando-o a accompanhal-a. O filho de Angela, surprehendido do carinho, ou lisongeado da familiaridade, offereceu-lhe o braço, sem resistencia ao convite. Alberto de Magalhães, que applaudira o feito galante de sua mulher, disse com orgulho, na sua consciencia, que nenhum homem seria mais teimoso que D. Pedro da Silva convidado por Eugenia.

XXII.

Vejamos o que, á mesma hora, se passa em Cliton.

A duqueza, na opinião das suas creadas, está outra vez soffrendo accessos de beaterio, por que ha vinte dias, não recebe alguem, á excepção do visconde de Armagnac, e do seu medico. Encerrou-se no seu quarto, recebe os alimentos por escrupulos, não consente que as suas creadas se interessem no seu allivio, e permitte apenas que se abra meia

janella, quando se lhe annuncia o sollicito doutor, ou o visconde.

A' hora, pois, em que D. Pedro da Silva ouvia attentamente Eugenia, que contava commovida a historia de sua mãe, a essa hora estava o visconde de Armagnac sentado á cabeceira do leito da duqueza. O medico sahira momentos antes, encarecendo os incommodos da sua illustre enferma, appoiando liberalmente todos os padecimentos que ella imaginava, e dizendo, em occasião propicia, ao ouvido do visconde que a duqueza não tinha nada fora do espirito, e que os limites da medicina estavam no corpo.

A duqueza fixava o visconde com a silenciosa ternura de quem espera um allivio da pessoa que lhe conhece os segredos da sua dor.

' Noticia nenhuma, senhor visconde?

« Se tivesse a dar-vo'l-a, não esperaria que m'a pedisseis, senhora duqueza...

' Sabeis se escreveram ao consul para indagar os movimentos de D. Pedro?

« Escreveram; mas não ha tempo ainda para a resposta.

' Que vaticinaes deste infortunio, senhor visconde?

« Não vaticino ventura nenhuma, senhora duqueza. Foi uma imprudencia...

' Minha...

« Sim... vossa... Um velho tem liberdade para fallar a velha linguagem... Foi vossa... Não devieis

chamar á intimidade dos vossos segredos uma creança com o sangue da juventude alterado pelos fogachos dos malditos romances, que pervertem o gosto, e a organisação...

' Mas eu amava-o... e não queria amal-o para me satisfazer o capricho de alguns dias... Tremia que ámanhã lhe contassem esse negro quadro da minha historia, e que elle me reputasse uma vil mulher, um triumpho dos que se atiram aos pés, e se lhes cospe em cima... Eu queria-o para meu marido, e impuz-me o dever de appresentar-me com essa nodoa, que me humilhava diante de um moço, cheio de candura e sentimentos nobres. Não me arrependi ainda, por que é nobre ser-se desgraçada, e não ha felicidade á custa de villanias... Os labios podem rir; mas a vibora enroscou-se no coração. A vergonha onde menos se manifesta é no rosto.... Está na consciencia... é uma uma brasa viva sempre... e hade matar-me este fogo...

' Não descoroçoeis, senhora duqueza...

« Quereis illudir-me... Eu adevinho tudo... eu ouço um demonio que me diz tudo o que até aqui se tem passado.

' Sois illustrada de mais para tanta superstição...

« Não é isso que chamaes superstição... São os factos que se seguem uns aos outros... é a fylosofia da desgraça que me encina a tirar as consequencias dos principios... Quereis saber tudo? Lembrai-vos bem, visconde, que vo'l-o disse aqui... Pedro da

Silva era um cavalheiro, e desafiou Alberto. Alberto não se bate por que não acceita desafios... Pedro precisava dizer a esse homem as razões que o levavam a semelhante provocação. Disse-as, com toda a nobre coragem do mancebo, que desaggrava uma mulher ultrajada na sua honra, e assassinada na vida de seu irmão... depois...

« Que mais quereis? Se Alberto de Magalhães é tão vil que não acceita uma provocação tão nobre, é digno de ser apunhalado pelas costas, visto que a justiça o não entrega ao algoz...

« Não será assim, senhor visconde...

« Pois que vaticinaes?

« Alberto mostrar-lhe-ha as minhas cartas...

« Que importa? As vossas cartas que podem dizer? Uma confissão apaixonada do vosso delirio? Isso já não é novo para D. Pedro, que conhece de vós mesma o amor infeliz que desperdiçastes com esse aventureiro... As vossas cartas são innocentissimas... São até uma nova justificação do crime por que elle deve ser punido.

« Não, visconde! — disse a duqueza, levando as mãos aos cabellos desgrenhados e affastando-os do pescoço com frenesi — Não... essas cartas revellam... essas cartas são a minha condemnação irremissivel...

« Não vejo por que, senhora duqueza! O mais que podem revellar é que a victima succumbiu aos ardis do traidor... Essa fraquesa é muitas vezes um honroso diploma, escripto com lagrimas sim,

mas honroso sempre para os corações nobres... corações como o vosso, senhora duqueza, que não tem se não mil virtudes a absolver um crime...

« Enganais-vos... não sabeis o que essas cartas são...

' Não vos martyriseis assim, duqueza! Fallai com tranquillidade... conversemos...

« Deixai-me chorar... ! concedam-me esta covardia, já que não tenho a coragem do suicidio... Ah padre Diniz, padre Diniz, que foste a minha desgraça !...

' Em que padre Diniz fallais ?... Serei talvez indiscreto na pergunta; mas é a primeira vez que vos ouço pronunciar esse nome...

« Deixai-me este segredo, visconde... Não vos dôa a curiosidade de querer entrar no fundo desta escuridade em que me vejo... Recuarieis espavorido...

' Não é curiosidade, senhora duqueza; é o interesse em ser-vos util; mas não valho nada... principio a desconfiar de que só ha um homem que pode trazer-vos a bonança á cabeceira do vosso leito...

« Esse não tornará aqui mais...

' Quem... D. Pedro?

« Sim... sim... D. Pedro não tornará mais a esta casa, nem talvez á vossa.

' Diz-vos o presentimento que o matarão?

« Diz-me que morreu para mim... A estas horas está envergonhado de me ter conhecido...

'Que imaginação!... Serenai, duqueza. Fazei valer sobre vós o vosso grande espirito! Vêde que a vossa vida tem um largo horisonte onde encontreis para a dôr de hoje uma consolação ámanhã. Que alma é essa que se confrange assim antes que a toquem os desgostos? Pois nem sequer esperais a hora do soffrimento? Que fareis então quando o punhal vos ferir devéras?

'Morrerei!...

« Morrereis!... fraquesa, que vos não grangearia sequer a piedade do deão de Angoulême, que havia de vêr na vossa morte as funestas consequencias do vicio... Eu queria ver-vos mais altaneira, de face com as angustias, que são sempre as precursoras das alegrias. Quem é hoje que se deixa morrer d'uma paixão?

'Ninguem; mas de vergonha... eu!

« E tendes vivido cinco annos, depois que a consciencia vos accusa! Ora confessai que os vossos sentimentos são saudades do meu hospede, e eu prometto que elle virá beber essas lagrimas, e embriagar-se do amor que ellas destillam...

' O vosso gracejo é importuno, senhor visconde!

« Quereis que choremos ambos?

' Não... eu quero chorar sósinha; mas não vos dei ainda motivos pàra que me negueis uma séria compaixão... Esta desgraça não é comica!... Oh Providencia!... como Tu és inflexivel...

« Senhora duqueza... não posso ouvir-vos de-

clamar assim... Vêde o que eu posso fazer-vos, e achareis no velho quasi inutil o amigo de vossa mãi, o homem que a sentiu expirar nos seus braços...

' Nem tão tragico, visconde! Não falleis em minha mãi, que eu tenho medo a esse nome... Eu vi-a já reprovar a minha vida... Não me falleis nessa martyr, se o foi, por que passarei uma noite tormentosa... Quereis contar-me o segredo da sua vida?... ou da sua morte?

« Não, senhora... E' impossivel... Morreu com ella... e morrerá comigo?

' Só comvosco?

« Só.

' Ninguem mais neste mundo o sabe?

« Alguem poderia sabel-o...

' Quem?

« Esse nome é metade do segredo...

' Vive ou morreu?

« Morreu.

' Tendes a certesa disso?

« Tenho...

' Qual?

« Não posso responder-vos mais... nunca disse tanto como agora... Tenho-me fingido completamente estranho ao lance que se passou aqui, para evitar interrogatorios...

' Pois basta... Assistireis a outro talvez mais desgraçado...

« E' impossivel.

' A morte? E' o que eu vejo mais perto de mim... E' a unica, neste mundo, que me dá um sorriso de esperança.

« E no outro?

' Que tenho eu com o outro?

« Estaes assim, duqueza? Olhastes para a corrupção, e ficastes de gêlo como a mulher de Loth! Não crêdes em nada?

' Creio que estou condemnada, que tenho o meu inferno em redor de mim...

« Incomprehensivel! Por que soffreis assim? Dai-me a razão, ou eu duvido.

' Não duvideis... Heis de lêl-o brevemente...

« O que?

' O meu libello infamante... a accusação que nem vós me perdoareis... Visconde, se me não levaes a mal esta supplica, retirai-vos.

« Obedeço-vos, senhora duqueza.

. . . . . .

O visconde inventou todos os crimes; recordou-se de todos os lances tragicos da historia; combinou todas as desventuras possiveis, e não achou a incognita daquelle insondavel tormento.

Visitando-a todos os dias, procurando delicadamente trazel-a ao segredo do seu grande pavor, não conseguiu nunca arrancar á duqueza a ultima palavra. Chegou a chorar com ella, por que em verdade a situação daquella mulher era lastimavel.

A duqueza estremecia, com o ouvido attento, apenas ouvia passos ao longe do seu quarto. O pre-

sagio dizia-lhe que D. Pedro da Silva não tornaria alli, e, comtudo, o rumor de passos apavorava-a, e entre as vozes confusas dos servos parecia-lhe sempre ouvir a de D. Pedro, que dizia: « Infame, que te vendeste! » A estas visões seguiam-se as lagrimas, os frenesis, a febre, e a necessidade de ter ao pé de si o visconde, que não concebia a extravagancia de taes mêdos.

Assim correram vagarosos e attribulados vinte dias. Assim amanheceram e escureceram dias de angustias, presenciadas pelo velho amigo de Cliton, que dava a Satanaz a idea maldita que tivera de apresentar o seu hospede naquella casa, fatal depois de um seculo!

O medico ja não assistia impassivel aos soffrimentos da duqueza. O espirito entrára nos limites da materia, e a medicina era impotente na cura de uma enfermidade cuja causa recrudescia cada vez mais. Interessado na honra da sciencia, dera-se com todo o disvelo a cortar no coração da illustre enferma a raiz do mal. A necessidade do desabafo felo confidente da duqueza, e o doutor esquecia a sua vasta clynica, acompanhando o visconde nas estereis consolações.

Eram, pois, passados vinte dias, depois que D. Pedro sahira do palacio de Cliton, promettendo vingar a morte de Alfredo de Montfort.

A duqueza, nesta noute, sente-se mais comprimida, queixa-se de que não tem ar para viver uma hora, falla ao medico de visões que lhe per-

turbam a cabeça, e faz um esforço sobre a sua vontade caprichosa para ceder aos dous amigos, que a conduzem a respirar nas salas um ar novo.

A duqueza sente esvahimentos, e desmaia n'uma ottomana, murmurando que ja vê a mortalha na mão d'um demonio, que a não deixa so um instante. Este demonio, reduzido a figura humana, é Alberto de Magalhães, revelação sobrenatural, que ella fez ao visconde, diga-se a verdade, mais imbecil do que devia suppor-se, porque perguntou ao medico se seria possivel espancar aquella visão com algum medicamento. O medico respondera que o medicamento mais apurado para afugentar a visão de Alberto de Magalhães eram algumas onças de D. Pedro da Silva.

O doutor não accreditou na morte annunciada pela duqueza, e gracejou durante o desmaio, pedindo ao visconde que fosse dar com ella um passeio até Portugal, e que dirigisse as cousas de modo que elle medico viesse um dia a comparar a duqueza avó com a duqueza filha, e duqueza neta, porque a sciencia lucraria muito com este estudo de raça e temperamentos homogeneos. O visconde applaudiu a argucia com o seu fidalgo sorriso, e preparava-se para responder com outra de melhor gosto, e mais decente, quando a duqueza abriu os olhos, e sentou-se espavorida na ottomana, perguntando se naõ estivera alli D. Pedro da Silva.

« Naõ, minha senhora, não temos o gosto de poder-vos dizer que sim — disse o medico.

' Não me illudam !.. eu ouvi a sua voz... Ouçam... não entrou um cavallo no pateo ?

« Não senhora duqueza.

' Como não ? zombam de mim ?. ouçam... visconde... é impossivel que isto seja uma illusão !..

A duqueza levantou-se; deu dous passos para a janella; affrouxaram-lhe as pernas que não podiam com o impeto da alma, e encostou-se ao doutor, que principiava a ouvir o ruido de alguma cousa no pateo.

Neste momento rincharam os cavallos da duqueza ; outros , que não eram della , responderam mais longe. O visconde correu á janella , e distinguiu na escuridade dous cavalleiros , que vinham vagarosamente por entre as longas alas de olmos, que forravam as muralhas do pateo.

' Penso que posso dar-vos os parabens duqueza !..

« Os ?.. — exclamou ella, cahindo no sopha.

« Os parabens !.. Folgo muito em vos dizer que não sois profeta... Creio que temos ahi D. Pedro... Eu vou saber...

' Não... não ! — exclamou ella, estendendo-lhe os braços — não vos retireis de ao pé de mim... por quem são... não me deixem... se é elle... aqui o conduzirão... mas , visconde , ide , ide... dizei lhe que estou soffrendo de modo , que não posso fallar-lhe... Ide tambem , doutor... Não vão... fiquem aqui... não me deixem... ja agora é preciso beber o calix... com resignação... Compadeçam-se de mim..

Um creado pedia licença para introduzir o senhor D. Pedro da Silva. Esperou alguns segundos a resposta. A duqueza fez um signal affirmativo, que o visconde traduziu :

« A senhora duqueza manda entrar.

— Devo retirar-me , senhor visconde? — perguntou o medico.

A duqueza fez um signal negativo : poz um lenço nos labios , como refrigerio ; pendeu a cabeça com gracioso desleixo , e esperou.

XXIII.

D. Pedro foi diante da duqueza , e cortejou-a silencioso. Recebeu a mão do visconde , e fez um um leve aceno de cabeça ás reverentes curvaturas do medico.

' Daí-me um abraço com mais effusão , mancebo ! — disse o visconde , abraçando-o.

« Honrais-me com essa expansão, visconde — respondeu D. Pedro, correspondendo affectuosamente ao abraço do velho.

' Não cumprimentais a duqueza? ! — murmurou o visconde ao ouvido do moço, favorecido pela postura do abraço.

« Permittis , senhores — disse D. Pedro — que eu tenha alguns minutos de particular intelligencia com a senhora duqueza ?

O doutor respondeu, sahindo. O visconde conduziu o seu hospede para o fundo da sala :

‘ Ides fazer algum destempero?

« Não, visconde, podeis estar na sala proxima que não ouvireis uma palavra. Eu não destempero com essa facilidade... Sou portuguez, não o sabeis?

‘ Olhai que essa desgraçada senhora está doentissima... quereis matal-a ?

« Matal-a eu!.. vós desfructais-me! Eu mato lá ninguem? Que é o que vos faz recear que eu tenha a dizer-lhe palavras que não sejam muito affectuosas ?

‘ Não sei... ella suspeita..:

« Ah!.. ella suspeita?!.. E vós?...

‘ Eu... não... não atino com a razão destes sustos...

« Tendes a bondade de vos retirar ?

‘Cumpro.. prometteis-me prudencia e honradez?

« Essa pergunta é quasi um insulto... Retirai-vos, se me não quereis obrigar a pedir-vol-o quarta vez. O visconde sahiu respondendo com um olhar duvidoso ao olhar supplicante da duqueza.

D. Pedro, com o chapeo na mão, sem descompor-se da postura d'um cavalheiro que estuda attitudes, sem puchar cadeira como é de estylo nas dramas de enfurecidos *ohs!*, de pé, diante da duqueza, com um amavel sorriso nos labios, que se desmentiam, fallando, como quem diz, n'uma sala, um segredo a uma dama, sem lh'o dizer ao ouvido, fallou assim:

« Senhora duqueza de Cliton, recebeis-me tão friamente?!

' Sentai-vos , senhor.

« Permitti que vos não obedeça. Eu demoro-me instantes. Ha vinte dias, ninguem diria que eu seria hoje assim recebido nesta salla...

' Eu preciso ouvir-vos, senhor D. Pedro... Tenho o coração aqui algemado no peito.. não o deixarei expandir-se, sem que vos ouça.

« Então receaes que eu vos diga uma de duas cousas? Ha, por ventura, alguma que não seja boa?

' A minha situação não comporta as vossas ironias... dizei uma d'ellas...

« Eu tenho a dizer-vos só uma, por ventura , a mais agradavel para ambos. Esta carteira contem uma cedula de oitenta mil francos. Desejo-vos bastante para trocar comvosco esta quantia. Accreditai que vos não acho cara, senhora duqueza Mas se o preço estipulado por Alberto de Magalhães não é o corrente... eu não duvido augmentar alguns francos...

A duqueza, deixai-me assim dizer, morreu durante aquelles segundos. Desfigurou-se completamente. Da pallidez passou para o escarlate, como se lhe tingissem as faces de sangue. D. Pedro pronunciara a ultima palavra com estudada friesa de monia. quando a duqueza, como ressuscitada, ergueu-se em pé, cravou os olhos ensanguentados n'elle e disse, em voz que vinha de dentro como as ultimas palavras d'um moribundo que vai morrer de raiva :

‘ Sahi de minha casa, quando não mando-vos azorragar pelos meus lacaios! Já, canalha!

« Um momento, illustre senhora. Consenti que vos entregue duas cartas, que me authorisaram a propor-vos um segundo contracto absolvido pelo primeiro. Inutilisai, senhora duqueza, esses papeis, se não quereis que um terceiro venha ámanhã offerecer-vos menos de oitenta mil francos.

D. Pedro retirava-se.

« Olhai, senhor! — disse a duqueza, face a face com elle — é necessario que eu vos tenha desconsiderado muito para vos não dar uma bofetada... Sois bastante infame, para não sentirdes a affronta.., Sahi!

‘ Senhora duqueza, se tivesseis um irmão, ou um amigo, cuspia-vos no rosto... Ninguem se responsabilisa por vós...

A duqueza tocou uma campainha. D. Pedro sahira por entre o medico e o visconde, aos quaes não disse palavra, e talvez não visse. O rapido e forte tinir da campainha, no momento em que o portuguez sahia, não impressionou os creados, que supuseram serem chamados para acompanharem a visita.

O visconde, porém, entrára pallido na sala, e encontrou a duqueza, encostada com as mãos á jardineira, convulsa, com os olhos fuzilando lume, cravados na porta por onde sahira D. Pedro, e com as duas cartas cerradas nos punhos.

« Que tendes, senhora duqueza? — perguntou

o visconde, fazendo-a sentar — Entrai, doutor... Vêde o que isto é... Ella não me responde... Olhai o que ella tem nos olhos!...

‘ Queimai... — balbuciou a duqueza, entregando as duas cartas ao visconde, que as queimou logo, chamando-a de novo.

« Não a chameis, senhor visconde... — disse o medico, tateando-lhe o pulso e as fontes — Isto vai passar... Ajudai-me a transportal-a para a ottomana... vai desmaiar...

Assim aconteceu. A vida gasta na vertigem d'alguns minutos devia restaurar-se com a perda dos sentidos. O visconde pedia ao medico que não abandonasse a duqueza naquella noite, e foi a sua casa onde esperava achar D. Pedro.

Encontrou-o, escrevendo-lhe uma carta, que devia ser-lhe entregue, por isso que D. Pedro queria partir naquella noite.

‘ Que fizestes áquella mulher?

« O que eu lhe fiz?... Conversei, e sahi...

‘ Que cartas eram aquellas?

« Ah! vós vistes essas cartas?

‘ Vi.

« Se as vistes por que me perguntaes que cartas eram?

‘ Não as li... queimei-as, a pedido da pobre senhora que ficou desmaiada.

« E' d'uma sensibilidade exquisita aquella dama! E' uma perfeita actriz!...

' Respeitai-a, se não podeis amal-a. Eu não vos consentirei esses chascos de creança.

« Callai-vos lá, senhor, que eu não dou mais importancia ás vossas cans... Respeitai-me a mim digov'ol-o eu agora!

' Sêde mau amante, se vos apraz; mas mau amigo, não! Explicai-me este enredo... Que passastes com Alberto de Magalhães? vistel'-o?

« Vi.

' Batestes-vos?

« Sim, senhor.

' E depois?...

« O vosso *depois* a que se refere?

' Um de vós...

« Devia morrer... é o que quereis dizer?

' Sim...

« Vivem ambos com a mais perfeita saude, e claro entendimento.

' Não entendo...

« Não tenho eu sido preciso nas minhas respostas, visconde?

' Tendes... mas occultais-me tudo...

« Não posso descobrir-vos mais nada.

' Aquellas cartas que continham?

« Perguntai-o á duqueza.

' Eu não vos mereço uma confidencia?

« Se fosse minha a confidencia seria vossa. Essas confidencias só pode fazel-as a duqueza de Cliton.

' Que mysterio!... Quaes são as vossas inten-

ções agora?

« Vou marchar para Pariz.

' Esta noite?

« Immediatamente.

' Não daes folga aos cavallos?

« Tenho outros de quatro em quatro leguas.

' Descançai ao menos esta noite.

« E' impossivel, visconde. De hoje a tres dias dei a minha palavra de honra que estaria em Londres.

' Em Londres?! E depois?

« Vou para Constantinopla fazer a minha residencia.

' Só?

« Não... com uma familia de Lisboa.

' Não torno a vêr-vos, D. Pedro?

« E' crivel que não... dai-me um abraço... e sabei que a minha morte moral encontrei-a nesta casa... Vêde-me bem... Nesta idade... sou o mais desgraçado dos homens!...Essas lagrimas lisongeam-me... Fostes um bom amigo... eu é que não quiz ouvir as vossas profecias... Adeus, visconde...

' D. Pedro... não me deixeis assim como um homem indigno de confiança... Que crime espantoso praticou aquella mulher?

« Não tenteis a minha honra, que baldaes a vossa amisade... Sou creança, mas envelheci ha vinte dias, e tenho um perfeito conhecimento dos deveres do homem experimentado... Sêde bom para ella, que sois o seu unico amigo... Adeus...

Abraçados, trocaram lagrimas de verdadeira estima. Um, com a sensibilidade dos vinte annos, outro com a ternura da anciedade que afaga um filho adoptivo, choravam ambos, e, por ventura, vaticinavam que não tornariam a encontrar-se.

XXIV.

São dous de Outubro de 1837.

Ao caes do Sodré, em Lisboa, convergem as carruagens fidalgas e burguezas de Lisboa, com seus donos para o bota-fóra de Alberto de Magalhães e sua esposa, que vão viajar por alguns annos.

Passa-se ahi uma scena mais ou menos ridicula, mas, digam o que disserem os chocarreiros circumstantes, ha alli alguma cousa pathetica. O caso é este: o barão de Sá, que fôra, mezes antes, expulso com ignominia de casa de casa de Alberto de Magalhães, por insultar o barão dos Reis, casado com a tia de sua mulher, o fatal barão de Sá, diziamos nós, não podendo vêr partir o seu amigo, sem reconciliar-se com elle, apparece na occasião solemne das ultimas despedidas, no caes do Sodré.

O bom homem, que era digno do titulo, mas sensivelmente tôlo, chegou, com as lagrimas nos olhos, ao pé de Eugenia, e beijou-lhe a mão. Voltou-se depois para Alberto e beijou-lhe a testa com grandes gaifonas de ternura.

Eugenia encarou compassivamente aquelle lan-

ce, e disse no fundo da sua boa consciencia que o barão de Sá era um nescio digno de melhor sorte. Alberto abraçou-o com piedoso desdem, e olhou com sobranceria os espirituosos, que chasqueavam a pieguice do barão.

O incidente passou. Eugenia recahiu na melancolia, que seu marido lhe não consolava, por que a oppressão que lhe apertava a alma, enfraquecendo-lhe o animo, era daquellas que precisam consolações, ás vezes, d'uma creança.

A filha de Antonia abraçava com a mesma indifferença as falsas e verdadeiras amigas. Olhos e coração tinha-os fixos em seu marido, que recebia os abraços da fria formalidade com a soberana indifferença d'um principe entre aduladores servis.

A escuna portugueza ALCYONE déra o ultimo signal de levantar ferro. Os viajantes entraram na lancha, rodeada de botes, entre os quaes avultava o de barão de Sá, que embebia as lagrimas n'um lenço branco em que as senhoras repararam muito, admirando-lhe as puras rendas de Escossia, que o franjavam, cousa só vista no barão de Sá: póde elle ter essa gloria.

Eugenia precisava soltar do coração as lagrimas represadas. Desceu á sua camera, faustuosamente adornada, e chorou, sosinha; sentiu o desafogo de uma violenta dor, que não sabia definir.

Seu marido, que a encontrara assim, tomou a face della sobre o seio, cobriu-a de beijos, enchu-

gou-lhe as lagrimas, e, por linitivo, apenas balbuciou tres vezes o seu nome.

Esta situação permaneceu assim longos minutos. Chegaram a fitar-se tristemente ; interrogavam-se na afflictiva mudez de dous infelizes condemnados a não se queixarem, caminhando para a morte.

Alberto o que sentia? Que dor era aquella de Eugenia? que presagios estendiam o mesmo crepe sobre dous corações? Que medo os congela, a ponto de não ousarem trocar duas perguntas?

« Vamos ver o mar, Eugenia — Disse elle, offerecendo-lhe o braço — Se tu não enjoasses fariamos uma bella viagem. O ceo está delicioso... o vento é favoravel, o mar convida a scismar no ceo... olha como é bonita esta amplidão!.. Tira os olhos da terra, Eugenia... A magestade da naturesa está adiante de nós!.. A'lem que fica? a turba que folga e ri, a miseria que representa comedias para se esquecer de que a tragedia esfarrapada lhe lavra nas entranhas... Deixa a sociedade... olha o mar...

« Sim... o mar é bello... esta emoção é quasi nova para mim... mas, alem, alem...

' Fica o tumulo de tua mãe...

« Sim... o tumulo das minhas amigas...

' Sentirás, aqui, mais vivas saudades dellas... Conversa com as suas imagens... Porque não tens saudades da irmã de tua mãe, que la fica viva, e se despediu de ti com os olhos enchutos?.. A morte é que rehabilita as amisades... eu sei-o bem, Eu-

genia... Deixemos os mortos, que são o pó... o espirito, esse, se o amas, acompanha-te... E' aqui nesta solidão, que eu vejo Deus la em baixo naquelle horisonte infinito... Foi aqui onde eu senti abalos fortes á minha descrença em tudo... O que é a vida! Quem poderá dizer que a sua alma está morta!.. O que eu hoje sinto!.. que vontade de pedir ao ceo que se abra para nos receber!.. E, com tudo, a minha vida principiou ha tão poucos dias!.. Não é cansasso... é a ancia da immortalidade... o terror d'um abysmo para cada um de nós, separados... talvez!..

« Juntos, meu anjo...

' Mas viver tão pouco!.. é tão rapida esta primavera, que vem depois d'uma longa estação de gelo e desesperação na alma!

« Lembras-te, Alberto, o que eu te disse em Cintra, nos Pizões, na tarde do nosso casamento?

' Que foi, filha?

« Vivemos pouco porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte... » Não foi assim?

' Lembro-me... mas eu não queria que me recordasses esse receio de então... Eu não quero vaticinar uma morte proxima...

« Nem eu, meu Deus!.. mas, se a Providencia não ouve as minhas supplicas... se te encontrar pendido ao abysmo, hei de cahir comtigo... hei de dizer-te: *Vivemos pouco porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...*

‘ Fallemos da vida, Eugenia...

« Sim, sim, fallemos da vida... Que fará agora o filho de Angela?

‘ Anceia por nós... Está em Southamptom com os olhos fixos no horisonte a ver se descobre estas vellas... Vés como elle foi pontual? Disse-lhe que devia estar em Londres no dia 16, e apenas chegou foi appresentar-se a Lord William. Que nobre coração em peito tão moço!.. Como podem nascer para o infortunio aquelles espiritos!.. E por pouco o seu primeiro vagido devia ser o ultimo!..

‘ Foi padre Diniz que o salvou.., Que divindade é aquelle homem!.. Terà morrido?..

« Não.

‘ Não? Soubeste-o!..

« Soube... ainda hontem por um jornal francez ... Está na America missionando... Hade escrever com o proprio sangue a ultima pagina do seu LIVRO NEGRO... Que livro será aquelle!..,

‘ Um milagroso encadeamento de virtudes...

Quem sabe?.. Os primeiros elos dessa cadeia... serão grandes crimes!..

‘ Crimes... n'aquelle homem?!

« Nelle, em mim, em todos os homens, que vem aqui satisfazer um decreto superior...

‘ Não sei contrariar-te, Alberto!.. As tuas palavras tem um cunho tal de certeza...

« De experiencia atroz, Eugenia... Faz de conta que eu vim ao mundo e vi sobre uma pedra eterna lettras cobertas pela crusta dos seculos. Quiz lêl-as

e não pude. Foi-me preciso chorar muito sobre essas lettras, desgastar com lagrimas essa crusta, e, ao cabo de longas penas, decifrei a legenda que dizia : DESGRAÇA ETERNA... PARTILHA DE TODOS OS HOMENS ULTRAJADOS PELOS HOMENS... Foi o que eu li...

' Pois, sim... mas não entristeças desse modo ... Fallemos em D. Pedro da Silva... E' toda a nossa familia que nos espera, não é verdade ?

« Sentes por elle uma ternura de irman !

' Mais... eu creio que mais... queria poder chamar-lhe filho...

« Viste-o chorar com a historia de tua mãe ?

' Se vi !.. enganei me com elle... Ao principo julgue-o de pedra, e duvidei que fosse filho de Angela de Lima... depois... era elle, Alberto, devia ser por força, o filho d'aquelle anjo...

« Se lhe conhecesses o pai !.. Que morrer tão lento !.. que perfume de martyr ! .. que legado de remorso eterno !..

' Que tens , filho !.. tu impallideces?

« Nada, Eugenia.. não é nada... E' esta dor do coração , que me hade matar...

' Sentes aquella pontada do costume?

« Senti... agora não é tanto... passou...

— Fidalgo, (disse o piloto) ámanhã não temos tão bom mar...

Alberto, que não precisava interrogar as suspeitas do piloto, olhou para o norte, e respondeu :

' Aquillo é aguaceiro.

« O que, Alberto? — perguntou Eugenia com timidez.

' Aquella pequena nuvem, que appareceu agora... vês?

« Vejo... aquillo não é nada... — disse Angela.

Alberto fez signal de silencio ao piloto. Pouco depois, um castello de nuvens alargava os flancos a nordeste. Alberto, como destrahido, convidou Eugenia a entrar no beliche. Entreteve-a instantes, e subiu á tolda. O piloto mandava rizar o traquête, e colher o gafetope.

Alberto chamou:

« Olhe que todas as manobras sejam feitos sem ruido assustador. Qualquer que seja o contratempo prohibo que se falle em perigo... Mande amainar o joanete. Eu volto ja...

Desceu á camara. As creadas de Eugenia rodevam-na, perguntando-lhe se o mar estava bravo. A corajosa, que recebia a força sobre-natural do contacto com um homem superior, zombava dos temores das creadas, que não podiam suster-se com o repentino balanço do navio.

Alberto passeava a passos rapidos, sorrindo á innocente intrepidez de sua mulher. Os tufões rugiam nas gaveas, e arfavam na vela grande do mastro de ré aquelles latejos convulsos semelhantes ao som da agua que referve na cachoeira. Do fundo da escada que subia da camara para o convez, bradou Alberto:

« Riza todas as vellas!

Instantes depois, Eugenia perguntava que ruido era aquelle por cima.

' E' chuva, minha intrepida navegadora.

« Queria ver a chuva no mar... Deixas-me Alberto?

' Pois sim... Mas olha que a chuva de mar não se vê impunemente como a de terra... A abobeda do navio é o ceo...

« Não que eu levo o guarda-chuva...

Eugenia parou no topo das escadas, surprehendida pelo espectaculo novo. Instinctivamente recuou, e, para não voltar as costas ao quadro aterrador, violentou o animo, e cingiu-se ao braço de seu marido.

O ceu era de bronze, e as nuvens cinzentas, como castellos a desmoronarem-se, boiavam no dorso das ondas, que se partiam dos flancos da escuna. O seio negro dos curtos horisontes abria-se, ás vezes, e vomitava uma lavareda instantanea. Sobre o navio estourara um trovão. Este som perdera-se alli, como o ultimo arranco da humanidade agonisante, nas fauces do abysmo.

« Tremes, Eugenia!...

' Tremo!... isto é horroroso!...

« Queres retirar-te?...

' Não... Ha perigo, meu filho?

« Nenhum...

' Esperemos, então...

« Queres vêr sahir a luz deste cahos?... Devia

ser assim o primeiro dia da creação... O espirito de Deus era levado sobre as aguas... Devem ser assim os paroxismos da natureza, no seu ultimo dia... Tenho visto mil vezes esta scena e acho-a sempre nova... Repára, Eugenia... Vês além a bonança?

'Onde?

« Aquelles dous palmos de ceu sem nuvens?

' Vejo.

« E' como o anjo da paz... D'aqui a minutos este ceu é o ceu dos amantes que viajam. . Poderemos dizer que assistimos vivos ao espectaculo da morte... que nos defendemos das iras da maior potencia com quatro tabuas, que a mão do homem construiu...

' O homem... que é tão pequeno..

« Não, Eugenia, o homem tem em si o infinito da divindade... Li esta verdade neste grande livro que vai fechar-se, e que a mão da Providencia abre aos incredulos... Que maior grandesa pode ter o homem! Não inventou elle a bussola, e o leme, que o faz olhar com orgulho para a serpente da morte, que ameaça enroscar-se lhe no debil throno, que o faz rei dos elementos? .. Vês, Eugenia!... aqui tens o ceu de ha pouco... Olha a bonança como vem risonha a prometter-nos vida, e alegrias, sem fim!...

' Que tão linda mudança! Eu creio que sobre o mar ha grandes prazeres, Alberto...

« Eu só tive um na minha longa vida...

'Um só?

« Este, Eugenia... só este.

' Não sentias o prazer da vida, quando te salvavas d'um risco?

« Não: muitas vezes tinha pedido a morte, e a morte passava a sorrir de mim... indigno da paz, que mora lá em baixo no fundo do oceano... Festejemos o ceu, côr da esperança... Vamos jantar, Eugenia?...

' Sim.. vamos jantar... Tenho appetite... Em sete dias de viagem verás que heide pôr-me redonda, e bochechuda... quero comer muito, e nutrir muito para D. Pedro me não conhecer...

« Larga rizes! — disse Alberto ao piloto, que não ousava mandar diante do amigo intimo de Salema, seu antigo amo, bem sabia elle por que.

XXV.

O piloto enganara-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna velejava, soberba de si, nas solidões sem horisonte, como a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos, que decorriam, não os annuveava a tristesa. Eram lympidos como o ceu, serenos como a superficie do mar, claros e luminosos como a prata das ondas em que a lua se revia. Até alta hora, Eugenia embebida na intimidade dos seus gosos, saboreava uma ventura só sua, egoista, sem ter de communical-a a seu marido, que a sentia silencioso como ella, e livre de

attender á sociedade frivola que tantas vezes lh'a perturbara.

Eugenia fugia com o pensamento do passado. Apprazia-lhe a imagem de Angela de Lima; e, comtudo, esta grata reminiscencia custava-lhe sempre uma lagrima, e uma tortura nunca desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a imagem do conde de Sancta Barbora, ponto negro que se alargava até lhe escurecer as suas lucidas saudades.

Fantasiava o que deveria ter sido Anacleta, e entristecia-se. Corria a escala dos soffrimentos de sua mãi, e chorava. Contava-se, minuto por minuto, a historia da sua vida, e forcejava por calar o pressentimento a ameaçal-a d'um tragico fim.

'Por que? — dizia ella — em que tenho eu sido má? Quando fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha servidão?... Por que terei eu de ser victima como minha avó, e minha mãi, e meu pai? Desde que fui arrancada ao meu abysmo pela mão superior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher, que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do seu passado? Por que não olharei hoje o meu futuro sem estremecer?

Esta ultima interrogação era a que Alberto se fazia apenas a consciencia o chamava a um tormentoso dealogo. Encontravam-se aquellas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedindo-se coragem mutuamente. O corsario, para illudir os seus

temores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugenia, para convencer-se de que tinha um amparo, lançava-se com um sorriso de fingido animo nos braços do marido, menos forte que ella.

' E' tão bom ter um amigo!.. — murmurava ella, acolhendo-se, como assustada, para bem perto do coração de Alberto, que lhe passava a mão sobre os cabellos, como quem amima uma creança.

« E um amigo, de mais a mais esposo... — continuou elle, sorrindo.

' De mais a mais!... pois não é tão natural o vinculo que prende o esposo ao amigo?

« Natural?... não... A amisade é alguma cousa muito distincta do amor. Vês como é sereno este mar? Não ha aqui a tempestade de ha pouco, a revolta dos elementos que nos causou sensações violentas: vês tão quieto, tão monotono, mas, ao mesmo tempo, tão suave este mar? A amisade é assim. O mar é a tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho de luz, que allumia, mas queima.

' Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... E's, pois, muito meu amigo? mais que um irmão? mais que um marido? companheiro inseparavel de toda a minha vida? sempre o anjo que me diz que eu nunca me fiz indigna do teu amor? Deixa-me chorar, Alberto!.. Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca senti alliviar-se-me tanto o coração como agora!... E' o ceu que se vai abrindo na minha alma... Que immensa claridade, fi-

lho! Ai! como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas infelizes... Crearia Deus esta amplidão para o desafogo das almas apertadas na angustias do mundo... Oh Alberto! eu não sei que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna de ti... Abraça-me, anjo!... Sê creança comigo!... Se não podes chorar de alegria, diz-me que és feliz!...

« Queres que eu t'o diga, Eugenia? Tu não tens a face encostada ao meu coração?... não o sentes?... Achas que elle poderia palpitar assim sem uma impressão de grande jubilo ou de grande terror?! Bem t'o disse eu, Eugenia, que sentirias no mar uma existencia nova... E' que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar... O menor abalo nestas frageis taboas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descorou as rosas varonis da tua face! E's a digna mulher deste homem, que adormece ao rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação que invocava o Deus dos afflictos!... Abriga-te em mim, filha!... Se me visses morrer, julgar-me-hias um predestinado pela coragem...

' *Se te visse morrer!...* que pensamento, meu Deus!...

« Se me visses morrer, Eugenia, pensarias que a morte e o crepusculo d'uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? E ' a morte.

comtigo!!... a certesa de que me não sobrevives..

« Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante... Eu t'o juro...

« Não jures, Eugenia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

« Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

« E tu?... vês a minha?

« Vejo, sim, vejo!... Morrerias tambem!

« Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguem fez!... viste-me tal qual sou!... Eu não ambicionava tanto!... Pedi a Deus ou á fatalidade uma mulher para a vida, e não ousei supplical-a para a morte...

« Não falles assim em morte, Alberto!

« Falla-se na morte, quando nos é cara a vida... Os desgraçados esses é que procuram esquecel-a, por que a querem, por que precisam amplial-a atraz d'uma esperança que se realisará uma vez . . . . . .

. . . . . .

Correram rapidas as horas, por que as horas de Alberto e Eugenia corriam deliciosas. O mar sempre tranquillo, a lua sempre lympida, o coração sempre novo para os deleites da conversação intima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E, depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seducções, acenava-lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia com

o vivido enthusiasmo do homem, poeta pelo amor. Eugenia ia arrastada pelos sons daquella voz, voz unica nas solidões do oceano, voz d'um anjo que a fazia levantar os olhos lagrimosos para o ceu, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Soutamptom.

Nascera o sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixara em baixo nos horisontes um cinto escarlate, que pouco e pouco desmaiou, até se converter em nevoa densa, que veio rolando, á superficie das aguas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas vélas. O capitão, como estranhando o successo, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

« Esperem as ordens — disse elle, e trocou algumas palavras rapidas com Alberto de Magalhães, que passeava na tolda.

Uma segunda lufada, percursora do tufão, encontrou a maruja, obedecendo ás ordens do capitão:

« Arria vélas!

« E os mastareos de joanete e de gavia! — accrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rapida, e o tufão impetuoso passou nas gabeas como um grito de demonio enraivecido por não ter podido surprehender a victima.

A nebrina era cada vez mais densa. O leme

foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da proa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam as creadas de Eugenia, que se julgavam moribundas a cada balanço.

Alberto de Magalhães descera á camara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que sua mãi lhe déra. Interrompida na sua oração, pela mão de Alberto, que lhe tocava no hombro, Eugenia respondeu-lhe com um sorriso angelico.

« Estás orando, minha amiga? Que pedes á tua imagem predilecta?

« Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo... Heide ser ouvida, por que peço com muita devoção... Queres que eu vá comtigo lá acima?

« Não...

« Ha perigo?

« Nenhum... Perguntas-me se ha perigo com o animo tão quieto!...

« Eu não tenho medo, Alberto... Nenhum medo... Quando esteja arriscada a minha vida, e a tua, sabes o que me faz pena? são estas pobres criadas, que me cortam o coração com as suas lamurias... Coitadinhas!... Todas tres deixaram mãis e irmãs, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem ellas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizestes comigo o contracto de morrermos juntos, não tenho á vida o

apêgo que faz recear a morte... Aposto que tenho mais coragem que tu?

« Parece-me que sim... Este balanço incommoda-te?

' Não, filho... Eu sinto-me boa... não me incommoda se não a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais attentos ás vozes do capitão...

« Não, Eugenia... E' por que me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar...

Neste momento bradara o capitão:

« Talinga os viradores.

' Talinga os viradores! — murmurou Alberto.

« Que é? — disse Eugenia, reparando no enleio com que seu marido repetira as palavras da manobra.

' Eu vou á tolda, Eugenia... Não te inquietes...

« Eu queria ir comtigo.

' Agora, não... Esta tempestade não é poetica como a outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo de sua mulher e subiu. A face, onde ella imprimira os labios, levava uma lagrima. O homem de ferro, quando a sentiu, levou a mão á testa, e murmurou: « Não o permittais, meu Deus!... »

As criadas afflictas rodearam Eugenia, perguntando-lhe se estavam em perigo.

« Orai comigo, para que o Senhor nos proteja.

Esta resposta exacerbou o terror das criadas. Romperam n'um choro, que Eugenia não podia callar com as suas consolações. A pobre senhora principiava a enfraquecer, quando Alberto voltou.

Eugenia acabava de ouvir duas palavras que lhe gelaram a supposta coragem. Estas palavras foram seguidas d'um *sio* prolongado, que seu marido déra no topo da escada, que descia para a camara. Que palavras horriveis foram essas?

« *Vamos a pique!*

« Vamos a pique, Alberto? — exclamou ella lançando-se-lhe nos braços...

« Esperança, Eugenia — disse elle, com impostora tranquillidade.

E a procella mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nivel da agua. Os mastros rangiam, e as junturas da escuna, impellida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

Alberto, desenlaçando-se dos braços tremulos de Eugenia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e quando crusava os braços contemplando as chusmas de homens, que viravam o cabrestante sobre a ancora, ouviu um estalo, e impallideceu: era o mastareo de grupez que se partira.

« Espia ferro — bradou Alberto.

« Espia ferro — bradou mais alto o capitão.

E esperou. O mastro de ré parecia saltar fóra

do encravadouro. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo á ré.

' Os arpeos não mordem terra! — bradou o piloto.

« Então como vamos a pique? — perguntou Alberto com azedume.

' As unhas da ancora garram, por que não ha pedras, é tudo lage — respondeu o piloto.

« Mande cortar os mastros, capitão — disse Alberto, e desceu á camara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma criada que desmaiara.

' Recolham-se... — disse Alberto, tomando nos braços a criada desfallecida, que levou ao seu beliche — Ouve-me, Eugenia...

« Vais dizer-me que morremos, Alberto?

' Não... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e, se a não tens, recebe-a de mim...

« Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei-de eu fazer?

' O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos...

« Sim?... então que temes?

' Temo que enfraqueças...

« Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

' Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... vamos sós... Pode ser que a lancha seja absorvida; nesse caso... repara bem... logo que

eu te disser *abraça-me*, hasde cingir-me deste modo... pela cintura... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... comprehendeste-me, Eugenia?

« Sim... e esse abraço... talvez seja o ultimo... Oh Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão afflicta vai ser a nossa!...

« Silencio, Eugenia... É necessario que sejas egoista da vida, neste momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão sahir d'aqui... Sobe comigo... depressa...

« Olha lá esse leme! — gritou o capitão.

« Saltou fora! — respondeu o piloto.

« Depressa! — repetiu Alberto.

« Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças... —murmurou Eugenia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

« Desatraca a lancha! — bradou Alberto.

« Perdeu-se! — respondeu o capitão.

« Perdeu-se? — tornou Alberto, com afflição.

« Quebrou a amarra!

« Oh meu Deus! — exclamou Eugenia, quando viu o mar procelloso, o navio desarvorado, a pallidez da morte em todas as faces, e alguns marujos, que se lançavam ao mar, em quanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, redopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher á proa, tomou-lhe a face sobre o peito, e murmurou:

‘ Esperemos!

« O que?.. a morte?..

‘ E se for a morte?

« Bem vinda seja!..

‘ Isso é coragem ou resignação, minha filha?

« Resignação... Eu sou fraca, meu anjo!.. Deus nosso Senhor nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!.. Minha mãe, supplica ao Senhor por nós... Angela, minha querida amiga, foste uma sancta, pede a Maria Santissima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede tambem a Deus!.. ergue as mãos comigo...

‘ Já pedi... e verás que nos salva... Eugenia!.. Confiança em mim e em Deus!..

« Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamo-nos salvar...

‘ Lembras-te das tuas palavros nos Pisões?

« Sim... *Vivemos pouco por que era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...* Bem hajas tu que m'as lembraste...

« Capitão! — bradou Alberto.

‘ O capitão lançou-se ao mar — respondeu um marujo.

« E vós por que o não imitaes, rapazes?

‘ Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não nos conheceis?

« Conheço... Salvai-vos!

‘ Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós.

Neste momento, a ré da escuna era submer-

gida , Alberto escorregara com sua mulher nos braços e apegara-se difficultosamente ao estibordo.

« Rapazes ! vede se salvaes essas mulheres que estão na camara.. Se o conseguirdes, nunca mais luctareis com as tempestades... Eugenia... cinge-me pela cintura... assim... muito animo... nunca mais nos separaremos...

Os dous corpos cahiram no mar.

. . . . . .

. . . . . .

XXVI.

D. Pedro da Silva estava em Londres, desde o dia 16 de Setembro.

Coniaremos algumas linhas dos seus apontamentos, escriptos desde esse dia até 11 de Outubro

. . . . . .

17 de Setembro.

E'-me preciso invocar muitas vezes a minha dignidade para não ceder ás vergonhosas fraquezas do coração. A duqueza é a mulher fatal da minha vida. Uma vez impressa na minha alma, as suas feições reproduzem-se alli com traços de lume Eu não posso esquecel-a ! Tenho instantes de me julgar ludibriado por Alberto de Magalhães ! Forjou-se talvez uma infame traição á minha boa fé ! Aquella mulher, se não fosse innocente, succumbi-

ria á aviltante proposta que lhe fiz! Reagiu com uma valentia moral, que hade fulminar-me a mim, se eu, uma vez, souber que a duqueza é innocente!... Innocente! não! Aquella letra era d'ella, e Alberto de Magalhães não póde mentir. Aquelle homem quiz salvar-me, e não empregaria recursos ignominiosos para isso. A duqueza é uma mulher que se vendeu! E não posso esquecel-a, meu Deus! Creio que sou um grande miseravel! A honra será uma palavra de convenção!?..

. . . . . .

Dia 18.

Eu vi-a, em sonhos, banhada de lagrimas... Dizia-me que não queria perdão. Mostrava-me no seio o ponto onde eu devia cravar-lhe o punhal, que ella me offerecia de joelhos! Em redor della agrupavam-se homens de semblante horrivel que lhe chamavam devassa, e riam gargalhadas infernaes. Eu quiz protegel-a, e ella disse-me que juntasse os meus insultos aos daquelles homens, para que a sua expiação fosse completa! Accordei... O coração salta-me no peito! Este fogo, que me abrasa a cabeça, deve endoudecer-me! Não tenho distracção alguma. Estes homens, que me abrem os seus salões, mortificam me! Eu preciso d'uma distracção, seja ella qual fôr... O jogo poderá salvar-me?

Dia 19.

Não! O jogo embrutece-me. Ganhei muito ouro, que não quiz levantar da banca. Os que me rodeavam chamavam-me doudo, e lord William obrigou-me a levantar milhares de libras! O dinheiro é o meu inferno! Em quanto jogava, apparecia-me a duqueza, que jogára tambem, e perdera alli a honra, perdendo oitenta mil francos! Um vil approveitou-se do azar d'uma carta!... E ella, tão infame, que se jogou tambem, e cedeu ao ignobil capricho de desempenhar o seu credito em algumas horas!... Teria enlouquecido aquella infeliz, quando respondeu á proposta de Alberto!?.. O remorso purificaria o seu coração!?.. Não seria aquella infamia o cumprimento d'um destino superior!? As outras mulheres serão mais honradas que ella!? Ó Elisa... se tu visses a minha alma!... Se neste instante me pedisses perdão!...

Dia 20.

Não posso, não quero assim viver!... O pensamento do suicidio principia a encorporar-se nas minhas meditações. Escravisei a minha palavra de honra a Alberto de Magalhães, e só posso desquitar-me d'ella, suicidando-me! E por que? A minha felicidade será impossivel? Aos vinte annos morrem assim as esperanças? O homem será isto que eu sou? . . . . . .

. . . . . .

Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?.. Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sêl-o... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no cathalogo dos doudos ou dos covardes! Ainda hontem um lord se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direitos a retirar-se do logar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguem me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lagrima... Elisa deve detestar-me, e eu... meu Deus... vós sabeis que aquella mulher é necessaria á minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpesas!...

. . . . . .

Dia 26.

Não me venço!... Isto é um destino!... A reacção custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não ha recurso que eu não tenha sondado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ella sempre a meu lado!... Esta dôr embrutece-me!... Ha seis dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amal-a muito! Aquella mulher é um anjo infamado! Só terei descanço, quando ella me perdoar! Por que a não ouvi eu? Por que me humilhei aos preceitos desse homem, que detesto! Foi

elle que me ensinou aquellas malditas palavras, que a mataram!... Foi elle... um estranho... um infame generoso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!.. Se o coração me impelle para aquella mulher, por que não heide eu buscar a minha felicidade, embora tenha de descer a um abysmo de impudencia!... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso d'Elisa!... E todos ignoram essa fatalidade da sua vida... Se o coração lhe perdôa, por que não hade perdoar-lhe a consciencia?!...

. . . . . .

No dia 27, D. Pedro da Silva passara para França. De Pariz escreveu ao visconde de Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma supplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pundonor.

Escreveu segunda. Nesta devia ser mais viva a expressão. Talvez implorasse a protecção do visconde. Talvez descesse ás extremas fraquesas d'um moço, cuja alma não tinha ainda o fino tacto, que a experiencia ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acrisolada honra. Esta segunda carta não teve resposta.

Assim contrariado, e offendido no seu brio, tocou o grau da desesperação. Foi elle proprio a Angoulême.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha partido no dia vinte, com a duqueza de Cli-

ton. Para onde? ninguem lhe sabia dizer! O capellão de Cliton aconselhou D. Pedro que consultasse o medico, unica pessoa, além do visconde, que entrara na intimidade da senhora duqueza. O filho de Angela arrancou ao doutor uma difficil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e de seu irmão.

D. Pedro da Silva tornou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestigios, em Londres, onde a policia tem um prompto conhecimento do mais obscuro forasteiro, que transpoz as suas fronteiras.

No dia oito devia Alberto chegar a Southamptom. Estaria alli a duqueza? Esperaria ella, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lh'a na imaginação abrasada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indicio! O ouro de D. Pedro não destruia os milagres, que estava fazendo o ouro da duqueza de Cliton.

A situação do pupilo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre moço, nas suas indagações, passava por doudo. A policia de Southamptom chegou a ameaçal-o de o prender, por se tornar incommodo com as suas mysteriosas pesquizas.

No dia dez de Outubro, oito dias depois que a escuna *Alcyone* sahira de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu casualmente um jornal, que se en-

tregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distrahidamente, quando encontrou o seguinte:

« Catastrophe.

« Temos a lamentar o naufragio da escuna portugueza *Alcyone*, que foi a pique, dez milhas distante deste porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietario Alberto de Magalhães, e sua familia. Um marujo da tripulação, com quem acabamos de fallar, conta um extraordinario successo, que nós contaremos simplesmente como elle nos foi contado pelo commovido marinheiro.

« A escuna foi abandonada, quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançara-se ao mar com sua esposa, abraçada á cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca o abandonaram, que salvassem as creadas.

« O relator deste infausto successo lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impelliam favoravelmente para a costa. O valente portuguez muitas vezes exclamou a sua mulher que tivesse animo, por que estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror, a cada onda que parecia tragal-a, e á superficie da qual seu marido apparecia sempre abraçado com ella. O marinheiro, inseparavel d'aquelle grupo digno de commover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expor o seu corpo quasi desfallecido ao choque das

ondas. Uma destas arrojou-os impetuosamente a terra.

« Alberto, estirado sobre a praia, quiz desatar os braços de sua mulher, que lhe cingiam o pescoço, e não pôde. Estavam hirtos, e inflexiveis como de ferro. Palpou-lhe o coração, que já não batia. Gelara-se-lhe o sangue... Chamou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor podesse passar áquelle peito inanimado... Estava morta !..

« Seguiu-se uma scena horrorosa ! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pe do cadaver de sua mulher... deu-lhe um beijo nos labios... arrancou um punhal do bolço interior do colete, e cravou-o no peito, exclamando : « Eu não falto aos meus juramentos, Eugenia ! »

« O marinheiro, estupefacto, lançara tarde a mão ao punhal ! O suicida estrebuchou alguns minutos, e expirou levando aos labios a mão de sua mulher ! . . . . . .

. . . . . .

O jornal continuava a descrição do naufragio. Numerava as victimas. Eram toda a tripulação, excepto cinco marujos até ao momento em que a triste noticia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as ultimas linhas. Aquillo parecia-lhe um sonho ! Fixara os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficara ahi nessa situação indefinivel do pasmo, da absorpção, da morte passageira do espirito.

Neste momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro machinalmente olhou para alli, e viu... a duqueza de Cliton! Petrificou! Alheado de si, incapaz de consciencia, ferido pelas duas commoções simultaneas, esperou que a duqueza viesse ao pé delle. Foi ella que veio. Trazia nos labios um sorriso deabolico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do mancebo o jornal, apontou a palavra *catastrofe*, e disse com voz tremida, mas energica e impossivel de ser imitada por mulher:

« A vingança de Deus anticipou-se á minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infamias a outro homem! O beneficio que elle vos fez, snr. D. Pedro da Silva, pagai lh'o com suffragios por sua alma. »

A machina não se moveu. A duqueza de Cliton sahira, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava n'um tylburi á porta do hotel.

« Que fostes ahi fazer, senhora duqueza? — perguntou o visconde.

« Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas de recommendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

« A vingança endurece-vos a alma, senhora!

« A alma?! tenho-a eu por ventura! Achaes que a alma é alguma bala de ferro, que resiste ao fogo da desperação?.. Visconde! eu morri primeiro que Alberto de Magalhães! O que resta em mim, é a

porção de demonio que entra na organisação de todas as creaturas!

XXVII.

Tres mezes depois, D. Pedro da Silva, inquilino d'uma pequena casa de campo, nas visinhanças do palacete da defuncta condessa de Sancta Barbora, em Campolide, escrevia o seguinte:

« Dar-me-ha Deus allivio?... Poderei hoje chamar á minha alma as recordações desta vagarosa agonia de tres mezes? Creio que não... Eu começo, ha pouco, a sentir a consciencia da vida... Que é o que me chamou a Portugal?... Não sei... Que vim fazer ajoelhado sobre o tumulo de minha mãi?.. Lembro-me que chorei muito... e mais nada!... Depois, vim aqui procurar esta solidão para morrer ignorado... Achava precisão de saudar todos os dias aquella janella, onde vi, pela segunda vez, minha mãi... Mas vivo!... sinto este jugo de ferro!... Vivo, e não tenho a coragem do suicidio!... Hoje, mais que nunca, recuo aterrado a semelhante ideal Que é isto que se passa em mim? Para que me guarda a mão que me suspende o braço? Que nova desgraça é essa que eu vejo aproximar-se? E' a miseria... é a fome... é a indigencia!... Eu não tenho ninguem que me soccorra hoje, e ámanhã, quando o meu criado me pedir um vintem para um pão, dir-lhe-hei que sou o ultimo dos mendigos!... Resvalei até aqui!... O meu patrimonio acabou com esse homem fatal!... Estou pobre...

pobre!... esta palavra soa-me aos ouvidos como a gargalhada d'um demonio!... Quem é que estende a mão a um desgraçado, sósinho, com a vergonha na face, e a inutilidade para todos os serviços!... Se não quizer morrer aqui de miseria, terei de ser um lacaio!... Aqui tens teu filho, Angela de Lima!... Vê se me conheces, duqueza de Cliton!... Eu sou o teu discipulo, sou o filho da tua filha do coração, padre Diniz!... Venham abraçar-me, ou cuspir-me no rosto, que eu agradeço tudo!...

. . . . . .

« Que morte a daquelle homem!... Quem seria elle!... A esta hora a sociedade esqueceu o seu nome! Foi grande como Satanaz! Teve coragem de prostituir com ouro uma mulher, que deveria ser um anjo; mas tambem a teve de cravar-se um ferro no coração!... Como a morte engrandece os homens!... A unica distincção está alli... nas visinhanças do tumulo!... E a duqueza?... Mal me recordo que a vi... Sei que me fallou... que me disse ella? não sei!... Penso que me insultava!.. Que me diria ella? Sei que a detesto desde esse momento! Ha Providencia aqui neste odio! Aquella mulher deve ser um symbolo de todas as ignominias!... Qual será o seu fim!... Se eu podesse... queria vel-a... Em quanto tive um pouco de ouro, que desperdicei, não me lembrou aproximar de França... Viajei, e quando as ultimas migalhas me mandavam trabalhar, ou morrer, vim aqui... A que? ... A morrer!... Esta situação é impossivel... A reso-

...

lução hade vir, quando a ultima gota de fel me queimar o vinculo cobarde que me prende não sei a que, a que mentira, a que esperança!...

. . . . . .

Um criado entrara no quarto, em que D. Pedro escrevia.

« Que queres?

' Venho dizer a v. s.ª que preciso dinheiro para compras.

« Aqui tens... Quanto te devo, Francisco?

' Um mez.

« Aqui tens o teu ordenado.

' Pois despede-me?!

« Sim.

' O senhor Alvaro não está contente com o meu serviço?

« Estou... é que não posso sustentar-te, nem pagar-te... Estou pobre; não tenho nada além desta quantia que te dou...

' Pois v. s.ª...

« Espanta-te a miseria? Tens razão...

' Não tem quem o soccorra?

« Ninguem...

' E não póde empregar-se em alguma cousa?.. Perdoe-me estas perguntas; mas eu sou affeiçoado a v. s.ª, e sabe Deus o que me custa não poder sustental-o á minha custa.

« E's o unico amigo que possa dizer-me tal... Vai, Francisco... Hoje jantaremos; ámanhã não me pedirás dinheiro para compras que o não tenho.

‘ Para isso ainda eu chego, senhor Alvaro; não se apoquente... Quer v. s.ª uma cousa?...

« Que queres dizer-me?

‘ V. s.ª uma vez estava delirado, e fallou em inglez... Eu tenho servido inglezes, e entendi algumas palavras...

« Que disse eu?

‘ Não me lembra já o que foi; mas o grande caso é que v. s.ª sabe fallar inglez...

« Sei... e depois?

‘ E francez?

« Tambem.

‘ Se o senhor Alvaro quizesse, podia agora approveitar um bom arranjo...

« Qual?

‘ Li hontem n'uma gazeta um annuncio que dizia: « Precisa-se d'um individuo, que saiba fallar inglez, e francez, para segundo guarda-livros da casa commercial do barão dos Reis. Quem estiver nas circumstancias de servir...

« *De servir!*... eu não sirvo ninguem... Vai-te!

‘ Perdoe me, v. s.ª...

O creado retirou-se, assustado da intimativa.

D. Pedro continuou a escrever:

« Faltava-me esta degradação!... Mandam-me servir!... Eu, que me julgava ha tres mezes o primeiro dos homens! Serve, se não queres morrer de fome, D. Pedro da Silva, descendente de reis!... A pobresa é o escarneo d'um nascimento illustre... E por que não heide eu ser servo, se estou as-

sim!... Se eu pedir ao irmão de minha mãi um bocado de pão, não pedirei uma esmola? O trabalho é a independencia... trabalharei... mas em que?... para que sirvo?... E não tenho um amigo que responda ás minhas perguntas!... Que é desses lords, que me rodeavam ha tres mezes?... Onde se apagou a aureola brilhante que me fazia tão distincto aos meus proprios olhos?... A propria consciencia diz-me hoje que eu sou o ultimo dos entes obscuros... Só! desamparado! orfão sem amigos! aos vinte annos sem aptidão para cousa nenhuma!.. Que farei eu ámanhã!... Isto é muito! Não tenho nada a esperar!... A fome hade entrar aqui primeiro que o suicidio!... Hade!... e depois, se eu não tiver animo para me abraçar á extrema resolução do desespero... morrerei lentamente!... Pois, sim... espero-a!...

. . . . . .

O desgraçado, levando as mãos á cabeça, parecia querer segurar o entendimento, que lhe fugia. O escrever consolal-o-hia? talvez; mas cansaram-lhe as ideas. As lagrimas cahiam no papel, e embebiam as letras, que a penna tremula vagarosamente escrevia. A dôr, no extremo, é esteril. Quando os olhos se abrem á respiração d'uma agonia homicida, não peçam ao infeliz, que chora, o impossivel enredo do drama infernal, que lá vai dentro daquelle espirito embrutecido. Não nos peçam tambem a nós a analyse dessas afflictivas la-

grimas. Taes eram ellas, que só a morte poderia explical-as . . . . . .

. . . . . .

No dia seguinte o filho de Angela de Lima entrava na rua das Chagas, e pedia a um guarda-portão o favor d'annuncial-o ao senhor barão dos Reis.

— Quem é o senhor?

« Diga-lhe que venho aqui, por ter visto um annuncio em que o senhor barão...

— Ah! já sei... quer vir para caixeiro...

« Justamente... para caixeiro...

— Pois espere que eu vou dar parte a sua excellencia.

D. Pedro da Silva esperou no pateo, encostado á lustrosa roda da carruagem do antigo mestre de piano.

Mandaram-no subir para uma sala de espera. A meia hora que esperou devia ser a ultima experiencia, que o desgraçado empregou na humilhação do seu orgulho. Franquearam-lhe uma segunda sala, onde ao cabo de cinco minutos, appareceu o barão dos Reis, em *robe-de-chambre*, boné de lontra, sapatos de mouro, e penna na orelha.

— Póde sentar-se... — disse elle, encarando o moço por cima dos oculos. — Acho-o muito novo... quantos annos tem o senhor?

« Vinte.

— Tem sido caixeiro?

« Não, senhor.

— Que modo de vida tem tido?

« Que modo de vida tenho tido?

— Sim... em que se occupa?

« Tenho vivido alguns annos em collegio.

— Collegio! pois o senhor quem é?

« Sou um homem, que me offereço, para caixeiro da sua casa.

— Mas não tem uso do commercio... Que linguas estrangeiras sabe?

« Fallo o inglez e o francez.

— E de commercio sabe alguma cousa?

« Nada.

— Então como quer ser caixeiro?!

« Já vejo que lhe não sirvo... Tenha v. ex.ª muita saude...

D. Pedro retirava-se.

— Olhe cá... parece que é muito apressado... O senhor está disposto a seguir a carreira commercial?

« Sim, senhor; mas vejo que é impossivel...

— Impossivel... não é tanto assim... Com trabalho tudo se alcança. Quem é seu pai?

« Não tenho pai.

— Mas hade ter alguem em Lisboa...

« Ninguem.

— Essa é boa!... então como vive?

« Como vivo?!

— Sim... é só?

« Só.

— É célebre cousa! Onde tem vivido?

« Em Londres, e Pariz.

— Quem o sustentava lá?

« Não sei dizer a v. exc.ª

— O senhor parece-me um homem extraordinario! E se eu quizer tomal-o para minha casa, quem é que o abona?

« Quem me abona?!

— Sim... quem se responsabilisa pela sua fidelidade?

« Sou eu...

— E' o senhor!... Isso não basta...

« Senhor barão... queira dar-me as suas ordens...

— Venha cá!... o senhor não me parece um homem como os outros!... Como se chama?

« Alvaro d'Oliveira.

— Quanto quer ganhar em minha casa?

« Não sei responder. V. exc.ª me dará o que quizer.

— No primeiro anno ganhará cincoenta moedas, casa, e cama, e roupa lavada. Serve-lhe?

« Tudo me serve.

— Homem, isto parece uma comedia! Com que então tudo lhe serve!... O senhor quer ser meu caixeiro, ou não quer?

« A pergunta parece-me uma zombaria! Pois a que venho eu aqui?

— Mas acho extraordinarias as suas respostas! Não me parece um homem que precisa ser caixeiro para viver!...

« Pois preciso, senhor barão,

— O senhor teve algum desgosto na sua vida, desarranjou-se com a sua familia, em quanto a mim.

« Já tive a honra de dizer a v. exc.ª que não tenho familia.

— Absolutamente nenhuma?

« Ninguem absolutamente.

— Pois, senhor, seja o que fôr... Eu vou ter comsigo um systema, que não é o costumado nestes contractos. Nem lhe peço fiança, nem receio que o senhor desempenhe mal as suas obrigações. Fica em minha casa, na qualidade de segundo guarda-livros, com quatrocentos e oitenta mil réis por anno. Ao principio, receberá as instrucções do seu companheiro, e com o tempo hade instruir-se no andamento do commercio. O meu negocio é todo de commissões com Inglaterra: como o senhor falle correntemente o inglez, tudo o mais se remedeia com a pratica. Está disposto a ficar já em minha casa?

« Já, se assim o quer.

— E os seus arranjos?

« Que arranjos?

— Os seus bahus...

« Os meus bahus virão hoje mesmo.

— Pois, nesse caso, venha comigo, que quero apresental-o ao primeiro guarda-livros . . . . . .

. . . . . .

Temos, por tanto, o filho de D. Angela de Lima segundo guarda-livros do senhor Joaquim do

Reis, que Deus, no auge da sua cólera, fizera barão para vexame da fidalguia destes reinos.

XXVIII.

O segundo guarda-livros fôra acolhido sympathicamente pelo primeiro. Em poucas lições communicou-lhe as theorias do commercio, e admirou o talento com que o mancebo as concebia, sem embargo da distracção com que ouvia as prelecções.

O proprio barão, homem rude e inacessivel aos seus familiares, especialisava o seu caixeiro Alvaro, e fallava d'elle aos seus collegas com grande elogio. A qualidade, que mais o impressionava, era a continua reclusão a que o moço se dava, logo que satisfazia as suas obrigações. Perguntara-lhe muitas vezes em que se entretinha no seu quarto, e Alvaro espondera-lhe que achava prazer em estar só. Este prazer, para o senhor barão dos Reis, era uma prova de sensatez, distincção com que honrava o seu caixeiro entre todos os outros, que não perdiam uma hora de recreio sempre ruinoso para o corpo, que da alma importava-se pouco o antigo mestre de piano.

A baronesa affeiçoara-se em pouco tempo ao caixeiro, que seu marido tractava com extraordinario melindre. Sentia-se impellida para aquelle moço tão distincto em maneiras, em palavras, em educação. Zelava, com cuidados de mãi, tudo que pertencia a Alvaro. Mandava-o, muitas vezes, chamar para tomar chá com ella; e, se elle não vinha, co-

mo quasi sempre acontecia, a filha de D Theotonio Mascarenhas não se dedignava em procural-o no seu quarto, e pedir-lhe que não se entregasse a uma melancolia sem motivo.

Que não era sem forte motivo essa tristesa, adivinhava-o ella; mas seu marido ordenara-lhe que nunca fizesse ao caixeiro perguntas curiosas ácerca da sua vida, por que, uma vez, lh'as fizera elle, e tivera em resposta uma supplica de nunca se lhe fazerem taes perguntas, para não ser forçado á grosseria de mentir ou não responder.

Uma noite, subira o guarda-livros para a sala a instancias do barão, que o vira nesse dia chorar. Eram passados tres mezes, depois que D. Pedro entrara ao serviço daquella casa, e faziam justamente seis que naufragara a escuna *Alcyone*.

« Está hoje muito triste, senhor Alvaro !... — disse o barão.

Muito triste...

«Ha,alguma cousa nova que o mortifique?

' Nenhuma... agradeço os cuidados de v. exc.ª

« O senhor sabe que o tenho mais na qualidade de parente que de caixeiro?

' Sim... reconheço que lhe mereci carinhos de pai... devo-lhe muito.

« A pena que eu tenho — accrescentou o barão com rude franquesa — é não ter uma filha, que lh'a dava com toda a minha fortuna. O senhor casava com uma filha minha?

' Não, senhor.

« Não!... por que? é casado?

' Não sou casado; nem devo sêl-o... Eu não faria a felicidade de ninguem, e mulher nenhuma poderia melhorar as desgraçadas condições que me foram impostas para viver...

' Ora deixe-se d'isso... Não ha mal que sempre dure. Pelo que vejo anda ahi paixão d'alma... que o mortificou... Em fim, o tempo é o medico dessas doenças... Eu tambem tive minhas rapasiadas, e sei, por mal de meus peccados, o que é isso... Por minha mulher... (ella ahi está que o diga) tive eu uma paixão de levar couro e cabello! Eu sou franco, e não estou com imposturas. Esta senhora era filha d'um fidalgo, e eu não passava d'um simples mestre de musica no collegio em que ella estava e mais uma irmã Apaixonei-me por ella, sem esperanças nenhumas de a fazer minha mulher. A mãi não era fidalga, mas por morte do.. (diga se a verdade... meu sogro era um monsenhor da Patriarchal) o certo é que ella ficou rica por morte do fidalgo, e fossem lá fallar-lhe em casamento com um professor de piano! Depois, minha desgraçada sogra empobreceu... (isso são contos largos) e eu, que não namorava minha mulher pelo dinheiro, mas sim pelas qualidades, casei com ella, e nunca me arrependi... Vivemos muito pobres, mas muito honrados, até que um dia nos deitamos pobres, e amanhecemos ricos... Isso são contos largos... mas fique sabendo que a nossa fortuna não veio como a de muitos que eu conheço... Se sou

rico, é por que nos restituiram o que era nosso, e eu com o meu trabalho augmentei, sem prejudicar o meu proximo. E' verdade que devemos quasi tudo que somos á protecção commercial que nos deu nosso sobrinho Alberto de Magalhães...

« Alberto de Magalhães! — exclamou D. Pedro, mudando de côr.

' Sim... Então que é isso?... O senhor conhecia Alberto de Magalhães?...

« Conheci... Quem era esse homem?

' Meu sobrinho, casado com a sobrinha de minha mulher...

« Eugenia...

' Sim, Eugenia .. — atalhou a baronesa com sobresalto — pois o senhor Alvaro conhecia minha sobrinha?

« Conheci... faz hoje seis mezes que morreu...

' E verdade... é por elles que eu trago luto... Pois o senhor conheceu minha sobrinha? Onde a conheceu?

« Aqui em Lisboa... Queira dizer-me... Eugenia não era filha de D. Antonia?...

' Minha irmã...

« Sua irmã... senhora baronesa!

' Minha irmã...

« Oh meu Deus!... — murmurou D. Pedro, procurando combinar as ideas tumultuosas que lhe acudiam.

' Tambem conheceu minha cunhada?! — perguntou o barão.

« D. Antonia?... Conheci uma D. Antonia, que era mãi de Eugenia, que viveu na companhia de um padre...

' E' essa justamente... é minha cunhada que soubemos depois que vivera na companhia desse grande homem... Mas o senhor devéras conheceu toda esta gente?

« Senhor barão... eu não posso responder a mais alguma pergunta... Basta que lhe diga que D. Antonia foi a minha verdadeira mãi...

A baronesa soltou um grito, ergueu-se pallida e trémula, fixou os olhos pávidos no semblante de D. Pedro, e ficou nesse spasmo que o barão não comprehendia.

« Que tens, Emilia ?!

' Não tenho nada... Meu amigo... tu tens tantas razões como eu para te admirares...

« De que?

' A pessoa que temos em casa... este senhor não se chama Alvaro de Oliveira...

« Não?...

' Senhora baroneza... — murmurou D. Pedro, tomando-lhe a mão — Se me conhece... peço-lhe uma sagrada reserva do meu nome...

' Menos para meu marido, que o conhece tão bem como eu...

« Pois quem é? — perguntou o barão estupefacto.

' Eu não te fallei ha um anno, de uma se-

nhora que viveu com minha sobrinha... e com minha irmã.

« Era a condessa de Sancta Barbora...

' Mãi deste senhor, que é D. Pedro da Silva...

O barão, não sabemos porque mechanico instincto, curvou ligeiramente a cabeça, e perdeu o uso da palavra, perda que devia ser em tal homem causada por um motivo assombroso! D. Pedro, enleado em uma tão rapida corrente de emoções, não foi mais eloquente que Joaquim dos Reis. A filha de Anacleta cedia á necessidade de abraçar o filho adoptivo de sua irmã, quando D. Pedro se approximou do barão, abraçou-o com expansivo ardor, recebeu a irmã de Antonia no mesmo abraço, e choraram todos tres.

Eis-aqui um lance em que o antigo copista de solfa sahiu fora da sua esphera! Havia tanta sublimidade nas suas lagrimas, tanto amor, e respeito, e ternura no abraço com que pagara o do filho de Angela, que elle mesmo teria orgulho de si, se podesse ver-se como nós o admiramos.

. . . . . .

. . . . . .

Na manhã do seguinte dia, D. Pedro da Silva continuou o exercicio das suas funcções de guarda-livros. O barão mandou-o chamar á sala, e obrigou-o a sentar-se no sophá.

« V. exc.ª já não é meu caixeiro.

' Despede-me, por tanto...

« Não o despeço... Longe de mim tal pensa-

mento... V. exc.ª e minha mulher são a minha familia... Recebo-o como mandado pela Providencia para minha casa... Quero-o sempre aqui; mas como caixeiro não...

' E eu só posso ser caixeiro em sua casa... do contrario, retiro-me.

« Ó senhor!... não me contradiga, que lhe não mereço isso...

' Senhor barão, eu continúo a ser Alvaro de Oliveira... Só posso com este nome ser de sua casa... Acceita-me assim?

« Não posso... Hade ser quem é... Eu tenho gloria da ter na minha companhia um mancebo que eu quizera que fosse meu filho...

' Honra-me com esse titulo, e enche o meu coração de reconhecimento; mas, se quer continuar a sua missão de pai, deixe-me ser seu caixeiro, que eu serei sempre digno do nome que me dá.

« Mas, senhor!... poderei eu consentir que v. exc.ª...

' Se é um sacrificio, faça-m'o; se não pode fazer-m'o, colloque-me em outra qualquer casa de negocio, em que eu possa ganhar com o trabalho a minha independencia...

« Isso nunca... Hade ganhal-a em minha casa... Desde hoje em diante é meu socio...

' Não posso sel-o... quero ser hoje o que hontem era... Não recebo a felicidade do dinheiro como felicidade... Quero uma cara independencia, ganhada licitamente com o trabalho... Se um dia

a conseguir, sahirei de Portugal... Preciso de vêr os vestigios que deixei no meu caminho trilhado até aqui...

« Pois bem... V. exc.ª será em minha casa o que quizer...

' Na presença dos meus companheiros não quero distincção nenhuma... Sou Alvaro de Oliveira...

« Será Alvaro de Oliveira, mas, em particular, comigo, será D. Pedro da Silva. Minha mulher pede-me que o leve ao seu quarto. A pobre Emilia ficou doente com a surpresa que v. exc.ª nos fez, e quer fallar muitas horas com v. exc.ª...

' Vamos, senhor barão.

XXIX.

À porta do palacio de Cliton apeara um velho, com trajes sacerdotaes. Perguntara pela duqueza de Cliton, e responderam-lhe que não residia alli.

' Que tempo ha — instou o padre — que a senhora duqueza retirou d'aqui?

« Ha cinco mezes — disse o capellão.

' Para onde?

« Não sei dizer-lhe... nem ninguem saberá.

' Permittis que eu passe uma noite nesta casa por que é tarde para ir demandar pousada a Angoulême?

« Podeis entrar... Aqui não se nega hospitalidade a ninguem.

O forasteiro entrou. Se o capellão lhe observasse a fysionomia, quando o mandou entrar, talvez reconsiderasse a sua hospitaleira franquesa! Aquelle rosto, já cadaverico, contrahira-se n'uma visagem que deve ser a do padecente na presença do cadafalso.

« Parece que vindes doente? — perguntou o capellão.

' Muito doente, senhor... São os ultimos passos da minha carreira...

« E' escusado perguntar-vos se sois padre...

' Sou padre.

« De que departamento?

' Não sou francez.

« Não?! donde sois?

' De Portugal.

« Vindes, talvez, para vos unirdes á missão apostolica?

' Não, senhor... eu venho das missões.

« E sois portuguez?

' Já tive a honra de vos dizer que sim.

« Chamais-vos padre Diniz Ramalho?

' Conheceis esse nome!?

« Conheço-o dos *Annaes da Propagação da Fé*, e ouvi, hade haver um anno, fallar de vós ao deão de Angoulême com grande interesse. Se sois padre Diniz, fostes, na America, companheiro de mr. Petit.

‘ Fui.

« E o vosso companheiro?

‘ Foi martyrisado no dia em que sahi... Assisti-lhe á morte. e vim.

« Deixaram-vos sahir os impios?

‘ Deixaram... pedi-lhes a vida, com a condição de m'a deixarem renunciar n'outra parte.

« E concederam-vol'a?... Pois era mais natural que vos deixassés morrer ao pé do vosso companheiro...

‘ Deus é que nos julga...

« Tendes razão... Perguntastes pela senhora duqueza de Cliton... Conheceis-l-a?

‘ Conheço.

« De donde?!

‘ Do mundo...

« Tem sido bem desgraçada esta senhora...

‘ Sim?... Cuidei que era muito feliz...

« Bem digna era de o ser... Viveu aqui um anno com tranquillidade...

‘ Um anno... o de 1836?

« Sim, senhor... Depois vieram novas desgraças...

‘ Novas desgraças... quaes?

« Quaes... perguntaes vós... Eu não sei se devo revelar-vos o que é segredo para muita gente...

‘ Revelai, que eu sou um homem morto. Andai... Dizei, que eu sou um tumulo, que se vos abre para esconder um segredo...

« Desculpai-me... mas eu não devo...

' Fallai, padre La-Croix...

« Quem vos disse o meu nome!?

' Nem já me recordo... Dizei... a senhora duqueza, um anno depois das suas viagens, que novas desgraças experimentou?

« Quereis que vos diga?... Prometteis não comprometter esta minha revellação?

' Fallai...

« Amou um vosso patricio... que vivia com o visconde de Armagnac, e chamava-se D. Pedro da Silva... Que tendes?... esse sobresalto...

' Nada é... Chamava-se D. Pedro da Silva... e depois?...

« Esse joven, por motivos muito particulares que eu nunca pude attingir, abandonou-a...

' E ella?

« Seguiu-o, creio eu, tres mezes, e, quando voltou, vinha desfigurada... Demorou-se aqui vinte e quatro horas com o visconde de Armagnac, e partiu para nunca mais voltar...

' Ha cinco mezes, dissestes vós...

« Ha cinco mezes.

' O visconde de Armagnac deve saber onde ella existe.

« Creio que saberá.

' Onde vive esse homem?

« Perto d'aqui, no alto da encosta fronteira a esta casa.

' Tendes por quem lhe vá um recado?

« Elle não virá aqui... São dez horas, e a noite está tempestuosa.

' Dai-me uma tira de papel, e fazei-me a mercê de enviar lá um criado.

Padre Diniz escreveu n'um quarto de papel, que entregou aberto, as seguintes palavras:

« CHAMA-ME DO FUNDO DA SEPULTURA, E EU QUEBRAREI A PEDRA PARA DESCER AOS TEUS OSSOS. »

O capellão, curioso, viu estas palavras, e pasmou. Voltando á sala em que deixara o missionario, encontrou-o de joelhos, e não ousou interrompel-o.

' Já terminastes a vossa resa? — perguntou padre Diniz.

« Já, senhor.

' E eu não... Desculpai-me, e deixai-me só alguns minutos.

« Quando terminardes, puchai este cordão de campainha para vos servirem a ceia...

O padre ergueu-se, quando o capellão sahiu. Tomou o castiçal, abriu a porta da proxima sala, e achou-se diante dos retratos. Aproximou a luz de um delles, e sorriu-se amargamente. Este retrato era marginado inferiormente pela seguinte legenda:

« BENOIT DE MONTFORT, DUQUE DE CLITON. »

Sahiu desta sala, atravessou a ante-camara de um quarto. Quando poz a mão no ferrolho da porta desse quarto, recuou aterrado e tremulo. Refez-se de animo: levantou o fecho inutilmente: a porta

estava fechada. Meditou instantes rápidos. Deslocou um canapé de coxins desbotados, que se encostava á parede desse quarto. Comprimiu uma mola, e fez abrir no tabique o espaço por onde cabia um homem. Entrou, e mal entrára, cahiu-lhe a luz das mãos, e achou-se em cerrada escuridade. Palpou em roda de si, e encontrou um leito: estremeceu, e curvou-se sobre esse leito, que tinha uma cama, onde se conservavam ainda os measmas d'um cadaver. Ahi, nessa postura, não pronunciava palavras; mas os gemidos eram dos que trazem pedaços de vida. Ergueu-se de supito. Palpou ainda, e encontrou um copo. Este contacto, semelhante á mordedura do escorpião, parece que o matará. Padre Diniz cahiu, rugindo duas palavras: « Deus implacavel! » Este desmaio prolongou-se. Quando voltou a si, o missionario ouviu passos na saleta proxima, e viu o reflexo d'uma luz.

« Isto é cousa deabolica! — dizia o capellão.

' Não se explica tal fenomeno! — accrescentava o visconde de Armagnac.

« Padre Diniz! — chamava o capellão, aproximando-se da ante-camara, onde entrou, soltando um grito de espanto.

« Vêde aquella abertura na parede, senhor visconde!

'E' verdade! e naquelle quarto!...

« Onde morreu a mãe da senhora duqueza de Cliton!... onde nunca mais ninguem entrou!

'Dai-me essa luz, e retirai-vos... — disse o visconde.

« Agora é que eu acredito que moram fantasmas neste castello... Vou abandonar esta casa!... — murmurou o aterrado capellão, palpando as sahidas com grande medo de ser estrangulado por alguma larva.

O visconde entrou pela fenda, e viu o sacerdote, em pé, encostado ao leito. Tremia-lhe o braço que sustinha o castiçal.

« Quem sois, senhor?! — perguntou elle, tremendo-lhe a voz como na duvida de ter em resposta o silencio d'um cadaver, ou a voz d'um vivo... impossivel!

'Chamei-vos do fundo do meu tumulo, e vós viestes. Cumpristes a vossa palavra... estaes quite, visconde.

« Mas quem sois?! Conhecestes, por ventura...

' O duque de Cliton?

« Sim.

' Morreu ha trinta annos... o seu cadaver foi enterrado na capella desta casa.

« Justamente.

' E, trinta annos depois, o duque de Cliton apparece encostado ao leito nupcial de sua mulher.

« Que dizeis?... Eu não vos entendo...

' E, comtudo, eu fallo a linguagem dos vivos... Eu sou o homem a quem chamaram duque de Cliton.

« Vós!..,

O visconde recuara estendendo o braço com a luz para a face do missionario.

« Vós!... — proseguiu elle quasi esvahido de medo — Dizei-me se vindes aqui representar uma horrivel comedia!... Não brinqueis com os mortos, que são sagrados!...

' Vem abraçar-me, visconde de Armagnac! Não tremas... Estes braços são os mesmos, que te apertaram ao coração de moço... Verás que teem ainda o calor da vida... Foges-me, visconde? Não vês em mim nada do homem antigo? Olha este braço!... não vês o signal eterno que a ponta do teu florete aqui deixou?... Ainda vive a duqueza de Bouillon, por cujos sorrisos me fizeste verter sangue?

O visconde, com os olhos immoveis, a boca meia-aberta, e o coração em saltos de terror, foi machinalmente aos braços de padre Diniz, que o procuravam.

' Não queres reconhecer-me, visconde?

« Vós... o duque de Cliton!.

' Sim... o que os homens chamaram duque de Cliton.

' Que se julga morto ha trinta annos... e enterrado na capella desta casa... é impossivel!.. Quantos annos tendes?

' Sessenta e um...

« E' impossivel!..

' O que?

« Não tendes essa idade... Sois mais velho ...

Eu conheci o duque de Cliton desde creança... morreu de trinta annos...

' E resuscitou de sessenta e um... Deixai dormir em paz o somno eterno o meu fiel creado que está lá em baixo no jazigo com o meu nome... Fallemos dos vivos, visconde. Onde está minha filha?

« Vossa filha!?

' Elisa de Montfort...

« Jurais-me por tudo quanto ha sagrado que sois o duque de Cliton?

' Ja vos disse que sou o homem a quem deram esse nome.

« Santo Deus!.. isto é um sonho!..

' Pois accorda, visconde!.. Não perdeste ainda o sestro de rapaz!.. No nosso tempo, tu sonhavas sempre!.. Lembras-te quando sonhaste que me vias amanhecer velho tendo-me deitado novo?..

« Lembro... lembro... agora vejo que me não mentes... Tu és o duque de Cliton... ou eu indoudeci...

' Respondes agora á minha pergunta? Onde está minha filha?..

« A tua filha... duque... antes de te responder, deixa me reflectir neste lance... Eu preciso convencer-me de que não ha aqui um pavoroso sortylegio em tudo isto...

' Que lucras em mortificar um pobre velho, visconde?

« A tua filha... é Irmã da Caridade...

Padre Diniz fitou o visconde com uma attenção que o gelou. Era o extasis sem respiração. Não se ouvia um suspiro n'aquelle pequeno ambito. O terror communicava-se d'elles para os objectos. Os lampejos da luz tremiam nas dobras da coberta de damasco que cobria o leito. Nas paredes nuas, não retocadas ha trinta annos, corriam sombras de um fantastico horrivel, que povoava de visões sinistras a imaginação superstiçosa do visconde.

Padre Diniz, alguns segundos immovel, estendeu a mão ao seu interlucutor.

« Tens fé? — perguntou elle.

« Se tenho fé?

« Cres em Deus?

« Creio em Deus!..

« Ajoelha comigo, visconde... Pede ao Senhor que feche a qui o meu praso de expiação... Pede ao Altissimo que deixe cahir neste momento, em todo o peso, a espada da sua tremenda vingança! Pede-lhe que me faça morrer n'aquelle leito... Não... não eu preciso da vida...

As ultimas palavras disse-as, erguendo-se subitamente, e encaminhando-se para o falso postigo, por onde entrara. Passou para a ante-camara. O visconde seguiu-o . . . . . .

. . . . . .

Disse, depois, o padre capellão que os vira sahir ambos nessa mesma noute, e que o missionario nunca mais alli voltara.

XXX.

'Podeis entrar, senhor. Perguntai pela enfermaria das colericas, e lá encontrareis a Irman da Caridade que procurais.

Esta resposta era dada a padre Diniz pelo porteiro do hospital de *Hotel Dieu* em Pariz. Encaminhado á enfermaria das colericas, perguntou a uma das enfermeiras se podia fallar a Virginia du Saint-Esprit, irman da caridade.

A enfermeira mandou-o esperar no seu quarto, e voltou dizendo que Virginia não viria, sem que soubesse o nome da pessoa que a procurava. O missionario escreveu o seu nome, e remetteu-lh'o.

Momentos depois, a Irman da Caridade entrava no quarto, amparando-se com o batente da porta, por que vinha quasi desfallecida.

Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que a duqueza de Cliton acceitou mais por necessidade de se encostar áquelle braço que por expansão de amisade, e contentamento de encontrar o homem, que ella suppusera o ente mysterioso que lhe resgatara os seus rendimentos hypothecados.

O padre, succumbido, menos corajoso que ella, já incapaz de resistir ás commoções extraordinarias, gasto, por assim dizer, no corpo e na alma, não disse uma palavra que salvasse a duqueza da embaraçosa posição em que se via diante do salvador de Alberto de Magalhães, e do homem celeste

que tinha em França um ecco constante das suas virtudes na missão.

« Não esperava ver-vos mais... — disse a Irman da Caridade — Disseram-vos que eu vivia... ou morria aqui... Quem foi ?!

' Foi Deus, que o quiz... Aqui me tendes, senhora duqueza...

« Não me deis esse nome... — atalhou ella com um gesto de silencio — fallai baixo... deixai-me gostar todo o fel do meu sacrificio... Se me conhecerem, fujo d'aqui...

' Não fugireis... Lembra-vos o que eu vos disse em Lisboa ?

« Não sei... não me lembreis Lisboa...

' Quero, ao menos, lembrar-vos as minhas palavras... *Haveis de crêr em Deus*... foi isto ?

« Creio, sim, creio em Deus...

' Como vossa mãi, que foi mais desgraçada que vós...

« De que eu ?... é impossivel... Assim desgraçada ha só uma... Tornais a fallar-me em minha mãi !... Que tendes com ella ou comigo ?... Em nome de Deus, abri-me o vosso coração...

' Em nome de Deus vos digo que o meu coração não se abre... O cadaver não tem forças para quebrar a pedra... eu tambem as não tenho para partir os sellos que fecham o abysmo do coração... Elisa de Montfort, eu vim dar-vos um abraço... de despedida... para sempre...

« Cuidei que não podieis chorar assim ... Vós

desfalleceis!. . Sentai-vos, senhor!... Quereis que vos traga um medico? Não fizestes bem em vir aqui, tão perto da enfermaria das colericas... Que tendes?

'Nada, duqueza... Não tenho já coragem para tanto... Conheço pela minha fraquesa que cheguei ao fim desta longa caminhada... Era já tempo, meu Deus!... Consummou-se o sacrificio... Redobrai-me as forças, se me enchêis de novo o calix!...

Padre Diniz ia ajoelhar, quando a duqueza o susteve.

« Sentai-vos... creio que vos sentis muito doente... Nestes dous ultimos annos fizestes uma grande mudança!... Para onde ides?

' Para Lisboa...

« Não vades... ficai em França... Tendes-me aqui como se eu fosse uma vossa filha... Quereis que vos acompanhe nos ultimos annos da vida como vossa filha?

' Como minha filha!... — exclamou o padre — como minha filha!... e quererieis ser minha filha!...

« Queria, como o sou de todos aquelles que soffrem... Professei uma alliança com os desgraçados até á morte, e vós... creio que sois bem infeliz, não sois?

'Já fui... agora, não. Isto está acabado... As agonias são dolorosas, mas o meu ultimo gemido é o precursor d'uma eterna paz... Não posso acceitar as vossas consolações, Irman da Caridade... Te-

nho em Portugal um tumulo que me espera... Vou unir-me aos ossos de meus pais... vou entregar-lhe o que me resta da herança de dores que me legaram... são estes ossos descarnados, e este habito, quo tem sido a mortalha da minha alma, que morreu ha muito... morreu, quando vós nascestes, duqueza...

« Quando eu nasci!... Que quereis dizer?!

' Nada vos quero dizer... Sois menos infeliz aqui?

« Não sei o que sou... Tenho, pelo menos, esperanças d'uma proxima morte... Já tarda; mas ella virá, quando quizer... Recebo todas as angustias, sem resistencia... Procuro-as, e não sei se as ha no mundo novas, por que as quero, e então... heide procural-as...

' Já vedes que, neste mundo, é preciso tocar a extrema do desgosto, para começar d'ahi em diante uma outra existencia melhor...

« A da morte...

' Sim, a da morte; pois que outra, a não ser essa? E quem é que a sauda, que a ama, que se desvella, procurando-a nas missões, ou nos hospitaes? Somos nós... Sois vós, e sou eu, por que ambos somos dous infelizes... E tanto que devemos á Providencia! Não seria um bem cruel capricho de Deus, inspirar-nos o sabor da vida, agora, que temos dentro do coração tudo frio, tudo descorado aos olhos da face, tudo morto em redor nós!... Que nos valeriam hoje os estimulos da felicidad?e

Que fariamos a muito ouro? que esperanças ha ahi que possam comprar-se com dinheiro? Nada... nenhumas... o ouro, nas nossas mãos, seria como as riquesas do arabe sequioso, que déra toda a sua caravana por uma gota d'agua... Neste estado, é-se feliz...

« Feliz!...

' Não é? Não o sereis vós, que tendes trinta annos... mas eu, tão velho, tão fraco... Não posso já com a vida sobre estes hombros, que apenas podem sustentar o peso desta mortalha!... Olhai, duqueza... Sou assim ha trinta annos .. Caminho assim para o dia que está perto... Mal sabeis calcular o prazer desta approximação...

« Sei que prazer é... Que vim eu aqui fazer, se não surprehender a morte, que talvez me reservásse para uma velhice aterradora...

' Procurais o suicidio... Que foi o que vos trouxe aqui?... Em que momento vos pareceu que a morte era um beneficio?...

« Quando não pude com a vida... quando não tive animo de beber veneno... Cheguei a levar aos labios um copo, em que minha mãi...

' Silencio! — exclamou o padre, collando a mão na bocca da duqueza...

« Pois, sim... eu callo-me... e por que devo callar-me, senhor!... Eu devo morrer sem conhecer-vos?

' Deveis...

« Isto é cruel!... Por que me seguis?... Que

interesse tivestes na minha felicidade, padre Diniz?

‘ Um interesse impotente... Encontrei-vos desgraçada, e desgraçada vos deixo...

« Eu não abracei os vossos conselhos...

‘ Seria o mesmo, se os abraçasseis... O pregão de Deus condemnara-vos ao soffrimento, á vergonha, e ao opprobrio... A minha voz foi debil... Não vos accuso, nem vos absolvo... Eu sou um verme, e o vosso pé esmaga-me... Sois o açoute que me fere... eu teria sido um impio, se quizesse desarmar a mão de Deus... Tinha a vida suspensa por um fio... bemdita seja a vossa mão, que o cortou...

« A minha mãe!... em que vos fiz soffrer?... Dizei... Faltava-me este remorso!... Fallai!...

‘ Não tenteis o impossivel!.. Respeitai com lagrimas este segredo... Que Deus me mate no instante em que a minha lingua vos disser a primeira palavra desta revelação... Não podeis nunca saber quem eu sou, por que eu teria de vos erguer morta dos meus pes...

« Sancto Deus!

‘ Fallai-me com a face erguida por que o podeis fazer!..

‘ Senhor!..

« Dizei-me que eu não tenho algum poder nas vossas acções, por que eu recuarei corrido ás vossas ordens de me callar!..

« Eu não ousaria nunca dizer-vos tal!..

‘ Já o dissestes, duqueza; e eu deixei-me hu-

milhar, por que pensei que vos exaltava !.. Foi tudo inutil !.. A vossa queda era irremediavel... Cahistes ... comigo, com vossa mãe , com todos aquelles que me rodearam, ao mesmo abysmo.. Cahiram todos... e D. Pedro da Silva cahiria tambem já ?

« Por que me fallais nesse homem ?.. Já sabeis o segredo da minha ultima desgraça !.. Conheceis esse homem como conhecestes...

' Alberto de Magalhães ?.. Conheci-os , depois de vos conhecer, duqueza ! . Devia conhecê los ambos , por que ambos deviam fazer comvosco uma alliança de flagellos , contra mim... Basta, Elisa... Vim quebrar a tranquillidade do vosso sacrificio a Deus... Ficai, irmã da Caridade, ficai ahi nessa infermaria esperando a morte, que eu pedirei ao Senhor que vos ella não faça esperar muito. ,

« Pedi... pedi...

' Pedirei, como a tenho pedido para mim.. Dai-me um abraço, que eu vou deixar-vos.

« Não... não me deixareis... Sede o meu amparo, que não tenho mais ninguem que se compadeça dos meus surdos padecimentos... Em nome de minha mãe... vos pesso que me não deixeis...

' Vossa mãe... Vossa mãe, Elisa... — O sorriso de padre Diniz era uma expressão que atterrou a duqueza. Nem elle talvez soubesse a significação d'aquelle sorriso , nem o leitor poderá adevinhal-o, sem que lhe expliquem o segredo daquelle copo , que fez estremecer padre Diniz no quarto onde morrera a mãe da duqueza de Chton. O certo é que,

o missionario, desde que sorrira á supplica da duqueza ficou n'um estado de idiota abstracção, que a irmã da Caridade estranhara, e receou como symptoma de loucura proxima. A's perguntas, que ella lhe fez sobre o seu destino, respondia com palavras desconnexas, e muitas vezes com um triste silencio, em que as lagrimas lhe saltavam dos olhos ás mãos que levantara para um crucifixo.

Nesta conjunctura, a enfermeira entrava dizendo que um senhor bem trajado apeara d'uma carruagem, e queria fallar á Irmã da Caridade, Virginia do Saint-Esprit. Accrescentou a enfermeira que lhe dissera que não podia fallar a esta pessoa, sem dar o seu nome; e que o director do hospital, que se achava presente, lhe dissera a elle « o senhor visconde pode subir. »

Padre Diniz recobrou o alento, com este recado, que a duqueza ouviu, n'um tremulo. Antes de responder á enfermeira, entrava o visconde de Armagnac.

O missionario foi recebel-o, e murmurou-lhe quasi ao ouvido:

« Nem uma palavra a meu respeito, visconde!

« É precizo salvarmo-l'a... — respondeu o visconde.

« De que? que perigo a ameaça?

« Este suicidio lento em que a vês... Restitue-lhe a felicidade, duque!..

« A felicidade!.. Tu vens destruir a obra de Deus?..

« Não!.. a dos homens...

' Vê se o consegues... Salva-a se podes... Eu vou deixa-la...

« Já?

' Já...

Padre Diniz tomou a mão da duqueza, e permaneceu, na postura silenciosa d'um adeus, que nos comprime a garganta, e dilacera o coração. Elisa de Montfort levou aquella mão ao seio, e recebeu com ella uma lagrima. O visconde, mudo espectador de tal conflicto, tinha os cabellos hirtos d'aquelle enthusiasmo que uma grande dor nos communica. O padre, largando a mão da duqueza, abraçou-o; e, quando, com fingido animo, voltava as costas á Irmã da Caridade, e dera um passo, parou, voltou-se de repente para ella, estendeu-lhe os braços, e desmaiou nos do visconde, que se apressara a soccorrer as forças debeis da duqueza.

Padre Diniz conhecera que não podia recear novos flagellos. Os grandes infelizes teem a presciencia da morte: reconhecem-a, quando se approxima; sentem-na, acolhem-na no coração, e quando ella os comprime no seu abraço indissuluvel, já elles teem morrido.

O missionario, quando tornou a si, achou-se nos braços do visconde, e viu de joelhos a duqueza de Cliton. Balbuciou palavras que o iam atraiçoando, se a habitual frieza do seu caracter não arrefecesse a tempo os impulsos do coração.

« Eu não posso morrer aqui! — disse elle —

ajudai-me a cobrar forças que me levem a Portugal... Deixai-me morrer feliz, por que não tenho já outro galardão neste mundo, se não a morte que desejo, e o tumulo que quero abrir com as minhas mãos... Não me destruam este desejo... Auxiliem-me... não me estorvem o passo, não me obriguem a commoções com que não posso... Duqueza... retirai-vos... Peço-vol-o com toda a instancia da minha alma, qne já nem sabe pedir... Ide-vos...

' Eu vou... irei... padre Diniz...

« Abençoada sejaes, senhora... Accompanhai-a, visconde...

' Não... eu não preciso da vossa companhia, senhor visconde... Accompanhai-o a elle... A minha jornada é curta...

A duqueza entrou na enfermaria das colericas, e padre Diniz, amparado pelo velho amigo de D. Pedro da Silva, sahiu do *Hotel Dieu*.

XXXI.

Dez dias depois, padre Diniz sahiu d'uma sege, encostado ao braço do boleeiro, e entrou no pateo do barão dos Reis

Foi annunciado ao dono da casa, e entrou n'uma sala, onde esperou que s. exc.ª viesse receber-o com a affabilidade que decerto não experimentaria, se viesse a pé, ou o barão não tivesse ouvido o rodar da sege.

— « Tenho a honra de comprimentar a v. exc.ª

— disse o padre, erguendo-se a custo da cadeira.

' Queira sentar-se... Parece que está incommodado...

« E' a velhice, senhor barão... Eu sou completamente desconhecido a v. exc.ª...

' Não me recordo de o ter visto...

« Decerto, não... O fim para que tenho a honra de procural-o, não exige que v. exc.ª me conheça...

' Em que posso servil-o?

« V. exc.ª comprou o convento dos ex-frades dominicanos em Santarem?

' Comprei, sim, senhor.

« Eu venho impetrar de v. exc.ª permissão de exhumar do claustro os ossos d'um frade que morreu naquella casa... Posso contar com a sua licença?

' Sim, senhor; se precisa só da minha licença, póde contar que está servido.

« Precisava d'uma outra ecclesiastica... essa offereço-a á observação de v. exc.ª...

' Não é necessario... queira arrecadar. Eu dou ordem para que v. s.ª possa quando queira, encontrar francas as portas do convento.

« A'manhã, se Deus o permittir, parto para Santarem... Se agora lhe não é penoso dê-me v. exc.ª uma ordem com a qual eu possa apresentar-me ao seu administrador em Santarem...

' Actualmente tenho lá o meu guarda-livros. V. s.ª dirija-se a elle, que está no convento... e...

« Como se chama?

' Alvaro d'Oliveira, e queira dizer-lhe que faltou comigo a tal respeito ; não precisa d'outra ordem ; e tudo mais em que possa ser-lhe util, queira mandar-me.

« Muito grato a v. exc.ª... Queira dizer-me... Como está a senhora baronesa?

' Pois conhece minha mulher?

« Conheci, muito creança ainda... Ha bons trinta annos...

' Se quer que a chame...

« Não, senhor... Eu não posso demorar-me... Se fôr possivel, em outra occasião terei o prazer de vel-a... Senhor barão... dê-me as suas ordens...

' Queira dizer-me o seu nome para que minha mulher saiba quem perguntou por ella...

« Seria inutil, senhor barão... O meu nome... quem é que sabe o meu uome?... Sua senhora não me conheceria nem pelo nome, nem pela pessoa...

' A minha casa está sendo fertil em extravagancias!... — disse, com abstração, o senhor Joaquim dos Reis.

« Não comprehendi o que se dignou dizer-me...

' Foi cá um reparo que eu fiz... não fallava com v. s.ª... Vejo que quer retirar-se...

« E' forçoso... Muito grato ao seu favor, senhor barão... Eu não posso offerecer valias que não tenho... Vou penhorado da sua bondade, e creio que v. exc.ª conhece que um velho padre,

que vai lidar com esqueletos, não tem já nada com que indemnisar obsequios. Senhor barão...

O padre entrou na sege, e apeou na travessa da Junqueira n.° 44. Os visinhos viram com uma especie de terror abrir-se a porta daquella casa tres annos fechada, sem que ninguem soubesse dizer o fim que tivera o seu proprietario, depois que d'alli sahira amortalhada uma senhora que os boleeiros tiraram morta da carruagem.

Padre Diniz subiu apoiado ac braço do boleeiro, que tres vezes o susteve em pé, na entrada da primeira sala. O velho sentou-se, em quanto o boleeiro abriu todas as janellas por que era insoffrivel o ar represado, que alli se respirava.

No canapé, em que o padre se sentára, estava um vestido de mulher, que elle tomou soffregamente, e levou aos labios com os braços tremulos. Era o vestido, que despiram do cadáver de Angela de Lima. No chão viam-se fragmentos d'uma capa, pedaços de panno de linho, e objectos de lan traçados. Eram o resto dos vestidos da condessa de Sancta Barbora, que tinham sido lacerados pelos ratos.

O boleeiro encarava o seu mysterioso patrão com assombro, e vi-a em tudo aquillo um incomprehensivel negocio de feitiçaria.

« Podes sahir... — disse-lhe o padre — A'manhã partiremos para Santarem...

« V. s.ª fica sósinho aqui ?

« Fico.

‘ Não quer que lhe traga o comer d'alguma hospedaria?

‘ Não, rapaz, podes ir descançado, que eu tenho quem me dê de comer.

Em seguida, entrou um tabellião, e leu uma escriptura de doação daquella casa com os objectos que nella se encontrassem á Sancta Casa da Misericordia, com a condição de que elle doador, padre Diniz Ramalho e Sousa, seria recebido na enfermaria dos particulares, no hospital de S. José; e, no cemiterio da mesma casa, depois da sua morte, em sepultura terrea, seriam com elle, enterrados os ossos, que se achassem n'um caixão de chumbo ao pé do seu leito.

Assignada a escriptura, padre Diniz ficou só. Ergueu-se. Olhou em redor de si com religioso pavor. Parece que evocava da sepultura as ultimas pessoas, que se tinham reunido naquella sala. Recahiu extenuado no canapé, e soluçou com a face escondida nas mãos cadavericas. Pediu, talvez, forças a Deus, e levantou-se d'um impeto. Foi ao longo d'um extenso corredor: levantou o fecho d'uma porta, deu um passo dentro daquelle quarto, e recuou. Fôra aquelle o quarto de D. Antonia Mascarenhas. Defronte, estava o de Angela de Lima. Tentou alli entrar... e ajoelhou no limiar da porta. Que palavras foram as suas? Não as disse elle, nem o coração, mais feito nas torturas, as adivinha. E proseguiu na sua atormentada visita. Dir-se-hia que caminhava entre espectros que o salteavam de cada

quarto em que entrava. E eram tudo trevas em redor d'elle, quasi trevas illuminadas pelo clarão tenue das frestas, que augmentavam o terror supersticioso do ancião, devorado de febre.

O ultimo logar, que visitou, era o seu escriptorio. Abriu um gavetão, que tirou do encaixe. Estendeu o braço, e fez sahir uma pequena gaveta escondida por um segredo. Esta gaveta estava cheia de cartuchos de peças. Despejou-a sobre uma banca, e sahiu do escriptorio, por que precisava respirar o ar puro da primeira sala.

Neste momento, bateram á porta. O homem que entrou disse ser enviado do governador civil.

«Que tem a dizer-me? — perguntou o padre.

'S. exc.ª manda dizer-lhe que todas as investigações, empregadas ha quarenta e oito horas, para descobrir D. Pedro da Silva tem sido inuteis. Que poderá certificar-se da entrada d'elle, em Lisboa, ha um anno; que soubera que elle vivera em Campolide com um nome supposto, e que, ha oito mezes, pouco mais ou menos desapparecera de casa, e não é possivel saber-se que destino teve. O senhor governador civil soube que elle vivia pobre, e lembra-se que poderá ter-se suicidado, mesmo por que, ha mezes, appareceu no *Dá-fundo* um cadaver de pessoa bem vestida que ninguem conheceu, posto que attribuissem esta morte á sociedade maçonica, por que o cadaver trazia uma mordaça.

« Em tudo isso, não ha nada certo... — atalhou o padre.

' Absolutamente nada... póde ser que com o tempo se descubra. Anda-se em procura d'um criado que serviu este sujeito em Campolide, mas tambem não é possivel encontral-o... veremos...

« Queira dizer a s. exc.ª que eu lhe agradeço muito a continuação das suas informações . . .

. . . . . .

Vinte e quatro horas depois, padre Diniz procurava no convento dos ex-dominicanos o senhor Alvaro d'Oliveira, guarda-livros do senhor barão dos Reis.

Disseram-lhe que o guarda-livros, segundo o seu costume, passeava no claustro do convento, depois que escurecia até á meia-noite, e que déra ordem de o não chamarem.

« Esperarei... tambem não quero que o chamem.

' Então, póde esperal-o na sala, por que v. s.ª, visto que é tão tarde, é natural que fique em Santarem.

« Fico... E o senhor tambem é caixeiro do senhor barão?

' Nada, não sou. Eu acompanho como escudeiro o senhor Alvaro.

« Este senhor Alvaro deve ser um guarda-livros muito estimado do senhor barão!... tem escudeiro!... cá em Portugal não ha muito disso...

' E' que o meu patrão, se tivesse um filho, não

o desadorava mais do que faz ao senhor Alvaro! Elle nem é guarda-livros, nem nada... Vai para onde quer, e vive como se fosse filho da casa... Estamos aqui ha um mez, e a senhora baronesa já cá o veio visitar quatro vezes... Acho que o senhor Alvaro vive muito triste, e o seu gosto é andar lá por baixo pelo claustro, onde estão as sepulturas dos frades. Tenho-o visto chorar muitas vezes; mas elle não quer que se lhe pergunte o que tem. V. s.ª conhece-o?

« Não conheço...

' Se o conhecesse, eu era capaz de lhe ir dizer que o senhor estava aqui...

« Nada, não o interrompa... Esperarei até que elle venha... A que horas costuma recolher-se?

' A' meia-noite, e, ás vezes, mais tarde ainda... Eu vou-lhe dizer que o procuram de mando do senhor barão...

« Faça o que quizer.

. . . . . .

D. Pedro da Silva appareceu no limiar da porta. Olhou indifferentemente para o velho padre, que estava sentado ao fundo da sala, quasi escurecida pela bandeira do candieiro.

Padre Diniz, ao vel-o, ergueu-se... fixou-o... deu um passo para desmentir um engano, que lhe fizera refluir todo o sangue ao coração... Hia dar outro passo, por que o primeiro roubara-lhe o dom da palavra... não pôde... estendeu lhe os braços, que descahiam lentamente extenuados de violentas

convulsões. D. Pedro foi ao chamamento mudo daquelle incognito... reconheceu-o; e quando exclamou «Padre Diniz!» esse homem deixava-lhe cahir no seio a cabeça desfallecida.

« Eu devo muito a Deus!... — balbuciou o padre — Devo-lhe tudo, e tão ingrato hei sido!... Que outro homem, sem ser guiado por um anjo, vos encontraria aqui, filho de Angela!... Que espantosas surpresas na minha vida!... Que lances... que desastres... e sempre a Providencia em todos os meus planos!... Fallai, Pedro!... eu quero ouvir a voz da creança, que chorou nos meus braços, antes de vêr o mundo. Fallai-me... Vim encontrar-vos muito desgraçado, não vim?

' Não, senhor padre Diniz... eu não sou desgraçado...

« Não sois desgraçado!... Bemdito seja o Senhor!... sois o primeiro homem feliz que se approxima de mim, sem o contagio dos meus infortunios.. Que é o que faz a vossa felicidade neste momento?

' São as desgraças passadas...

« Foram muitas?...

' Excederam as forças do soffrimento... Deixei de soffrer, quando se me esgotaram as lagrimas, e se me fez de pedra o coração...

« *A primeira mulher, que se ama, decide de toda a vida d'um homem.*

' Bem me lembro... foram as suas palavras... Viu o meu futuro, padre Diniz! A primeira mu-

lher, que amei, rematou as minhas longas esperanças na violenta morte dos dezenove annos... Perdi todas as riquezas do meu coração... Acho-me frio nos sentimentos d'honra e de deshonra... Não tenho desejos, nem saudades, nem esperanças... Sou a machina, que produz estupidamente um dia apoz outro dia...

« E, comtudo, sois feliz...

' Creio que sim... Esta atonia tem muita semelhança com a insensibilidade da morte... Pois a vida não é a ancia esperançosa do dia seguinte? Viver não é esperar? E eu que espero? As horas do escasso somno. que vem completar a impassibilidade do meu nada...

« E o trabalho não vos agita?

' Eu não tenho trabalho nenhum...

« Não sois guarda-livros d'uma casa commercial?

' Não sou nada... Tive muita fé no trabalho... trabalharia, talvez, por necessidade, e pode ser que um dia se transfigurasse a minha vida, e o contentamento me nascesse da desgraça... Cheguei a imaginar que me levantaria da queda, para sentir em mim uma nova coragem... Deus não o quiz... O barão dos Reis sabe quem eu sou...

« Como?!

' Não sei que perguntas e respostas me denunciaram á baronesa... Vós sabeis bem quem a baronesa é...

« Sei...

' O barão chama-me filho... Serve-se da sua autoridade para me afastar do commercio... Consente que eu viva aqui, e insta por que eu vá de Portugal para fóra... O honrado homem não sabe que a minha sepultura está em qualquer ponto da terra... Ora pois, meu querido mestre... falle-me de si... Eu julguei-o morto... Ha um anno que me não escreve...

» Eu sabia que não existieis em Pariz... Soube em Angouleme que sahistes da França...

' Em Angouleme?! Esteve ahi?!

« Estive...

' Com quem?

« No palacio de Cliton com o capellão.

' No palacio de Cliton, que pertence...

« A' viuva do duque de Cliton.

' Conhece essa mulher?

« Ligeiramente... e vós?

' E eu?.. não advinhaes que foi essa mulher que me atirou a esta infelicidade, em que me encontrais?

' Não adivinho, D. Pedro da Silva...que vos fez ella?

« Illudiu vilmente as minhas illusões de creança... Escarneceu a minha innocencia... Apresentou-se-me como um anjo de honestidade e de candura... Fez que eu viesse a Portugal pedir com as armas na mão um desforço honroso a Alberto de Magalhães... por quem?.. por ella, que se lhe vendera por oitenta mil francos!.. Não o horrorisa esta infamia?.. Deve estar esquecido do que é uma

grande humilhação!.. Em que pensa, padre Diniz?

« Ouvia-vos, D. Pedro!.. Se me não vedes alerrado, é por que tenho na alma a paralisia, que vós ainda não tendes... Foi, pois, a duqueza de Cliton que vos matou!.. E vós... não lhe perdoastes...

' Eu?.. perdoei... e perdoei, depois que me cansaram as forças do soffrimento... Perdoei, por que não tenho já a sensibilidade da altivez offendida... Perdoei, deixe-me assim dizer, porque me falta a voz para amaldiçoal-a...

« Perdoai-lhe de todo o vosso coração...

' Que interesse tem na generosidade do meu coração para com essa mulher?

« O interesse do sacerdote do Christo, que mandou os seus apostolos apregoar o perdão das affrontas... Não tenho outro...

' E acha que ella é digna de perdão?

« E'...

' Sabe como ella vive?

« Não sei se vive... Ha onze dias, deixei-a em Pariz, como Irmã da Caridade, na infermaria das colericas, no *Hotel Dieu*.

' Que diz, senhor?

« Que lhe perdoeis...

' Fallou-lhe?

« Fallei...

' Disse-lhe o meu nome?

« Perguntei-lhe por vós.

' E ella?..

« Não me respondeu... Creio que se não lembra de vós... Está muito perto do tumulo para voltar o rosto, procurando-vos...

' Falle-me d'ella , padre Diniz !..

« Não tenho mais nada a dizer-vos...

' Mais nada ?.. Como a conheceu ?..

« Como conheço todas as pessoas infelizes... Prendeu-nos a sympathia do soffrimento... Não fallemos mais na Irmã da Caridade... Agora deixai-me dizer-vos ao que venho, por que... bem vedes... até parece que a fallar me fogem os poucos alentos de vida que Deus me concede para o remate da minha peregrinação... Não vêdes que estou tão acabado, tão doente ?..

' Soffre muito ?.. tem alguma doença irremediavel ?

« Tenho... olhai este pulso... não lhe ouvis as pulsações ?.. E' que a morte já por lá passou... tenho-a muito perto do coração... Poderei viver oito dias ? Deus o sabe, mas creio que não... Dais-me um copo d'agua ?.. Esta secura nem me deixa fallar... Agora, D. Pedro, esperai um pouco... eu precizo d'alguns instantes de repouso.. Ide , se precisaes, sahir, e voltai, passado um quarto d'hora...

D. Pedro retirou-se ao seu quarto a reflectir nos tumultuosos lances, que tão rapidos lhe desorganisavam os meditados projectos. Ao mesmo tempo, o sacerdote resava, de joelhos, no seu breviario, e muitas vezes levou a mão á testa, como para affastar os pensamentos do mundo que lhe emba-

raçavam os extasis da alma, nas visinhanças da eternidade.

D. Pedro veio encontral-o ainda na oração. Um gesto impoz-lhe silencio, e o filho de Angela esperou, com os braços cruzados, e as lagrimas nos olhos, ao lado de seu mestre. Aquellas lagrimas vieram-lhe do coração, resumindo, n'um rapido olhar da alma, todas as scenas da sua vida, desde que se conhecera crescendo nos braços daquelle homem, para o qual estava aberta a sepultura.

« Eis-aqui o grande homem!... — dizia-se elle — Este immenso coração vai gelar-se! Esta victima de tantos sacrificios chegou por fim ao seu altar! Como será a consciencia deste justo, neste momento! Que tranquillidade de espirito ao pé da sepultura! Será para a morte aquelle sorriso?... Verá neste instante as scenas todas em que foi grande!... Verá em redor de si todas as pessoas que o precederam na morte!... Seria possivel a anniquilação para este espirito? Não, não! é impossivel!... Este homem é um instrumento de Deus, que não cabe n'uma pouca de terra!...

Padre Diniz erguera-se; bebeu dous goles d'agua; entrelaçou as mãos, onde apoiou a barba, e permaneceu minutos na meditação daquelle que se recorda do fim para que veio.

« D. Pedro da Silva — disse elle — que futuro é o vosso?

' Não tenho nenhum...

« Não se vive assim... Deveis de ter algumas tenções... Quereis sahir de Portugal?

' Que terei eu fóra de Portugal que não tenha aqui?

« Aqui tendes contra vós a solidão na patria, onde tiveste mãi, e amigos... Lá fóra, tendes a solidão entre estranhos, que é menos dolorosa. Viajai... Tendes dinheiro?

' Ja lhe disse que tenho a protecção do barão dos Reis...

« Acceitai antes a minha... Eu dou-vos o dinheiro que possuo... é pouco... mas, quando o tiverdes consummido, tereis a paz de espirito necessaria para adquirir outro... Acceitai, sem melindre, por que não vol-o faço como favor nem como direito á vossa obrigação. Saudades de mim heisde tel-as sempre, e eu não quero mais nada .. Ireis á travessa da Junqueira, entrai no meu escriptorio, e sobre a banca encontrareis não sei que dinheiro, que ahi deixei para que a Casa da Misericordia, minha herdeira, o possuisse. Viajai, é o conselho que vos dou. Não vades a Pariz nem a Londres... Ide para muito longe. Se vos não repugna a vida militar, sêde soldado, por que eu só conheço duas posições sociaes que servem ao homem distincto: o claustro, e a guerra; as emoções do ceu, ou a embriaguez do sangue das batalhas. O homem grande precisa chorar n'uma cella, ou derramar sangue n'um arraial... O vosso espirito precisa de alimento forte... Ide sentir os grandes abalos, que

podem transfigurar d'um instante para o outro a vossa existencia... Ides?... fazeis a vontade ao vosso amigo?

'Irei.

« Mas não ireis sem me deixar na sepultura... Assistis á minha vida nos seus ultimos dias?... Não respondeis!... Chorai, chorai, que vos não vão mal essas lagrimas... Tambem eu choro comvosco... Sois o filho da minha querida Angela... Creou-vos a minha pobre Antonia... Vinde cá... Chegai-vos bem ao meu coração... Eu estou a ver-vos tal qual fostes de cinco, de dez, de quinze annos. Eram anelados estes cabellos... Esta palidez era então como a purpura. Brilhavam muito mais estes olhos que hoje tendes tão pisados... Raro vos vi sorrir, mas no sorriso angelico dos vossos labios havia a tristesa profetica deste nosso encontro... Guardai para o meu ultimo instante um daquelles sorrisos...

'Padre Diniz... não hade morrer tão depressa... Faça um esforço de vontade por viver...

« Ai! filho... não quereis o meu descanço?... Vêde-me morrer, com alegria... Agradecei ao Senhor esta esmola, que lh'a peço ha trinta annos... Eu vivi em quanto fui necessario... necessario!... a que?... á minha expiação... Quiz valer a todos e não valli a ninguem!... Quando eu queria dar vida ás almas, morriam os corpos... Consummou-se!... Agora... venham as misericordias de Deus.... Pezem-se na balança divina as minhas iniquidades

com as minhas lagrimas... Desencrave-se o ultimo espinho de remorso...

'Remorso!... Tem remorsos, padre Diniz?!

« Heide responder-vos do tumulo...

'Do tumulo?!

« Sim... do tumulo... Heide legar-vos a palavra do morto, n'um livro escripto pelo vivo, durante trinta annos... Heisde, por força, abril-o todos os dias, e eu estarei a vosso lado em quanto o lerdes... As lagrimas, que lhe cahirem nas paginas, vão confundir-se com as minhas, que lá cahiram... E as existencias, que se cazam pelas lagrimas, são inseparaveis.. Agora, Pedro, sabei ao que vim... E' meia noite, e o luar está muito claro... Tendes ahi uma alavanca?

' Uma alavanca?!

« Sim... um qualquer ferro...

' Tenho, senhor... Quereis uma alavanca?

« Dai-m'a...

D. Pedro foi buscal-a.

« Agora, accompanhai-me.

'Quer que vão criados comnosco?

« Não... vamos sós.

Desceram ao claustro. As sombras do luar, projectadas dos balaustres das varandas, estendiam uns como crepes sobre as campas. A cruz de pedra desenhava-se nas lageas. A relva, que nascera livre nas fisgas das sepulturas não tocadas nos ultimos quatro annos, á luz frouxa da lua, semelhava

pedaços de mortalhas arrancadas pelas fendas da pedra.

Padre Diniz foi ao sopé da cruz, e pensou alguns segundos.

« E'-aqui.

' O que?

« Ajudai-me a levantar esta pedra... Eu só não poderei... Vêde se encontrais um calço... Bem... Em quanto vós carregais na alavanca, eu irei mettendo o calço... Assim... mais... mais... Está bom... Eu agora levanto a alavanca, e vós tombais a pedra... Não podeis?...

' Posso...

« Obrigado, meu amigo... Agora deixai-me tirar terra...

' Eu vou buscar uma enxada...

« Não é necessaria... Não sujeis as mãos... Este trabalho é meu...

' Que faz, padre Diniz ?

« Procuro aqui um thesouro... creio que m'o não roubariam...

' Pois enterrou aqui algum thesouro ?!

« Enterrei...

' Ha muito tempo ?

« Ha seis annos...

' Quando veio a Santarem assistir á morte do conde de Sancta Barbora ?

« Foi por esse tempo ..

' Não quer que o ajude ?

« Não... o meu voto foi este... Bom... ja en-

contrei uma dureza... Agora vamos escavar terra do lado dos pés... Tendes uma caixa, um bahu, qualquer cousa que me deis?

' Um bahu? tenho... vou buscal-o..

Em quanto D. Pedro foi, e voltou com o bahu, padre Diniz descobriu as duas azas d'um caixão...

« Agora, D. Pedro, se vos não repugna, pegai nesta aza de ferro que está aqui, e levantai de lá, que eu levanto deste lado.

Tiraram um estreito caixão de chumbo.

' Isto que é? ! — perguntou D· Pedro.

« E' o meu thesouro, meu bom amigo... Levantai d'aqui... ajudai-me agora a tirar este esquife, mas com muita cautella para que se não desmanche... Não é possivel... ja se despregou uma taboa... Chegai para ao pé de mim o bahu, e abri-o...

Padre Diniz tirou um craneo, a que vinham pegadas algumas vértebras do pescoço...

' Que faz, senhor?

« E' o meu thesouro...

' Uma caveira !..

« Uma caveira. . sim... não achaes que uma caveira possa ser um thesouro?..

O filho de fr. Balthasar continuou a extrahir a ossada da sepultura, e cada pequeno, ou grande osso, que tirava, sacudia-o, passava-lhe pela superficie a manga da batina, e depositava-o no bahu. D. Pedro estava livido de horror.

« Estaes tão callado, D. Pedro?.. Cauza-vos

nojo esta excavação?.. Tende paciencia... é o meu thesouro... são os ossos de meu pai...

' De seu pai?!.. pois seu pai morreu aqui neste convento?..

« Morreu, filho... Agora, ajudai-me a ajustar esta pedra com a sepultura... Não vão julgar que algum impio exumou o cadaver do frade amaldiçoado para insultal-o... Achaes que está bem?

' Está... E aquelle caixão?

« Aquelle caixão contem as cinzas de minha mãe...

' Sancto Deus, que mysterios!.. Sua mãe tambem aqui morreu?

« Não... minha mãe não morreu aqui... Nós vos responderemos todos tres do tumulo... Heide dar-vos este conhecimento com os mortos, que é de todos o menos perigoso... Podeis com este caixão, meu bom amigo?

' Posso...

« Pois Deus ha de dar-me forças para levar o bahu ao meu quarto... Subamos... Deixemos os mortos sem o seu companheiro de seis annos... anles que elles no'l-o pessam, porque o amaram muito na vida...

Padre Diniz sentou-se ao pe do bahu, no quarto de D. Pedro, e esteve de mãos erguidas, longo tempo. O filho de D. Angela não teve resposta a algumas perguntas que lhe fez. O relogio da torre dera duas horas, e o sacerdote, como accordado d'um doloroso lethargo, disse a D. Pedro:

« Ide repousar, que eu fico aqui...

' Não consentirei que fique: se não quer uma cama, eu ficarei ao seu lado.

« E eu não consinto que fiqueis... Deixai-me aqui um tinteiro que preciso de escrever... Abri aquella mala, e dai-me um livro, que tem na capa um letreiro...

' E' este?.. diz LIVRO NEGRO.

E' esse... Agora, meu filho, até logo... Eu vos chamarei, se dormirdes... creio que não dormireis; mas eu quizera que descansasseis. Ireis comigo para Lisboa?

' Vou, vou comsigo, padre Diniz até onde for...

« Então... perto ireis... Boas noites...

Sebastião de Mello escreveu uma hora. Depois, deitou-se no tablado, encostou a face ao caixão das cinzas de Silvina e adormeceu, murmurando:

« Deixa-me gosar o primeiro somno no seio das tuas cinzas, minha pobre mãe!

XXXII.

Seis dias depois, na cama d'um quarto particular do hospital de S. José, estava padre Diniz Ramalho e Sousa.

Ao lado do seu leito, estava um caixão de chumbo, e um bahu fechado, os quaes a administração da sancta casa, sugeitando-se á condicional da escriptura de doação, ja sabia que deviam ser sepultados com o cadaver do caritativo doador.

Em redor deste leito estavam os medicos da casa,

o guarda-livros Alvaro de Oliveira, o barão dos Reis, e sua mulher.

Conversavam pouco, e esse pouco em som quasi imperceptivel. O enfermo encarava-os a todos com um sorriso, e respondia ás instantes perguntas dos medicos com o mesmo sorriso. Tomava os remedios sem hesitação: mas pedia que o encarassem com mais fyloscfia que medicina, por que os seus nobres esforços eram inuteis.

D. Emilia Mascarenhas chorava, e padre Diniz, escasso de forças para fallar, erguia as mãos como supplicando que não chorasse. Algumas vezes achou-se sosinho com o barão, porque a filha de Anacleta, e o filho de Angela, de hora a hora se retiravam a chorarem a occultas do padre.

O infermeiro veio nesse dia, com as lagrimas nos olhos, dizer a padre Diniz que o despediam do seu quarto.

« Porque?

' Por que um outro enfermeiro desta casa pediu licença para tractal-o, e não se lhe negou, por que ha rasões para que se lhe não negue cousa nenhuma.

' Que rasões são?

« E' um homem que veio para aqui, ¡haverá seis annos, e não só tracta dos doentes como enfermeiro, mas tem feito grandes esmolas á Sancta Casa. Ninguem sabe o seu nome, nem elle consento que lhe perguntem nada da sua vida. Deus lhe

perdoe o desgosto que elle me dá, fazendo-me sahir do seu quarto, senhor padre Diniz...

« Agradeço-lhe a sua amisade de todo o meu coração...

' Elle ahi vem...

« Quem?

' O enfermeiro...

Effectivamente o novo enfermeiro entrara no quarto. Padre Diniz não podia vel-o por que era muito pouca a claridade. O mysterioso devoto dos hospitaes approximou-se do leito, e fez ao despedido enfermeiro um signal para que sahisse.

Estavam sós.

« Tens um novo creado, Sebastião de Melho... — disse-lhe elle, curvando-se ao ouvido do enfermo que estremeceu.

' Quem é que me dá tal nome?

« Não é o teu?

' Foi... quem sois?

« Um homem indigno de te acompanhar na vida; mas não o reputarás assim nas horas em que a morte principia a destruição do orgulho humano.

' Quem és?

« Hasde morrer com o segredo do meu nome?

' Sim...

« Eu sou Azarias Pereira, o judeu...

' Azarias Pereira!.. Abre-me aquella janella...

« Não... que te encommodam os raios da luz...

Não me crês ?.. não ha já nesta voz um som do teu velho companheiro dos salões de Anacleta?.. Que te parece, Mello !.. Terei desarmada a colera do teu Deus, e do meu com a penitencia de seis annos ?..

' Que vida tem sido a tua, Azarias ?

« Esta /.. E a tua ?.. Julguei-te morto. .

' Julgaste bem...

A baroneza dos Reis entrou.

Que mulher é esta ? — perguntou Azarias.

' E' a filha de Anacleta...

« A filha de Anacleta ! —murmurou o israelita, encostando-se ao leito, com os olhos cravados em Emilia.

— Tem um novo enfermeiro, senhor padre Diniz ?

' Sim, senhora baroneza...

— Disseram-me que era um sancto...

' Enganaram-a, senhora ... — balbuciou Azarias.

— Eu já o tinha visto — tornou ella — e conheci-lhe no rosto os signaes da mortificação... Disseram-me que estava aqui por devoção neste hospital... Ainda ha boas almas no mundo !...

' São as mais perversas, muitas vezes...

— Não diga tal !.. Oxalá que a quarta parte dos bons tivessem as suas virtudes...

' Não fallemos nas minhas virtudes, senhora...

— Se com as suas orações podesse restituir a saude ao senhor padre Diniz...

' As minhas orações são blasfemias...

— Sancto nome de Deus!

' Deus seria affrontado por ellas...

— Não falle assim, que está fingindo e que não é...

Padre Diniz fez á baroneza signal de silencio. Callaram-se todos. Neste momento entrou um confessor, que ficou sosinho com o enfermo. Azarias Pereira perguntou aos medicos que esperavam occasião para tentarem o ultimo recurso, quantos dias poderia viver o doente. Responderam-lhe que podia viver muitos dias, ou muito poucas horas « Aquella morte (disseram elles dogmaticamente) é uma consumpção fysica e moral. »

Depois do confessor, entrou o sagrado viatico, acompanhado por D. Pedro da Silva, e o barão dos Reis. Azarias estava ao lado do leito, com o jarro de agua, e a toalha. Administrado o Sacramento, padre Diniz pediu que o encostassem aos travesseiros. Chamou para o pé de si as pessoas, que se escondiam no escuro do quarto a chorar, e fallou assim com muita difficuldade:

« Approximai-vos... vinde ser ao pé de mim os representantes dos que já passaram, deixando-vos na terra o encargo de testemunhardes a minha morte... Não fujas tu, penitente...

' Vou buscar-vos um caldo, senhor padre Diniz... — disse Azarias Pereira.

« Não vás... eu quero-te aqui... hasde per-

doar-me, que és o unico homem vivo a que posso, e devo pedir perdão...

'De que, senhor?

« Estendeste-me, uma vez, a tua mão, e eu... repelli-a... Miseravel orgulho humano!... estupida fidalguia nas virtudes!... Repelli a tua mão, pobre homem que soffreras tanto... que cavaras com as unhas a sepultura da infeliz, por quem te perderas... Repelli a tua mão, eu, meu Deus!... eu!... carregado de crimes, com a minha borrifada de sangue... Vem cá... approxima-me dos labios a tua mão... quero beijar-t'a... Não teimes com o moribundo...

'Quem será?! — perguntou o barão a sua mulher.

— Não posso entender isto, e o senhor D. Pedro conhece este homem?

'Não, senhora... não o conheço...

« Não pronuncies o meu nome, Sebastião de Mello! — murmurou Azarias ao ouvido do padre.

' Não... não pronunciarei o teu nome... de que serviria para a tua alma pronuncial-o?.. Morre ignorado, como tens vivido... A grande coragem é essa... Morre como eu... Qual de vós poderá dizer o meu nome? Ninguem...

' Ninguem!... — disse D. Pedro.

« Ninguem até ao momento em que estes labios, immudecidos pela algema da morte, não possam já responder aos louvores ou aos vituperios do mundo... Perguntais-me com o vosso silencio se

eu fui um homem grande?... Fui, amigos... desde o momento, que vesti a batina, que logo me dareis como mortalha... Antes disso fui miseravel... o mais pequeno de todos os que se arrastavam a meus pés... Ao pé deste leito... não sois só vós que assistis condoidos aos meus paroxismos... tão serenos... tão suaves... Eu vejo muitas imagens, que vós não vêdes... Baronesa... aqui está vossa mãi... Vejo-a com a face purpureada pelos delirios da felicidade qúe o seu ouro lhe dava... Eis que se desfigura... Ella alli está macerada, coberta de farrapos, ajoelhada no alpendre da capella... Não vêdes alli uma sepultura rasa?... Levantei-a, e desci-a eu sobre o cadaver de vossa mãi, Emilia de Mascarenhas... Ai!... á hora da morte, tenho saudades della... Andou-me tantos annos impressa no coração!... Choraes, por ella, Emilia?... São, talvez, as primeiras lagrimas!... abençoadas sejam!... Vou contente de vol-as ter arrancado para a memoria de Anacleta... Não fujas, amigo...

' Conceda que eu me retire, senhor... — disse Azarias perturbado.

« Ouvide até ao fim as minhas visões... Alli está vossa irman, Emilia... A minha querida Antonia!... O anjo despenhado, que eu levantei do abysmo e entreguei a Deus... Não a vêdes debruçar-se do ceu para a terra, a receber a alma de sua filha?... Eugenia! tão curta foi a tua primavera, depois d'um longo inverno de amarguras!... Choraes, Elisa?... Nunca tinheis assim chorado por

vossa irman?... E tu, meu discipulo querido, meu herdeiro, meu confidente de além do tumulo, vem cá, D. Pedro da Silva, que tenho aqui a meu lado tua mãi... Vem abraçar-nos a ambos, que nos has-de encontrar no mesmo abraço... Olha... lembras-te quando a vimos naquella janella em Campoli-de?... Não estava assim radiosa... Este brilho que lhe vês é o resplendor do martyrio... Cá, em bai-xo, não ha destas aureolas... A infeliz o que aqui foi não podia continuar a sêl-o, se os seus crimes a despenhassem nas trevas... Vem do ceu a rece-ber-me na morte... Paga-me uma divida sagrada, que, na morte da alegria, da esperança, da alma, encontrei-a eu... Vêde que me fallam forças... Se-rá o fim?... Ainda não... Não sei que pressenti-mento me manda esperar... Esperar... o que?... Isto que espero, ha tanto tempo... Deixai-me lan-çar uma vez os olhos para o mundo... Abri aquel-la janella... Eu queria vêr a luz, e o ceu... Ami-go, abris-me aquella janella?

Azarias Pereira abriu meia-portada.

« Toda... toda... — balbuciou o padre, esfor-çando-se inutilmente para erguer-se — Nunca me pareceu tão bello o mundo!... Vejo arvores, e flo-res... Deixovo'l-as, meus amigos... Colhei-me aquel-la rosa... hasde ser tu, meu carinhoso enfermei-ro... Colhe-a, sim?... Vai depositai a, orvalhada de lagrimas, sobre a sepultura de Anacleta, sim?... Estremeces?.. não tremas... Cumpre-me este le-gado, assim como eu cumpri o della... E tu, D.

Pedro, colherás outra... Procura a sepultura de tua mãi, no cemiterio de S. João... ajoelha... offerece-lh'a em teu nome, e em meu, sim? Não posso.. Onde vais... deixas-me?...

'Sou chamado alli á porta... Venho já... — respondeu Azarias.

E foi, onde realmente o chamavam. Encontrou uma mulher de veo branco, e manto negro, que lhe disse em portuguez:

'E' o enfermeiro de padre Diniz?

«Sou, senhora.

' Posso fallar-lhe?

« Dê-me o seu nome, que eu vou perguntar-lhe.

' Como está elle?

« Não poderá viver muito.

' Diga-lhe que o procura Virginia, Irman da Caridade.

Azarias foi ao pé do leito, em que padre Diniz soffria uma ancia, nos braços de D. Pedro.

« Senhor padre Diniz, uma Irman da Caridade, chamada Virginia, quer ver-vos.

O moribundo arrancou-se aos braços do filho de Angela, que levou as mãos á cabeça como se o ferisse subitamente uma frecha. Os circumstantes reparavam na commoção dos dous, quando padre Diniz, encostado ao braço direito, levantava meio-corpo, e parecia precipitar-se do leito.

A Irman da Caridade não esperara resposta. Entrou, e o primeiro vulto que lhe feriu os olhos,

rasos de lagrimas, foi D. Pedro da Silva. Soltou um grito, vacillou alguns momentos, com as mãos erguidas, e correu aos braços do missionario, que a procuravam. O filho de Angela, quando sahia do quarto impetuosamente, cahiu desfallecido nos braços de Azarias, que tinha visto nos olhos delle o brilho do terror, da demencia, ou da apoplexia fulminante.

Padre Diniz recebeu nos braços a duqueza de Cliton, e recahiu na prostração. As suas palavras eram surdas, e uma força invencivel pesava-lhe nas palpebras, que elle em vão tentava abrir.

« A que viestes, senhora? — balbuciou elle.

'A isto... a mais nada.., quiz que o vosso ultimo abraço fosse meu... Hade sêl-o... que eu não vos deixarei até ao ultimo suspiro...

« Achaes... que deve ser vosso... o meu ultimo abraço!...

' Deve... não tendes ninguem no mundo que mais vos queira...

« Ninguem?... nem tu, D. Pedro da Silva?... que é delle?

'Foi passado ao quarto proximo..—disse Azarias.

« Por que?...

' Desmaiou...

« Como uma mulher!... paciencia... não torno a vêl-o... Chamai-o...

' Não, não!... — interrompeu a duqueza de Cliton.

« Por que?... por que não?... Não sois vós a

Irman da Caridade, e dos perdões?... Que é delle?...

« E' impossivel vir — disse Azarias — está lançando sangue, e não dá accordo para mais nada.

' Seja feita a vontade de Deus — balbuciou quasi sem perceber-se o moribundo — Dizei-lhe que o meu legado está alli, naquelle bahu...

« Elle ahi vem... — disse a baronesa, que fôra instal-o para que viesse dizer adeus ao seu amigo.

' Ainda bem... D. Pedro... olhai que o meu livro vai ser vosso... está alli naquelle bahu... Vem aqui... mais... mais perto... Eu vou partir... e quero dizer a Deus... que perdoaste a esta mulher... Perdoai-lhe...

« Sim, sim... de todo o meu coração... — disse D. Pedro, beijando a mão do agonisante.

' Agora... senhora... quereis que o meu ultimo abraço... seja vosso?...

« Sim...

' Pois, sim... recebe o ultimo abraço de... teu pai...

Foram as ultimas palavras de padre Diniz.

A duqueza repetiu a palavra *pai*, e perdeu os sentidos com a face apoiada no peito do cadaver.

D. Pedro da Silva, e os de mais ficaram nesse aturdimento que só tem a expressão do lance, e não póde reflectir-se no papel.

Conclusão.

As seguintes paginas são textualmente copiadas dos apontamentos de D. Pedro da Silva:

« Mal me recordo daquella scena pavorosa! O duque de Cliton, Sebastião de Mello, padre Diniz, estava morto. A Irman da Caridade lembra-me que soluçava com os labios collados ao peito do cadaver. A filha de Anacleta estava de joelhos aos pés do leito. Azarias Pereira crusara os braços a meu lado, e fixava-me com os olhos turvos de lagrimas. Não tenho outras lembranças! A surpresa e a afflição entorpeceram-me o sentimento. Creio que encarei aquelle desfecho angustioso com a serenidade do demente, absorvido n'uma das suas intimas visões de horror! Alguem me affastou daquelle quadro. Não sei quem foi... Devia ser o barão dos Reis.

« Achei-me em sua casa, acordando d'um sonho febril. Senti que me sondavam o pulso, e me refrigeravam a testa. Vi o susto escripto no semblante de Emilia, e o disvelado carinho nas maneiras affectuosas do honrado barão.

« Pedi que me contassem os successos depois da morte de padre Diniz. Disseram-me que a mulher á qual o agonisante chamára filha, fôra levada do quarto, sem sentidos, e viera no dia seguinte assistir ao enterro. Depois, não a viram mais, nem poderam saber quem ella fosse, supposto que o enfermeiro dissesse que aquella senhora, pela pronuncia, parecia franceza.

« Entregaram-me, fechada, em uma boceta de charão, a minha herança. Era o Livro Negro. Recebi-o com respeito, e innundei-o de lagrimas an-

tes de abril-o. Só um anno depois tive coragem de ler-lhe a primeira pagina.

« Passado um mez, disseram que eu estava convalescente, e aconselharam-me as viagens. Não era necessaria a opinião dos medicos. Eu havia de cumprir a promessa que fizera a padre Diniz, ao meu querido mestre, ao anjo consolador de minha pobre mãi.

« Quando abracei a irman de D. Antonia, chorei, por que este abraço devia ser o ultimo. Eu tinha no coração um pressentimento que me mandava esperar uma morte proxima. Demorou-se muito; demora-se talvez ainda; mas eu creio que já lhe sinto o bejo frio nestes labios que tantas vezes a tem pedido ao Senhor dos desamparados.

« Viajei dez annos no Oriente. Atravessei o deserto sósinho; vivi nas solidões, onde as ossadas dispersas dos imperios me habituaram á concentrada melancolia do homem, que aborreceu a existencia. Se quizer dizer como vivi, não posso. Eu não tive vida. Durei n'um profundo lethargo. Não recebi sensações que me despertassem a alma; não tive uma esperança que me fizesse voltar os olhos do passado. A minha dôr não era uma saudade, nem um remorso. Era a morte... Eram as trevas eternas do coração... Era uma especie de embriaguez moral, que me dava o louco desejo de passar longas horas encostado a um tumulo de não sei que feliz ou infeliz que eu tomara como um amigo, que nunca conhecera.

« Não sei que juiso os homens fizeram de mim. Nunca me encontrei com a sociedade; fugia-lhe, por que desconfiei que me chamavam doudo. Nunca me lembrou que os meus mediocres meios estavam quasi exhaustos, por que eu presagiava que a minha morte devia vir no instante em que a indigencia me dissesse: « Pede um bocado de pão... Acceita um favor estranho! » Em toda a parte encontrei homens, cujos nomes nunca soube, offerecendo-me grandes quantias de dinheiro; não as acceitei. Quiz saber donde vinham estes cuidados pelo peregrino, sem um torrão de terra seu, em que podesse morrer. Hoje sei que os disvelos do barão dos Reis seguiam delicadamente os meus passos.

« Arruinei as poucas forças, que tinha, com o uso do opio. Toquei o extremo grau da insensibilidade... Hoje, com esse narcotico, já não consigo dous minutos de repouso. Reservo-me para a sepultura. Ahi, sim... dormirei, meu Deus?

« Ao cabo de dez annos, senti-me cahir. Deram como inevitavel a minha morte. Mandaram-me a ares patrios. E eu fui... por que fui?... Tive um intervallo lucido de saudade. O meu coração sentiu um desejo. Vi Portugal pelos olhos da minha infancia... Este relampago de luz foi momentaneo... Não importa... Fui atraz desse clarão...

« Em Portugal ajoelhei na sepultura de padre Diniz. Li, ahi, algumas paginas do seu livro, que me eram consagradas, e que tinham o som real da voz do vivo lidas sobre a sepultura do mor-

to... Não senti muito... E' que eu principiava a arrefecer do gelo da campa sobre que ajoelhara.

« Procurei a sepultura de minha mãe : não encontrei. Confundira-se na valla dos mortos qne a cholera agglomerara , sem inscripção , nem vestigio em que depozesse a flor que o sacerdote moribundo me recommendára.

« Afflicto com o silencio dos mortos, procurei os vivos.

« D. Emilia Mascarenhas tinha morrido. O barão dos Reis vivia n'um leito de paralitico, quasi perdida a sensibilidade, pedindo a Deus que o remisse da pesada existencia. A estas horas deve ter sido ouvido, e a sua alma terá passado deste mundo para o outro do esquecimento eterno.

« Indaguei o destino de Azarias Pereira. Disseram-me que morrera u'uma das provincias do norte de Portugal, em uma pobre aldea , chamada Vidnedo, onde trinta e sete annos antes morrera Anacleta dos Remedios.

« Detestei a patria. Em redor de mim, pareceu-me que os vivos insultavam os mortos que eram na terra, onde nasci, as minhas relações unicas.

« Fugi, como o assassino de ao pé do seu cadaver. Vim aqui, por que, no momento em que me senti impellido para fóra de Portugal , sahia um navio para o Brazil.

« Ha cinco mezes, que continúo debaixo d'outro ceu a mesma existencia descórada. Mas as do-

res fysicas dilaceram-me lentamente. Estou ecthico no ultimo grau. Não procuro remedio; mas esta morte, assim dolorosa, assusta-me! E' um morrer vagaroso que extenúa a minha coragem, e me não deixa entreter o pensamento nestas paginas, que eu lego a um homem a quem devo carinhos de irmão.

« Quero mortar-lhe que não sou ingrato. Heide fazel-o successor na herança, que recebi de padre Diniz... Acho nobre a independencia deste homem! Nunca me perguntou quem eu era, e em toda a parte onde estive a primeira pergunta que me fizeram era um insulto ao segredo da minha existencia.

« E, depois, está ahi no mundo alguem que abra o seu coração ás minhas revelações?... Talvez!... Elisa de Montfort viverá ainda?

« O coração ainda a vê... E' que ella vive... Procurei-a... e não a encontrei. Que é o que eu lhe queria? Nem eu sei!... Talvez lhe dissesse: « Já que me fizeste desgraçado, chora uma lagrima por mim! »

« Eu peço ao nobre cavalheiro em cuja casa heide ser amortalhado, que dê ao mundo estas palavras, para que essa mulher não morra, sem me ter dado a lagrima que lhe peço. »

. . . . . .

Terminaram aqui os apontamentos do filho de Angela de Lima, que morreu no *Botafôgo*, subur-

bios do Rio de Janeiro, em 28 de Outubro de 1851.

EPYLOGO.

Seis mezes depois da carta, que accompanhou a remessa dos manuscriptos, impressa com o titulo « Prevenções » nas primeiras paginas deste contexto doloroso de lances, que talvez não devêra chamar-se romance, recebi do mesmo amigo a seguinte carta:

« São passados seis mezes depois que te enviei os manuscriptos do meu hospede. Vi que principiaste a sua publicação, e tive, mal sabes que prazer, por que me dizia o coração que talvez existisse na terra essa malfadada duqueza de Clijon, e eu queria ser o motor da lagrima, que o infeliz lhe pediu.

« Haverá dous mezes que para aqui vieram sete Irmans da Caridade, agenciadas em Pariz por João Vicente Martins, com o religioso fim de assistirem aos contaminados da febre amarella.

« Entre as que vieram, avultava uma, que devia ter sido bella; mas as rugas e os cabellos quasi brancos davam-lhe um caracter de doloroso mysterio, que a tornavam um objecto de curiosa analise. Era de todas a mais sollicita, e por ventura aquella por quem os doentes chamavam com mais fé. Tres companheiras suas morreram logo:

morreram-lhe nos braços, convidando-a a accompanhal'-as para o seio de Deus. Despediam-se, balbuciando estas palavras ditas com não sei que sancta alegria: « Até logo, irman! »

« Eu quiz vêr esta mulher. Procurei-a no hospital, e espantei-me de vêl-a fallar o portuguez com admiravel correcção. Fallamos do flagello com que Deus experimentava este desolado paiz, e, não sei como, a nossa conversa descahiu no meu hospede portuguez que morrera de febre amarella.

« Quando pronnnciei *D. Pedro da Silva*, a Irman da Caridade demudou o semblante, cahiu sobre os joelhos, e orou longo tempo. E, depois, meu amigo, quiz levantal-a por que a julguei morta! Tinha cahido com a face no chão, e tomei-a nos braços inanimada, fria, e sem pulso.

« Passados minutos, reviveu daquella morte... mas por instantes!... Não me enganei!... Morta estava ella!... Deus concedeu-lhe horas da vida para chorar sobre o tumulo de D. Pedro da Silva a lagrima que lhe pedira. Morreu!...

« Consegui que o seu cadaver fosse enterrado na sepultura immediata... O mundo ignora que estas duas sepulturas são o leito nupcial daquelles dous desgraçados . . . . . .

. . . . . »

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME.

PQ
9261
C3M84
v.3

Castello Branco, Camillo
Mysterios de Lisboa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 01 004 8